

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

LETÍCIA ALVES CORREA DE OLIVEIRA

**TOPONÍMIA URBANA DA REGIÃO CENTRAL DE CAMPO GRANDE/MS:
UM OLHAR SOCIOETNOLINGUÍSTICO**

CAMPO GRANDE- MS

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

LETÍCIA ALVES CORREA DE OLIVEIRA

**TOPONÍMIA URBANA DA REGIÃO CENTRAL DE CAMPO GRANDE/MS:
UM OLHAR SOCIOETNOLINGUÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos de Linguagens -, Área de concentração: Linguística e Semiótica, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Aparecida Negri Isquerdo

CAMPO GRANDE- MS

2014

LETÍCIA ALVES CORREA DE OLIVEIRA

OLIVEIRA, Leticia Alves Correa de. **Toponímia urbana da região central de Campo Grande/MS: um olhar socioetnolinguístico**. 2014. 111 p. Dissertação [Mestrado em Estudos de Linguagens]. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Aparecida Negri Isquerdo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Membro

Prof. Dr. Auri Claudionei Matos Frübel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS
Membro

Campo Grande, 29 de julho de 2014.

Campo Grande que outrora um deserto,
Transformou-se em cidade primor,
É de jóias escrínio aberto,
É uma gema de fino lavor!
A cidade onde todos vivemos,
Aprendamos fiéis defender!
Nosso afeto a ela sagremos
E felizes assim hemos ser.

(Hino de Campo Grande/MS)
Autor: Trajano Balduino de Souza
Melodia: Prof. Hildebrando Campestrini

Dedico este trabalho à minha família:
minha irmã, sempre longe, mas
presente; aos meus pais, meus eternos
professores e ao meu noivo Romano,
meu eterno amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado uma vida valiosa e muita saúde acima de tudo;

À minha orientadora, professora Aparecida Negri Isquierdo, que está em minha vida desde 2008, acreditando em mim e investindo seu precioso tempo me orientando. Levarei para sempre os seus valores de ética, profissionalismo, trabalho em equipe e responsabilidade pela pesquisa, apreendidos desde a época da Iniciação Científica.

Às negretes, pela amizade, apoio, ajuda nos momentos difíceis e, principalmente, por compartilharem comigo momentos maravilhosos na nossa “Sala de Projetos” e nos Congressos dos quais participamos, especialmente a Suely Cazarotto, por ser quem é para mim, pela ajuda e amizade incondicional, e a Luciene Freitas pelas palavras de amizade e conforto durante todo o caminho percorrido.

Ao Professor Dr. Auri Claudinei de Matos Frúbel e à Professora Dra. Elizabete Aparecida Marques, pelas significativas sugestões apresentadas por ocasião do Exame de Qualificação.

A CAPES, pelo apoio financeiro propiciado por meio da Bolsa de Mestrado que garantiu a execução da pesquisa.

À querida secretária do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens Ana Carla, que gentilmente sempre me ajudou.

A Bruna de Souza, pelo ombro amigo, cuja amizade foi essencial durante essa caminhada acadêmica.

À minha família: meu pai Amadeu, minha mãe Márcia, minha irmã Patrícia, e minhas melhores amigas que para mim são irmãs, por fazerem parte das minhas conquistas e pelo amor e amizade.

Ao meu noivo Romano, pela paciência, apoio e por compartilhar comigo os meus sonhos, nossos sonhos.

A todos aqueles que direta ou indiretamente me apoiaram nessa caminhada.

RESUMO

O léxico registra o conhecimento existente no universo, já que não é possível nomear um objeto ou transmitir uma ideia sem fazer uso do repertório vocabular disponível na língua. O processo de nomeação dos elementos geográficos, por exemplo, gerou a categoria dos nomes de lugares (topônimos), que é objeto de investigação de uma área da Onomástica, ciência que se ocupa do estudo dos nomes próprios de pessoas e de lugares. Assim, enquanto a Antroponímia estuda os nomes de pessoas, a Toponímia ocupa-se dos nomes de lugares (elementos geográficos) rurais e urbanos. Este trabalho apresenta resultado de estudo sobre a toponímia urbana da região central da cidade de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, onde se localiza a maior parte das ruas de significativa importância na história da cidade. A pesquisa teve como objetivos estudar a toponímia da região urbana central de Campo Grande e, para tanto, inventariar, classificar e analisar os nomes dos logradouros públicos (ruas, avenidas, travessas e praças) relativos aos 13 bairros da região urbana do centro de Campo Grande: Glória, São Francisco, Planalto, Carvalho, Amambaí, Cabreúva, Itanhangá, Bela Vista, Monte Líbano, Centro, Jardim dos Estados, Cruzeiro e São Bento. A coleta dos dados foi realizada por meio de consulta dos mapas oficiais da cidade de Campo Grande, escala 1:30000, relativos aos bairros selecionados para o estudo. Além dos mapas, foram necessárias consultas a obras sobre a história do município e da cidade, e a documentos históricos e atas da Câmara Municipal. A recolha e a classificação dos topônimos que compõem o corpus seguiram, fundamentalmente, os princípios teórico-metodológicos da Lexicologia e da Toponímia, em especial o modelo teórico de Dick (1990; 1992; 1996; 1999; 2006). Os resultados da pesquisa apontaram para uma maior influência de condutas motivadoras de natureza antropocultural, haja vista que as taxas mais produtivas foram os antropotopônimos (191 ocorrências), os corotopônimos (61 ocorrências), os axiotopônimos (47 ocorrências), e os historiotopônimos (41 ocorrências), o que demonstra que fatores históricos, sociais e geográficos interferem na denominação de forma particular em topônimos urbanos, como o constatado neste estudo. Verificou-se, principalmente, a grande incidência de antropto, historio e axiotopônimos que apontam para homenagens a pessoas que tiveram presença significativa na sociedade campo-grandense, bem como o resgate de fatos e de datas históricas de cunho regional e/ou nacional na nomeação das ruas. A predominância de topônimos com estrutura morfológica composta configurou-se como uma característica da toponímia urbana estudada, o que pode ser explicado pela grande quantidade de antropotopônimos compostos com mais de um formante em sua estrutura. Embora no conjunto dos dados a pesquisa tenha identificado a grande predominância de antropotopônimos na nomeação das ruas, alguns bairros evidenciam peculiaridades toponímicas, como o tipo de antropotopônimos do bairro São Bento, que homenageiam escritores da literatura brasileira (rua Gonçalves Dias, rua Fagundes Varela); os astrotopônimos no bairro Planalto (rua Mercúrio, rua Vênus); a grande ocorrência de corotopônimos no bairro Cruzeiro (rua Pernambuco, avenida Mato Grosso); a marcante presença de fitotopônimos que singulariza a toponímia bairro Carvalho (rua das Orquídeas, rua das Rosas, rua das Violetas). Em síntese, a toponímia estudada evidenciou que a principal fonte motivadora para os designativos está relacionada a fatores sócio-históricos da região estudada. Além disso, os dados ratificam a importância do estudo da toponímia urbana também como um mecanismo de resgate da memória de um povo perpetuada por meio dos nomes das ruas.

Palavras-chave: léxico; toponímia urbana; logradouros públicos; história; Campo Grande.

ABSTRACT

The lexicon registers all the knowledge in the universe, because it is not possible to name an object or transmit an idea without using a language vocabulary. The geographical elements namer process, for example, formed the places names category (toponyms), which is the aim of investigation of an area from Onomasticon, science that studies proper names of people and places. This way, whereas Anthroponomy studies people names, the Toponymy takes care of place names (geographical elements), rural and urban. This study presents results of urban Toponymy of Campo Grande Central Region, Mato Grosso do Sul capital, Brazil, where is the major part of its streets with historical meaning. The research had as aims to catalogue, to classify and to analyze the public areas (streets, avenues, alleyways and squares) related to thirteen districts of Campo Grande center urban region: Glória, São Francisco, Planalto, Carvalho, Amambaí, Cabreúva, Itanhangá, Bela Vista, Monte Líbano, Centro, Jardim dos Estados, Cruzeiro and São Bento. The data collection was done by consultings of Campo Grande maps, scale 1:30000, related to selected neighborhoods. Besides the maps, it was necessary to consult titles about the city history, historical documents and records from city council. The collection and the classification data those compose the corpus where fundamentally guided by methodological-theoretical principles of Lexicology and Toponymy, especially Dick's theoretical model (1990; 1992; 1996; 1999; 2006). The research results pointed to a major influence of motivator behaviors from anthropocultural nature, in view of the most productive taxes were anthropotonyms (191 occurrences), corotonyms (61 registers), axiotonyms (47) and historytoponyms (41 occurrences), that shows the important reflection of historic, social and geographical factors in the urban toponyms of Campo Grande Central area neighborhoods. It was verified, principally, the great number of anthropic, historical and axiotonyms that represent tributes to people who had significative presence in that society, as well as facts and historical dates with regional/national die are recuperated in the street names. A peculiarity from studied urban Toponymy was the predominance of toponyms with compound morphological structure, what could be explained by the great quantity of anthropotonyms made of more than one formant in its structure. Although the research had identified the great predominance of anthropotonyms in the street names on data, some districts demonstrate toponymic particularities, as the anthropotonyms from São Bento neighborhood, those pay homage to Brazilian literature writers (Gonçalves Dias street, Fagundes Varela street), the astrotonyms in Planalto district (Mercury street, Venus street), the big occurrence of corotonyms in Cruzeiro district (Pernambuco street, Mato Grosso Avenue) and the important presence of phytotonyms that make singular the toponymy of Carvalho district (Orchids' street, Roses' street or Violets' street). In synthesis, the studied Toponymy evidenced that the most important motivating source to the names is related to social-historical factors from studied region. Moreover, the data confirm the importance of Urban Toponymy study as a mechanism to rescue the memory of a people, it was perpetuated by street names.

Keywords: lexicon; urban Toponymy; districts; public areas; History; Campo Grande.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Onomástica	33
Figura 2 - Sintagma toponímico: estrutura do topônimo Córrego Segredo	42
Figura 3 - Signo linguístico	44
Figura 4 - Inauguração do primeiro prédio da estação da NOB em Campo Grande, no final da década de 1910.	62
Figura 5 - Locomotiva e vagões estacionados no pátio da estação ferroviária de Campo Grande	63
Figura 6 - Plataforma da estação ferroviária de Campo Grande – 1980	63
Figura 7 - Capelinha de Santo Antônio	65
Figura 8 - Segunda Igreja de Santo Antônio –1922	65
Figura 9 - Igreja Matriz de Santo Antônio – Década de 1930.....	66
Figura 10 - Atual Igreja de Santo Antônio de Campo Grande	66
Figura 11 - Reprodução da planta do plano de alinhamento de ruas e praças, elaborado por Nilo Javari Barém, em 1909.	76
Figura 12 - Praça Ary Coelho em 1922.....	77
Figura 13 - Localização do município de Campo Grande no Estado de Mato Grosso do Sul	80
Figura 14 - Campo Grande, suas regiões urbanas e bairros	84
Figura 15 - Modelo elaborado por Dick (2004) para o projeto ATESP.....	93
Figura 16 - Modelo elaborado por Dargel (2003)	93
Figura 17 - Modelo do quadro utilizado neste trabalho	94
Figura 18 - Igreja São Francisco	127
Figura 19 - Hotel GASPAR – Avenida Mato Grosso com a Calógeras - 1954	233
Figura 20 - Hotel GASPAR – Avenida Mato Grosso com a Calógeras - 2014	233
Figura 21 - Avenida Afonso Pena	234
Figura 22 - Área comercial na rua 14 de Julho, década de 1920	235
Figura 23 - Alfaiataria JB, na rua 26 de Agosto - 2014	236
Figura 24 - Rua Cândido Mariano, sentido centro-bairro	236
Figura 25 - Rua Dom Aquino - 1930	238
Figura 26 - 7 de Setembro - 1939.....	238
Figura 27 - Rua 13 de Maio, sentido centro-bairro	239
Figura 28 - Rua Barão do Rio Branco	240
Figura 29 - Rua Maracaju - 2014	240
Figura 30 - Rua 15 de Novembro	241
Figura 31 - Rua Pedro Celestino	242

Figura 32 - Sede do Rádio Clube Cidade na rua Padre João Crippa - 1943	242
Figura 33 - Pérgola e coreto do Passeio Público (Atual Praça Ary Coelho)	243
Figura 34 - Praça da República (Praça do Rádio)	244
Figura 35 - Praça das Araras	244
Figura 36 - Praça da Concórdia, atual Praça Aquidauana - 1966.....	245
Figura 37 - Praça dos Imigrantes.....	246
Figura 38 - Praça Cuiabá	247

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dissertações de Mestrado vinculadas ao Projeto ATEMS	40
Quadro 2 - Densidade Demográfica da Região Urbana do Centro de Campo Grande	81
Quadro 3 - Regiões urbanas e bairros de Campo Grande/MS	85
Quadro 4 - Informações dos 13 bairros em estudo.	96
Quadro 5 - Topônimos do bairro Glória da cidade de Campo Grande	98
Quadro 6 - Topônimos do bairro Amambaí da cidade de Campo Grande/MS.....	106
Quadro 7 - Topônimos do bairro São Francisco da cidade de Campo Grande/MS	120
Quadro 8 - Topônimos do bairro São Bento da cidade de Campo Grande/MS.....	131
Quadro 9 - Topônimos do bairro Planalto da cidade de Campo Grande/MS	139
Quadro 10 - Topônimos do bairro Monte Líbano da cidade de Campo Grande/MS.....	151
Quadro 11 - Topônimos do bairro Jardim dos Estados da cidade de Campo Grande/MS....	156
Quadro 12 - Topônimos do bairro Itanhangá da cidade de Campo Grande/MS.....	165
Quadro 13 - Topônimos do bairro Cruzeiro da cidade de Campo Grande/MS.....	173
Quadro 14 - Topônimos do bairro Centro da cidade de Campo Grande/MS.....	183
Quadro 15 - Topônimos do bairro Carvalho da cidade de Campo Grande/MS.....	191
Quadro 16 - Topônimos do bairro Cabreúva da cidade de Campo Grande/MS	198
Quadro 17 - Topônimos do bairro bela Vista da cidade de Campo Grande/MS	206
Quadro 18 - Distribuição geral quantitativa das taxes toponímicas.....	213
Quadro 19 - Antropotopônimos gerais organizados de acordo com seu tipo	221
Quadro 20 - Perfil dos informantes entrevistados e conhecimento sobre a motivação do nome da rua	248

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Taxionomias dos topônimos do bairro Glória de Campo Grande/MS.....	105
Gráfico 2 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Glória de Campo Grande/MS .	105
Gráfico 3 - Taxionomias dos topônimos do bairro Amambaí de Campo Grande/MS	118
Gráfico 4 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Amambaí de Campo Grande/MS	119
Gráfico 5 - Língua de origem dos topônimos do bairro Amambaí de Campo Grande/MS...	119
Gráfico 6 - Taxionomias dos topônimos do bairro São Francisco da cidade de Campo Grande/MS	128
Gráfico 7 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro São Francisco da cidade de Campo Grande/MS	129
Gráfico 8 - Língua de origem dos topônimos do bairro São Francisco da cidade de Campo Grande/MS	129
Gráfico 9 - Taxionomias dos topônimos do bairro São Bento da cidade de Campo Grande/MS	136
Gráfico 10 - Estrutura morfológicados topônimos do bairro São Bento da cidade de Campo Grande/MS	137
Gráfico 11 - Língua de origem topônimos do bairro São Bento da cidade de Campo Grande/MS	137
Gráfico 12 - Taxionomias dos topônimos do bairro Planalto de Campo Grande/MS.....	150
Gráfico 13 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Planalto de Campo Grande/MS	150
Gráfico 14 - Taxionomias dos topônimos do bairro Monte Líbano de Campo Grande/MS .	154
Gráfico 15 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Monte Líbano de Campo Grande/MS	155
Gráfico 16 - Taxionomias dos topônimos do bairro Jardim dos Estados de Campo Grande/MS	163
Gráfico 17 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Jardim dos Estados.....	164
Gráfico 18 - Taxionomias dos topônimos do bairro Jardim dos Estados de Campo Grande/MS	171
Gráfico 19 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Itanhangá de Campo Grande/MS	172
Gráfico 20 - Língua de origem dos topônimos do bairro Itanhangá de Campo Grande/MS	172
Gráfico 21 - Taxionomias dos topônimos do bairro Cruzeiro de Campo Grande/MS.....	180
Gráfico 22 - Estrutura morfológica do bairro Cruzeiro de Campo Grande/MS.....	181
Gráfico 23 - Língua de origem dos topônimos do bairro Cruzeiro de Campo Grande/MS ..	181
Gráfico 24 - Taxionomias dos topônimos do bairro Centro de Campo Grande/MS	189

Gráfico 25 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Centro de Campo Grande/MS	190
Gráfico 26 - Taxionomias dos topônimos do bairro Carvalho de Campo Grande/MS	196
Gráfico 27 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Carvalho de Campo Grande/MS	197
Gráfico 28 - Língua de origem dos topônimos do bairro Carvalho de Campo Grande/MS..	197
Gráfico 29 - Taxionomias dos topônimos do bairro Cabreúva de Campo Grande/MS.....	204
Gráfico 30 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Cabreúva de Campo Grande/MS	205
Gráfico 31 - Taxionomias dos topônimos do bairro Bela Vista de Campo Grande/MS	210
Gráfico 32 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Bela Vista de Campo Grande/MS	210
Gráfico 33 - Distribuição percentual dos topônimos por categorias taxionômicas	212
Gráfico 34 - Quantificação do total geral dos topônimos investigados.....	214
Gráfico 35 - Quantificação percentual da estrutura morfológica do universo de topônimos estudados	215
Gráfico 36 - Quantificação percentual dos estratos linguísticos dos topônimos da região central de Campo Grande	217
Gráfico 37 - Acidentes geográficos urbanos dos bairros da região urbana do Centro de Campo Grande.....	219
Gráfico 38 - Distribuição dos tipos de antropotopônimos dos bairros da região urbana do centro de Campo Grande/MS	226
Gráfico 39 - Historiotopônimos da região do Centro de Campo Grande/MS	230
Gráfico 40 - Grau de conhecimento de moradores da região central de Campo Grande acerca do nome da rua	248

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
1.1 Relações entre léxico, cultura e sociedade	23
1.2 Espaço urbano e etnolinguística: alguns entrelaçamentos.....	26
1.3 O léxico em foco.....	28
1.4 Caminhos da Lexicologia	30
1.5 Um olhar sobre a Onomástica	31
1.6 Toponímia: contextualização.....	33
1.6.1 Toponímia: percurso histórico.....	37
1.6.2 Estudos toponímicos em Mato Grosso do Sul.....	39
1.7 O topônimo: caracterização	41
1.8 Signo linguístico x signo toponímico	43
1.9 Antroponímia em estudo	46
1.10 Taxionomias toponímicas: o modelo de Dick (1990)	50
1.10.1 Taxionomias de Natureza Física	52
1.10.2 Taxionomias de Natureza Antropocultural.....	54
CAPÍTULO II - BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO ESPAÇO PESQUISADO	57
2.1 Panorama histórico	57
2.2 A fundação da cidade de Campo Grande	58
2.3 A estrada de ferro Noroeste do Brasil	60
2.4 A primeira igreja e a denominação da cidade.....	64
2.5 As primeiras fazendas.....	67
2.6 A importância da hidrografia para Campo Grande	68
2.7 Os pioneiros.....	69
2.8 Perfil urbano de Campo Grande/MS	71
CAPÍTULO III - METODOLOGIA	79
3.1 Introdução.....	79
3.2 O universo pesquisado.....	80
3.2.1 Regiões urbanas de Campo Grande.....	83

3.2.2 Região urbana do Centro	87
3.3 Métodos e procedimentos	90
CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO DOS DADOS	96
4.1 Bairro Glória.....	98
4.1.1 Análise quantitativa dos dados do bairro Glória	104
4.2 Bairro Amambaí	106
4.2.1 Análise quantitativa dos dados do bairro Amambaí.....	117
4.3 Bairro São Francisco	120
4.3.1 Análise quantitativa dos dados do bairro São Francisco	127
4.4 Bairro São Bento	131
4.4.1 Análise quantitativa dos dados do bairro São Bento	136
4.5 Bairro Planalto.....	139
4.5.1 Análise quantitativa dos dados do bairro Planalto.....	149
4.6 Bairro Monte Líbano	151
4.6.1 Análise quantitativa dos dados do bairro Monte Líbano	154
4.7 Bairro Jardim dos Estados	156
4.7.1 Análise quantitativa dos dados do bairro Jardim dos Estados.....	163
4.8 Bairro Itanhangá	165
4.8.1 Análise quantitativa dos dados do bairro Itanhangá.....	171
4.9 Bairro Cruzeiro	173
4.9.1 Análise quantitativa do bairro Cruzeiro.....	180
4.10 Bairro Centro	183
4.10.1 Análise quantitativa dos topônimos do bairro Centro	189
4.11 Bairro Carvalho	191
4.11.1 Análise quantitativa dos topônimos do bairro Carvalho	196
4.12 Bairro Cabreúva.....	198
4.12.1 Análise quantitativa dos dados do bairro Cabreúva	204
4.13 Bairro Bela Vista	206
4.13.1 Análise quantitativa dos dados do bairro Bela Vista	210
CAPÍTULO V - ANÁLISE DOS DADOS	212
5.1 Análise dos dados segundo a classificação taxionômica.....	212
5.2 Análise dos dados segundo a estrutura morfológica	215
5.3 Análise dos dados segundo a língua de origem.....	216

5.4 Análise dos dados segundo a natureza do elemento geográfico.....	218
5.5 Motivação antropônímica: os antropotopônimos dos bairros estudados.....	219
5.6 Motivação histórica: os historiotopônimos e axiotopônimos.....	229
5.7 As ruas principais: a história refletida nas ruas de Campo Grande.....	232
5.7.1 Avenida Mato Grosso.....	233
5.7.2 Avenida Afonso Pena.....	234
5.7.3 Rua 14 de Julho.....	235
5.7.4 Rua 26 de Agosto.....	236
5.7.5 Rua Cândido Mariano.....	236
5.7.6 Rua Dom Aquino.....	237
5.7.7 Rua 7 de Setembro.....	238
5.7.8 Rua 13 de Maio.....	239
5.7.9 Rua Barão do Rio Branco.....	239
5.7.10 Rua Maracaju.....	240
5.7.11 Rua 15 de Novembro.....	241
5.7.12 Rua Pedro Celestino.....	241
5.7.13 Rua Padre João Crippa.....	242
5.7.14 Praça Ary Coelho.....	243
5.7.15 Praça da República.....	243
5.7.16 Praça das Araras.....	244
5.7.17 Praça Aquidauana.....	245
5.7.18 Praça dos Imigrantes.....	245
5.7.19 Praça Cuiabá.....	246
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	251
REFERÊNCIAS.....	255

INTRODUÇÃO

A linguagem, tomada como um guia da representação da cultura, representa também uma herança de valores que caracteriza não só um grupo em um ambiente, mas também a influência desse ambiente no grupo. Sapir (1969, p.44), ao discutir a relação entre língua e ambiente, assegura que língua pode ser entendida como um complexo de símbolos que reflete todo o quadro físico e social de uma dada localidade. Ressalte-se que, nesse caso, o termo ambiente refere-se a fatores físicos, dentre outros aspectos, as características da topografia e da climatologia de uma região (costa, vale, planície, chapada, montanha, regimes de chuvas...), e a fatores sociais, ou seja, as características relacionadas à religião, aos padrões étnicos, às formas de organização política, às artes em geral (SAPIR, 1969, p. 2).

Dentre os níveis da língua, o léxico é o que mais evidencia o meio ambiente do falante, pois o homem, valendo-se do léxico, ou mais exatamente das unidades que vão constituí-lo, atribuiu nome a tudo que o cerca: às coisas, aos animais, às pessoas, ao espaço físico em que vive. Assim o léxico constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo e configura-se como o patrimônio vocabular de uma língua. Segundo Biderman (2001, p.13), “ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo”.

Esse processo de nomeação gerou também o léxico toponímico, ou seja, a categoria dos nomes de lugares (topônimos), que se constitui objeto de investigação de uma área da Onomástica, disciplina voltada para o estudo dos nomes próprios e se subdivide em dois ramos de investigação: a Antroponímia, que se ocupa do estudo dos nomes próprios de pessoas, e a Toponímia, que estuda os nomes próprios de lugares.

Nessa perspectiva, a Onomástica representa uma forma de pensar o léxico, à medida que também “contribui para a sua própria expansão terminológica, difundindo expressões regionalistas e formas individualizadas do fazer nominativo” (DICK, 2007, p.463).

Considerada um ramo da Onomástica, a Toponímia é uma disciplina antiga, que surgiu com o crescimento da sociedade, distribuindo-se em porções territoriais delimitadas, o que exigiu a identificação das regiões que iam sendo ocupadas pelos membros dessa sociedade. Portanto, é certo afirmar que “a Toponímia reflete de perto a vivência do homem,

enquanto entidade individual e enquanto membro do grupo que o acolhe” (DICK, 1990a, p.19).

Estudos toponímicos mostram que a "nomeação dos lugares sempre foi atividade exercida pelo homem" (DICK, 1990a, p. 5) e é notório como o nome de um lugar expressa a manifestação de um povo, de uma memória, de fatores geográficos e históricos. Assim, o sentido dos denominativos (a motivação apresentada pelo nome) é o ponto de partida para investigações, quando se procura a compreensão da mentalidade do denominador, ou seja, a relação do nome com o pensamento do denominador no momento do batismo do lugar. E mais, conforme a época ou período em que ocorreu esse “batismo” é possível resgatar tendências culturais presentes nas manifestações toponímicas.

Estudos toponímicos já realizados em países como Estados Unidos, Canadá, México, Portugal, Chile, Venezuela e Brasil, em geral, pautam-se na tradição francesa, pois foi a França o berço dos primeiros estudos toponímicos. Iniciada por Auguste Longnon, por volta de 1878, como disciplina na *École Pratique des Hautes-Études* e no Colégio da França, as pesquisas toponímicas ganharam visibilidade após 1912, quando ocorreu a publicação da obra póstuma *Les noms de lieux de la France*, que reúne o conteúdo do curso ministrado por Auguste Longnon.

Ainda na França, em 1922, Albert Dauzat, retomando os estudos onomásticos de Longnon (1912), realizou uma pesquisa pormenorizada acerca da formação dos nomes de lugares da França, dividindo-os em categorias de nomes de acordo com causas históricas. Os resultados desses estudos estão registrados no livro *Les Noms de Lieux Origine et Evolution: Villes et villages – pays-cours d’eau montagnes – lieux-dis*, obra que legou aos estudiosos da área uma forma mais sistematizada de pesquisa, por traçar normas a serem seguidas por aqueles que se propõem a realizar esse tipo de investigação (DICK, 1990b, p. 01-02).

No Brasil, os primórdios dos estudos toponímicos foram voltados para a toponímia indígena. Nesse particular destacam-se três estudiosos: o tupinólogo Theodoro Sampaio, considerado pioneiro nos estudos toponímicos, publicou, em 1901, a obra *O Tupi na Geografia Nacional*, que traz o resultado de suas pesquisas sobre a presença da língua tupi na toponímia brasileira; o especialista em língua indígenas, Levy Cardoso, que contribuiu com as pesquisas toponímicas no Brasil com a obra *Toponímia Brasileira*, publicada em 1961, que, além de ter estimulado a participação de especialistas em estudos toponímicos, deixa clara a necessidade do envolvimento de muitos pesquisadores nas pesquisas onomásticas, tendo defendido, à época, a necessidade de “um plano sistematizado, que abranja, em seu estudo, as

diversas zonas do nosso território, ainda não foi tentado realmente no Brasil” e que isso só seria possível mediante “auxílio e colaboração oficiais, através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística” (DICK, 1987, p. 95). O terceiro estudioso da toponímia indígena no Brasil foi Carlos Drummond que, em 1965, publicou a obra *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira*, que contém um estudo abrangente sobre a contribuição da etnia bororo à toponímia brasileira. Também esse pesquisador, em sua época, apontou a falta de sistematização metodológica nas pesquisas toponímicas no Brasil, acrescentando que, até então, os trabalhos sobre a toponímia no Brasil eram motivados pela curiosidade do estudioso ou para atestar a ocorrência de nomes de origem tupi na denominação geográfica brasileira (DICK, 1990b, p. 04).

Já a partir da década de 1980, entra em cena no universo das pesquisas toponímicas no Brasil a toponimista Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, da Universidade de São Paulo/USP, que tem trazido grandes contribuições e avanços aos estudos já realizados e fornecido subsídios para muitos novos trabalhos na área. Os fundamentos teóricos concebidos por Dick resultaram em obras que fundamentam a maioria dos projetos e estudos toponomásticos desenvolvidos no Brasil, na contemporaneidade. No âmbito da produção científica de Dick situam-se três obras que, numa perspectiva mais abrangente, fornecem uma sistematização teórico-metodológica para pesquisas toponímicas: i) *A Motivação toponímica e a realidade brasileira* (1990), tese de doutorado da autora, defendida em 1980 com o título de *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*, que apresenta os princípios teórico-metodológicos de investigação toponímica; ii) *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos* (1990), que compila artigos de autoria de Dick, voltados para questões teórico-metodológicas sobre Onomástica, Toponímia e Antroponímia, incluindo a última versão do modelo de classificação taxionômica dos topônimos, construído pela pesquisadora. A terceira edição dessa coletânea foi publicada em 1992; iii) *a Dinâmica dos nomes da cidade de São Paulo*, voltada especificamente para a toponímia urbana da cidade de São Paulo.

Além dessas três obras citadas, inúmeros outros artigos publicados por Dick em coletâneas, revistas científicas, anais de congressos e livros, têm feito com essa autora seja hoje considerada a maior toponimista brasileira e a teoria construída por ela ter orientado novos trabalhos e fornecido modelos teórico-metodológicos para a sustentação de estudos onomásticos, mais particularmente os de natureza toponímica, realizados em território nacional.

Mediante o exposto, percebe-se que, no Brasil, os estudos toponímicos ainda são relativamente recentes, pois começam a ganhar maior visibilidade a partir da década de 1980 com a defesa da tese de Dick e com o desenvolvimento de projetos desenvolvidos por ela, em especial os do Atlas Toponímico do Brasil (ATB) e do Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (ATESP).

Vale destacar que os Atlas toponímicos são importantes registros e fontes de pesquisa sobre a nomenclatura geográfica de uma região. A fonte primária de dados de um Atlas toponímico são os mapas oficiais de uma localidade (município, estado, região, país). Um Atlas toponímico pode demonstrar, por exemplo, em quais localidades do espaço tomado como universo de investigação há maior ou menor influência do ambiente físico e/ou social nos topônimos registrados na fonte cartográfica, das camadas dialetais formadoras dos nomes. Permite ainda traçar áreas enfatizando determinado tipo de motivação toponímica, além de propiciar o estudo da etimologia e da estrutura formal dos topônimos inventariados, entre outros aspectos.

Assim, concebido por Dick para orientar os projetos Atlas Toponímico do Brasil – ATB e Atlas Toponímico do Estado de São Paulo – ATESP, o modelo teórico-metodológico de Dick tem orientado vários projetos de Atlas toponímicos que vêm sendo desenvolvidos no Brasil, dentre outros, o Atlas Toponímico do Paraná – Pelos caminhos do Paraná: esboço de um Atlas toponímico (ATEPAR); o Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (ATEMS¹); o Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (ATEMIG), o Atlas toponímico de origem indígena do Estado do Tocantins (ATITO).

Este trabalho visa a dar continuidade aos estudos toponímicos no Estado de Mato Grosso do Sul, por meio do estudo de dados da toponímia urbana, à medida que tem como objetivo geral estudar os nomes dos logradouros públicos (ruas, avenidas, travessas e praças) da região central da cidade de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul que reúne 13

¹ O projeto ATEMS – Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul –, está em desenvolvimento desde 2002. Na sua primeira fase (2002-2006), reuniu os resultados de estudos de 06 dissertações sobre a toponímia sul-mato-grossense, produzidas como Dissertações de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS/Três Lagoas – MS, sob orientação da Professora Dr^a Aparecida Negri Isquerdo, também coordenadora do Projeto. Na sua segunda etapa (2008/2010) o Projeto ATEMS assumiu caráter interinstitucional, sediado na UFMS com a participação de mais duas IES (Instituição Superior de Ensino): UFGD e UEMS, e recebeu apoio financeiro da FUNDECT (Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul), quando teve como propósitos ampliar a sua base de dados por meio de levantamento de topônimos das folhas cartográficas do IBGE, escala 1:100.000, organizar uma base de dados dos topônimos sul-mato-grossenses (atualmente conta com 7.347 topônimos inscritos) e produzir a primeira versão do Atlas toponímico. Atualmente o Projeto ATEMS recebe apoio financeiro do CNPq/Edital Universal/2012.

bairros: Glória, São Francisco, Planalto, Carvalho, Amambaí, Cabreúva, Itanhangá, Bela Vista, Monte Líbano, Centro, Jardim dos Estados, Cruzeiro e São Bento. O estudo adotou como fonte de dados os mapas oficiais da cidade fornecidos pela Prefeitura Municipal de Campo Grande. O estudo orientou-se pelo modelo teórico de Dick (1990; 1992; 1996, 1998; 1999; 2006) e os dados inventariados foram analisados do ponto de vista taxionômico, morfológico, histórico e etnolinguístico. Este estudo busca, então, por meio da investigação toponímica, recuperar dados históricos, sociais e culturais da capital sul-mato-grossense e, conseqüentemente, contribuir com os demais estudos toponímicos já existentes acerca de toponímia urbana.

O caráter inovador da proposta recai no fato de ser a primeira pesquisa sobre a toponímia urbana de Campo Grande, considerando também o viés histórico e também está vinculada Projeto ATEMS. O produto desta pesquisa representa, pois, mais uma contribuição para os estudos toponímicos sul-mato-grossenses.

A estrutura desta dissertação contempla cinco capítulos. O primeiro apresenta e discute o referencial teórico que subsidiou a pesquisa, iniciando pela discussão dos aspectos da relação entre língua, cultura e sociedade e, por extensão, como essa relação se reflete no léxico. Enfoca, principalmente, conceitos da Onomástica e da Toponímia, contextualizando o estudo realizado numa dada perspectiva.

O segundo capítulo traz um breve esboço do contexto sócio-histórico da região pesquisada e apresenta um panorama histórico geral, contemplando dados relativos à chegada dos primeiros colonizadores, da fundação da cidade e os primeiros passos para a evolução urbana de Campo Grande.

Já o terceiro capítulo descreve os procedimentos metodológicos adotados para a pesquisa, incluindo a descrição do espaço investigado e delimitando os bairros que compõem a região urbana do centro de Campo Grande. Também nesse capítulo estão explicitados os objetivos da pesquisa.

O quarto capítulo apresenta os 480 topônimos inventariados distribuídos segundo os 13 bairros da região central de Campo Grande e organizados por meio de quadros que contém os elementos analisados em cada topônimo: elemento geográfico nomeado, topônimo catalogado, etimologia, língua de origem do nome, classificação taxionômica, estrutura morfológicas e informações enciclopédicas que tenham auxiliado na apuração da causa denominativa do topônimo em análise. Nesse capítulo, após a apresentação de cada quadro é

apresentada a análise quantitativa dos registrados relativos ao bairro em questão e destacadas tendências toponímicas observadas parcialmente em cada bairro analisado.

O quinto e último capítulo apresenta a discussão dos resultados da pesquisa, tomando como parâmetro o conjunto geral dos topônimos catalogados. Para tanto foram selecionados os seguintes aspectos: taxionomias mais produtivas; o quadro dos antropotopônimos vistos sob o prisma da sua importância histórica; historiotopônimos e alguns axiotopônimos que resgatam homenagens a vultos nacionais e regionais e panorama das praças e das ruas mais importantes do ponto de vista da história da cidade. Finalizando o trabalho são apresentadas as considerações finais sobre o estudo realizado e as referências das fontes que subsidiaram a realização da pesquisa.

CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresentamos e discutimos os pressupostos teóricos que embasaram a pesquisa, ou seja, discutem-se aspectos relacionados às ciências que fundamentaram este trabalho: a Linguística, a Lexicologia, a Onomástica e a Toponímia. Assim, o foco principal deste capítulo é a Toponímia, fundamentos, história da disciplina, as pesquisas toponímicas no Mato Grosso do Sul e no Brasil. Tratamos também da questão do signo linguístico e do signo toponímico, caracterização, estrutura e motivação, e, ainda, discutimos alguns modelos teóricos de classificação toponímica, com destaque para a teoria de Dick (1990). Por fim, traçamos um panorama geral da Antroponímia, tendo em vista a produtividade de nomes de pessoas usados para a nomeação de ruas do espaço geográfico estudado.

1.1 Relações entre léxico, cultura e sociedade

A língua é instrumento de interação social e de expressão e permite a comunicação entre os indivíduos. E como fato social, a língua concretiza um modo particular de cada comunidade ver, interpretar e representar o mundo. Assim, o caráter social de uma língua favorece a propagação de ideias e de experiências e a interação entre os indivíduos de uma dada sociedade. Ou seja, a língua é a manifestação concreta da linguagem, uma vez que é pelo exercício da linguagem, pelo uso que se faz da língua, que os indivíduos constroem suas relações no ambiente em que vive – com a natureza e com os outros homens. E mais, já que a língua é o instrumento de comunicação e interação entre todos os membros de uma sociedade, ela possibilita a produção indefinida de mensagens e permite a descrição, conceitualização e a interpretação da natureza e das experiências pelas quais passam os indivíduos (CAZAROTTO, 2010, p. 43).

Renomados autores, como Saussure (1972), Sapir (1969), Coseriu (1979), Labov (1964), dentre outros, têm realizado estudos, sob diferentes abordagens, com o objetivo de valorizar o elemento social nos estudos da língua, e uma preocupação que atinge todos esses autores é colocar em evidência a necessidade de se pensar a língua em sua estreita relação com o falante e o meio social, levando-se em consideração que toda estrutura linguística é

parte inerente de uma realidade sociocultural, ou seja, a linguagem pode e deve ser vista como “um guia para a realidade social” (SAPIR, 1969, p. 20).

Ratificando a condição da língua com um fato social imaneamente ligado à estrutura da sociedade, Coseriu (1979, p. 28) assevera que

[...] a língua, [...], é social, comum e sistemática, é ‘linguagem superindividual’, ‘soma de todas as imagens de palavras e associações armazenadas em todos os falantes’; isto é ‘sistema expressivo total e compacto que vive virtualmente na totalidade dos indivíduos’, [...]. A língua ‘é todo o sistema expressivo que dentro duma comunidade humana serve de meio de compreensão’, é ‘um patrimônio social, ou melhor, uma faculdade peculiar de todos os membros duma comunidade linguística e comum a todos eles.

Por conseguinte, fatores socioculturais que interferem na língua são objeto de estudo da Sociolinguística, ramo da Linguística que tomou impulso na década de 1960, a partir dos estudos do linguista norte-americano William Labov, que demonstrou com propriedade a relação entre língua e sociedade e a possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada (TARALLO, 1986, p. 7).

Assim como ocorre em outros países, também no Brasil, devido principalmente à sua grande extensão territorial e ao fato de cada região possuir seus costumes e sua história, há marcantes diferenças regionais que refletem na língua, gerando particularidades linguísticas que diferem uma região de outra. Os estudos sociolinguísticos demonstram que a língua é composta por um conjunto de variantes, utilizadas por pequenos ou grandes grupos de determinada localidade, diferenças essas que decorrem de “variações diastráticas (correlatas aos grupos sociais), variações diatópicas (correlatas aos lugares) e variações diacrônicas (correlatas às faixas etárias)” (CALVET, 2002, p.111).

Logo, os fatores extralinguísticos e socioculturais se refletem na língua e, por isso, a realidade linguística é variável e heterogênea, dado que são vários os fatores que interferem nessa heterogeneidade e, dentre esses fatores, podem-se relacionar as constantes e velozes mudanças no desenvolvimento sociocultural e linguístico que ocorrem em de uma dada sociedade.

Nessa perspectivas, a evolução da sociedade se refletem na dinâmica do léxico, que pode expandir-se, evoluir, ou até mesmo cair em desuso. Por isto, dada sua completude, “o léxico é o elemento capaz e traduzir, dentro das línguas, as relações de ordem econômica, social e política que existem entre as diversas classes sociais” (ORSI, 2012, p.167).

Por sua vez, Borba (1991, p. 3) afirma que o homem é o único animal capaz de pensar no futuro, e tudo isso se faz pela linguagem, pois, “com ela podemos dizer coisas que não podemos provar, com ela podemos prometer, com ela podemos opinar sobre coisas, eventos ou pessoas e influir na decisão de outrem”.

Mediante o exposto, nota-se que o processo de comunicação gera a relação dos indivíduos com a sociedade, gerando o léxico, acervo vocabular dos falantes de uma comunidade e que faz parte do sistema da língua. Nessa perspectiva, Sapir afirma que:

O léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade; e, por isso, se houvesse à nossa disposição um tesouro assim cabal da língua de uma dada tribo, poderíamos daí interferir, em grande parte, o caráter do ambiente físico e as características culturais do povo considerado. (SAPIR, 1969, p. 45).

O ambiente a que se refere o autor reflete-se em grande parte na língua, já que os indivíduos fazem uso dela para nomear o que está em seu redor. Sapir (1969, p. 44) argumenta que o ambiente físico só se reflete na língua à medida em que atuarem sobre ele fatores sociais e culturais e que o próprio ambiente diferencia os fatores físicos dos sociais:

De maneira geral, é melhor empregar o termo “ambiente” apenas quando se faz referência a influências, principalmente de natureza física, que escapam à vontade do homem. Não obstante, tratando-se da língua, que se pode considerar um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano, convém compreender no termo ambiente tanto os fatores físicos como os sociais. Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte (SAPIR, 1969, p. 44).

O estudo da língua envolve a relação do homem com a sociedade e o elemento cultural que se liga a ela. A esse respeito, Biderman (2001, p. 9) pondera que “à medida em que o léxico recorta a realidade do mundo, define também fatos da cultura”. Referindo-nos à cultura, vale assinalar que seu primeiro significado remete aos princípios do Iluminismo, ao saber intelectual do indivíduo, enquanto o segundo conceito se relaciona à totalidade das características de um povo (LYONS, 1987, p. 274).

Ainda referindo-nos à relação existente entre língua-sociedade-cultura, reportam-nos a Meneses (2002), segundo o qual a relação entre léxico e ambiente congrega a cultura, que se modifica conforme determinado povo e opções ideológicas dos membros de uma sociedade, dado que

[...] o homem não é um ser abstrato, que viva em levitação, mas se enraíza em espaços determinados, espaços que vêm assim a funcionar como suporte de comunicação, de inter-relação, de organização de sentido e, enfim, de fecundidade: terra matriz e motriz (MENESES, 2002, p. 188).

Ainda considerando o léxico e o sua relação com a complexidade da cultura, retomamos o pensamento de Sapir (1969), acerca do papel do léxico das línguas naturais:

[...] destina-se em qualquer época a funcionar como um conjunto de símbolos, referentes ao quadro cultural do grupo. Se por complexidade de uma língua se entende a série de interesses implícitos em seu léxico, não é preciso dizer que há uma correlação constante entre a complexidade linguística e cultural. (SAPIR, 1969, p. 51).

Nessa relação de léxico, cultura e sociedade, tem-se a Etnolinguística, disciplina capaz de tratar das relações entre língua e o pensamento de uma comunidade linguística, evidenciando-a como expressão de determinada cultura. O pensamento e a cultura de um povo refletem no espaço urbano de determinada comunidade, o que veremos no tópico a seguir.

1.2 Espaço urbano e etnolinguística: alguns entrelaçamentos

No processo de nomeação, é preciso considerar que nomear é dar existência simbólica às coisas, pois é o nome que caracteriza as coisas do mundo. Como explica Fedatto (2013, p.111), “antes da palavra, as coisas existem, mas nos são inacessíveis, pois o nome desenha fronteiras e organiza o mundo, criando distinções e inexistências”. Logo, “o nome é que revela as fronteiras internas da cidade” (ZOPPI-FONTANA, 1999, p. 214), é por meio dele que identificamos o espaço que, por sua vez, uma referência no espaço em que está inserido.

Ainda, de acordo com Fedatto (2011, p. 114), quando tomamos a nomeação de construções urbanas como lugar de reflexão, devemos refletir que a produção de uma

referência no espaço tem a ver com a simbolização desse espaço, isto é, o modo como um nome projeta outros, ou se projeta em outros nomes. Os hodônimos são uma classe particular dos nomes próprios, pois constituem “uma sequência linguística binária, por um termo de categoria e por um elemento distintivo que permitirá singularizar o referente em sua classe” (FEDATTO, 2011, p. 114).

As designações urbanas, de acordo com Mori (2007, p.316), têm por função identificar e individualizar um certo referente urbano, seja uma rua, uma avenida, uma praça, dentre outros. Ao mesmo tempo, as designações urbanas, isto é, os nomes dados para os logradouros públicos, constituem também um meio oficial para prestar homenagem a pessoas que contribuíram de alguma forma para a cidade, o país e até mesmo para o progresso universal. Ainda, segundo a autora, com o passar do tempo, por meio dos nomes, muito da história local e até mesmo universal vão ficando gravado na memória de um povo. Nos estudos onomásticos, há um grande interesse nos nomes que refletem a memória cultural dos grupos sociais.

Nessa perspectiva, Dias (2001, p.102) afirma que

[...] considerada a necessidade da combinação de diferentes formas de reprodução, fatos e personagens históricos, quando convertidos em nomes de ruas, podem se incorporar à vida cotidiana dos cidadãos. A despeito de eventuais limitações, a tendência de buscar perenizar nomes e eventos, longe de ser hábito desta ou daquela localidade, pode ser verificada em qualquer lugar do mundo e é adotada por governos de ideologias diversas.

Logo, a perpetuação da história oficial pode ser verificada na denominação das vias públicas de todo o Brasil, mas as cidades, onde o batismo efetivamente ocorre, costumam imprimir, em decorrência de sua própria história, contornos específicos a esse processo. Analisar a organização dos nomes de rua de uma cidade é aferir dimensões significativas de sua relação com a história (DIAS, 1001, p.102).

Segundo Dick (2002-2003, p.188), a rua é o caminho melhorado, do ponto de vista de sua morfologia, semanticamente, para nós, “um microcosmo dentro do organismo maior do aglomerado urbano”. O nome das ruas, especificamente, se prestam para investigações que relacionam os aspectos históricos e culturais de uma comunidade.

Nessa perspectiva, a Etnolinguística surge como um estudo da linguagem em relação à cultura, à medida que tem como objeto de estudo o aspecto cultural do uso da língua e

estuda as relações entre o idioma e o grupo humano caracterizado por sua comunidade cultural, denominada etnia. De acordo com Dick (2010, p.177),

O entendimento significativo do termo *etnia*, ou o seu próprio conceito definidor, passa, antes, pelo crivo de vários fatores intrincados entre si, como localização espacial do grupo em questão, situação sociológica interna, tipologia das sociedades, práticas culturais características dos contatos, por exemplo.

Nesse sentido, de acordo com a mesma autora, a Etnolinguística firmou-se em decorrência “da necessidade de se entender as variantes e as invariantes sociais, bem como os níveis de linguagem que modelam os pensamentos e o modo de ser e de viver da população em análise”. (DICK, 2002-2003, p.182). Essa linguagem que transmite o pensamento de uma comunidade é refletida na toponímia. De acordo com Casado Velarde (1988, p. 83), a toponímia permite estudar a ocupação dos espaços por meio da cultura. No caso deste trabalho, buscamos verificar a influência da história de Campo Grande na nomeação de logradouros públicos dos bairros analisados por meio do léxico na toponímia Central de Campo Grande.

1.3 O léxico em foco

Todos os aspectos vinculados à realidade social e cultural de um povo estão relacionados com o léxico, pois, de acordo com Biderman (1989, p.399),

[...] o léxico é o tesouro vocabular de uma língua, incluindo a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não-lingüísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural do presente e do passado da sociedade. Esse tesouro constitui um patrimônio da sociedade, juntamente com outros símbolos verbais da cultura.

Assim, o léxico é o acervo vocabular utilizado pelos falantes de uma língua para nomear os elementos existentes na sociedade e, ao fazer uso do seu repertório lexical, o homem deixa transparecer suas crenças, ideologias, costumes, pensamentos e conceitos, além de manifestar experiências culturais vivenciadas e acumuladas no decorrer da história do seu grupo social, já que o léxico das línguas naturais compreende a “permanente possibilidade de ampliação, à medida que avança o conhecimento, quer se considere o ângulo individual do

falante da língua, quer se considere o ângulo coletivo da comunidade lingüística” (BIDERMAN, 2001, p. 12).

Atentando-nos ao exposto, podemos reconhecer que o léxico é a maneira pela qual o homem registra todo o seu conhecimento, uma vez que não é possível nomear um objeto ou transmitir uma ideia sem fazer uso desse repertório vocabular.

Esse processo de nomeação gerou o léxico das línguas naturais e, com isso, “o léxico constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo [já que], ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente” (BIDERMAN, 1998, p.11).

Nesse sentido, todo saber vocabular de um grupo, sua cultura e seu conhecimento de mundo que gera o léxico, que, por sua vez, representa o depósito de toda a informação que o homem tem sobre o mundo, dada a sua realidade e sua classificação, efetivada por meio das unidades lexicais, usadas para nomear os elementos que o rodeiam e que, por sua vez, traduzem a maneira como esse indivíduo interpreta a sua realidade.

Por conseguinte, os indivíduos estruturam o seu repertório lexical seguindo os modelos e os usos de sua comunidade lingüística, por meio de um processo de categorização. Assim, a análise de um sistema lingüístico através do tempo evidencia, muitas vezes, alterações e reformulações das classificações do léxico dessa língua, já que “o léxico engloba todo o universo da significação, o que inclui toda a nomenclatura e interpretação da realidade”. (BIDERMAN, 2001, p. 198).

Ratificando esse posicionamento, Isquierdo (1996, p. 6-7) esclarece que,

[...] se efetivarmos um estudo comparado entre duas etapas de uma mesma língua falada por um mesmo grupo social ou entre duas regiões de uma mesma comunidade lingüística, detectaremos que cada um desses grupos emprega um significativo número de palavras específicas que nomeiam aspectos da sua respectiva realidade sócio-lingüístico-cultural.

É o léxico, portanto, que reflete de maneira mais evidente a relação da língua com todos os aspectos da civilização, já que a língua constitui a ligação entre sociedade e cultura, existindo, na prática, uma interdependência entre língua, cultura e sociedade, uma vez que uma depende da outra para a sua existência, propagação e eternização. (BIDERMAN, 1998, p. 104). Logo, o estudo do léxico é necessário para o conhecimento da história da humanidade, e esse estudo é realizado pela Lexicologia, disciplina que será abordada no tópico a seguir.

1.4 Caminhos da Lexicologia

A Lexicologia é considerada a “ciência antiga, que tem por objetivos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico” (BIDERMAN, 2001, p. 16). Esse ramo das chamadas ciências do léxico atenta-se para o estudo da totalidade do signo linguístico. A Linguística Moderna, fundada por Saussure, traz como ensinamento fundamental, além da consideração da língua como um sistema, o de que a Lexicologia compõe o plano funcional da língua, destacando que a significação, objeto da Semântica, não é característica exclusiva da Lexicologia. Biderman (1981, p. 131) argumenta que a Lexicologia:

[...] tem uma longa tradição na Linguística Românica. No final do século XIX e primeira metade do século XX algumas províncias dessa ciência tiveram muitos cultores que produziram trabalhos de grande prestígio, particularmente em três áreas: a) a semântica evolutiva ou histórica das palavras; b) o domínio conhecido como de “palavras e coisas”; c) a geografia linguística. Embora privilegiando diversos tipos de enfoques, essas três áreas sempre relacionaram o léxico à cultura.

A unidade de estudo da Lexicologia é a palavra, ou seja, “a Lexicologia é considerada a ciência que estuda as unidades lexicais de uma ou várias línguas, seja no que tange ao significado ou ao significante, isto é, ao léxico em todos os seus aspectos”. (ORSI, 2012, p. 164). Além disso, ainda de acordo com a mesma autora,

[...] na Lexicologia pode-se avaliar a questão dos campos semânticos; constituir uma rede de relações das palavras de um sistema linguístico, estabelecer a capacidade de ligação das unidades léxicas nos planos morfossintático, sintático e semântico e nos eixos paradigmático e sintagmático; estudar o conjunto de palavras de uma determinada língua ou de um grupo de indivíduos; fazer estimativas sobre o léxico virtual do ponto de vista diatópico (diferenças no espaço geográfico), diastrático (diferenças entre os níveis socioculturais) e diafásico (diferenças entre os diversos estilos) ou, ainda, sistematizar os processos de criação e renovação lexicais (ORSI, 2012, p. 171).

Mediante o exposto, observa-se que a Lexicologia tem relação direta com a Semântica, pois, para um estudo aprofundado da palavra, deve-se considerar a sua dimensão significativa. Também se intersecciona com outras ciências, como a Dialectologia, a Etnolinguística e, mais recentemente, com a Psicolinguística e a Neurolinguística. Na contemporaneidade, lexicólogos têm se voltado para a questão dos neologismos, “criação vocabular nova incorporada à língua” (BIDERMAN, 2001, p. 201) e, ainda segundo a autora,

distinguem-se dois tipos de neologismos: o conceptual e o formal. O neologismo conceptual ocorre quando uma acepção nova é incorporada ao campo semasiológico de um significante qualquer, já o neologismo formal constitui uma palavra nova introduzida no idioma, como um vernáculo ou um empréstimo estrangeiro. Nessa perspectiva,

[...] não só as criações materiais e materiais dos cientistas e técnicos suscitam novos lexemas, mas também as mudanças sociais, as quais gerando novas realidades desencadeiam novas nomenclaturas na categorização dessas realidades (DERMAN, 2001, p. 213).

Inerente às disciplinas que envolvem o estudo do léxico, no tópico a seguir o foco deste estudo será a Onomástica, disciplina relacionada aos estudos linguísticos, que se ocupa do estudo dos nomes próprios de pessoas e de lugares.

1.5 Um olhar sobre a Onomástica

É a partir do léxico que o homem nomeia o que o circunda. De acordo com Biderman (1998, p. 11),

A nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas.

O ato de nomear é uma atividade antiga, pois “a nomeação de lugares sempre foi atividade exercida pelo homem, desde os primeiros tempos alcançados pela memória humana”. Nos tempos históricos, os lugares tomavam os nomes de seus possuidores, numa valorização do indivíduo sobre a terra e o solo (DICK, 1990b, p. 5).

Várias obras antigas destacam essa atividade, como o livro sagrado dos cristãos, a Bíblia Sagrada, que contém um acervo de topônimos e antropotopônimos, que traduzem a cosmovisão dos primitivos hebreus. Reiterando essa assertiva, Dick (1990b, p. 5) cita o início do livro do Gênesis, onde são apontados nomes de acidentes geográficos, tais como nomes de rios com nascentes no jardim denominado Éden.

Também na Grécia antiga, a questão do nome já era discutida, mesmo não havendo, ainda, distinção entre o nome próprio e o nome comum. Como explica Zamariano (2010, p. 35), “a concepção de *onoma* foi o princípio e por muito tempo o núcleo a partir do qual se estabeleciam as relações entre a realidade e o pensamento, a questão da verdade e do conhecimento”. A saber, o termo *onoma* é de origem grega e significa nome.

Ainda sobre a questão do nome próprio, Dick (2007, p. 462) esclarece que,

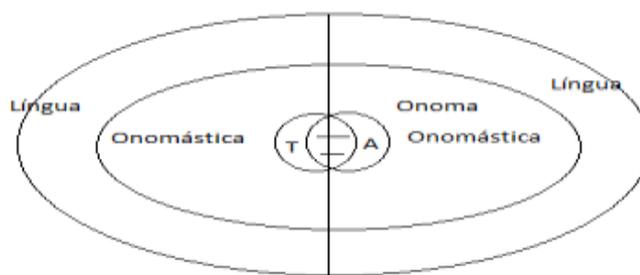
[...] sendo o nome próprio considerado, desde há muito, mas nem sempre assim entendido, como “o nome por excelência”, “o nome peculiar”, “característico”, “genuíno”, oposto ao nome comum, “ordinário”, o contraste colocado pelos gramáticos seguidores da teoria helenística situava-se na relação dicotômica *concretum/obstratum* (nome comum/nome próprio).

A Onomástica é uma subárea dos estudos da linguagem, com estreita relação com a Lexicologia. É a ciência que se ocupa do estudo dos nomes próprios de pessoas e de lugares. Assim, enquanto a Antroponímia estuda os nomes de pessoas, a Toponímia ocupa-se do nome de lugares (elementos geográficos).

Já José Leite de Vasconcellos (1931, p. 03), que em sua obra *Opúsculos*, situa o conceito de *Onomatologia*, “o ramo da Glotologia que apresenta os nomes próprios”, em três perspectivas:

1. *Antroponímia*, ou estudo dos nomes individuais, como os dos sobrenomes e apelidos;
2. *Toponímia*, ou estudo dos nomes de sítios, povoações, nações, e bem assim dos rios, montes, vales, etc., - isto é, aos nomes geográficos;
3. *Vários nomes próprios*, isto é, que não estão contidos nas duas classes precedentes, por exemplo, de entidades sobrenaturais, de astros, ventos, animais, de coisas (espadas, navios, sinos).

Portanto, Toponímia e Onomástica acham-se, assim, em uma verdadeira “relação de inclusão”, em que aquela será sempre, desta, “uma parte de dimensões variáveis” (DICK, 1999, p.145), como se pode observar na Figura 1, elaborado pela autora, a seguir.

Figura 1 - Onomástica

$$T \cap A$$

T= Toponímia

A= Antroponímia

$T \cap A$ = Intersecção

Fonte: DICK (1999, p.145).

Ao observar-se a Figura 1, nota-se com clareza a relação existente entre língua, Onomástica (disciplina que se ocupa dos nomes próprios) e Toponímia (disciplina que se ocupa dos nomes próprios de lugares), dado que esses elementos vão se entrelaçando no decorrer do processo denominativo.

Ainda sobre o processo denominativo, Ullmann (1964) já observara que o estudo dos nomes havia se firmado como uma ciência autônoma, a Onomástica. Logo, uma vez que a Toponímia é parte dessa ciência, ambas se encontram em relação de inclusão.

Este estudo centra-se na investigação toponímica, os nomes dos acidentes humanos que permeiam o centro urbano da cidade de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul. O tópico seguinte focaliza os fundamentos da Toponímia, área da Língua que respalda a análise dos dados desta pesquisa.

1.6 Toponímia: contextualização

Por meio da nomeação de lugares o homem transmite seus valores e sua visão de mundo. Assim, a Toponímia atua como uma forma conservadora da memória de um povo, que se faz presente na denominação de lugares. De acordo com Dick (2007, p. 459), “as

primeiras notícias toponímicas conhecidas remontam à própria história da humanidade, ao deslocamento do homem do seu foco de origem para outros sítios”.

Estudos pioneiros sobre a toponímia brasileira tinham interesses mais voltados para as línguas da terra, particularmente para o tupi antigo. Estudos a partir dos relatos dos viajantes portugueses até o século XIX buscavam “conhecer as influências que o meio local produzira no falante, e a forma pela qual rios, morros, serras, animais, vegetais, participaram desse processo de denominação” (DICK, 2006, p. 94).

A preocupação do colonizador português era identificar os objetos da terra, como os animais (zoologia), os vegetais (botânica), os cursos d’água (hidrografia), a topografia do terreno (geomorfologia), os sítios auríferos e diamantíferos (litionímia) porque essas identificações eram baseadas, por exemplo, nos nomes próprios dados pelos nativos da região a localidades onde se encontravam os elementos denominadores em abundância. Assim, por exemplo, onde havia acidentes físicos nomeados por meio de referentes da hidrografia, a localidade seria rica nesse recurso natural. Ou, ainda, onde se encontravam acidentes nomeados a partir de elementos ligados ao ouro ou às pedras preciosas que existiam nas terras recém descobertas, poderia ser um indício de ali haver um filão de metais preciosos à mercê dos colonizadores. Como esclarece Dick (2006, p. 95):

Porque havia uma terra a conquistar, de fato e ideologicamente, era natural que ocorresse sobrerelevância do idioma nativo no recém-vindo. No primeiro contato, representado pelas expedições de reconhecimento, a partir de 1501, a toponímia resultante era de origem portuguesa, segundo as normas da Coroa e segundo a visão de mundo de que era tributária. Os acidentes locais, em sua maioria, eram nomeados em tributo a *santos* e *santas* do dia da chegada ou da descoberta de algum elemento da paisagem.

A língua foi essencial no domínio da terra pelo colonizador português, no aprendizado direto com os que aqui já habitavam, pois os portugueses tinham todo o território a ser nomeado, totalmente distinto de sua realidade, tanto no relevo quanto na hidrografia e botânica. O grande diferencial que se opunha, segundo Dick (1996, p. 95) era o “*espectro da luz*, a abundância da claridade e do sol, o *coaracy* dos índios”. Assim, por meio do estudo de topônimos, nomes próprios de lugares, pode-se, também, identificar aspectos da ideologia, da cultura, dos valores e das crenças de uma comunidade, em determinada época.

Salazar-Quijada (1985, p. 18) define Toponímia como “aquella rama de la Onomástica que se ocupa del estudio integral, en el espacio y en el tiempo, de los aspectos geo-históricos, socio-económicos y antro-po-lingüísticos, que permitieron y permiten que un

nombre de lugar se origine y subsista”². O mesmo autor enfatiza o caráter interdisciplinar da Toponímia:

[...] implica que con ella se estudien las tendencias del hombre en la utilización y nominación de determinado ambiente ecológico y, en este sentido, está relacionado con la antropología y la geografía, en otras palabras los conceptos *hombre-ambiente-topónimo*, son tres elementos vivamente ligados que no se pueden estudiar sino como un haz de relaciones, ya que así se proporciona la posibilidad de descubrir áreas de colonización, corrientes de poblamiento o sucesos similares; y se contribuye a investigaciones lingüísticas, lexicográficas o estudios de índole antropogeográfica o histórica sobre lenguas muertas³ (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 18).

Nessa perspectiva, Dick (1990b, p. 36) define a Toponímia como “um imenso complexo língu-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e não exclusivamente”.

Portanto, mais que o estudo linguístico de um nome, a pesquisa toponímica estabelece relações entre a cultura e a história do lugar, pois o homem, ao nomear um acidente geográfico, procura traduzir o que mais o impressiona ou lhe serve como referência, daí a necessidade de, na análise dos topônimos, serem consideradas também questões mais abrangentes de natureza extralinguística, como aspectos geográficos, históricos, socioeconômicos que permitam ao estudioso uma melhor compreensão dos processos denominativos expressos na toponímia.

O pesquisador venezuelano Salazar-Quijada, por exemplo, considera que os topônimos constituem uma fonte de grande importância para o acervo científico e patrimonial de qualquer país, uma vez que por meio deles a nação obtém personalidade geográfica própria e se particulariza com respeito aos demais territórios do mundo (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 29).

Frente ao exposto, é importante ressaltar o papel interdisciplinar da Toponímia, uma vez dada a natureza de seu objeto que se relaciona com diversas áreas de estudos, tais como a

² “Aquele ramo da onomástica que se ocupa do estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspectos geo-históricos, sócio-econômicos e antro-po-linguísticos, que permitiram e permitem que um nome de lugar se origine e subsista” (tradução nossa).

³ “Implica que com ela se estudem as tendências do homem na utilização e nomeação de determinado ambiente ecológico e, nesse sentido, está relacionado com a antropologia e a geografia, em outras palavras, os conceitos de homem-ambiente-topônimo, são três elementos vivamente ligados que não se podem estudar apenas como um conjunto de relações, já que assim se proporciona a possibilidade de descobrir áreas de colonização, correntes de povoação ou eventos similares; e contribui a investigações linguísticas, lexicográficas ou estudo de índole antropogeografia ou histórica sobre línguas mortas” (tradução nossa).

História, a Geografia, a Botânica, a Zoologia, dentre outras, estudos esses que focalizam o homem exercendo sua atividade principal, que é a de sobreviver em meio à sociedade e aos elementos naturais e sociais que o rodeiam.

Assim, tem-se que a principal característica da Toponímia é o seu caráter integral e interdisciplinar, o que possibilita o estudo de determinada realidade social, desvendando sua cultura, seus hábitos e interesses, já que o principal objetivo “é buscar nos nomes de lugar, as raízes do homem, sua história, seu percurso” (ALMEIDA, 2000, p. 12).

É preciso, pois, considerar que os nomes de lugares traduzem a visão de mundo do denominador que, por sua vez, é produto de um modelo cultural permeado de crenças, mitos, ideologias, estereótipos que integram a macrovisão da cultura do grupo/sociedade. Em razão disso, diversos nomes, em especial os que traduzem homenagens,

[...] destacam a relação dominante/dominado, ou melhor dizendo, o poder do mando e da sujeição, mesmo em regiões em que o exercício de autoridade não se define pelo continuísmo ou pela transmissão hereditária. A toponímia antroponímica, por esses constituintes, reflete, subjacente à forma, motivos de ordem psicológica mais profunda que levam o pesquisador a tentativas de explicação [...]. Mas (o modelo) revela muito da pressão social, da coerção que o próprio sistema impõe aos seus membros (DICK, 1998, p. 99-100).

Nota-se que, dada a natureza do seu objeto de estudo, não raras vezes as pesquisas toponímicas necessitam de dados sobre a cultura e a história do lugar para conseguir interpretar a causa denominativa que deu origem ao topônimo. Segundo Dick (1990a, p.105),

[...] as relações Toponímia e História se fazem sentir no cotidiano dos próprios fatos que os designativos revelam. O lado dinâmico da disciplina Onomástica não poderia deixar à parte ocorrências e nomes particulares, pelo simples motivo de não terem alcançado, ainda, uma grande amplitude de emprego. Muitas vezes, salienta-se, é a difusão mais ou menos rápida e nítida, num contexto geográfico específico, que confere a um topônimo dimensões maiores que a sua própria regionalidade ou o seu conteúdo significativo.

Logo, a Toponímia analisa os designativos geográficos em sua bipartição física e humana uma vez que tanto os nomes das pequenas vilas e dos pequenos cursos d'água quanto os das grandes metrópoles trazem consigo uma carga histórico-cultural muito vasta, razão pela qual

[...] a Toponímia reserva-se o direito de se apresentar como a crônica de uma comunidade, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras. Assim é que os elementos mais diferenciadores da mentalidade do homem, em sua época e em seu tempo, em face das condições ambientais de vida, que condicionam a sua percepção do mundo, estão representados nos nomes de lugares, senão todos, pelo menos os mais flagrantes (DICK, 1990a, p.119).

No tópico a seguir traçaremos algumas considerações sobre o percurso histórico da Toponímia, que subsidia este estudo.

1.6.1 Toponímia: percurso histórico

Foi em meados de 1878, na França, que a Toponímia surgiu como uma disciplina sistematizada, por meio dos estudos de Auguste Longnon na *École Pratique des Hautes-Études* e no Colégio de França, em caráter regular. A obra publicada postumamente pelos alunos de Longnon, *Les Noms de Lieux de la France*, por volta de 1912 (DICK, 1990, p. 01). Em 1922 os estudos onomásticos foram retomados por Alber Dauzat, em uma conferência na mesma *École Pratique*. Uma década depois, Dauzat fundou a *Révue des Études Anciennes* e publicou a *Chronique de Toponymie*. Em 1926, publica a obra *Les noms de lieux origine etevolution* e, posteriormente, todos esses estudos lhe permitiram organizar, em 1938, o I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia, que continuam a ocorrer com frequência em vários países da Europa.

Em Portugal, José Leite de Vasconcelos, por meio de sua obra *Opúsculos* (1931), apresentou um relevante estudo sobre a onomástica portuguesa. Nessa obra a Onomatologia é concebida como um ramo da Glotologia e tem como objeto de estudo os nomes próprios.

Vale ressaltar também outra importante para os estudos toponímicos: a revista *Names*, publicação oficial da *American Name Society*, fundada em Detroit, em 1951, por George Stewart, que teve por objetivo principal mostrar para o povo americano a importância do estudo dos nomes em várias áreas do saber humano.

Já o Canadá, desde 1966, possui um Grupo de Estudos de Toponímia e de Terminologia Geográfica, no Departamento de Geografia da Universidade Laval, em Quebec. A Rússia, por sua vez, por meio de Pospelov, propiciou uma “retrospectiva da Toponímia na União Soviética” (DICK, 1990a, p. 03). Na América do Sul, estudiosos como Adolfo Salazar-Quijada, com a obra *La Toponimia en Venezuela* (1985), e Mario Benarles Lillo, com a sua

obra *Toponímia de Valdivia* (1990), no Chile, se dedicaram aos estudos toponímicos. Salazar-Quijada, por exemplo, destaca a importância do signo linguístico em função toponímica, como “acervo científico e patrimonial de um país” (SALAZAR QUIJADA, 1985, p. 29).

No Brasil, o tupinólogo Theodoro Sampaio é considerado pioneiro nos estudos toponímicos, publicou, em 1901, a obra *O Tupi na Geografia Nacional*, que traz o resultado de suas pesquisas sobre a presença da língua tupi na toponímia brasileira. Um outro brasileiro, Levy Cardoso, publica, em 1961, a obra “Toponímia Brasília”, com o resultado de seus estudos sobre os topônimos brasílicos da Amazônia.

Outra contribuição para os estudos toponímicos brasileiros foi a obra de Carlos Drummond (1965), “Contribuição do Bororo à Toponímia Brasília”, que contém os resultados do estudo abrangente sobre a contribuição da etnia bororo fixada na Região Centro-Oeste à toponímia brasileira.

Contemporaneamente, a pesquisadora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, da Universidade de São Paulo/USP, tem importância significativa pelas grandes contribuições teórico-metodológicas para os estudos da toponímia brasileira. Dentre suas obras podem ser citadas duas que, numa perspectiva mais abrangente, fornecem uma sistematização teórico-metodológica para as pesquisas toponímicas: *A Motivação toponímica e a realidade brasileira* (1990), tese de doutoramento defendida em 1980 na Universidade de São Paulo (USP), com o título de *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*, obra que apresenta princípios teóricos de investigação toponímica, e *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos* (1990). Essa última obra é uma compilação de artigos da autoria de Dick e aborda questões teórico-metodológicas sobre Onomástica, Toponímia e Antroponímia, incluindo a última versão do modelo de classificação taxionômica dos topônimos elaborado pela pesquisadora, a terceira edição foi publicada em 1992. Além dessas obras de caráter geral, Dick também publicou sua Tese de Livre Docência intitulada *A Dinâmica dos Nomes na Cidade de São Paulo* (1996), voltada para a toponímia urbana, logo, de suma importância para esta pesquisa, que tem por objetivo investigar os topônimos urbanos da cidade de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul.

Vale registrar que o ATB – Atlas Toponímico do Brasil – coordenado por Dick, na USP, tem como meta o levantamento e o estudo dos nomes de acidentes geográficos de todo o Brasil, e que as variantes regionais desse projeto maior ocupam-se do estudo da toponímia em nível estadual, como o ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (USP); ATEMS – Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (UFMS); ATEMIG – Atlas Toponímico

do Estado de Minas Gerais (UFMG); Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins (ATITO), Atlas Toponímico do Estado do Tocantins (ATIT), ainda em andamento.

1.6.2 Estudos toponímicos em Mato Grosso do Sul

O Projeto de pesquisa que resultou no Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (ATEMS) tem por objetivo principal apresentar um amplo estudo sobre a toponímia do estado de Mato Grosso do Sul, com o objetivo mais amplo de elaborar o Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul, a partir de dados registrados em mapas oficiais do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). De um caráter interinstitucional, o projeto é sediado na UFMS e conta com a parceria de mais duas Instituições Superiores de Ensino: Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). O ATEMS orientou-se pelos seguintes objetivos, na sua primeira versão: organizar um banco de dados informatizado da toponímia rural (acidentes físicos e humanos) do Estado de Mato Grosso do Sul, com vistas a subsidiar a elaboração do Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul e, futuramente, servir de fonte para o dicionário de topônimos sul-mato-grossenses e subsidiar estudos sobre a nomenclatura geográfica do Mato Grosso do Sul.

Os topônimos cartografados pelo ATEMS, relativos a acidentes físicos (córregos, rios, serras, ilhas, baías) e a humanos (vilas, distritos, povoados...) foram classificados e analisados com base nos modelos adotados, evidenciando aspectos como estratos linguísticos predominantes; classificação dos topônimos, segundo a motivação; estrutura morfológica dos designativos; particularidades regionais dos topônimos, dentre outros.

O Projeto ATEMS⁴ investiga, pois, o léxico da língua dentro de um recorte toponímico, ou seja, os topônimos dos acidentes físicos e humanos dos 79 municípios sul-mato-grossenses e aglomerados humanos vinculados a esses municípios (distritos, povoados, vilas, patrimônios...).

⁴ O Projeto ATEMS recebeu apoio financeiro da FUNDECT (Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul). Atualmente é financiado pelo CNPq/Edital Universal.

A seguir, o Quadro 1 fornece um panorama das Dissertações de Mestrado vinculadas ao Projeto ATEMS, defendidas e em desenvolvimento, orientadas pela Coordenadora do Projeto, professora Aparecida Negri Isquerdo.

Quadro 1 - Dissertações de Mestrado vinculadas ao Projeto ATEMS

Autor	Título	Ano da defesa	Unidade/UFMS
Marlene Schneider	Um olhar sobre os caminhos do pantanal sul-mato-grossense: a toponímia dos acidentes físicos.	2002	Três Lagoas/MS
Ana Paula Tribesse P. Dargel	Entre Buritis e Veredas: o desvendar da toponímia do bolsão sul-mato-grossense.	2003	Três Lagoas/MS
Doraci da Luz Gonsalves	Um estudo da toponímia da porção Sudoeste de Mato Grosso do Sul: acidentes físicos e humanos.	2004	Três Lagoas/MS
Marilze Tavares	Toponímia sul-mato-grossense: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina.	2004	Três Lagoas/MS
Marineide Cassuci Tavares	Estudo toponímico da região Centro-norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história.	2005	Três Lagoas/MS
Carla Regina de Souza	Toponímia e entrelaçamentos históricos na rota da Retirada da Laguna.	2006	Três Lagoas/MS
Ana Claudia Castiglioni	Glossário de topônimos do Bolsão sul-mato-grossense.	2008	Campo Grande/MS
Renato Pereira	A toponímia de Goiás: em busca da descrição dos nomes de lugares dos municípios do sul goiano.	2009	Campo Grande/MS

<p>Suely Aparecida Cazarotto</p>	<p><i>Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses.</i></p>	<p>2010</p>	<p>Campo Grande/MS</p>
---	---	-------------	------------------------

Fonte: Elaboração da autora.

1.7 O topônimo: caracterização

O topônimo é, como uma forma de língua, um significante animado por uma substância de conteúdo. Funcionalmente,

[...] o topônimo é marcado duplamente, uma vez que o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo (DICK, 1990b, p. 18).

Biderman (1998, p. 112), ao tratar dos nomes próprios, mais especificamente os topônimos, argumenta afirma que:

Freqüentemente no processo de nomeação, o nomeador levou em conta características típicas do referente para nomeá-lo. Consideremos alguns topônimos brasileiros adaptados do tupi. O significado do nome nessa língua descreve as características físicas do referente: Iguazu [= água grande]; Pará [= o mar, o rio volumoso –referência ao rio Amazonas]; Pindorama [= a região ou o país das palmeiras]; Araraquara [= o refúgio das araras]; Caraguatatuba [= o sítio dos gravatás onde abundam essas plantas]. No fenômeno da toponímia o nome fica definitivamente colado ao referente, passando até de uma língua para outra muito diversa, como acabamos de constatar nesses empréstimos feitos ao tupi pelo português brasileiro. Nesse contexto desaparece a característica dinâmica da atribuição de um nome/palavra a um referente. Deve ser por isso que normalmente se tem a “sensação” de que os nomes próprios não fazem parte da língua, ou melhor, não integram o vocabulário da língua. Assim, o nome próprio pode ser considerado como um caso à parte do signo lingüístico, tanto os topônimos como os antropônimos.

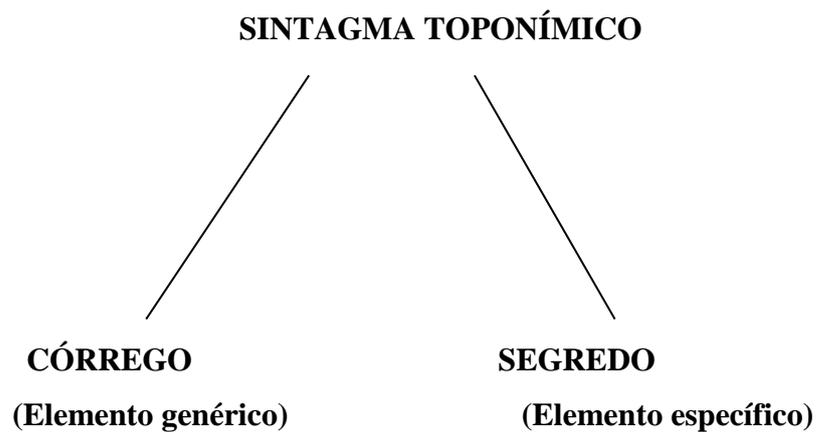
O nome próprio do lugar – o topônimo - deve ser considerado como fato da língua, já que é um signo lingüístico que identifica e guarda uma significação precisa de aspectos físicos ou antropoculturais de determinado local. Ao designar o nome próprio de lugar, o topônimo liga-se ao elemento geográfico que identifica, constituindo, assim, o sintagma toponímico.

Dick (1990b, p. 10) denomina de *termo ou elemento genérico*, o nome da entidade geográfica que irá receber a denominação, e *elemento ou termo específico*, o topônimo propriamente dito que particularizará o espaço, o identificando e particularizando. Logo, a

colaboração dos dois forma o sintagma toponímico, que pode resultar de forma *justaposta* ou *aglutinada*, “conforme, portanto, a natureza da língua que os inscreve” (DICK, 1990b, p. 10).

A Figura 2, que segue, demonstra a estrutura de um sintagma toponímico, tomando como referência o topônimo “córrego Segredo”, do *corpus* deste estudo.

Figura 2 - Sintagma toponímico: estrutura do topônimo Córrego Segredo



Fonte: Elaboração da autora.

Assim, aplicando-se o modelo de Dick, o termo *córrego* seria o “elemento ou termo genérico”, no sintagma toponímico, enquanto *Segredo* representa é caracterizado como o “elemento ou termo específico”.

Dick esclarece ainda que é fora de dúvida que a qualidade dos designativos geográficos brasileiros é de variada natureza conforme a motivação semântica, a maior ou menor preferência do denominador, o que inclui a inclinação de seu espírito. Observando-se apenas o elemento específico, o topônimo propriamente dito, no que diz respeito a sua estrutura formal, temos o *topônimo simples*, ou elemento específico simples: “aquele que se faz definir por um só formante podendo, contudo, se apresentar também acompanhado de sufixações [diminutivas, aumentativas ou de outras procedências linguísticas]”, e o *topônimo composto*, ou seja, é aquele que se apresenta com mais de um elemento formador. Dick aponta, ainda, o *topônimo híbrido*, ou elemento específico híbrido, “aquele designativo que recebe em sua configuração elementos linguísticos de diferentes procedências”. (DICK, 1990a, p. 13).

Com relação à motivação semântica dos designativos, Dick (1990b, p.18) pondera que “o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo”. A autora ainda esclarece que o duplo aspecto da motivação toponímica transparece em dois momentos:

Primeiro na *intencionalidade* que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias variadas, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico e, a seguir, na própria *origem semântica* da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências das mais diversas (DICK, 1990b, p. 18)

Considerando-se, pois, a natureza do signo toponímico, percebe-se que sua característica primordial é a motivação semântica, não sendo exagero afirmar que aspectos sócio-histórico-culturais ligados ao contexto de um grupo situado em um espaço geográfico marcado por determinadas características físico-naturais são considerados no ato da nomeação dos acidentes geográficos físicos e/ou humanos. Portanto, deve-se considerar o nome próprio do lugar – o *topônimo* - como fato da língua (como um signo linguístico que identifica e guarda uma significação precisa de aspectos físicos ou antropoculturais) e o estudo toponomástico servirá como fonte de conhecimento da língua falada numa dada região e como recuperação de fatos físico-geográficos e/ou sócio-histórico-culturais, em parte ou em sua totalidade, pelos quais passaram os povos que habitaram, temporária ou definitivamente, a região pesquisada.

No item a seguir, traçamos algumas considerações acerca do signo linguístico em relação com o signo toponímico.

1.8 Signo linguístico x signo toponímico

Saussure foi o pioneiro nos estudos linguísticos modernos e formulou uma teoria para o signo linguístico, concebendo-o como a combinação de um conceito com uma imagem acústica. Para ele,

(*a imagem acústica*) não é um som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegarmos a chamá-la

‘material’, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato (SAUSSURE, 1972, p. 80).

O linguista genebrino Ferdinand de Saussure (1972, p. 80) concebeu a língua como um sistema de signos, e o signo linguístico como um conceito, o significado, associado a uma imagem acústica, o significante, como forma fonológica em termos generativos. Como salienta Biderman (1998, p. 105), Saussure propôs manter signo linguístico como termo técnico para o conjunto total e substituir conceito e imagem acústica, respectivamente, por significado e significante:

Figura 3 - Signo linguístico



Fonte: Biderman, 1998, p.105.

Outra dicotomia proposta por Saussure diz respeito à noção de arbitrariedade e de linearidade da língua. A questão da arbitrariedade tem sido bastante discutida durante anos pelos linguistas, pelo fato de a escolha do significado não ser livre, por ser algo convencionalizado. Sobre isso, Biderman (1998, p. 106) alerta que “não se deve pensar que o falante escolhe livremente o significante”. Ainda, segundo a autora:

De fato, seja qual for o momento histórico em que focalizarmos o idioma, a língua evidencia-se sempre como uma herança de épocas anteriores. Podemos imaginar que, num momento preciso, se estabeleceu uma correlação entre um significante e um significado, ou seja, foi atribuído um conceito a um referente; contudo, esse fato quase nunca é constatado. A certidão de nascimento das palavras não é registrada. Por conseguinte, estamos diante de um paradoxo. De um lado, parece que o falante tem total liberdade de escolha do signo lingüístico, podendo categorizar e recategorizar os dados da realidade livremente, embora use modelos de categorização prontos que a educação lingüística introjetou em sua mente. De outro lado, o vocabulário da língua manifesta-se como um acervo cultural – um produto herdado das gerações precedentes. E é por causa dessa herança que Saussure reitera o fato de que o signo é imutável. (BIDERMAN, 1998, p. 106)

Ainda de acordo com a mesma autora (1998, p. 106), para Saussure, o signo resiste a qualquer substituição arbitrária porque a língua é uma instituição social. A primeira razão para justificar a imutabilidade do signo é exatamente o fato de ele ser arbitrário. A segunda razão é o número elevadíssimo de signos (palavras) de uma língua. Assim, o vasto vocabulário de uma língua, formando um sistema estruturado, impõe à comunidade dos falantes um mecanismo tão complexo que ela é impotente para transformá-lo. E finalmente deve-se considerar a inércia a toda inovação lingüística.

A respeito da arbitrariedade do signo lingüístico, Saussure (1969, p. 83) alerta que

[...] Não deve dar a idéia de que o significado dependa da livre escolha do que fala, porque não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez esteja ele estabelecido num grupo lingüístico; queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (SAUSSURE, 1969, p.83).

Contraopondo as ideias de Saussure, Guiraud (1975, p. 17) defende que “todo signo e um estímulo associado” e se divide em dois tipos: os signos naturais (baseados na natureza) e os signos artificiais (relacionados às fabricações humanas). Para o autor,

A essência do signo lingüístico e a convencionalidade e não o arbitrário, convencionalidade que *tende* a desmotivação do signo, e portanto ao arbitrário, mas que exclui a motivação; apenas nesse caso a motivação constitui um caráter secundário, não imediatamente necessário, e que, por este fato tende a se alterar, a se obscurecer, e, muitas vezes, a se apagar (GUIRAUD, 1975, p. 71).

Vários estudiosos se voltaram para essa questão da arbitrariedade do signo lingüístico. Ogden e Richards (1923), (*apud* GUIRAUD, 1975, p. 24), por exemplo, incluem um terceiro termo na teoria do signo de Saussure, a coisa significada ou referente, para

demonstrar a problemática da questão da arbitrariedade do signo por meio de uma relação triádica.

Biderman (1998, p. 116) ao analisar adaptação do triângulo de Ogden e Richards realizada por Blikstein, e concluiu: “Assim, concordo com Blikstein que o lado direito do triângulo não pode ser de modo algum ignorado, ou posto na sombra, ainda que introduza enormes complicadores para a teoria linguística”. Todavia, para a autora, a interpretação dos dados da realidade captados pelos sentidos, conceptualizados pela mente e cristalizados em palavras, não coincide obviamente com a realidade nem se identifica com ela (BIDERMAN, 1998, p. 117).

Já em termos da motivação do signo toponímico, é preciso considerar que esse tipo de signo “assume uma correspondência analógica entre o significante e o significado” (DICK, 1980, p. 288) e o que os diferencia é “a função significativa quando a toponímia os transforma em seu objeto de estudo” (DICK, 1980, p. 288). Ainda, para a autora, “o topônimo não é um signo linguístico especial, mas, ao contrário, um designativo vocabular comum, acrescido, porém, da função específica da identificação de lugares” (DICK, 1990b, p. 190). Em suma, a noção de signo linguístico é fundamental nas ciências onomásticas.

Assim, tecidas as considerações acerca das ciências Onomásticas e a Toponímia, na sequência abre-se espaço para focalizar a Antroponímia e sua importância para os estudos onomásticos.

1.9 Antroponímia em estudo

Ullmann (1964, p. 155), ao tratar do estudo dos nomes próprios, pautando-se em J. Stuart Mill (1879), afirma que a função do nome próprio é “identificar e não significar”, e acrescenta que os nomes próprios são marcas de identificação, porque servem apenas para identificar ou singularizar uma pessoa ou objeto em relação às entidades semelhantes, portanto, não *significam* (*apud* ULLMANN, 1964, p. 153).

Stuart Mill entendia que o nome próprio possui uma função distintiva, não significativa. Em sua concepção, os nomes próprios não conotam, pois nenhum atributo do indivíduo nomeado lhes é conferido:

[...] sempre que os nomes dados aos objetos comunicam qualquer informação, isto é, sempre que têm qualquer significado, esse significado não reside no que designam, mas no que conotam. Os únicos nomes de objetos que nada conotam são os nomes próprios; e estes não têm, estritamente falando, nenhuma significação (MILL *apud* ULLMANN, 1964, p.154).

Já para Dick (1990b, p. 293), “a identificação individual, através de apelativos, é, ainda, pelo menos no estágio atual de desenvolvimento da civilização, a melhor maneira de se designar os elementos de um grupo humano qualquer”. A Antroponímia, considerada um ramo da Onomástica, tem como objeto de estudo o nome individual, que diferenciará o portador dos demais membros da comunidade, e a forma parental, que define o indivíduo por meio dos laços de sangue, como integrante de um grupo familiar. O nome ou apelido carrega consigo as marcas da descendência gentílica, logo, a nomeação não é de livre escolha dos cidadãos, sendo o sobrenome o seu traço distintivo. A identidade cultural do ser humano no ato de nomear uma pessoa obedece a uma espécie de “ritual” que, de acordo com Dick (2000, p. 218),

[...] Inicia-se, portanto, com a própria ritualística da doação de um chamamento. Mais do que um ato de fé, o batismo traduz, na realidade, pompa e fascínio, direitos e obrigações, renascimento e magia, qualquer que seja o meio em que ocorra e o grupo que o pratica. O condicionamento psicológico que, a partir daí, acompanhará o homem em seus diversos papéis sociais, tem origem da relação associativa entre o nome recebido e as diferentes conotações semânticas decorrentes (DICK, 2000, p. 218).

Já Carvalhinhos (2007, p. 168) aponta quatro definições para nome:

Nome próprio ou individual. É o nome dado no momento do batismo, ou do nascimento da pessoa. Tomemos por exemplo o nome do autor em questão, Leite de Vasconcelos, válido para todas as aplicações. Nesta acepção, o nome individual é *José*.

Nome completo. Trata-se do conjunto das designações pessoais: *José Leite de Vasconcelos*.

Qualquer um de seus elementos. Ao inquirir o nome do autor, diretamente a ele ou a outra pessoa, obteríamos respostas variadas: *José*, *Vasconcelos*, ou ainda *Leite de Vasconcelos*. Apesar das diferentes categorias em que estão inseridos, todos são designados, simplesmente, por nomes.

Alcunha ou apodo. Tratamento informal, de caráter passageiro (apodo) ou permanente (alcunha). É considerado nome a partir do momento que individualiza e designa determinada pessoa. Uma alcunha muito comum no Brasil, para o nome José, é a forma reduzida *Zé*.

De acordo com Leite de Vasconcellos, o termo Antroponímia designa “o estudo dos nomes individuais, com o dos sobrenomes e apelidos” (VASCONCELLOS, 1931, p. 03).

Zamariano (2010, p. 103) pontua que José Leite de Vasconcelos, ao estudar os sistemas onomásticos individuais, pesquisou cada uma das características neles constatadas. Segundo o filólogo português,

Por *sobrenome*, entende “um patronímico, nome de pessoa ou expressão religiosa que se junta imediatamente ao nome próprio”; por *alcunha* “um epíteto, bom ou mau, que outros aplicam a um indivíduo, em virtude de qualidades físicas e morais que reconhecem nele, ou de certas particularidades de sua vida”, por *apelido*, “uma denominação de família, transmitida ordinariamente de geração a geração” (ZAMARIANO, 2010, p.103).

Historicamente a etimologia dos nomes pessoais não tem ganhado o destaque merecido na sociedade letrada brasileira, diferentemente do que ocorre nas sociedades ágrafas, em que a escolha do nome é condicionada pela ancestralidade da pessoa. De acordo com Dick (2000, p. 219), nas sociedades capitalistas como as atuais, define-se o nome por meio dos traços pessoais de seu portador, sem a preocupação de considerá-lo um signo de língua dotado de um significado pertinente e uma motivação social. Com isso, em assertiva pertinente ao assunto, Carvalhinhos (2007, p. 168) esclarece que:

Se hoje as sociedades ocidentais apresentam esse fenômeno do esvaziamento semântico nos nomes próprios de pessoas, nestas mesmas sociedades durante a Antiguidade os nomes não eram atribuídos por tradição ou gosto, mas efetivamente havia um motivo ou uma motivação ao fazê-lo, fosse por atributos físicos ou morais que se quisesse imprimir no indivíduo nomeado, fosse por devoção ou pela crença que um nome sagrado ou ligado ao sagrado traria sorte ao portador do mesmo. As motivações que emergem hoje dos antropônimos pertencentes ao sistema onomástico brasileiro são antiqüíssimas, e tais motivos (atualmente não conotativos) podem ser de diversas ordens, como profissões, local de origem, religiosidade, entre outros.

De acordo com Dick (2000, p. 220), toda carga emotiva e valorativa do nome esvazia-se no ato da denominação e, a partir disso, inicia-se uma nova fase, a das interferências linguísticas em nível formal. Por exemplo, altera-se o plano morfológico da denominação pelo emprego de hipocorísticos redutores (apelidos familiares) ou expansivos da estrutura morfológica básica, criando-se, assim, uma nova “constelação sígnica permitida” (DICK, 2000, p. 220). As marcas pessoais podem ser tanto de origem física flagrante, quanto de origem moral e as motivações desses nomes pertencentes ao sistema onomástico brasileiro podem ser de diversas ordens, como profissões, local de origem, religiosidade, entre outros.

A motivação do prenome tem ganhado espaço nos estudos relacionados aos padrões semânticos da onomástica brasileira. Guérios (1981, p.16), por exemplo, definiu algumas causas que haveriam originado vários nomes, destacando que “os antropônimos oferecem particular interesse, porque são fósseis da língua que vivem singularmente apenas do exterior, do corpo. E eles, com o auxílio dos topônimos, é possível a reconstituição de numerosos elementos de uma língua”. Para o mesmo autor, os antropônimos podem ser estudados sob dois aspectos principais: “1º) Sob o aspecto lingüístico, da sua origem ou criação (etimologia); 2º) sob o aspecto social ou psicossocial, o da sua escolha ou das razões por que são ou foram sempre empregados (cresiologia)” (GUÉRIOS, 1981, p. 15).

Ainda, segundo o autor, o ato de dar nome às pessoas decorreu da necessidade de citá-las, de chamá-las e de distingui-las entre as demais, dentro da família e dentro da comunidade:

A existência dos antropônimos está documentada em todos os povos, em todas as línguas, em todas as culturas, em todos os tempos, desde os primórdios da humanidade. E quando eles surgiram, levavam consigo um significado que, em geral, traduzia qualquer realidade condizente com os indivíduos seus portadores. Porém, as pessoas recebiam apenas um nome, o nome individual, como acontece ainda hoje entre diversos agrupamentos humanos. O aparecimento do segundo nome, ou sobrenome, em certos povos verificou-se em tempos relativamente recentes. E o fato assim se explica. O nome de um indivíduo de tal família foi aplicado também a um membro de outra família, ambas da mesma comunidade (GUÉRIOS, 1981, p. 35)

Já o sobrenome é um “patronímico, nome de pessoa, expressão religiosa ou outra, que se junta ao nome individual, e podem ser derivados de nomes de pessoas, como explica Carvalhinhos (2007, p. 8):

Considerado um complemento do nome individual, o sobrenome existe desde a Antigüidade. Nesta época, o sobrenome era usado para relacionar, em narrações e documentos, um determinado indivíduo a seu pai. Surgiu assim o patronímico, genitivo do nome paterno agregado, na maior parte das vezes, em posposição ao nome individual. Passando por todas as formas do genitivo latino (-i, -e; -is, -es; -onis, -oni; -anis, -ani), as mais comuns foram as formas em -az, -iz, -oz e -uz. Por exemplo, Fernandes, hoje apelido de família esvaziado de seus semas, era um patronímicotransparente na idade média, significando “filho de Fernando”. Assim, vários apelidos de família atuais têm sua origem em patronímicos, como já explicamos acima: Vaz, Álvares, Peres/Pires, Dias, Domingos, Henriques, entre muitos outros.

Para Dick (2000, p. 223), tradições de família, como os nomes passados de pais para filhos ainda são recorrentes, mas a preferência nos dias atuais são os nomes de moda,

difundidos pelos meios de comunicação, como algum nome de personagem das novelas etc. (DICK, 2000, p. 223). De acordo com as tendências antroponímicas observadas ao longo dos anos, essa autora formulou uma tríplice tipologia de nomes correntes nos antropotopônimos brasileiros:

- *Nomes perenes*: Nomes tradicionais oriundos das primeiras camadas portuguesas, como João, José, Antônio etc;
- *Nomes cíclicos*: Ocorrem em determinadas épocas, acionados por um fator social, como Carolina, Ana Carolina, Gabriela etc;
- *Nomes de moda ou nomes de época*: Marcelo, Adriano, Tiago, Gabriel, Roberta etc.

Compartilhando das ideias de Dick (2000), Carvalhinhos (2007, p. 8) destaca que, nos dias atuais, a televisão é um poderoso veículo de comunicação e cada vez mais as pessoas têm acesso a nomes importados, oriundos de outras sociedades, como Yuri, do russo, e Stéphanie, uma influência da princesa de Mônaco; nomes de atores e cantores famosos, resgate de nomes indígenas brasileiros (Jaci, por exemplo) e mesmo a invenção de nomes, compostos por uma parte do nome do pai e outra do da mãe (pai Eli, mãe Mara; gêmeas Elimar e Mareli).

Mediante o exposto, ratificamos o caráter onomástico, uma vez que elegeu como objeto de estudo a toponímia sul-mato-grossense, mais particularmente os designativos de bairros e ruas da cidade de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul. A seguir, o último tópico deste capítulo, volta-se para o modelo das taxionomias toponímicas de Dick (1990), utilizado para a classificação dos topônimos aqui estudados.

1.10 Taxionomias toponímicas: o modelo de Dick (1990)

A primeira versão do modelo teórico de Dick foi proposta em 1975 e, posteriormente, revista e reformulada pela toponimista, dando origem à última versão, a de 1992. A proposta teve como objetivo “suprir as demandas das pesquisas”, uma vez que o modelo elaborado deve “ser interpretado como um instrumento de trabalho que permitirá a aferição objetiva das causas motivadoras dos designativos geográficos” (DICK, 1990a, p. 26). A mesma autora esclarece, ainda, que

conscientes da necessidade de se buscar modelos taxionômicos para os vários conjuntos de topônimos, em agrupamentos macro-estruturais, procurou-se, nos ordenamentos sistemáticos das ciências humanas afins à Toponímia, e em algumas poucas obras alienígenas especializadas, os elementos a que permitissem a apresentação de um quadro classificatório, de maneira a satisfazer a demanda da pesquisa (DICK, 1990a, p. 26).

As categorizações de acordo com o modelo teórico apresentado por Dick em 1975 são distribuídas em 19 categorias e foi completa por Dick a partir da reformulação de alguns conceitos. Assim, o modelo que antes constituía 19 taxes passa a reunir 27 categorias em 1990: 11 de natureza física e 16 de natureza antropocultural:

Os estudos semânticos levaram-nos à formulação dos respectivos campos motivadores (de ordem física e antrópica). Mas a palavra, ou unidade lexical, recortada em um desses dois universos de recorrência, examinada do ponto de vista linguístico ou das famílias envolvidas, é que norteou a inclusão seja no campo físico ou no antropocultural (DICK, 1990, p. 37).

As 27 taxionomias às quais nos reportamos “servem como um instrumento de trabalho que permitirá a aferição objetiva de causas motivadoras dos designativos geográficos, procurando suprir as demandas da pesquisa” (DICK, 1990, p.26). Dessas taxes, 11 se relacionam a elementos do ambiente físico (natureza física), ou seja, taxes que remetem a elementos do mundo físico, como hidrotopônimos (água/córrego *Água Limpa*), fitotopônimos (vegetação/*corixo Buriti*), zootopônimos (animais/córrego da *Onça*), para citar algumas, e 16 taxes relacionadas aos aspectos sócio-histórico-culturais (natureza antropocultural) que abrigam topônimos que traduzem aspectos da cultura e da história do denominador, como animotopônimos (estados anímicos/rio *Bonito*), historiotopônimos (episódios históricos/rua *Sete de Setembro*), hagiotopônimos (santos católicos/córrego *Santo Antônio*) e antropotopônimos (nomes de pessoas/ribeirão *da Ritinha*), dentre outras.

Essa terminologia técnica proposta por Dick (1990b, p. 26) é composta do elemento “topônimo”, antecedido de um outro elemento genérico, definidor da respectiva classe onomástica. De acordo com a autora,

[...] Este elemento deverá conter a suficiente explicitação de sua substância ou a clareza lógica para justificar a escolha, em uma linha de comando virtual. Assim, por exemplo, nomes cuja origem revela uma filiação a elementos vegetais ou minerais foram denominados fitotopônimos e litotopônimos, respectivamente. O primeiro membro do sintagma teria por finalidade definir a classe genérica e, o segundo, a procedência do campo de estudo específico (DICK, 1990b, p. 26).

Trata-se de um modelo elaborado a partir da realidade toponímica brasileira, considerando as especificidades encontradas nas várias regiões do País, que apresentam diversidades geográficas consideráveis. Esse modelo tem orientado a classificação dos topônimos nas pesquisas toponímicas brasileiras - o Projeto Atlas Toponímico do Brasil – ATB - e de suas variantes, dentre elas, o Projeto ATEMS, a que esta pesquisa está vinculada.

A seguir detalharemos as 27 categorias do modelo taxionômico de Dick (1990). Os exemplos foram retirados do banco de dados do Projeto ATEMS⁵.

1.10.1 Taxionomias de Natureza Física

A) – **Astrotopônimos**: topônimos relativos aos astros celestes em geral. Ex.: Rio Estrela (Antônio João/MS), Fazenda Céu Azul (Bela Vista/MS), Córrego Estrelada (Santa Rita do Pardo/MS).

B) - **Cardinotopônimos**: topônimos relativos às posições geográficas em geral. Ex.: Córrego Divisa (Ribas do Rio Pardo/MS), Córrego do Meio (Rio Negro/MS), Córrego de Baixo (Costa Rica/MS).

C) – **Cromotopônimos**: topônimos relativos à escala cromática. Ex.: Morro Vermelho (Pedro Gomes/MS), Serra Negra (Corguinho/MS), Cabeceira do Verde (Laguna Carapã/MS).

D) – **Dimensiotopônimos**: topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade. Ex.: Cabeceira Comprida (Ribas do Rio Pardo/MS), Córrego Fundo (Sidrolândia/MS), Morro Grande (Pedro Gomes/MS).

E) - **Fitotopônimos**: topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade. Ex.: Córrego Capim (Caracol/MS), Córrego da Laranjeira (Pedro Gomes/MS), Córrego do Mato (Jaraguari/MS).

⁵ Disponível em: <http://www.colegiorioclaro.com.br/renato/>.

F) – **Geomorfotopônimos**: topônimos relativos às formas topográficas: elevações. Ex.: Córrego Campo Alegre (Ribas do Rio Pardo/MS), Córrego Monte Belo (Ribas do Rio Pardo/MS).

G) – **Hidrotopônimos**: topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral. Ex.: Ribeirão da Lagoa (Ribas do Rio Pardo/MS), Córrego Cabeceira do Marco (Pedro Gomes/MS), Córrego Água Boa (Rochedo/MS).

H) – **Litotopônimos**: topônimos de índole mineral, relativos também à constituição do solo, representados por indivíduos. Ex.: Córrego Lajeado (Ribas do Rio Pardo/MS), Córrego Barreiro (Terenos/MS), Cabeceira Prata (Maracajú/MS).

I) - **Metereotopônimos**: topônimos relativos a fenômenos atmosféricos. Ex.: Córrego do Vento (Anaurilândia/MS), Córrego do Raio (Figueirão/MS), Fazenda Nevasca (Jardim/MS).

J) – **Morfotopônimos**: topônimos que refletem as formas geométricas. Ex.: Fazenda Triângulo (Nioaque/MS), Córrego da Forquilha (Figueirão/MS), Córrego Volta Grande (Santa Rita do Pardo/MS).

K) – **Zootopônimos**: topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos e não domésticos. Ex.: Córrego Caracol (Ribas do Rio Pardo/MS), Córrego da Onça (Ribas do Rio Pardo/MS), Córrego Lambari (Sidrolândia/MS).

1.10.2 Taxionomias de Natureza Antropocultural

A) – **Animotopônimos** ou **Nootopônimos**: topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física. Ex.: Sanga Bonita (Caracol/MS), Córrego Feio (Rio Negro/MS), Povoado Bom Sucesso (Rio Negro/MS).

B) – **Antropotopônimos**: topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex.: Ribeirão Ferreira (Ribas do Rio Pardo/MS), Povoado Lídia Rezende (Rochedo/MS), Povoado Baltazar (Rochedo/MS).

C) – **Axiotopônimos**: topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais. Ex.: Córrego Cadete (Camapuã/MS), Córrego Almirante (Sidrolândia/MS), Vila Presidente Castelo (Deodópolis/MS).

D) – **Corotopônimos**: topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex.: Ribeirão Fortaleza (Ribas do Rio Pardo/MS), Morro Ladário (Ladário/MS), Povoado Medianeira (Pedro Gomes/MS).

E) – **Cronotopônimos**: topônimos que encerram indicadores cronológicos representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha, Ex.: Distrito Nova Esperança (Rio Negro/MS), Distrito Novo Pinheiro (Glória de Dourados/MS), Colônia Nova (Nioaque/MS).

F) – **Ecotopônimos**: topônimos relativos às habitações de um modo geral. Ex.: Córrego Tapera (Pedro Gomes/MS), Córrego Ranchinho (Camapuã/MS).

G) – **Ergotopônimos**: topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex.: Córrego Canivete (Ricas do Rio Pardo/MS), Córrego Navalha (Rio Negro/MS), Córrego Ceroula (Rochedo/MS).

H) – **Etnotopônimos**: topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex.: Córrego dos Baianos (Rio Negro/MS), Povoado Mineiro (São Gabriel do Oeste/MS), Córrego dos Bugres (Antônio João/MS).

I) – **Dirrematotopônimos**: topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos. Ex.: Córrego Falha dos Padres (Rio Negro/MS), Povoado Passa Tempo (Sidrolândia/MS), Córrego Mata-Mata (Camapuã/MS).

J) – **Hierotopônimos**: topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana, etc. Ex.: Povoado Senhora Aparecida (Rio Negro/MS), Córrego da Cruz (Alcinópolis/MS), Córrego Santa Fé (Anaurilândia/MS).

Os hierotopônimos podem apresentar, ainda, duas subdivisões:

1) **Hagiotopônimos**: topônimos relativos aos santos e santas da hagiologia romano. Ex.: Ribeirão São Sebastião (Ribas do Rio Pardo/MS), Povoado Santa Helena (Rio Negro/MS), Córrego São João (Rochedo/MS).

2) **Mitotopônimos**: topônimos relativos às entidades mitológicas. Ex.: Córrego Pai-cuê (Juti/MS), Fazenda Tupã (Bela Vista/MS), Córrego Pombeiro (Rio Verde de Mato Grosso/MS).

K) – **Historiotopônimos**: topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes, Ex.: Córrego Bandeira (Corguinho/MS), Córrego Sete de Setembro (Brasilândia/MS), Fazenda Independência (Bela Vista/MS).

L) – **Hodotopônimos** (ou **Odotopônimos**): topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana. Ex.: Córrego da Estiva (Ribas do Rio pardo/MS), Córrego da Ponte (Jaraguari/MS), Ribeirão da Pinguela (Alcinópolis/MS).

M) – **Numerotopônimos**: topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex.: Córrego Sete Voltas (Ribas do Rio Pardo/MS), Córrego Três Lagoas (Rochedo/MS), Córrego Sexto (Angélica/MS).

N) – **Poliotopônimos**: topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex.: Cabeceira da Aldeia (Camapuã/MS), Povoado Vila Recreio Coxim/MS), Córrego Aldeia (Nova Alvorada do Sul/MS).

O) - **Sociotopônimos**: topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, pátio, praça). Ex.: Córrego Garimpo (Ribas do Rio Pardo/MS), Povoado Boliche (Sidrolândia/MS), Córrego Curral (Sidrolândia/MS).

P) – **Somatopônimos**: topônimos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou do animal. Ex.: Córrego Garganta de Tigre (Bataguassu/MS), Córrego Calcanhar (Anaurilândia/MS), Córrego Cabeça de Boi (Aquidauana/MS).

Isquierdo (1996, p. 118) propõe uma subdivisão para a categoria dos *animotopônimos*. A pesquisadora adota a nomenclatura *animotopônimos eufóricos*, para os topônimos que denotam impressão agradável e *animotopônimos disfóricos* aos que denotam impressão desagradável, temeridade. Assim, melhor explica a autora,

[...] consideramos esses termos não no sentido corrente na psiquiatria, mas sim com a conotação de sensação agradável, expectativas otimistas, boa disposição de ânimo (eufórico) e sensação desagradável, expectativas não muito otimistas, perspectivas temerosas (disfórico). Assim, o termo animotopônimo foi tomado nesse contexto como uma expressão neutra, reservando-se aos determinantes eufórico e disfórico a função de especificar a natureza do estado anímico, razão pela qual propusemos as terminologias animotopônimos eufóricos e animotopônimos disfóricos para designar, respectivamente, os nomes de seringais que deixam antever expectativas positivas e negativas frente a realidade vivida pelo denominador (ISQUERDO, 1996, p.118).

A seguir, apresentamos o capítulo 2, que situará a região pesquisada, trazendo a história de Campo Grande, desde sua colonização até o momento em que se inicia o processo de urbanização da cidade. Este capítulo é de grande importância para este estudo, pois, como já elucidado anteriormente, a toponímia e a história caminham juntas, e não há como estudar toponímia sem resgatar a memória social do espaço geográfico investigado.

CAPÍTULO II - BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO ESPAÇO PESQUISADO

2.1 Panorama histórico

Finalizada a Guerra do Paraguai (1864-1870), surge no Brasil um movimento renovador, sucedendo um período de empreendimentos e mudanças relacionadas à economia e à sociedade da época. O então Estado de Mato Grosso sofreu as agruras da luta armada. Nesse período, o mineiro José Antônio Pereira resolve, então, organizar uma expedição com destino a Mato Grosso, que havia sido cenário da Guerra do Paraguai.⁶

Machado (1990, p.14) registrou que, durante vários dias, o arraial de Monte Alegre, no Triângulo Mineiro, esteve em polvorosa com a notícia da partida. Vários comentários sobre a aventura de José Antônio surgiram, pois as pessoas não entendiam como José Antônio deixaria o conforto e a segurança do lar para uma aventura em um lugar desconhecido.

O pequeno grupo expedicionário composto por José Antônio Pereira, na época com 47 anos, seu filho Antônio Luís, os escravos João e Manuel e o guia cuiabano Luís Pinto Guimarães saíram de Monte Alegre, atravessando o rio Paranaíba em direção a Jataí, em Goiás. Após entrar em território mato-grossense, o grupo enveredou rumo a Camapuã, pequeno povoado criado pelos bandeirantes como apoio às monções, em 1872. Segundo Machado (1990, p.14),

[...] rumo a Jataí, fazendo um percurso aproximado de 300 km em zona conhecida e já palmilhada. De Jataí, os expedicionários tomaram a direção oeste, embranchando-se no território mato-grossense, na altura de baús, atravessaram o Aporé e seguiram por uma região completamente desabitada, vadeando córregos e lugares inundados, sentindo a falta de provisões que, no final do percurso, eram escassas.

Ainda à procura de Camapuã, e pelo atual município de Aquidauana, José Antônio Pereira e sua tropa chegaram a um novo lugar, um campo aberto e grande, onde havia dois córregos, enfim o campo grande que os mineiros tanto buscavam para se fixarem. Assim, em 1872 chegava à nova terra, na forquilha dos córregos Prosa e Segredo, o mineiro José Antônio

⁶ Conflito armado ocorrido de 1864 a 1870, entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta por Brasil, Argentina e Uruguai.

Pereira e sua tropa. No dia 22 de julho de 1872, José Antônio e seus companheiros iniciaram a construção do primeiro rancho (MACHADO, 1990, p.15).

No ano seguinte, o mineiro voltou a Monte Alegre (MG) para buscar seus familiares, e, em 1875, deu início ao povoado conhecido como “Arraial dos Pereiras”. José Antônio se aliou à Manoel Vieira de Souza, mais conhecido como Manoel Olivério, em busca de terras devolutas. Como registra Rodrigues (1980, p.39), “a mineirada que acabava de chegar se ajeitou com o novo e inesperado companheiro e, em breve, nove ranchos cobertos de palhas de uacurí⁷ e sapé se erguiam à margem direita do córrego hoje denominado Prosa”. Esses primeiros ranchos, edificados sem nenhum alinhamento, futuramente dariam início à atual rua 26 de Agosto, a “Rua Velha”, considerada a mais antiga da cidade. A partir de então na região descrita por Taunay como “[...] extensa campina [que] constitui vastíssimo chapadão de mais de cinquenta léguas de extensão, em que raras árvores rompem a monotonia duma planura sem fim (...)” (TAUNAY, 1948, apud PEREIRA, s/d), aos poucos foi surgindo o povoado batizado com o nome de Arraial de Santo Antônio de Campo Grande, em homenagem ao santo de devoção do fundador. Isso porque,

Depois de transpor as águas do rio Paranaíba, vários membros da comitiva foram acometidos de “matadeira”, uma febre maligna, de consequências mortais, bastante comum naquela região. Religioso em extremo, como bom mineiro que era, e apesar das fortes “garrafadas” e “raizadas”, que ministrava aos enfermos, o velho patriarca lembrou-se de Santo Antônio, seu santo protetor, e, em meio à ardente prece, prometeu-lhe uma capela e uma festa na inauguração, caso os doentes sarassem e chegassem ao seu destino (RODRIGUES, 1980, p.36).

Em 1875, então, juntamente com seus familiares, se instalaria definitivamente, construindo ranchos que seriam alicerces de uma grande futura cidade.

2.2 A fundação da cidade de Campo Grande

Em 26 de agosto de 1899, após antigas e insistentes reivindicações, o governo estadual assinava a resolução de emancipação da vila, criando o município de Campo Grande, por meio da lei nº 792. Naquela época, Campo Grande, com 14 anos, já possuía um comércio promissor. Como registra Costa (1999, p.72), “comerciantes e boiadeiros vindos da região de

⁷ O significado do item lexical “uacurí” não foi encontrado.

Uberaba e alguns de São Paulo faziam do lugar um entreposto para os negócios, forçando fazendeiros das regiões vizinhas deslocarem-se para a nascente “paróquia”, a fim de realizar negócios de gado e compra de mercadorias”.

Devido à insatisfação pelo posicionamento do governo do Estado de Mato Grosso desde os tempos de província, com relação ao desenvolvimento no sul, após muitas reivindicações das autoridades e da população, ocorre em 11 de outubro de 1977 a divisão de Mato Grosso e, conseqüentemente, a criação de Mato Grosso do Sul (ZARDO, 1999, p.105). Correia (1999, p.64) assim descreve o panorama político da época:

[...] nesse ambiente de permanente disputa pelo poder, as lideranças políticas no norte estimulavam a discórdia e a rivalidade entre os chefes políticos do sul, lançando uns contra os outros, com o intuito de enfraquecê-los, e assegurar, dessa forma, o predomínio do norte. Esse comportamento das lideranças nortistas, associado às dificuldades impostas aos habitantes do sul para resolverem problemas nas repartições da capital, fez crescer o descontentamento e a animosidade dos sulistas contra o governo e os políticos do norte. Qualquer obra, ou simples reforma de pontes e prédios públicos, dependia de autorização de Cuiabá, num processo moroso, que demorava meses e até anos.

Ainda, de acordo com Zardo (1999, p.105),

Esta antiga necessidade de criação do novo Estado, era inicialmente uma decorrência natural das grandes distâncias físico-territoriais do poder de decisões que desde as históricas visitas ao Arraial dos Pereira, do Bispo de Cuiabá em 1886 e do presidente da província de Mato Grosso em 1912, era um fator de obstáculo intransponível até às soluções dos problemas que surgiam.

Por meio da Lei Complementar nº 31, em pleno regime da ditadura militar, sob a presidência do General Ernesto Geisel, foi criado o Estado de Mato Grosso do Sul, com a conseqüente elevação de Campo Grande a capital do novo Estado. Salgado (2001, p. 49) traz, em sua obra “Mato Grosso do Sul e a Mesopotâmia do Prosa e Segredo”, a exposição de motivos nº 37, para justificar a divisão estadual:

Por razões diversas de ordem econômica, geográfica, política e administrativa, a região Sul do Estado de Mato Grosso apresenta condições de desenvolvimento em curto prazo, em decorrência de vantagens de localização, integrada aos corredores de exportação da área de São Paulo e Paraná e de suas potencialidades, em especial no setor agropecuário, permitindo a ocupação de novas áreas, no sentido de um avanço maior da fronteira produtiva, gerando novas riquezas nacionais, criando, expandindo e consolidando novas cidades, NECESSÁRIO SE FAZ A CRIAÇÃO DO NOVO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL.

Para prosseguirmos com o tópico a seguir sobre a fundação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em Campo Grande, foi necessário um recuo no tempo para descrevermos alguns acontecimentos anteriores a criação do novo Estado de Mato Grosso do Sul.

2.3 A estrada de ferro Noroeste do Brasil

Há duas visões distintas para explicar os motivos que levaram à construção da Estrada de Ferro Noroeste no Brasil. De acordo com as explicações de Oliveira Neto (2003, p. 79), a primeira razão está relacionada às relações internacionais do Brasil com os países do continente sul-americano, principalmente com aqueles da bacia do Prata, isto é, a linha de ferro surgia como estratégia militar do estado brasileiro para ocupar uma região despovoada, consolidando uma posição de força diante dos países platinos e criando uma via de comunicação com Mato Grosso. Já a segunda versão, relaciona-se à análise da conjuntura econômica internacional na virada do século XIX para o século XX, atribuindo ao capital monopolista e às políticas imperialistas dos Estados Unidos e alguns países da Europa o estabelecimento de um novo papel para a economia de Mato Grosso.

As obras da ferrovia tiveram início em 1905 com um traçado original, que foi modificado em 1906, e, posteriormente, em 1908. Vale ressaltar que antes de chegar em Campo Grande, a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil foi iniciada, respectivamente, em dois pontos extremos da linha – São Paulo e Mato Grosso. Segundo Weingartner (1995, p.34), esse itinerário era assim caracterizado: “Bauru (1905), e em Porto Esperança (1908) à margem do Rio Paraguai, no Sul de Mato Grosso”.

A estrada de ferro Noroeste do Brasil representou um significativo fator de desenvolvimento em Mato Grosso do Sul. Em busca de um maior intercâmbio comercial com outros países, constituiu-se em 1904, pelo tratado de Petrópolis, a comissão mista Brasil-Bolívia, que tinha por finalidade a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. De acordo com Salgado (2001, p.42):

A partir da implantação dessa linha férrea no sul de Mato Grosso, em 1914, Campo Grande ganhou importância estratégica, convertendo-se em importante centro comercial e cultural, passando a polarizar todas as atividades, enquanto Corumbá foi paulatinamente perdendo a conquistada importância comercial, pois, as mercadorias que eram até então escoadas pelo rio Paraguai, passaram a ser transportadas pela Estrada de Ferro.

A ligação ferroviária com São Paulo transforma as relações econômicas e culturais de Campo Grande. A ferrovia era sinônimo de progresso e a rua 14 de Julho, uma das muitas ruas projetadas por Nilo Javari Barém em 1909, com seus 20 metros de largura, após a implantação da estação da Noroeste do Brasil, torna-se a via mais importante da cidade, com seu comércio constituído por migrantes, principalmente árabes. Vale mencionar o papel da estrada de ferro como veículo para a chegada de migrantes à localidade:

Dois outros elementos importantes na constituição da economia e da cultura campo-grandense tomam corpo com a chegada do trem: os imigrantes japoneses e árabes. O primeiro deles já se concretizou partir das obras da construção da estrada, pois com dificuldades de adaptação nas lavouras café, alguns imigrantes japoneses encontraram na construção da nova ferrovia uma outra atividade, desvinculada da cafeicultura. Eles chegaram em Campo Grande com a frente de trabalho proveniente de Bauru e por terem tradição em lavouras, aqui se estabeleceram, formando o que se constituiria mais tarde no cinturão verde da cidade. Os imigrantes árabes, isto é, o segundo dos elementos, chegaram até a vila proveniente de Corumbá. Essa transferência deu-se na medida em que a função de entreposto comercial exercida por aquele porto, foi se deslocando para Campo Grande. Como aqueles emigrantes eram, na sua maioria comerciantes, eles se sentiam estimulados a mudar para o local que apresentava maiores vantagens no desenvolvimento das suas atividades, fazendo junto consigo a migração de capitais. (OLIVEIRA NETO, 2003, p.83).

A Companhia Noroeste do Brasil atraiu migrantes de vários Estados do Brasil e de diferentes continentes (árabes, japoneses etc) além de impulsionar o intercâmbio sócio-econômico e político entre o Sul de Mato Grosso, São Paulo e Rio de Janeiro. Tem importância também na organização de cidades, como explica Weingartner (1995, p.34):

[...] elaborando para aquelas situadas no traçado ferroviário um planejamento para disciplinar a ocupação urbana e sugere, às Intendências Municipais, um código de postura, no qual, além de estabelecer diretrizes de ocupação, define algumas medidas de higiene e saúde pública. Com isso, as cidades ganham um traçado xadrez onde, além de prever o crescimento urbano, reordena a aglomeração já existente.

Ainda, segundo a mesma autora, em Campo Grande, o planejamento urbano sugerido pela companhia Noroeste do Brasil estabelece um centro, onde se localizam as casas comerciais, residências, e prevê a criação de alguns bairros, entre eles o Amambaí, o mais antigo da cidade, destinado a abrigar as residências e unidades militares (WEINGARTNER, 1995, p.34). Além disso,

A inauguração da ferrovia instaurou, inexoravelmente, na região, uma nova relação social, ditada, dessa vez, pelo capital monopolista de São Paulo, ao mesmo tempo em que estabeleceu, no imaginário dos habitantes do lugar, novos paradigmas em relação ao tempo e às distâncias. O trem simbolizava, para aqueles moradores o oeste quase inóspito do Brasil, as insígnias da modernização e do progresso. Ele representava todos os elementos e fatores que difundiam e faziam desenvolver novas técnicas e davam sustentabilidade às novas formas de pensar e agir. (OLIVEIRA NETO, 2003, p.83).

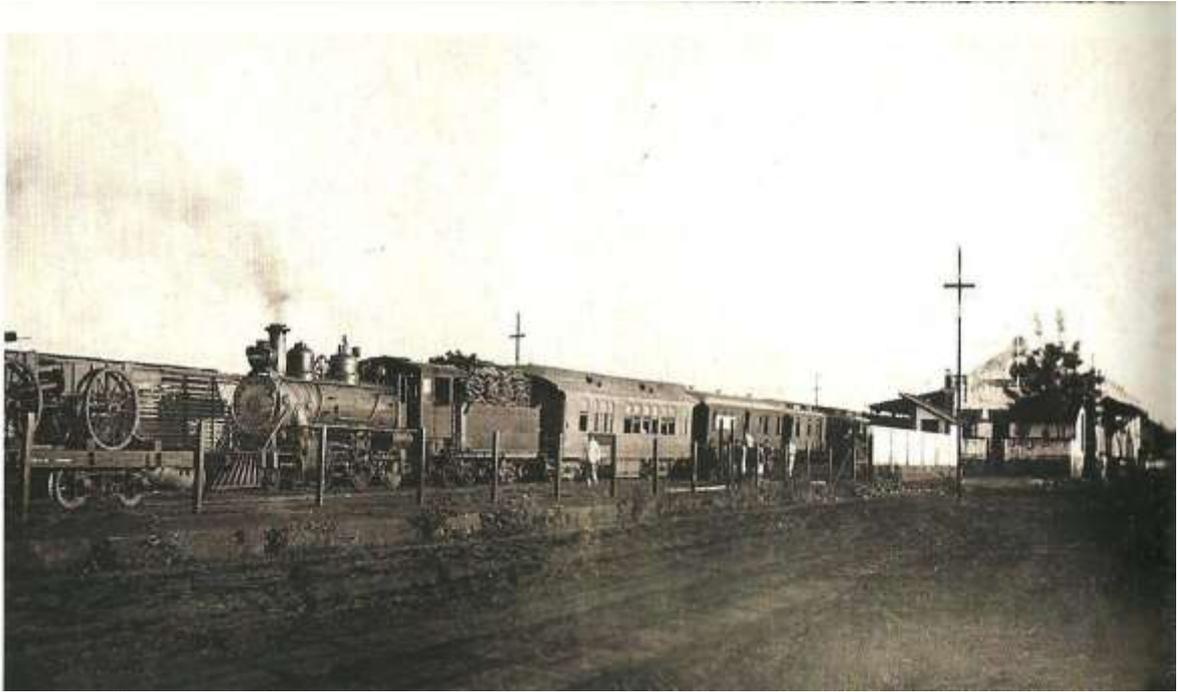
As figuras a seguir ilustram a passagem da Noroeste do Brasil próximo a Campo Grande, e a plataforma da estação, em 1980, existente até os dias atuais na capital:

Figura 4 - Inauguração do primeiro prédio da estação da NOB em Campo Grande, no final da década de 1910.



Fonte: Revista ARCA - Campo Grande – imagens da história, nº 15, 2011, p. 24.

Figura 5 - Locomotiva e vagões estacionados no pátio da estação ferroviária de Campo Grande



Fonte: Revista ARCA - Campo Grande – imagens da história, nº 15, 2011, p. 24.

Figura 6 - Plataforma da estação ferroviária de Campo Grande – 1980



Fonte: Arquivo Histórico de Campo Grande. Disponível em: <http://www.capital.ms.gov.br/arca/galerias>, acessado no dia 07 de outubro de 2013.

2.4 A primeira igreja e a denominação da cidade

Em 1877, após dois anos de sua chegada, José Antônio Pereira resolve cumprir a promessa feita a Santo Antônio e, em um ponto mais elevado do povoado, quase no centro da atual rua 15 de Novembro, foi construída a primeira igreja de Campo Grande que, segundo Rodrigues (1980, p 43), era

Armada em esteio de aroeira, as paredes de taipa, com três portas na frente, e também coberta de folhas de uacurí, como os ranchos, erguia-se em breve a capela do milagroso santo que passou a ser considerado padroeiro do lugar. O povoado, ainda em formação, ficou conhecido, dessa época em diante, como Santo Antônio de Campo Grande da Vacaria.

Essa denominação de Campo Grande, como pondera Zardo (1999, p.22), ocorreu “após José Antônio traçar os limites do povoado, o primeiro nome dado à localidade foi o de Santo Antônio de Campo Grande, em reverência ao Santo Antônio e cumprimento à promessa feita na segunda viagem”. Para Rodrigues (1980, p. 43), a denominação Santo Antônio de Campo Grande da Vacaria,

[...] foi adotada em virtude das vastas campinas que se estendiam pelos arredores, e vacaria por ser a nascente povoação localizada na região conhecida por esse nome desde tempos inemoriais. Ayres do Casal, em 1817, já escrevera: “o centro da parte setentrional dessa província (Mato Grosso) é designado nos roteiros dos sertanistas, e cartas com o nome de vacaria, por causa do gado vacum, que ali ficou disperso quando os paulistas fizeram desalojar os moradores da cidade de Xêrez, e das cinco aldeias circunvizinhas, que formavam aquela pequena província, de que aquela era cabeça”.

A igreja foi construída de pau-a-pique, coberta com folhas de palmeira e, posteriormente, com telhas de barro do tipo colonial, trazidas das ruínas por José Antônio Pereira, que se localizavam nas proximidades de Camapuã. A inauguração ocorreu em 1878, com a celebração da primeira missa, pelo padre Julião Urquia, da cidade de Miranda (MT) (RODRIGUES, 1980, p.45). Por volta de 1880, José Antônio Pereira “doou no pontal dos córregos Prosa e Segredo, um patrimônio de terras destinado ao Rossio⁸ da Vila de Santo Antônio de Campo Grande” (RODRIGUES, 1980, p. 45).

⁸ Designação para “Terreno que antigamente era roçado, cultivado e aproveitado pelos habitantes que recolhiam e distribuíam entre si os respectivos frutos. Terreiro espaçoso em volta de casa de habitação”. (Michaelis Dicionário de Português online, disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/>

A igreja ligava-se à rua 26 de Agosto e, em 1922, com o crescimento da cidade, foi substituída por um novo templo, que passou a ser a matriz de Santo Antônio, administrada por padres salesianos. Na sequência, apresentam-se algumas imagens da igreja de Santo Antônio:

Figura 7 - Capelinha de Santo Antônio



Fonte: Revista ARCA - Campo Grande – imagens da história, nº 15, 2011, p. 13.

Figura 8 - Segunda Igreja de Santo Antônio –1922



definicao/rossio%20_1039218.html>. O rossio designa a primeira planta de Campo Grande, elaborada pelo engenheiro Nilo Javari Barém, em 1909.

Fonte: Arquivo Histórico de Campo Grande. Disponível em: <http://www.capital.ms.gov.br/arca/galerias>, acessado no dia 07 de outubro de 2013.

Figura 9 - Igreja Matriz de Santo Antônio – Década de 1930



Fonte: Arquivo Histórico de Campo Grande. Disponível em: <http://www.capital.ms.gov.br/arca/galerias>, acessado no dia 07 de outubro de 2013.

Figura 10 - Atual Igreja de Santo Antônio de Campo Grande



Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/36984069>, acessado no dia 28 de junho de 2014.

2.5 As primeiras fazendas

Depois dos primeiros ranchos e da construção de novas moradias e da igrejinha, no ano de 1889, algumas famílias fundaram algumas fazendas próximas ao núcleo primitivo do povoado que, de acordo com Zardo (1999, p.28), proporcionaram sustentação sócio-econômica ao povoado. São elas:

- Fazenda Bom Jardim, de propriedade de José Antônio Pereira;
- Fazenda Bálsamo, de Antônio Luiz Pereira (filho de José Antônio Pereira), situada próximo ao córrego Bálsamo, onde hoje se situa o museu José Antônio Pereira;
- Fazenda Bandeira, do outro filho de José Antônio Pereira, na região que atualmente corresponde às áreas do Jardim Pauslista até o Guanandizão e Vila Piratininga;
- Fazenda de Manoel Vieira, genro de José Antônio Pereira, situada às margens do Lageado, correspondendo na atualidade aos bairros Jardim Campo Nobre, Jardim Sumaré, Parque Lageado e parte do Aero-Rancho;
- Fazenda dos irmãos Antônio e Manuel Gonçalves, genros de José Antônio Pereira, próximas ao córrego Três Barras, região que atualmente abrigam bairros que se localizam na saída para Três Lagoas;
- Fazenda Cachoeira, de Wenceslau José Martins, que margeia o Rio Anhanduí;
- Fazenda Campo Alegre, mais ao Sul do rio Anhanduí, de propriedade de Joaquim Vieira Meneses;
- Fazenda Retiro da Cachoeira, de João Azevedo dos Santos;
- Fazenda dos Taveira, à margem do córrego Botas;

- Fazenda Serradinho, de Manoel Inácio de Sousa, que compreendia as áreas que margeiam a esquerda do córrego Embirussú, desde a sua cabeceira até o encontro com o asfalto da saída para Sidrolândia.
- Fazendas Estiva, Esperança, Salto e Alagoas, dos Rezende.

De acordo com Machado, os novos fazendeiros se dedicaram à criação de gado, tornando a pecuária uma atividade essencial para o crescimento da economia sul-mato-grossense. Ainda, segundo o autor, esses fazendeiros

[...] trabalhavam igualmente no povoado. Melhoravam as habitações, todas de pau-a-pique e taipa. Capinavam os caminhos e pátios. Plantavam pomares e hortas. Criavam pequenos animais e domesticavam as vacas para o consumo do leite. As habitações reuniam-se numa única rua, a futura 26 de Agosto, nas imediações das margens do córrego, que eram alagadiças e cheias de espinhos. Por isso, resolveu-se o problema do abastecimento com um rego d'água volumoso, que corria em nível pouco superior, onde é hoje a Rua 15 de Novembro, e daí todos rasgavam arroios de ligação às suas casas. (MACHADO, 1990, p.20).

2.6 A importância da hidrografia para Campo Grande

O município de Campo Grande representa um divisor de águas, cujos córregos alimentam duas importantes bacias hidrográficas do país. A maior parte do território do município está inserida na Bacia Hidrográfica do Rio Paraná e apenas uma pequena parte da porção Noroeste do seu território pertence à Bacia Hidrográfica do Rio Paraguai. A cidade de Campo Grande segue a tendência do Estado de Mato Grosso do Sul, como esclarece Tavares (2004, p.71):

[...] a primeira [bacia do Paraná] é formada pelo Rio Paraná, que é o maior dos platinos, mais seus afluentes e subafluentes. Os principais afluentes do rio Paraná, que servem de limite entre o Mato Grosso do Sul e os estados de São Paulo e Paraná são: Aporé, Sucuriú, Verde, Pardo, Anhanduí, Ivinhema, Amambaí e Iguatemi, localizados à margem direita do rio. Já a segunda é formada pelo rio Paraguai, seus afluentes e subafluentes. Os principais afluentes desse rio que percorrem solo sul-mato-grossense são: Cuiabá, Taquari, Negro, Miranda, Aquidauana e Apa, todos na margem esquerda.

Em se tratando da rede hidrográfica do município, nos primeiros anos da existência do Arraial de Santo Antônio de Campo Grande, os moradores abasteciam-se de água por meio de um rego que aproveitava a declividade do terreno. Os regos d'água também eram utilizados como demarcação de limites entre as propriedades, pois as terras eram delimitadas

por valas inundadas de água. Próximo ao córrego Prosa, o terreno era como um mangue com vegetação espinhosa. As primeiras casas foram construídas acima das margens do córrego, esboçando o alinhamento da primeira rua da cidade, a atual 26 de Agosto, antiga Afonso Pena, e conhecida popularmente como a “Rua Velha”.

Na verdade, a preocupação com a identificação das fontes de água se manifesta desde o início da urbanização da cidade. A primeira planta do Rossio da vila de Campo Grande, por exemplo, registra os cursos d’água que se espalhavam pelo espaço onde foi sendo erigida a nova cidade. Com o decorrer do tempo e o processo de urbanização, os córregos do centro da cidade foram sendo canalizados para darem lugar a amplas avenidas. Desse modo, a cidade expandiu-se de forma radical nos entornos das nascentes desses córregos.

O Segredo e o Prosa são os principais córregos que cortam a cidade, por serem os maiores em extensão, e juntos, fornecem as primeiras correntes de água do rio Anhanduí, o principal curso d’água do município. A rede hidrográfica de Campo Grande está distribuída em 11 microbacias⁹, porém, a carta de drenagem da cidade, documento oficial que delimita a rede hidrográfica do município, aponta apenas 10 microbacias, a saber: Bandeira, Prosa, Anhanduí, Lageado, Gameleira, Bálamo, Imbirussu, Botas-coqueiro, Segredo e Lagoa. Essas microbacias abrigam 33 córregos que banham o perímetro urbano de Campo Grande.

É preciso assinalar que, no começo da urbanização de Campo Grande, os córregos representavam um obstáculo para o crescimento da cidade, como ocorreu com o córrego Segredo que durante anos dificultou a expansão urbana para além da linha férrea. Os moradores do bairro Amambaí, o mais antigo da cidade, precisavam usar pinguelas para atravessarem esse córrego. No córrego Prosa, também havia o mesmo problema, porém existia a ponte da antiga rua Y-Juca Pirama, atual Marechal Cândido Mariano Rondon, que amenizava a situação. No próximo tópico, serão citados alguns pioneiros de grande importância para a história de Campo Grande.

2.7 Os pioneiros

⁹ “Conjunto de terras drenadas por um rio e seus afluentes, formada nas regiões mais altas do relevo por divisores de água”. (TEODORO, 2007, p. 138). Retirado de: http://www.uniara.com.br/revistauniara/pdf/20/RevUniara20_11.pdf

Além de José Antônio Pereira, a partir de 1879, chegaram à localidade a família dos Rezende, os Lino, Alves e outras famílias vindas de Minas Gerais, dando à Campo Grande uma essência mineira. Isso porque “os já afamados campos da Vacaria eram sofregamente procurados por todos quanto almejavam uma gleba para criação de gado, indústria esta que foi a base econômica do nascente povoado” (RODRIGUES, 1980, p.49).

Eis alguns dos nomes de pessoas que se destacaram por se dedicar ao desenvolvimento social e econômico de Campo Grande foram: Bernardo Franco Baís, Francisco Mestre, João Correa Leite, Manoel Inácio de Souza, José Vieira Damas, João Antunes Nascimento, Joaquim Vieira de Almeida, dentre outros (RODRIGUES, 1980, p.50).

Por volta de 1894, o primeiro comerciante árabe, Amim Scaff, chega a Campo Grande. Posteriormente, chegaram Joaquim e Moisés Maluf,arão Abalem, Felipe e Salomão Saad. Também nessa primeira década ali aportaram Salim Maluf, Felix Abdalla, Eduardo Contar, João Siufi, Chaia Jacob, Aikel Mansour, dentre outros (ZARDO, 1999, p.33).

Um nome que particularmente se destacou na formação de Campo Grande foi o árabe Abrão Julio Rahe, que chegou à cidade em 1908 e em 1911 se estabeleceu na rua 26 de Agosto, onde montou um pequeno bolicho na baixada da rua 14 de Julho (ZARDO, 1999, p.33).

Os os árabes como comerciantes na área central e como mascates nas fazendas, e os japoneses, como hortifrutigranjeiros nos arredores da cidade e feirantes, exerceram um papel fundamental para o desenvolvimento da cidade. Culturalmente,

[...] presença de árabes e japoneses em Campo Grande tem uma importância tão marcante que, até a década de 1970, era comum ouvir dos moradores do lugar e definição de Campo Grande como uma ilha de turcos cercada de japoneses por todos os lados. (OLIVEIRA NETO, 2003, p.84).

Com o crescimento do comércio, a cidade virou atração de estrangeiros. Costa (1999, p.75) afirma que em 1930 já eram significativas as colônias árabe, japonesa, italiana, portuguesa, espanhola etc, na cidade de Campo Grande:

Os costumes dessas raças, aliado aos dos brasileiros de tantos rincões e aos dos paraguaios aqui residentes, deram a Campo Grande um estilo diferente, refletindo tais costumes em uma cultura diferenciada, arquitetura variada, resumindo-se numa imagem que agrada a todos que aqui chegam e se surpreendem com esta original Babel que deu certo (COSTA, 1999, p.75).

Os italianos também aportaram em Campo Grande. A esse respeito, Machado (1990, p.123) destaca que o primeiro italiano a chegar a Campo Grande foi Bernardo Franco Baís, membro da família Baís, tradicional de Campo Grande, que se destaca, sobretudo, no campo das artes. Bernardo se dedicou durante muitos anos ao comércio ambulante, até montar seu estabelecimento na rua 26 de Agosto, investindo em lotes do Rossio. Com o desenvolvimento do comércio, surge a necessidade de uma organização do espaço urbano de Campo Grande. A respeito disso, os próximos tópicos tratarão da questão urbana da cidade.

2.8 Perfil urbano de Campo Grande/MS

Desde o seu surgimento em 1872, o povoado que deu origem à cidade de Campo Grande teve algum tipo de normatização, que orientou as relações entre os moradores e o espaço que habitavam. Como explica Oliveira Neto (2005, p.42), “até aquele momento, a Vila dos Pereiras, como era conhecido o lugarejo, não passava de uma porção de ranchos, que embora alinhados um ao lado do outro, tomando o formato de uma única rua, não apresentava qualquer característica urbana”.

A respeito da localização de Campo Grande dessa época, Oliveira Neto (2005, p.43) explica que,

Embora Campo Grande estivesse situada num cruzamento de rotas de circulação, comunicação e conseqüentemente trocas, e tivesse os portos de Corumbá e Concepción como principais fornecedores de mercadorias e a cidade de Uberaba como o local para onde destinava-se o gado produzido na região, ainda eram pequenas as relações urbanas no interior da vila, assim como dos seus habitantes com aqueles dos vilarejos vizinhos. Deste modo, a ausência de um comportamento urbano mais afetivo no conjunto dos habitantes do lugarejo impedia o surgimento de novas necessidades coletivas e a conseqüente constituição de um mercado de trocas mais intenso, tanto no interior da vila, quanto com as outras poucas localidades existentes ao sul do imenso território mato-grossense até o fim do século XIX.

Desde a chegada de José Antônio Pereira com o seu grupo (21 de junho de 1872), quando se instalam na confluência de dois córregos que passaram a ser designados como córregos Prosa e Segredo, uma região desabitada do então “Campo Grande”, nos campos de Vacaria, os ranchos foram sendo construídos à margem direita de um dos cursos d’água, mais tarde denominado córrego Prosa. Em decorrência de um novo quadro econômico e do grande

numero de viajantes que passavam pelo povoado, teve início o desenvolvimento da localidade. Pela resolução nº 225, de 26 de agosto de 1899, foi elevada à categoria de vila, sendo criado o seu vasto município de 105.000 quilômetros quadrados, desanexado do de Miranda e incorporado à comarca de Nioaque. Em 1902 deu-se a implantação definitiva do município, com as primeiras eleições para intendente e no dia 16 de julho de 1918, a Vila de Campo Grande é elevada à categoria de cidade (OLIVEIRA NETO, 1999, p.35). Somente em 1909 é que novos logradouros foram criados, após a aprovação e execução de uma planta de expansão urbana elaborada pelo engenheiro Nilo Javari Barém.

De acordo com o site IBGE¹⁰ (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a formação administrativa de Campo Grande se deu da seguinte forma:

I) Distrito criado com a denominação de Campo Grande pela Lei n.º 792, de 23-11-1889, subordinado ao município de Nioque.

II) Elevado à categoria de vila com a denominação de Campo Grande, pela Resolução Estadual n.º 225, de 26-08-1899, desmembrado do município de Nioac. Sede na antiga vila de Campo Grande. Constituído do distrito sede. Instalada em 26-08-1889.

III) Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, a vila é constituída do distrito sede.

IV) Elevado à condição de cidade com a denominação de Campo Grande, pela Lei Estadual n.º 772, de 16-07-1918.

V) Em divisão administrativa referente ao no de 1933, o município é constituído do distrito sede.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2009.

No final de 1909, outro engenheiro, Themístocles Paes de Souza Brasil, capitão do exército e perito em matemática e em geometria, inicia a demarcação do Rossio de Campo Grande, definindo-o em 6.504 hectares sendo 222 na área urbana, 1.314 para a suburbana e 4968 para a zona rural.

Essa primeira planta de Campo Grande representava um projeto de expansão urbana, já que só havia moradores na atual rua 26 de Agosto, conhecida por muito tempo por “Rua

¹⁰ Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=500270&search=%7Campo-grande>.

Velha”, e posteriormente pelo nome Afonso Pena, em homenagem ao então Presidente da República, que aprovava o novo traçado da estrada de ferro que passava por Campo Grande. A rua 26 de Agosto, de acordo com Machado (1990, p.204) permaneceu por muitos anos sem nome, pois era a primeira e única rua do povoado. Iniciada a ocupação de outras ruas, “a primitiva era chamada de Rua Velha pelos campo-grandenses”. Assim,

Em 14 de janeiro de 1916, o vereador João Clímaco Vidal, um comerciante nascido em São Paulo, que aqui viveu muitos anos, propôs que fosse mudado o nome da avenida central da vila, que se chamava Marechal Hermes da Fonseca, para Afonso Pena, e a Rua Velha, que tinha o nome do preclaro presidente, para 26 de Agosto, lembrando a nossa emancipação política, que ocorrera nessa data do ano de 1899.

Machado (1990, p.108) explica que essa primeira rua, na planta, ficou inclinada em relação às demais, de tal forma que nos trabalhos de arruamento teve que ser dividida em dois segmentos, a partir do local em que se projetou uma pequena praça, denominada de Costa Marques, lembrando o primeiro governador de Mato Grosso que visitou Campo Grande. Esse bifurcamento deu origem às ruas Barão do Melgaço e Joaquim Murtinho. Algumas casas ficaram fora do alinhamento e permaneceram assim até serem substituídas por outras, devidamente posicionadas. As edificações eram de pau-a-pique, construídas em taipa, usando madeira da região e com apenas um pavimento.

O arruamento de Campo Grande obedeceu a figuras geométricas regulares de forma similar às demais cidades brasileiras. Machado (1990, p.109) relembra que o vereador José Vieira Damas, conhecido como Zeca Casemiro, mineiro de Belo Horizonte e um dos mais antigos moradores de Campo Grande, foi quem redigiu o projeto de aprovação do arruamento de Campo Grande:

“Art, 1º - Fica aprovado o plano de alinhamento das ruas e Praças desta Villa, de acordo com a planta confeccionada pelo cidadão dr. Nilo Javari Barém e apresentada pelo Sr. Intendente Geral interino do Município, cujas ruas e praças terão as denominações seguintes:

1º- Partindo-se do Sul ao Norte: a primeira rua, rua Affonso Penna, a segunda, 7 de setembro, a terceira, 15 de Novembro, a quarta, Avenida Marechal Hermes e a quinta rua (...)

2º - Do Nascente para o Poente: a primeira José Antônio; a segunda, 15 de Agosto; a terceira, Pedro Celestino; a quarta, 24 de fevereiro; a quinta, 13 de maio; a sexta, 14 de julho; a sétima, Santo Antônio; a oitava, Inhanduhy; a nona (...); e a Praça entre a Avenida Marechal Hermes e a rua 15 de Novembro (...)” (MACHADO, 1990, p.109).

De acordo com Weingartner (1995, p. 35), como a cidade de Campo Grande foi incluída no projeto definitivo da ferrovia, a companhia Noroeste do Brasil fez recomendações

para que a cidade tivesse o seu traçado segundo suas orientações, que previam a necessidade do estabelecimento de um centro para a localização de casas comerciais, residências e órgãos públicos, surgindo, então, o bairro Amambaí, o primeiro da cidade. Oliveira Neto (2005, p.82) se reporta a esse fato em sua obra “A rua e a cidade: Campo Grande e a 14 de julho”, afirmando que todos esses fatores foram importantes para que, em 1909, a Câmara Municipal determinasse:

Fica aprovado o plano para o alinhamento das ruas e praças desta villa, de acôrdo com a planta confeccionada pelo cidadão Dr. Nilo Javari Barém e apresentada pelo Senr. Intendente Geral interino do Município... que de imediato foi executada pelo projetista, sob a assistência de Amando de Oliveira que, a margem de qualquer cargo, era o pulso de ferro, orientado por uma inteligência lúcida, a mostrar ao vilarejo a senda do progresso paulista.. (grifos do autor).

Entre os anos de 1910 e 1920, Campo Grande ganha a construção dos quartéis e da estrada de ferro Noroeste do Brasil, abertura de clubes, cinemas, restaurantes e lojas, fatores estes que muito contribuíram para o crescimento das atividades comerciais e sociais da cidade. Com a regularidade do tráfego rodoviário, o trem passou a ligar Campo Grande com o resto do mundo, estabelecendo um novo paradigma de desenvolvimento para a cidade. Com isso,

A localização da estação ferroviária, ao norte da cidade, fez das ruas posicionadas no sentido norte-sul, os caminhos naturais de ligação entre o então centro do comércio, ou seja, a rua Velha e o local de chegada e partida dos trens. Dentre elas, foram destacando-se as ruas 14 de Julho e Santo Antônio – atual avenida Calógeras, que chegavam diretamente até a estação. Esse foi um fator de extrema importância, não só na estruturação urbana de Campo Grande, como na determinação do novo centro comercial e de sociabilidade, surgido em decorrência da execução da planta da cidade e reforçado pela chegada da ferrovia (OLIVEIRA NETO, 2005, p.59).

A antiga rua que ligava Campo Grande leste a oeste, a “Rua Velha” e posteriormente Avenida Afonso Pena, a expansão da cidade tornou-se uma via mais ao sul da cidade, pois novas ruas foram surgindo ao longo do tempo, principalmente após 1914, com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, mais ao norte da cidade. De acordo com Oliveira Neto (2005, p.59):

A localização da estrada ferroviária, ao norte da cidade, fez das ruas posicionadas no sentido norte-sul, os caminhos naturais de ligação entre o então centro do comércio, ou seja, a rua Velha e o local de chegada e partida dos trens. Dentre elas, foram destacando-se as ruas 14 de julho e Santo Antônio, atual avenida Calógeras, que chegavam diretamente até a estação. Esse foi um fator de extrema importância, não só na estruturação urbana de Campo Grande, como na determinação do novo centro comercial e de sociabilidade, surgido em decorrência da execução da planta da cidade e reforçado pela chegada da ferrovia.

Na virada do século XIX para o século XX, com a mudança do regime Imperial para o Republicano, vários problemas ocorreram nas cidades brasileiras, culminando em mudanças em muitas delas. Com os movimentos de criações de novas propostas urbanísticas e a necessidade de reformas das cidades brasileiras por motivos sanitários e econômicos, Campo Grande teve que adequar-se aos novos tempos (OLIVEIRA NETO, 2003, p.71). Assim, no final do século XX, ocorreram mudanças na parte da urbanização de Campo Grande, que podem ser observadas na primeira planta da cidade¹¹.

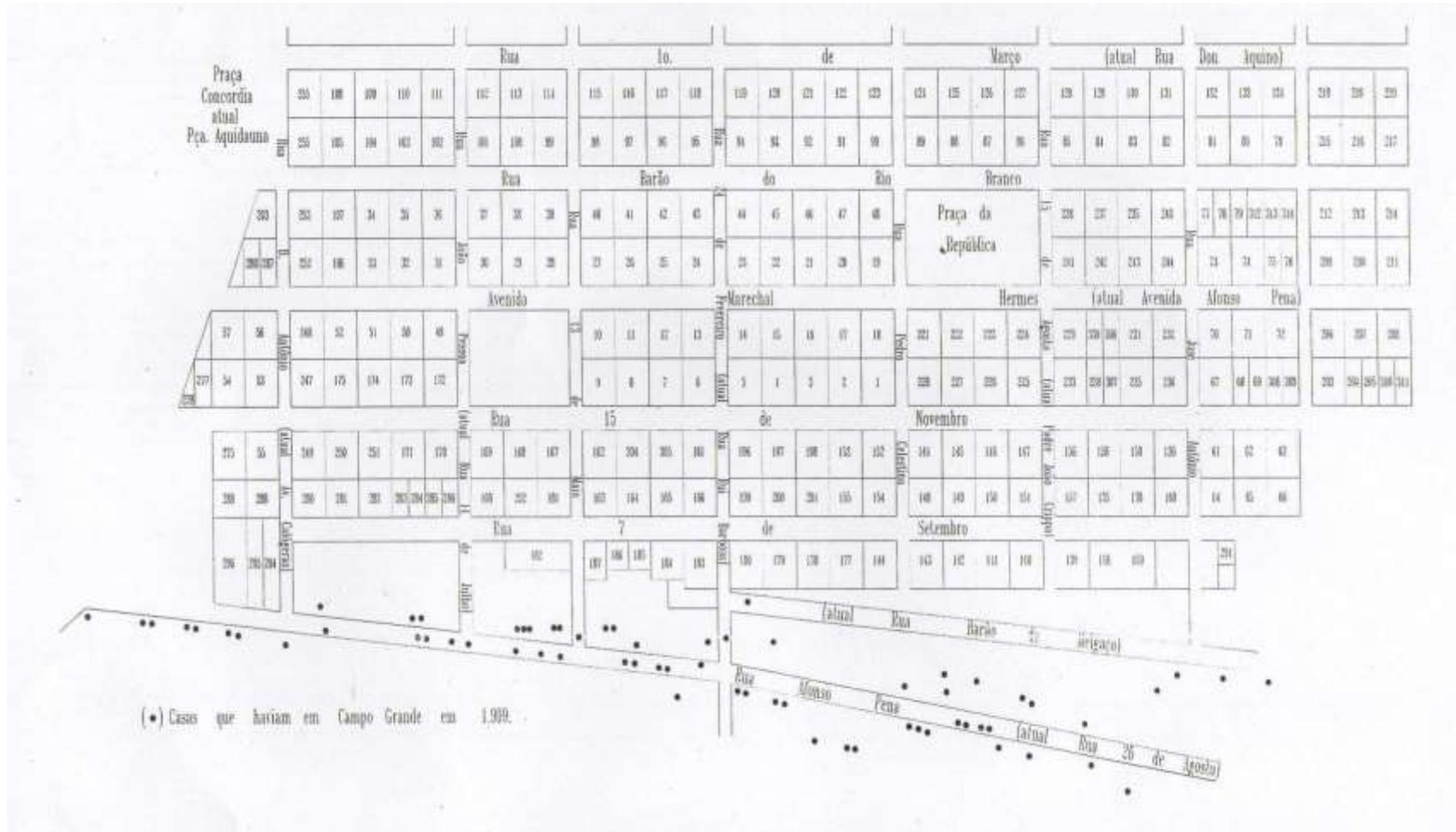
Essa proposta de planta, como explica Oliveira Neto (2003, p.72),

[...] buscava dar ao sonhado desenvolvimento do lugarejo, facilidade ao trânsito de pessoas, animais, veículos e mercadorias, ao mesmo tempo em que tinha cuidado com o seu arejamento e higienização, pois além das larguras das ruas, o projeto previa a construção de quatro praças, sendo três delas bastante amplas. Observa-se ainda que a atual avenida Afonso Pena, na época projetada para ser o principal logradouro da vila, tinha o formato de um bulevar e ligava duas das praças citadas, imitando formas européias, ao mesmo tempo em que reproduzia a preocupação com a higiene, pois estabelecia um espaço bastante arejado.

O traçado dessa planta em forma de tabuleiro de xadrez, de 1909, foi sendo modificado em todas as direções, porém foi mantida nos novos bairros e loteamentos, previsto no princípio de facilitar o fluxo de pessoas e veículos, proposta inicial da planta de Nilo Javari Barém. Segundo Oliveira Neto (1999, p.73), “isso fez com que o desenho geral de Campo Grande seja observado como um grande mosaico formado por inúmeros bairros com formato quadricular, ligados sempre ao centro da cidade por um grande número de largas avenidas”. Na página que segue, está disponibilizada uma reprodução da planta em questão (Fig. 11).

¹¹ Disponível na página 58 deste trabalho.

Figura 11 - Reprodução da planta do plano de alinhamento de ruas e praças, elaborado por Nilo Javari Barém, em 1909.



Fonte:

Arruda,

1997,

p.34.

Na década seguinte, entre os anos de 1920 e 1930, outro fator de desenvolvimento urbano marca a história da cidade de Campo Grande: a montagem do canteiro de obras da Companhia Construtora de Santos, que veio de São Paulo para a construção do complexo militar, que incluía os quartéis, o hospital e o bairro Amambaí.

Outro importante marco para a cidade de Campo Grande foi a construção da praça Ary Coelho, que entre os anos de 1920 e 1930, serviu como “instrumento de uso quase que exclusivo da elite local. Comportando coreto e pavilhão de chá com apresentações regulares de orquestra, a praça chegou a ser cercada e com horários estabelecido para funcionamento” (OLIVEIRA NETO, 2005, p.66). Ainda, segundo o mesmo autor, com o crescimento da cidade, essa praça assumiu sua verdadeira função de centro de fluxos e sociabilidade, como propunha a planta de Nilo Javari Barém. A Figura 12 traz a imagem da praça Ary Coelho no ano de 1922, conhecida na época como “Jardim Municipal”.

Figura 12 - Praça Ary Coelho em 1922.



Fonte: Arquivo Histórico de Campo Grande. Disponível em: <http://www.capital.ms.gov.br/arca/galerias>, acessado no dia 07 de outubro de 2013.

Em 1930, a cidade experimentava um crescimento significativo, pois, segundo Arruda (2006, p.79), a ação do comando militar, as forças revolucionárias getulistas, o poder dos interventores estaduais e a perspicácia de alguns governantes foram decisivos para o desenvolvimento da cidade e nessa nova fase,

[...] transformou Campo Grande num canteiro de obras e num celeiro de desenvolvimento, com as importantes construções do período Art Déco – sede dos Correios e Telégrafos, relógio e Obelisco, Vila Militar, os hotéis Americano, Rio Hotel e Colombo, e as Igrejas Santo Antônio, São José e Perpétuo Socorro; os colégios Dom Bosco e Auxiliadora; a Casa de Saúde Santa Maria e a nova Santa Casa; os cines Alhambra e Santa Helena além da nova estação ferroviária, o armazém e a vila com mais de 100 casas de ferroviários (ARRUDA, 2006, p.79).

A cidade, então, rompeu com os limites do perímetro urbano dos anos de 1940, alcançando nessa época seus 20 mil hectares. Arruda (2006, p.80) explica que a mancha urbana de Campo Grande que vinha evoluindo obedecendo ao Plano Diretor de 1941 e de diretrizes de traçados viários de 1921 nessa fase de desenvolvimento se perde numa forma espacial aberta, deixando imensos vazios entre a parte mais central, urbanizada, e os extremos periféricos.

Entre 1959 e 1970, mais de 57 mil novos lotes surgiram. No ano de 1979, com a transformação da cidade em capital de Mato Grosso do Sul, surgiu um novo quadro sócio-econômico na capital: mais de 15 mil casas foram erguidas nos anos de 1981 e 1985, com destaque para os bairros Moreninha 1, 2 e 3, Mata do Jacinto, Estrela do Sul, José Abrão e Novos Estados.

Atualmente, a população de Campo Grande passa dos 786.797 habitantes. No contexto nacional, Campo Grande é o 17º em volume populacional entre as capitais. De acordo com o Censo Demográfico de 2010, para cada 100 mulheres, havia em Campo Grande 94,5 homens, ratificando a série histórica do município com relação à predominância da composição feminina na composição por sexo. Além disso, sua área territorial já passa dos 8.092,951 km², dados confirmados pelo IBGE.¹²

¹² Site do IBGE. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/232V9>.

CAPÍTULO III - METODOLOGIA

3.1 Introdução

Neste capítulo, tratamos da metodologia utilizada para a execução desta pesquisa, que envolve o referencial teórico, a delimitação do espaço urbano em questão, algumas questões legislativas referentes à denominação de logradouros públicos da cidade, os métodos e procedimentos para a execução da pesquisa, os objetivos gerais e específicos e, por último, uma amostra dos modelos das fichas lexicográfico-toponímica que utilizamos como embasamento para a elaboração da utilizada neste trabalho.

Os nomes de ruas, de acordo com Dick (1996, p.133), representam “um ponto singular de atração da cidade, um verdadeiro microcosmo dentro do organismo maior do aglomerado urbano”. A toponímia urbana diferencia-se da toponímia rural por apresentar algumas características distintas em suas nomeações, como o predomínio de designativos motivados por nomes, prenomes e apelidos de famílias, os antropotopônimos, ou seja, “topônimos relativos aos nomes próprios individuais” (DICK, 1990, p.32).

Como já assinalado, este trabalho realiza um estudo de natureza linguístico-histórica dos topônimos urbanos de Campo Grande, mais especificamente os dos bairros da região Central, onde se localiza a maior parte das ruas planejadas no início da formação da cidade, por isso de significativa importância para a história da cidade e pretende ser mais uma contribuição para o conhecimento da realidade cultural campo-grandense, à medida que, além da análise taxionômica e formal dos designativos registrados em mapas oficiais da cidade, busca estabelecer a correlação entre os tipos de nomes atribuídos aos logradouros e a história de Campo Grande.

O caráter inovador da proposta recai no fato de ser a primeira pesquisa sobre a toponímia urbana de Campo Grande, considerando também o viés histórico, e está vinculada ao Projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul – Projeto ATEMS, em desenvolvimento na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) em parceria com mais 02 Instituições de Ensino Superior de Mato Grosso do Sul, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e Universidade da Grande

Dourados (UFGD). O produto da pesquisa representará mais uma contribuição para os estudos toponímicos sul-mato-grossenses.

3.2 O universo pesquisado

De acordo com a Divisão Territorial do Brasil¹³, a localização geográfica do município de Campo Grande é composta das seguintes divisões:

- 1) Grande região Centro-Oeste do Brasil;
- 2) Estado de Mato Grosso do Sul;
- 3) Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul;
- 4) Microrregião de Campo Grande, composta pelos municípios de Rio Negro, Corguinho, Rochedo, Bandeirantes, Jaraguari, Terenos e Sidrolândia.

O mapa que segue (Fig. 13) situa o município de Campo Grande no Estado de Mato Grosso do Sul, com destaque para a localização do município em análise:

Figura 13 - Localização do município de Campo Grande no Estado de Mato Grosso do Sul

¹³ Informações retiradas do site: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/territorio>, acessado em 20 de janeiro de 2014.



Fonte: Sauer, Campelo e Capillé (2012). Banco de Dados Geográfico. Disponível em <http://geogeral.com/h/m/b/brms.htm>, acessado no dia 24 de junho de 2014.

A região urbana do Centro de Campo Grande é a mais populosa da cidade se comparada às demais regiões urbanas, fato que pode ser explicado por essa região abrigar os maiores e mais antigos bairros de Campo Grande, onde há o maior número de parcelamentos urbanos da cidade. Os dados do quadro 2 confirmam o exposto, trazendo em números os dados relativos à densidade demográfica e população residente da Região Urbana do Centro de Campo Grande:

Quadro 2 - Densidade Demográfica da Região Urbana do Centro de Campo Grande

População residente	71.037
Homens residentes	32.482
Mulheres residentes	38.555
Mulheres de 15 a 49 anos (idade fértil)	20.435
Idade Média	38,21
Índice de Envelhecimento (%)	92,50
Razão de Sexo (%)	84,25
Razão Crianças/Mulheres (%)	151,26
Razão de Dependência Demográfica (%)	38,45
Proporção da População no Total do Município (%)	9,03
Tx. Média Geom. de Cresc. Anual 2007/2010 (%)	-1,37
Domicílios Particulares Permanentes	31.354
Média Moradores/Domicílio	2,27
Área (ha)	2.011,50
Densidade Demográfica (hab/ha)	35,32

Fonte: Prefeitura Municipal de Campo Grande. Disponível em <http://www.capital.ms.gov.br/egov/sisgran/geo/construtores/RegioesUrbanas.php?id=CENTRO>, acessado no dia 24 de junho de 2014.

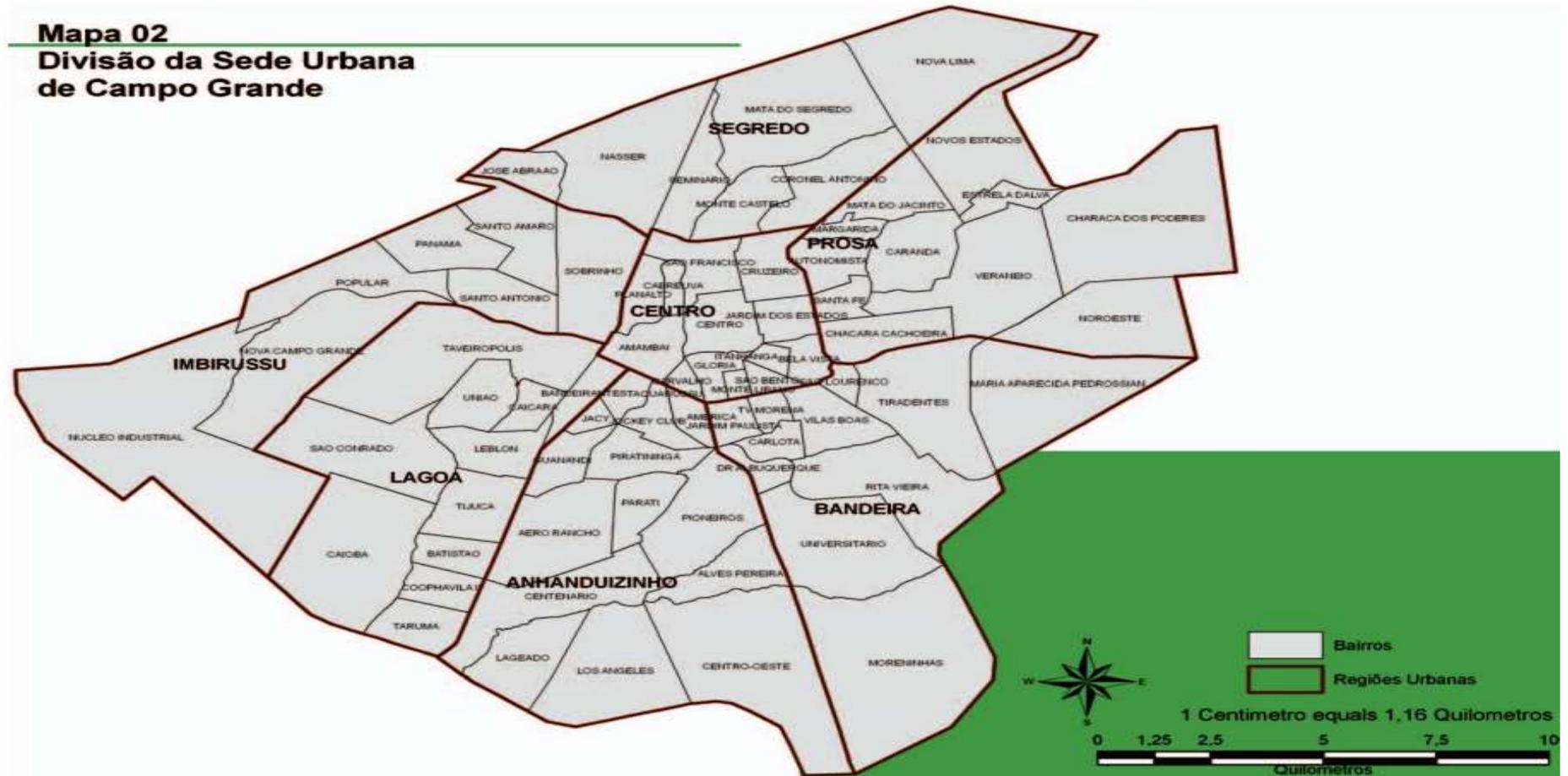
3.2.1 Regiões urbanas de Campo Grande

A cidade de Campo Grande, como já foi ressaltado anteriormente, começou a construir seu patrimônio urbano ainda na década de 1870, após a chegada dos primeiros habitantes. Em 1979 se transformou em capital de um novo Estado. De acordo com Arruda (2012, p.90),

[...] a cidade se transformou em capital de um Estado que queriam de modelo nacional, mas que não teve seus passos iniciais devidamente planejados. Com essa decisão governamental, a cidade interiorana – conservadora e economicamente forte- recebe migrantes de todas as partes do país, vindos para o mais novo eldorado brasileiro: a capital do novo Estado de Mato Grosso do Sul.

No ano de 1987, foi criado o Instituto Municipal de Planejamento Urbano e Meio Ambiente e do Conselho Municipal de Desenvolvimento e Urbanização e a década de 1980 se encerra com novas leis novas e regras para o setor imobiliário e para as bases de um Plano Diretor que foi elaborado em 1991 e aprovado em 1995. Esse plano dividia a cidade em sete regiões urbanas, como demonstra a Figura 14 na página que segue:

Figura 14 - Campo Grande, suas regiões urbanas e bairros



Fonte:

Sauer

Leandro,

2012,

p.

19.

Atualmente, Campo Grande possui 94 bairros, distribuídos entre as seguintes regiões urbanas:

Quadro 3 - Regiões urbanas e bairros de Campo Grande/MS

REGIÃO URBANA	BAIRROS
Centro	Amambaí, Bela Vista, Cabreúva, Carvalho, Centro, Cruzeiro, Glória, Itanhangá, Jardim dos Estados, Monte Líbano, Planalto, São Bento, São Francisco
Segredo	Coronel Antonino, José Abrão, Cerejeiras, Monte Castelo, Nasser, Nova Lima, Seminário, Presidente
Prosa	Autonomista, Carandá, Chácara Cachoeira, Chácara dos Poderes, Estrela Dalva, Margarida, Mata do Jacinto, Noroeste, Novos Estados, Santa Fé, Veraneio
Imbirussu	Ana Maria do Couto, Bosque Santa Mônica, Coopatrabalho, Indubrasil, Jardim Aeroporto, Jardim Carioca, Jardim Búzios, Jardim Itália, Jardim Imá, Nova Campo Grande, Núcleo Industrial, Panamá, Popular, Recanto dos Pássaros, Residencial Sagarana, Santo Amaro, Santo Antônio, Sayonara, Sílvia Regina, Sírio Libanês 1 e 2, Sobrinho, Vila Alba, Vila Almeida, Vila Palmira, Vila Doutor Jair Garcia, Vila Serradinho, Zé Pereira
Lagoa	Batistão, Caiçara, Caiobá, Coopavila II, Leblon, São Conrado, Taveirópolis, Tarumã, Tijuca, União
Bandeira	Albuquerque, Carlota, Cidade Morena, Jardim Paulista, Maria Aparecida Pedrossian, Rita Vieira, São Lourenço, Tiradentes, TV Morena, Universitário, Vilas Boas
Anhanduizinho	Aero Rancho, Alves Pereira, América, Centenário, Centro-Oeste, Guanandi, Jacy, Jockey Club, Lageado, Los Angeles, Parati, Pioneiros, Piratininga, Taquarussu

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados disponíveis no Site da Prefeitura Municipal de Campo Grande. Disponível em: <http://www.capital.ms.gov.br/egov/sisgran/geo/index.php?tabID=&campoID>, acessado no dia 24 de junho de 2014.

Para uma melhor interpretação dos dados registrados nos mapas da cidade de Campo Grande, fez-se necessário a busca de informações legais utilizadas pela Câmara Municipal

para definição das denominações urbanísticas da cidade. De acordo com a Lei 3.672, de 31 de dezembro de 2012, **Título I das disposições Gerais e Capítulo I dos objetivos e definições**, a cidade é assim delimitada:

- 1) Área urbana - parte de um município caracterizada pela edificação contínua e a existência de equipamentos sociais destinados às funções urbanas básicas, como habitação, trabalho, recreação e circulação, dotada de pelo menos duas infraestruturas construídas ou mantidas pelo Poder Público, quais sejam: canalização de águas pluviais, abastecimento de água, sistema de esgotamento sanitário, iluminação pública, escola primária ou posto de saúde a uma distância máxima de três quilômetros do local. (Capítulo LXXXV, p.2);
- 2) Região urbana - porções do território urbano referenciais para a descentralização das ações de planejamento e administração. (Capítulo LIII, p.2);
- 2) Bairros - áreas pertencentes às Regiões Urbanas organizadas para qualificar as condições de trabalho, circulação, recreação, moradia e as relações de cooperação em todos os tipos de atividades de vizinhança. (capítulo VIII, p.1);
- 4) Parcelamentos: qualquer divisão do solo, com ou sem abertura de vias de circulação, que resulte em novas unidades imobiliárias. (capítulo XLVIII, p.2).

A última legislação de Campo Grande, Lei número 5.291, de 08 de janeiro de 2014¹⁴, que delibera sobre a denominação e alteração de nomes de logradouros públicos, **Capítulo I das disposições Gerais, Capítulo II da Denominação e Capítulo III da Alteração**, estabelece as seguintes normas:

- I) Fica vedado atribuir o mesmo nome a mais de um próprio da mesma finalidade ou mais de um logradouro. (Capítulo I, artigo 1º, p.3);
- II) Servirá como meio de constatação legal o mapa oficial do município. (Capítulo I, artigo 1º, p.3);
- III) Fica vedado atribuir nome a próprios e logradouros públicos, cujas obras não estejam totalmente concluídas, salvo quando, comprovadamente de interesse público e subscrito pela Mesa Diretora desta Casa. (Capítulo I, artigo 1º, p.3);
- IV) É vedado atribuir a próprios¹⁵ e logradouros públicos nome ofensivo, discriminatório ou que possa ser motivo de chacota. (Capítulo II, artigo 2º, p.3);

¹⁴ Disponível em: <http://www.radaroficial.com.br/d/4802534996705280>

¹⁵ Não conseguimos identificar a definição da utilização do item lexical “Próprios”.

V) Quando a denominação recair sobre fatos, acontecimentos históricos ou datas significativas, estas designações somente serão atribuídas após o lapso de 05 (cinco) anos da sua ocorrência. Em caso de nome de pessoas o lapso será de 06 (seis) meses da data do óbito, devidamente comprovado com a juntada da certidão. (Capítulo II, artigo 3º, p.3);

VI) Somente em casos excepcionais, devidamente justificados e amplamente aceitos como tal, é que poderá ser atribuído o nome de pessoa estrangeira, que tenha contribuído com o progresso da humanidade. (Capítulo II, artigo 3º, p.3);

VII) Toda proposta de alteração de nome de logradouros públicos só poderá ser apresentada se o nome originário não tiver significância maior, depois de obtida a concordância de 2/3 (dois terços) dos moradores daquele logradouro, vedada a alteração que recair sobre nomes de pessoas. (Capítulo III, artigo 4º, p.3);

Para este trabalho, não foi considerada a subdivisão dos parcelamentos urbanos, uma vez que o foco de estudo foram os nomes de logradouros públicos, mais especificamente nomes de ruas, avenidas, travessas e praças, tomando como referência o universo mais amplo, ou seja, o bairro, sem a identificação do parcelamento a que se vinculam as ruas.

3.2.2 Região urbana do Centro

A região urbana do Centro é a mais antiga de Campo Grande. Nela se localiza o Horto Florestal no lugar onde o fundador de Campo Grande, José Antônio Pereira, se estabeleceu com a sua tropa em 1872 e ali construiu o primeiro rancho edificado no novo povoado que acabava de nascer. Retomando alguns dados históricos anteriormente mencionados, é preciso pontuar que, no final de 1977, José Antônio Pereira e outros moradores que já haviam se fixado no novo povoado, construíram a primeira igreja da cidade, também nessa época a antiga Rua Velha, a primeira rua da vila (atual 26 de Agosto) começa a ser ocupada por migrantes de várias partes do Brasil.

Após 1905, quando a Intendência Municipal aprova o primeiro código de posturas da cidade, o desenvolvimento da vila se intensifica e, em 1909, a pedido do Intendente Municipal, o engenheiro Nilo Javari Barém elabora a primeira planta urbana da vila, criando os quarteirões centrais situados, desde a rua Dom Aquino até a 26 de Agosto (Norte-Sul) e da Av. Calógeras até a rua Arthur Jorge (Leste-Oeste).

Com o fim da Guerra do Paraguai (1864-1870) e depois da chegada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (1914), a Campo Grande cresce consideravelmente, tanto

economicamente, como demograficamente. Com os trilhos, o progresso chega a Campo Grande, modificando a economia da cidade. Conforme Arruda (2012, p.96),

A Rua 14 de Julho, que não fora projetada para ser a mais importante da cidade, com a construção da estação e dos galpões da NOB no seu extremo norte, se vê impulsionada pelo desenvolvimento comercial. A partir dos anos de 1920, essa via se transforma na grande artéria urbana da cidade. A atual praça Ary Coelho (antigo Passeio Público), recebe calçada e outras benfeitorias. A cidade ganha seu segundo código de posturas, mais moderno e já dispendo de diretrizes urbanísticas para prolongamento de vias projetadas. Na década de 1920, também chegam as corporações militares e se instalam na parte oeste da cidade e lá é construído um grande complexo de edificações, formando a atual vila Militar e arredores.

A parte oeste da região tem o seu processo de urbanização iniciado nessa época, com a implantação do bairro Amambaí, projetado pelo engenheiro Camillo Boni. A partir de então, o processo de urbanização começou a progredir, principalmente com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que atraiu imigrantes de vários continentes, principalmente os árabes, italianos, espanhóis, japoneses, muitos deles se estabelecendo na rua 14 de Julho e se dedicando a diversas atividades comerciais.

Com o advento da Segunda Guerra Mundial (1936), “a parte sul de Mato Grosso passa a produzir e exportar carne bovina para a Europa, a preços aviltantes, com o previsível enriquecimento de vários produtos rurais. Com isso, a cidade ganha novo impulso.” (ARRUDA, 2012, p.97).

Nos anos de 1940 surgem vários bairros, dentre ele o Cascudo, e o processo de verticalização tem início nessa época com a construção do Edifício Olinda, na esquina da avenida Afonso Pena com a rua 14 de julho. A partir dos anos de 1950, a expansão se dá para a direção sul, “após a conclusão das obras da ponte sobre o Córrego Prosa, na rua 14 de Julho até os limites do cemitério Santo Amaro” (ARRUDA, 2012, p.97).

A partir dos anos de 1960, a região central da cidade assiste a um aumento considerável de prédios e edifícios e, em 1968,

[...] o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado, elaborado pela empresa Hidroservice Engenharia, propõe diretrizes urbanas que iriam alterar o desenho da área central, como a expansão da área reservada para a construção de edifícios, a estruturação de uma rede viária- Norte-Sul e Leste-Oeste – em função dos córregos existentes, e a localização das indústrias, dentre outras propostas (ARRUDA, 2012, p.96).

Na década de 1970, com a divisão do Estado de Mato Grosso e a transformação da cidade em capital do novo Estado, um novo quadro sócio-econômico se instaura e provoca um maior desenvolvimento urbano da área central da nova capital, com o aumento de estabelecimentos comerciais, de agências bancárias e de órgãos públicos. Com o surgimento do Plano de Estruturação Urbana, do arquiteto Jaime Lerner, em 1977, várias transformações foram realizadas na área central da cidade (ARRUDA, 2012, p.97).

Já nos anos de 1980, a área central passa a se interligar com outras áreas da cidade, como a região leste, com a continuidade da Avenida Afonso Pena em direção ao Parque dos Poderes. Nessa época ainda ocorreu o início da canalização do córrego Prosa, que proporcionou novas condições de urbanização para os bairros Cabreúva, Monte Líbano, dentre outros. Além disso, outros bairros surgem nessa década (Bela Vista, São Bento, Vendas e arredores) interligando a parte sul da região com a Av. Eduardo Elias Zahran (ARRUDA, 2012, p.98).

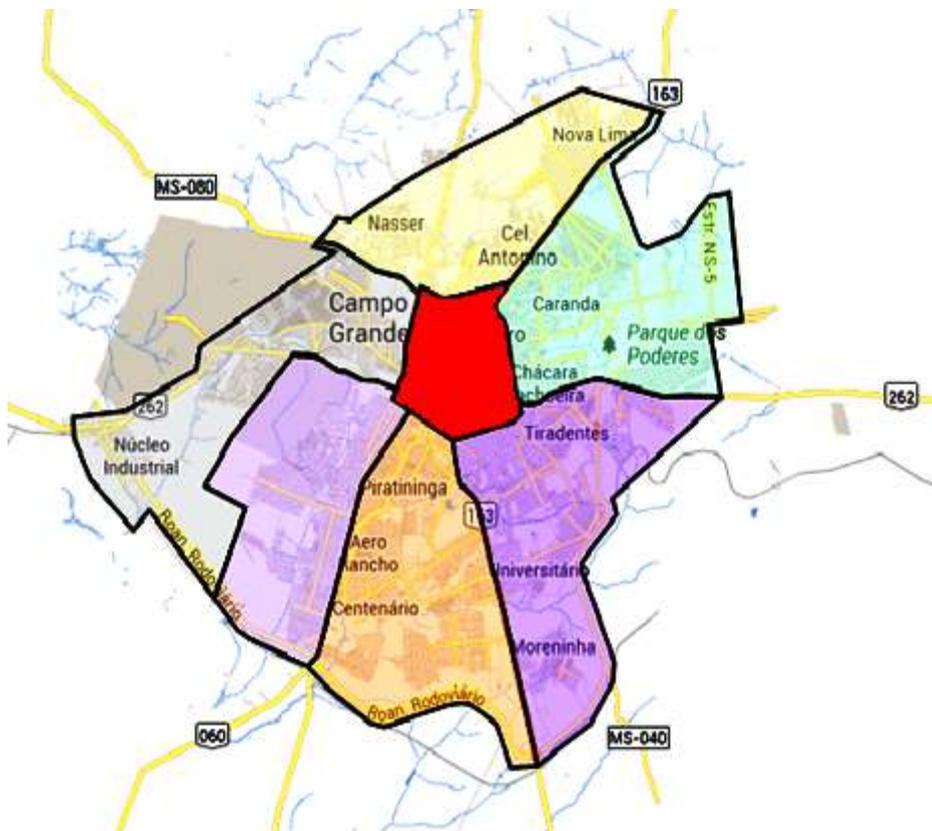
Como informado no quadro 2, a região urbana do centro abriga os seguintes bairros: Glória, São Francisco, Planalto, Carvalho, Amambaí, Cabreúva, Itanhangá, Bela Vista, Monte Líbano, Centro, Jardim dos Estados, Cruzeiro e São Bento. Desses bairros, o mais antigo é o Amambaí, com 13 mil habitantes, seguido do Cruzeiro, com 12.415 e do São Francisco, com 13.364.

Essas informações históricas acerca da região Central de Campo Grande justificam a opção desta pesquisa pela região do centro da cidade: local antigo, onde se inicia o processo de urbanização e o progresso econômico da capital sul-mato-grossense. O Centro define-se, então, como,

[...] local de início da cidade e nele está sua certidão de nascimento, sua história e o núcleo de desenvolvimento da cidade. As ruas mais conhecidas estão no centro, como a primeira delas – a 26 de Agosto, a 14 de julho e a nossa grande avenida, a Afonso Pena. O patrimônio histórico da cidade, em grande parte, está nessa região (ARRUDA, 2012, p.99).

A figura 10, a seguir, ilustra a divisão do perímetro urbano de Campo Grande, com todas as regiões urbanas da cidade, com destaque para a região urbana do Centro, aqui estudada:

Figura 10 - Região urbana do Centro de Campo Grande, com destaque para a região Central.



Fonte: Elaborado pela autora, com base no site da Prefeitura Municipal de Campo Grande, disponível em: <http://www.capital.ms.gov.br/egov/sisgran/geo/index.php?tabID=&campoID>.

3.3 Métodos e procedimentos

Após a delimitação do espaço geográfico estudado e o fornecimento de informações históricas acerca da região urbana do Centro de Campo Grande, trazemos neste tópico os métodos e procedimentos utilizados nesta pesquisa, que tem como objetivo geral, i) estudar os nomes de logradouros públicos da região central da cidade de Campo Grande, a partir de mapas oficiais. Como objetivos específicos, o estudo pretendeu i) catalogar os nomes de logradouros (ruas, avenidas e praças) dos bairros localizados na região central de Campo Grande; ii) catalogar os nomes de logradouros (ruas, avenidas e praças) dos bairros

localizados na região central de Campo Grande; iii) analisar os topônimos catalogados do ponto de vista etnolinguístico, taxionômico, morfológico e histórico e iv) identificar possíveis causas denominativas dos topônimos estudados com base na memória histórica da cidade de Campo Grande.

Vale salientar que, para o desenvolvimento desta pesquisa, foi imprescindível a leitura do livro de Dick (1996), “A dinâmica dos nomes da cidade de São Paulo 1554-1897”, que apresenta um levantamento dos motivos formadores da toponímia paulistana no período quinhentista e oitocentista, definindo o comportamento da toponímia antiga de São Paulo, que a pesquisadora convencionou chamar de referenciais, ou seja, os topônimos que integram o campo físico (hidrotopônimos, geomorfotopônimos, litotopônimos e fitotopônimos) e o antropocultural (hieró e/ou hagiotopônimos, antropotopônimos, animotopônimos e historiotopônimos sociotopônimos). A autora, por meio de estudo comparativo dos denominativos catalogados, verificou que os nomes correlacionados aos aspectos antropoculturais foram quantitativamente mais relevantes e evidenciam a forte influência religiosa no início da formação da cidade de São Paulo.

Além desse estudo, vale mencionar dois trabalhos sobre toponímia urbana relativos a capitais brasileiras. O primeiro, uma tese de doutorado também sobre a toponímia de São Paulo, intitulada “A Rede Ferroviária e a Urbanização da Freguesia do Brás: estudo Onomástico Contrastivo”, defendida em 2007 por Alessandra Martins Antunes, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Na pesquisa, foi aplicada a metodologia de recuperação de causas denominativas do Projeto Atlas das Cidades, coordenado por Dick (1996), à toponímia da freguesia do Brás. O segundo trabalho diz respeito à dissertação de Mestrado “A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente”, defendida por Zuleide Ferreira Filgueiras, em 2011, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, que analisou a influência italiana nos nomes de logradouros públicos da cidade de Belo Horizonte.

Considerando os objetivos desta pesquisa, buscou-se respaldo teórico-metodológico na Linguística, em especial nas teorias sobre o léxico e, conseqüentemente, nas ciências onomásticas, teorias sobre a Toponímia, especialmente, a de Dick (1990; 1992; 1996, 1998; 1999; 2006) para a toponímia brasileira. Além disso, dado o caráter interdisciplinar da pesquisa, para a interpretação dos dados, foram buscadas informações também em fontes

relacionadas às Ciências Humanas, como a História, a Geografia e a Antropologia, dentre outras.

Como fonte de dados, foram utilizados os mapas da cidade de Campo Grande, escala 1:30000, documentos que apresentam os nomes de ruas e avenidas que constituíram o corpus da pesquisa. Além dos mapas, foram necessárias consultas bibliográficas sobre a história do município e da cidade de Campo Grande, além de Atas da Câmara Municipal. Esses documentos registam nomes de ruas e avenidas, e forneceram informações para o corpus da pesquisa.

Vale ressaltar que os mapas aqui considerados como fonte primária dos dados, são vistos neste trabalho como texto, por produzirem sentido, sujeito a interpretação. Dessa forma, podemos deduzir que os nomes das ruas inseridos em um mapa “congela” a memória histórica de um povo.

As informações sobre os mapas, planta da cidade, atas e documentos sobre a história do município foram obtidas no Arquivo Histórico de Campo Grande (ARCA), no Instituto Municipal de Planejamento Urbano (PLANURB) e na Câmara Municipal dos Vereadores.

A pesquisa tem cunho quantitativo e qualitativo. A análise quantitativa considera o tratamento estatístico dos dados, expressos em tabelas, gráficos acerca dos vários aspectos analisados (língua de origem, classificação taxionômica, estrutura morfológica). Já a análise qualitativa contempla a análise da motivação semântica dos designativos e a relação entre as camadas toponímicas e a história social da cidade de Campo Grande.

Para a sistematização dos dados inventariados, foram utilizados quadros contendo elementos da ficha lexicográfico-toponímica de Dick (2004) (Fig. 15), com elementos acrescidos por Dargel (2003) (Fig. 16) e pela autora desta pesquisa (Fig. 17):

Figura 15 - Modelo elaborado por Dick (2004) para o projeto ATESP

Localização – Município: _____
Topônimo: _____ A.G.: _____ Taxionomia: _____
Etimologia: _____

Entrada Lexical: _____

Estrutura Morfológica: _____

Histórico: _____

Informações Enciclopédicas: _____

Contexto: _____

Fonte: _____
Pesquisador: _____ Revisor: _____
Data de Coleta: _____

Fonte: Dick, 2004, p. 130.

Figura 16 - Modelo elaborado por Dargel (2003)

Município	Acidente	Topônimo	TA	VCL	L. de Origem	Classificação Taxionômica	E. M. do Topônimo
Água Clara	Distrito	Bela Alvorada	AH		LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
Água Clara	Ribeirão	Boa Vista	AF		LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
Água Clara	Ribeirão	da Mutuca	AF	Mutuca Motuca	LT	Zootopônimo	Simple

Fonte: Dargel, 2003, p.84.

Figura 17 - Modelo do quadro utilizado neste trabalho

Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Avenida	Calógeras		Português	Antropotopônimo	Simple	Essa rua teve como primeira designação Rua de Santo Antônio. A atual denominação presta homenagem a João Pandiá Calógeras, engenheiro que foi eleito deputado federal por várias vezes. (ALBUQUERQUE, 2006, p.83).
Avenida	Fernando Correa da Costa		Português	Antropotopônimo	Composto	O nome presta uma homenagem ao médico e político mato-grossense Fernando Correa da Costa, natural de Cuiabá-MT, foi governador de Mato Grosso, senador e o primeiro prefeito eleito de Campo Grande após o período ditatorial de Getulio Vargas. Em sua gestão como prefeito, asfaltou a rua 14 de julho até a avenida Mato Grosso e diversas quadras de suas transversais. A sua administração teve grande repercussão em

Fonte: Elaboração da autora.

Para a elaboração da ficha lexicográfico-toponímica deste trabalho, destaca-se, especialmente, a metodologia definida por Dick (2004), adaptada ao formato de quadros, com as devidas adaptações, a saber: 1º) coluna com elemento geográfico nomeado disposto em ordem alfabética; 2º) coluna para o registro do topônimo catalogado em estudo; 3º) coluna destinada a etimologia dos topônimos de base indígena; 4ª) coluna para o registro da língua de origem do topônimo; 5º) coluna destinada ao registro da classificação taxionômica, segundo Dick (1990); 6ª) coluna para registro da estrutura formal do topônimo e 7ª) coluna para registro de informações enciclopédicas e/ou legislativas quando disponíveis nas fontes consultadas, e especial o site da Câmara Municipal de Campo Grande¹⁶.

Para subsidiar a análise linguística dos dados, foram consultados sistematicamente dois dicionários de Língua Portuguesa: Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, de Antônio Houaiss (2001) e Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986), e três dicionários de línguas indígenas: Dicionário Guarani-Português, de Luiz Caldas Tibiriça (1985) e (1997); Dicionário O Tupi na Geographia Nacional, de Theodoro Sampaio (1928) e Dicionário histórico das palavras portuguesas de

¹⁶ Site da Câmara Municipal de Campo Grande: <http://www.camara.ms.gov.br/?secao=legislacoes>.

origem Tupi, de Antônio Geraldo da Cunha (1989). No capítulo a seguir, serão expostos os dados dos 13 bairros estudados nesta pesquisa.

CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Os dados analisados foram organizados por meio de quadros, com vistas a garantir uma melhor visualização dos dados de cada bairro que compõe o universo da pesquisa. Ratificando o que já foi exposto no capítulo metodológico, os elementos que compõem os quadros foram, em uma maioria, obtidos da ficha lexicográfico-toponímica, elaborada por Dick (2004), explicada no capítulo anterior.

O quadro 4 traz o resumo das informações obtidas nos 13 bairros em estudo: data de criação do bairro, total de topônimos e quantidade de topônimos por acidente geográfico:

Quadro 4 - Informações dos 13 bairros em estudo.

BAIRRO	DATA DE CRIAÇÃO	TOTAL DE TOPÔNIMOS	TOTAL DE AVENIDAS	TOTAL DE RUAS	TOTAL DE TRAVESSAS	TOTAL DE PRAÇAS
Glória	1948	32	3	23	6	0
Amambaí	1921	53	7	45	0	0
São Francisco	1949	30	0	28	0	2
São Bento	1959	30	3	24	3	0
Planalto	1958	60	7	51	1	1
Monte Líbano	1956	0	0	12	0	0
Jardim dos Estados	1938	49	5	45	3	1
Itanhangá	1946	34	1	33	0	0
Cruzeiro	1952	55	6	44	5	0

Centro	1951	32	2	24	0	6
Carvalho	1947	39	6	31	2	0
Cabreúva	1953	35	1	34	0	0
Bela Vista	1953	22	2	20	0	0

Fonte: Elaboração da autora.

4.1 Bairro Glória

Ano de fundação:1948

Classificação taxionômica: Antropotopônimo

Quadro 5 - Topônimos do bairro Glória da cidade de Campo Grande

Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Avenida	Calógeras		Português	Antropotopônimo	Simple	Essa rua teve como primeira designação rua de Santo Antônio. A atual denominação presta homenagem a João Pandiá Calógeras, engenheiro que foi eleito deputado federal por várias vezes. (ALBUQUERQUE, 2006, p.83).
Avenida	Fernando Correa da Costa		Português	Antropotopônimo	Composto	O nome presta uma homenagem ao médico e político mato-grossense Fernando Correa da Costa, natural de Cuiabá-MT, que foi governador de Mato Grosso, senador e o primeiro prefeito eleito de Campo Grande após o período ditatorial de Getulio Vargas. Em sua gestão como prefeito, asfaltou a rua 14 de julho até a avenida Mato Grosso e diversas quadras de suas transversais. A sua administração teve grande repercussão em todo o Estado (RODRIGUES, 1980, p.164).

Avenida	31 de Março		Português	Historiotopônimo	Composto	O nome dessa rua faz referência à data do Golpe militar ocorrido no Brasil.
Rua	José Alves Müller		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Liberdade, da		Português	Animotopônimo Eufórico	Simple	
Rua	24 de Outubro		Português	Historiotopônimo	Composto	Uma provável referência à data em que se comemora o “Dia das Nações Unidas”.
Rua	Doutor Cavalcanti		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	João Pedro de Souza		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Lucélia		Português	Antropotopônimo	Simple	
Rua	Padre João Crippa		Português	Axiotopônimo	Composto	É chamada inicialmente de rua 15 de Agosto, assim denominada em homenagem ao Padre salesiano João Crippa, que se dedicou à educação da juventude, tendo também trabalhado na inspetoria de Mato Grosso, dedicando-se aos índios bororo (SANTOS, 2006, p.39).

Rua	Calarge		Português	Antropotopônimo	Simples	
Rua	Professor Severino Ramos de Queiroz		Português	Axiotopônimo	Composto	Lei número 1508, de 15 de setembro de 1967, dá a rua Primeira, a denominação de Professor Severino Ramos de Queiroz. 17
Rua	Pedro Celestino		Português	Antropotopônimo	Composto	Desde o primeiro arruamento de Campo Grande, em 1909, a Rua Pedro Celestino recebeu esse nome em homenagem a esse vulto estadual. Pedro Celestino Correa da Costa foi presidente da Província de Mato Grosso no período de 1922 e 1926. Teve a alegria de ver, no final de seu governo, a inauguração da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil iniciar a penetração em terras mato-grossenses (LEAL, 2006, p 29).
Rua	13 de Maio		Português	Historiotopônimo	Composto	Uma provável referência à data em que se comemora a Abolição da Escravatura no Brasil.
Rua	14 de Julho		Português	Historiotopônimo	Composto	Antes da ferrovia Noroeste do Brasil, o vereador Miguel Garcia Martins, em homenagem à queda da Bastilha na França, propôs o nome de 14 de Julho para a principal artéria da capital atual, que era chamada simplesmente de Beco, porque ali existia um trilheiro deserto, curto e sem saída. (ALBUQUERQUE, 2006, p.80).

¹⁷ Fonte: http://www.sglweb.com.br/sgl005ms2009/arquivos_upload/lei/1058.pdf

Rua	Rui Barbosa		Português	Historiotopônimo	Composto	Essa rua que era denominada de rua 14 de Fevereiro, passa a se chamar Rui Barbosa em homenagem ao homem que tantos serviços prestou à nação brasileira. Com seu enorme prestígio, Rui Barbosa candidatou-se duas vezes ao cargo de Presidente da república, porém foi derrotado em ambas as vezes (LEAL, 2006, p 26).
Rua	Aeroviários, dos		Português	Sociotopônimo	Simple	
Rua	Antônio Correa		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Sebastião Lima		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Jornalista Belizário Lima		Português	Axiotopônimo	Composto	Lei número 1039, 16 de junho de 1967, dá a denominação de Rua Belizário Lima à atual Vila Central. ¹⁸
Rua	Luís Ceciliano Vilares		Português	Antropotopônimo	Composto	

¹⁸ Fonte: http://www.sglweb.com.br/sgl005ms2009/arquivos_upload/lei/1039.pdf

Rua	Santiago		Português	Antropotopônimo	Simples	
Rua	Doutor Aníbal de Toledo		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Doutor Mário Corrêa		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Ronaldo Monteiro		Português	Antropotopônimo	Simples	
Rua	Iria Loureiro Viana		Português	Antropotopônimo	Composto	
Travessa	Turmalina		Português	Litotopônimo	Simples	Provavelmente uma referência à pedra Turmalina, muito comum em granitos pegmatíticos, normalmente associado à Cassiterita.
Travessa	Begônias		Português	Fitotopônimo	Simples	Uma provável referência à begônia, planta nativa na América do Sul.
Travessa	Hortências, das		Português	Fitotopônimo	Simples	

Travessa	Hemosul		Português	Acronimotopônimos ¹⁹	Simples	Sigla de “Centro de Hematologia e Hemoterapia de Mato Grosso do Sul”.
Travessa	Arco-íris		Português	Meteorotopônimo	Composto	
Travessa	Eva		Português	Antropotopônimo	Simples	

Fonte: Elaboração da autora.

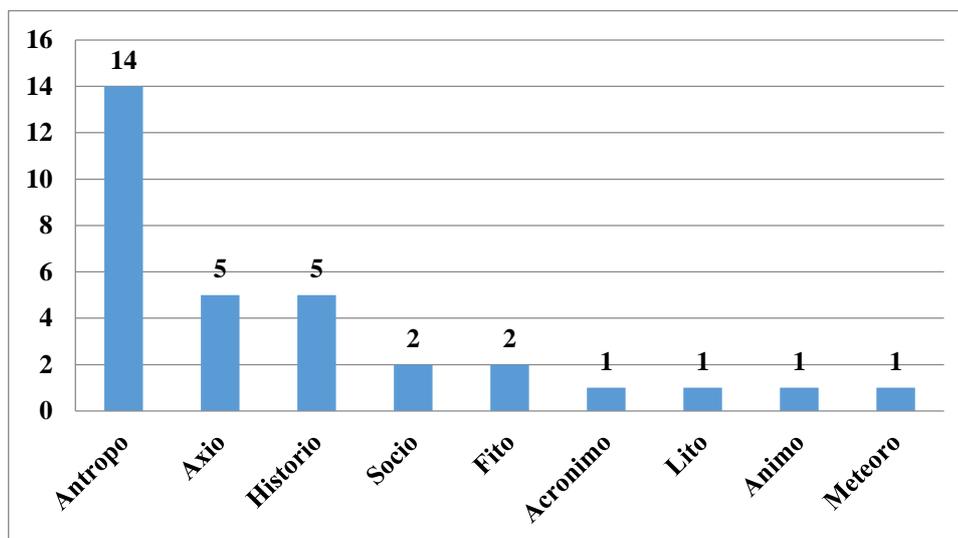
¹⁹ Taxe proposta pela equipe do Projeto ATEPAR para classificar topônimos formados por siglas, terminologia também adotada neste trabalho.

4.1.1 Análise quantitativa dos dados do bairro Glória

No bairro Glória, os topônimos de natureza antropocultural se sobressaíram em relação aos de natureza física. Os antropotopônimos foram a taxionomia mais recorrente no bairro, nomeando 13 logradouros públicos. Dentre os antropotopônimos registrados, apenas três designativos recuperam nomes: rua Santiago, rua Lucélia e travessa Eva; dois recuperam sobrenomes: rua Calarge e avenida Calógeras, e os demais incorporam onomásticos completos, a saber: avenida Fernando Correa da Costa, rua José Alves Müller, rua João Pedro de Souza, rua Antonio Correa, rua Sebastião Lima, rua Luís Ceciliano Vilarés, rua Ronaldo Monteiro, rua Pedro Celestino e rua Iria Loureiro Viana.

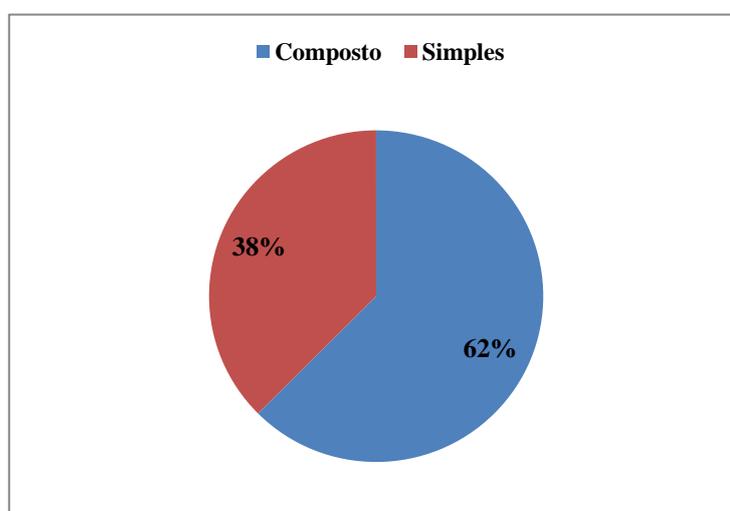
Os historiotopônimos aparecem com 5 ocorrências, 4 nomeando topônimos que remetem a datas históricas: 31 de Março, 24 de Outubro, 13 de Maio e 14 de Julho e 1 que remete a uma figura nacional, o topônimo Rui Barbosa. Segundo o modelo taxionômico de Dick (1990), classificamos como axiotopônimos: rua Doutor Cavalcanti, rua Doutor Aníbal de Toledo, rua Doutor Mário Corrêa, rua Professor Severino Ramos de Queiroz e rua Jornalista Belizário Lima.

Entre os sociotopônimos, destacamos a rua dos Aeroviários. As demais taxionomias: sociotopônimos (rua Professor Severino Ramos de Queiroz, rua dos Aeroviários, Jornalista Belizário Lima), fitotopônimos (rua Begônias, Rua Hortências), litotopônimos (travessa Turmalina), animotopônimos (rua da Liberdade), acronimotopônimos (travessa Hemosul) e meteorotopônimos (travessa Arco-íris), tiveram baixa recorrência, como ilustra o gráfico 1 na sequência:

Gráfico 1 - Taxionomias dos topônimos do bairro Glória de Campo Grande/MS

Fonte: Elaboração da autora.

Observa-se no gráfico acima que no bairro Glória predominam logradouros públicos com nomes motivados por fatores antropoculturais, enquanto os topônimos relacionados à natureza física, tiveram pouca relevância nesse bairro. Com relação à estrutura morfológica dos topônimos, os compostos sobressaíram com 20 ocorrências, contra 12 de estrutura simples, como se verifica no gráfico 2. Com relação às bases linguísticas, nesse bairro todos os topônimos catalogados são de base portuguesa.

Gráfico 2 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Glória de Campo Grande/MS

Fonte: Elaboração da autora.

4.2 Bairro Amambaí

Ano de fundação: 1921

Classificação taxionômica: Hidrotopônimo

Quadro 6 - Topônimos do bairro Amambaí da cidade de Campo Grande/MS

Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Avenida	Tiradentes		Português	Historiotopônimo	Simple	O nome da rua homenageia o mártir da Independência do Brasil, que nasceu na fazenda de Pombal, entre São José (hoje Tiradentes) e São João Del Rei, em Minas Gerais. Foi dentista, militar e ativista político com grande atuação no movimento da Inconfidência Mineira (RAVEDUTTI, 2006, p 72).
Avenida	Salgado Filho		Português	Historiotopônimo	Composto	O nome presta uma homenagem ao político brasileiro que se elegeu senador pelo Rio Grande do Sul. Nas eleições presidenciais de 1950, exerceu importante papel de ligação entre Vargas. Nesse mesmo pleito foi indicado, pelo PTB, candidato ao governo gaúcho. ²⁰

²⁰ Fonte: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/salgado_filho.

Avenida	Fernando Correa da Costa		Português	Antropotopônimo	Composto	O nome presta uma homenagem ao médico e político mato-grossense Fernando Correa da Costa, natural de Cuiabá-MT, que foi governador de Mato Grosso, senador e o primeiro prefeito eleito de Campo Grande após o período ditatorial de Getulio Vargas. Em sua gestão como prefeito, asfaltou a rua 14 de julho até a avenida Mato Grosso e diversas quadras de suas transversais. A sua administração teve grande repercussão em todo o Estado (RODRIGUES, 1980, p.164).
Avenida	Noroeste		Português	Cardinotopônimo	Simples	Este topônimo presta homenagem a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.
Avenida	Joaquim Dornelas		Português	Antropotopônimo	Composto	
Avenida	João Rosa Pires		Português	Antropotopônimo	Composto	
Avenida	Afonso Pena		Português	Historiotopônimo	Composto	Marechal Hermes, assim se chamava a avenida central da ainda vila de Campo Grande, porém o vereador Francisco Vital propôs que ela passasse a se chamar Afonso Pena em homenagem ao presidente que havia aprovado a ferrovia Noroeste do Brasil, que trouxe grandes benefícios para Campo Grande (FERNANDES, 2006, p 34).

Rua	Paissandu		Não identificada	Não classificada	Simples	
Rua	26 de Agosto		Português	Historiotopônimo	Composto	Esa rua passou a ser chamada pela população de “Rua Velha” devido à existência e surgimento de novas ruas. Contudo, foi oficialmente denominada de avenida Afonso Pena, em 1909, em homenagem ao Presidente da república, por aprovar o novo traçado da Estrada de Ferro. Sete anos depois, foi aprovada a mudança do nome da rua Afonso Pena para rua 26 de Agosto, em homenagem à data de fundação da cidade. (CARDOZO, 2006, p.56).
Rua	Coronel Camisão		Português	Historiotopônimo	Composto	O nome da rua é uma homenagem ao coronel brasileiro que teve participação na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), tendo liderado a Retirada da Laguna. Em 1867 foi nomeado coronel da Província Mato Grosso (TAUNAY, 1997, p.33).
Rua	Brilhante		Português	Litotopônimo	Simples	
Rua	Iguassu	“Igua, corr. Y-guá, o seio d’água, a enseada, a Bahia, a bacia fluvial, o lagamar” (SAMPAIO, 1987, p. 248).	Tupi	Hidrotopônimo	Simples	

Rua	Aporé	“Rio do índio” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21).	Tupi	Hidrotopônimo	Simples	
Rua	Engenheiro Roberto Mange		Português	Sociotopônimo	Composto	Homenagem ao engenheiro suíço que foi superintendente da Escola Profissional de Mecânica do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, organizou o Serviço de Ensino e Seleção Profissional da Estrada de Ferro Sorocabana, fundou o Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), fundou e dirigiu o Serviço Nacional de Aprendizado Industrial (SENAI) em várias cidades brasileiras, inclusive em Campo Grande-MS. ²¹
Rua	Barbosas, dos		Português	Antropotopônimo	Simples	A família Barbosa é de longa tradição em Campo Grande. Os primeiros Barbosas nascidos em Mato Grosso foram os filhos de Antonio, de Inácio, de Francisca Maria, de Francisco e de João Barbosa (BARBOSA, 1961, p.22).
Rua	Orpheu Baís		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	General Revelleau		Italiano	Axiotopônimo	Composto	

²¹ Fonte: http://segall.ifch.unicamp.br/site_ael/index.php?option=com_content&view=article&id=182&Itemid=90

Rua	Professor Landin		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Santa Amélia		Português	Hagiotopônimo	Composto	
Rua	Edward de Oliveira		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Mascarenhas		Português	Antropotopônimo	Simples	
Rua	Farroupilha		Português	Historiotopônimo	Simples	O nome da rua remete à Guerra dos Farrapos, ou Revolução Farroupilha (1835-1845), maior conflito interno enfrentado pelo governo imperial. Durante dez anos, uma parcela da elite pecuarista rio-grandense, motivada por fatores políticos e econômicos, sustentou uma revolta contra o poder imperial, chegando a proclamar a República Rio-Grandense em 1836. ²²
Rua	Tonico de Carvalho		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Canela		Português	Corotopônimo	Simples	Referência ao município do Estado do Rio Grande do Sul.

²² Fonte: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/escravos-farrapos>.

Rua	São Geraldo		Português	Hagiotopônimo	Composto	
Rua	André Barros		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Apiá	Sub. Apiab, cabeça arredondada, a glande, o castão” (SAMPAIO, 1928, p.196).	Guarani	Somatotopônimo	Simple	
Rua	Joel Dibo		Árabe	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Parque, do		Português	Sociotopônimo	Simple	
Rua	Anhanduí	“Alteração de nhandu-y, de origem tupi, rio das emas” (TIBIRIÇÁ, 1985, p.19).	Tupi	Zootopônimo	Simple	
Rua	Aquidauana		Não identificada	Não classificada	Simple	

Rua	Dom Aquino		Português	Axiotopônimo	Simples	Essa rua presta homenagem ao cuiabano que foi nomeado pelo Papa Pio X Bispo Titular e auxiliar da Arquidiocese de Cuiabá. Entre 1818-1922 foi presidente da Província de Mato Grosso e, em 1927, entrou para a Academia Brasileira de Letras (SANTOS, 2006, p.37).
Rua	Marechal Rondon		Português	Axiotopônimo	Simples	Homenagem ao militar sertanista e engenheiro, que foi chefe do Distrito Telegráfico de Mato Grosso e dedicou grande parte de sua vida à causa indígena (VIEIRA, 2006. p.91).
Rua	Maracaju	“o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico” (SAMPAIO, 1987, p. 279).	Tupi	Ergotopônimo	Simples	Referência à serra de Maracaju que divide as duas bacias hidrográficas e que também deu origem a um município de Mato Grosso do Sul.
Rua	Doutor Arlindo de Andrade		Português	Axiotopônimo	Composto	O nome da rua remete ao advogado pernambucano que foi o primeiro Juiz de direito da comarca e assumiu a direção da intendência em 1º de janeiro de 1921, na qual permaneceu até 31 de dezembro de 1923 (RODRIGUES, 1980, p.160).
Rua	Vasconcelos Fernandes		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Pinheiros, dos		Português	Fitotopônimo	Simples	

Rua	Antônio Norberto de Almeida		Português	Antropotopônimo	Composto	O nome homenageia o farmacêutico natural de Campo Grande que foi intendente geral do município de 1º de fevereiro de 2010 a 31 de dezembro de 1911 (RODRIGUES, 1980, p.158).
Rua	Rio Branco		Português	Hidrotopônimo	Composto	
Rua	Amando de Oliveira		Português	Antropotopônimo	Composto	Homenagem ao paulista que chegou à vila de Campo Grande em 1899 e contribuiu para o desenvolvimento social e político da cidade. Com a prosperidade, comprou uma propriedade chamada Fazenda Bandeira, área que correspondente hoje à zona Sul da cidade de Campo Grande (MARTINS, 2002, p.76).
Rua	Alexandre Farah		Português/árabe	Antropotopônimo	Composto	O nome da rua homenageia o político que iniciou sua militância democrática em 1968, em plena ditadura militar, participando ativamente do Movimento Estudantil da época. Exerceu papel importante na política no Rio de Janeiro. ²³
Rua	Sargento Cecílio Yule		Português	Axiotopônimo	Composto	Lei número 217, de 28 de maio de 1951, dá a denominação de rua “Sargento Cecílio Yule” a rua artéria do Bairro Amambaí. ²⁴

²³ Fonte: <http://alexandrefarah.com.br/site/biografia>

²⁴ Fonte: http://www.sglweb.com.br/sgl005ms_consulta2/lex_6.lbsp

Rua	Terenos	“Grupo indígena que habita no interior de São Paulo (Áreas Indígenas Araribá e Icatu). [No passado, constituíam um subgrupo dos guanás]” (HOUAISS, 2001).	Terena	Etnotopônimo	Simples	
Rua	Camapuã	“Cama-poã, o peito arredondado; o peito saliente; a colina arredondada; cômoro; a meia laranja. Rio Grande do Sul, Mato Grosso” (SAMPAIO, 1987, p. 213).	Tupi	Geomorfotopônimo	Simples	
Rua	Perseverança		Português	Animotopônimo Eufórico	Simples	
Rua	Nicolau Fragelli		Italiano	Antropotopônimo	Composto	Essa rua presta homenagem ao político, jornalista e professor. Elegeu-se Deputado Estadual em 1929. Nicolau Fragelli foi deputado à Constituinte Estadual em 1934. Suplente de Senador, eleito pela União Democrática Nacional em 1945. Colaborou no Jornal

						“ A Cidade”, de Corumbá, e dirigiu por muitos anos o Jornal “O Progressista”, de Campo Grande, do qual foi um dos fundadores. Fragelli fora um dos mais brilhantes jornalistas de Mato Grosso e pertenceu à Academia de Mato Grosso de Letras, onde ocupou a Cadeira nº 33 que tem como patrono Mariano Ramos. ²⁵
Rua	Allan Kardec		Grego	Antropotopônimo	Composto	Homenagem ao fundador do Espiritismo.
Rua	Pimenta Bueno		Português	Historiotopônimo	Composto	Essa rua presta homenagem à José Antônio Pimenta Bueno, marquês de São Vicente. Jurista e político brasileiro nascido em Santos, Estado de São Paulo, conhecido por sua participação na elaboração da Lei do Ventre Livre (28/09/1871). ²⁶
Rua	Coriolano Ferraz Baís		Italiano	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Rosa Cruz		Português	Hierotopônimo	Composto	
Rua	Visconde de		Português	Historiotopônimo	Composto	A rua homenageia o Visconde de Taunay, engenheiro militar, professor, político, historiador, sociólogo,

²⁵ Fonte: <https://sites.google.com/site/eenicolaufregelli/historico>

²⁶ Fonte: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JoseAPBu.html>

	Taunay					romancista e memorialista. Foi oficial da Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem de São Bento, da Ordem de Aviz e da Ordem de Cristo. Taunay foi um infatigável trabalhador, patriota, homem público esclarecido e apaixonado homem de letras. ²⁷
Rua	Bodoquena		Tupi	Litotopônimo	Simples	
Travessa	General Amadeu Anastácio		Português	Axiotopônimo	Composto	A Lei número 3.851, de 25 de abril de 2001, altera a denominação da travessa Coral para Travessa General Amadeu Anastácio. ²⁸

Fonte: Elaboração da autora.

²⁷ Fonte: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=97&sid=170>

²⁸ Fonte: http://www.sglweb.com.br/sgl005ms_consulta2/lex_6.lbsp.

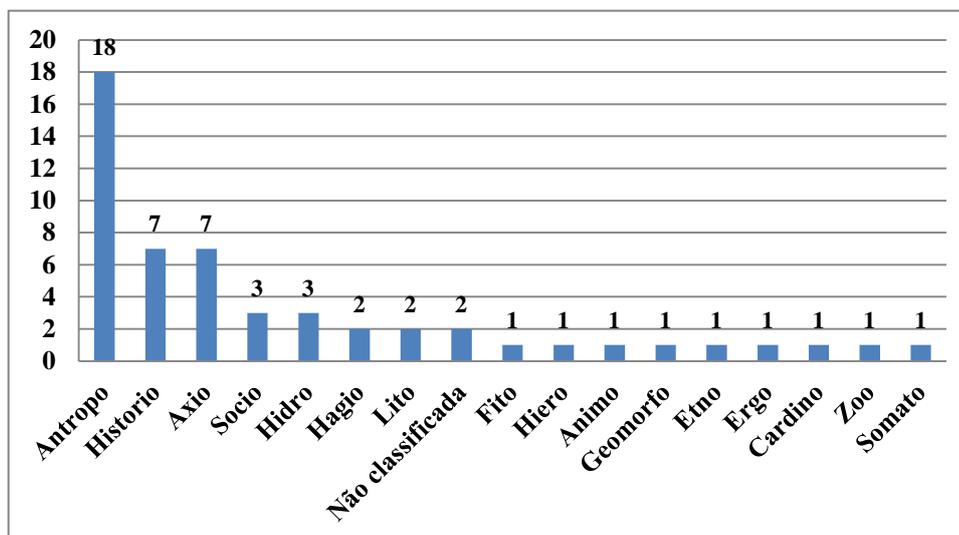
4.2.1 Análise quantitativa dos dados do bairro Amambaí

Em 1921 nasceu o bairro que foi identificado com o nome de “Amambahy”, topônimo que, segundo Tibiriçá (1985, p. 18) vem “do guarani Amambaí-y, rio das samambaias”. O bairro foi projetado pela Seção de Engenharia da Intendência Municipal, sob o comando do engenheiro italiano Camilo Boni. De acordo com Arruda (2001, p. 19), “Boni e sua equipe, ao projetarem o Amambaí, utilizaram um traçado Barroco, de formato sinuoso e irregular, tendo como princípios reguladores a pré-existência das estradas boiadeiras para Aquidauana e para o Imbirussu”. Ainda de acordo com Arruda (2001, p.15),

Após o início das obras, sentiu-se a necessidade de instalar as unidades residenciais oficiais e semi-oficiais e, assim, surgiu a idéia de implantar um bairro nas imediações do complexo militar. A intendência municipal também tinha idéia de instalar um bairro de expansão central destinado ao assentamento de imigrantes que chegavam a todo momento.

No bairro Amambaí, foram catalogados 53 topônimos. Assim como no bairro Glória, os topônimos de natureza antropocultural se sobressaíram em relação aos de natureza física, e dentre os bairros aqui estudados, foi o que mais evidenciou representatividade em termos taxionômicos. Das 27 taxionomias propostas por Dick (1990), 16 foram identificadas no bairro.

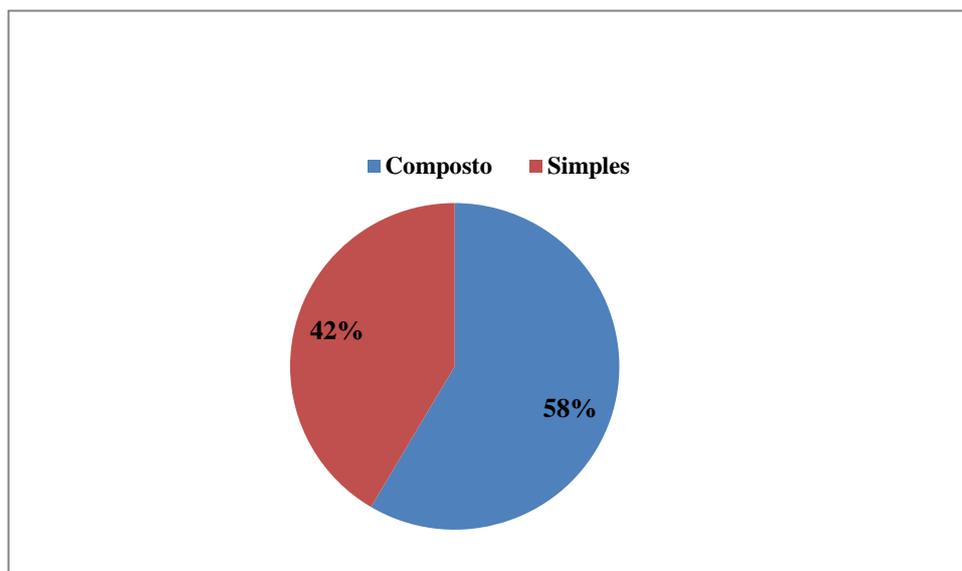
Os dados do quadro 4 demonstram que, do universo de 53 topônimos catalogados, 18 foram classificados como antropotopônimos; 8 como historiotopônimos e 6 pertencem à categoria dos axiotopônimos. As demais taxionomias apareceram com pouca frequência, a saber: sociotopônimos (3 ocorrências); hidrotopônimos (3 ocorrências), hagiopônimos (2 ocorrências); litotopônimos (2 ocorrências); fitotopônimos (1 ocorrência); hierotopônimos (1 ocorrência); animotopônimos (1 ocorrência); geomorfotopônimos (1 ocorrência); etnotopônimos (1 ocorrência); ergotopônimos (1 ocorrência); cardinotopônimos (1 ocorrência); zootopônimos (1 ocorrência); somatotopônimos (1 ocorrência). O gráfico 4 a seguir demonstra o vasto universo taxionômico dos topônimos do bairro Amambaí:

Gráfico 3 - Taxionomias dos topônimos do bairro Amambaí de Campo Grande/MS

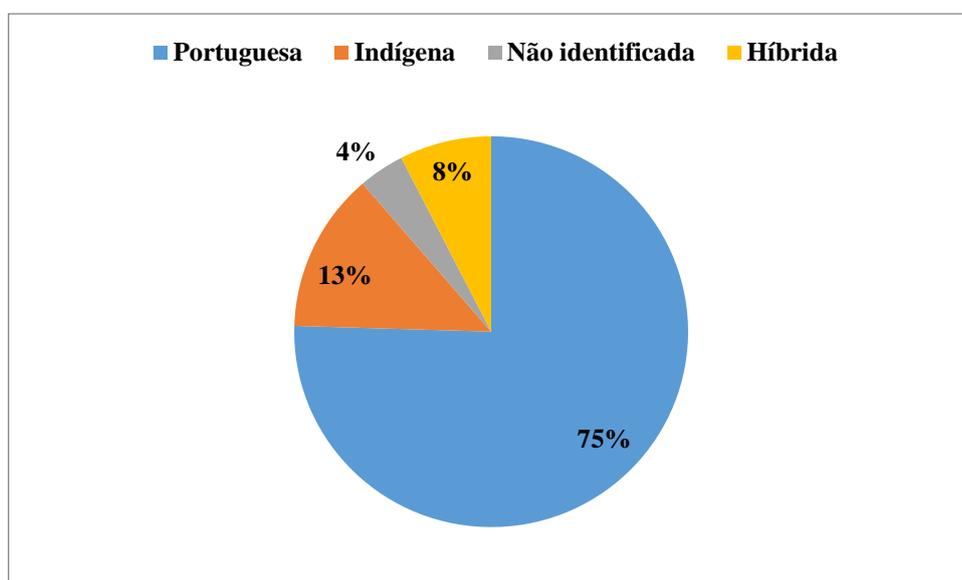
Fonte: Elaboração da autora.

Ainda em se tratando das taxionomias do bairro Amambaí, nota-se a produtividade de antropotopônimos, axiotopônimos e sociotopônimos que possuem um cunho histórico, seja regional ou nacional. Mesmo com essa característica, os classificamos de acordo com o modelo de Dick (1990). Os antropotopônimos que demonstraram aspectos históricos e/ou relevância social foram: avenida Fernando Correa da Costa, rua dos Barbosas, rua Antônio Norberto de Almeida, rua Amando de Oliveira, rua Alexandre Farah, rua Nicolau Fragelli e rua Allan Kardec. Já dentre os axiotopônimos, se destacaram: rua Dom Aquino, rua Marechal Rondon, rua Doutor Arlindo de Andrade e travessa General Amadeu Anastácio. Já dentre os sociotopônimos, situa-se, a Rua Engenheiro Roberto Mange destaca uma pessoa que teve importância na sociedade.

Os topônimos do bairro Amambaí também são, em sua maioria, de estrutura morfológica composta, com 31 ocorrências, contrapondo-se aos de estrutura morfológica simples, com 22 registros. Apesar de os topônimos de base portuguesa sobressaírem neste bairro, com 44 recorrências, os topônimos de origem indígena tiveram presença significativa se comparados aos dados dos demais bairros. A seguir, os gráficos 5 e 6 que confirmam essa tendência observadas nesse bairro:

Gráfico 4 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Amambaí de Campo Grande/MS

Fonte: Elaboração da autora.

Gráfico 5 - Língua de origem dos topônimos do bairro Amambaí de Campo Grande/MS

Fonte: Elaboração da autora.

4.3 Bairro São Francisco

Ano de fundação: 1949

Classificação taxionômica: Hagiotopônimo

Quadro 7 - Topônimos do bairro São Francisco da cidade de Campo Grande/MS

Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Rua	Sacramento		Português	Hierotopônimo	Simple	Lei número 2.890 de 09 de julho de 1.992, dá nova denominação à rua Sacramento, no bairro São Francisco. ²⁹
Rua	Araras	“voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios”. (SAMPAIO, 1788, p.158).	Tupi	Zootopônimo	Simple	
Rua	Antônio Orro		Português	Antropotopônimo	Composto	

²⁹ Fonte: http://www.sglweb.com.br/sgl005ms_consulta2/lex_6.lbsp

Rua	João Erovaldo de Campos		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Seminário, do		Português	Sociotopônimo	Simple	
Rua	Passos		Português	Antropotopônimo	Simple	
Rua	Caxambu	<p>“prov. de orig. afr.; segundo Nei Lopes, de orig. banta; AGC afirma “de provável orig. afr. mas de étimo indeterminado”; Luiz Caldas Tibiriçá, s.s Caxambu (top.) registra “de caxambu, esp. de tambor que os escravos usavam em suas danças; dança de negros ao som desse tambor (termo africano”. (HOUAISS, 2001).</p>	Africano	Ergotopônimo	Simple	
Rua	Doutor Euler de Azevedo		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Izidoro		Português/Ingl	Antropotopônimo	Composto	

	Grinfelder		ês			
Rua	Arrebol		Português	Cromotopônimo	Simples	A rua faz referência à “cor afogueada” (SILVA PINTO, 1932). ³⁰
Rua	Anápolis		Português	Corotopônimo	Simples	Uma referência à cidade goiana localizada a 53 quilômetros da capital, Goiânia. ³¹
Rua	Abílio Barbosa de Souza		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	14 de Julho		Português	Historiotopônimo	Composto	Antes da ferrovia Noroeste do Brasil, o vereador Miguel Garcia Martins, em homenagem à queda da Bastilha na França, propôs o nome de 14 de Julho para a principal artéria da capital atual, que era chamada simplesmente de Beco, porque ali existia um trilheiro deserto, curto e sem saída. (ALBUQUERQUE, 2006, p.80).
Rua	Juriti	“ave columbiforme da família dos peristerídeos” (CUNHA, 1989,	Tupi	Zootopônimo	Simples	

³⁰ Fonte: <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/2/arrebol>

³¹ Fonte: <http://www.anapolis.go.gov.br/portal/anapolis/aspectos-geograficos/>

		p.185)				
Rua	Sebastião Taveira		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Antonina de Castro Faria		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	São Judas Tadeu		Português	Hagiotopônimo	Composto	
Rua	Ingá	“Nome comum a diversas plantas da família das leguminosas, subfamília das mimosáceas”. (CUNHA, 1989, p.154)	Tupi	Fitotopônimo	Simples	
Rua	Cascudo		Português	Zootopônimo	Simples	Referência ao peixe de água doce chamado Cascudo é conhecido popularmente como Acari, Cari, Boi-de-Guará e Uacari. ³²

³² Fonte: <http://www.cpt.com.br/cursos-criacaodepeixes/artigos/peixes-de-agua-doce-do-brasil-cascudo-hypostomus-affinis>

Rua	Pedro Celestino		Português	Antropotopônimo	Composto	Desde o primeiro arruamento de Campo Grande, em 1909, a Rua Pedro Celestino recebeu esse nome em homenagem a esse vulto estadual. Pedro Celestino Correa da Costa foi presidente da Província de Mato Grosso no período de 1922 e 1926. Teve a alegria de ver, no final de seu governo, a inauguração da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil iniciar a penetração em terras mato-grossenses (LEAL, 2006, p 29).
Rua	Lacerda		Português	Antropotopônimo	Simple	
Rua	Pernambuco		Tupi	Corotopônimo	Simple	
Rua	São Paulo		Português	Corotopônimo	Composto	
Rua	Amazonas		Português	Corotopônimo	Simple	
Rua	13 de Junho		Português	Historiotopônimo	Composto	Essa rua faz referência à Retomada de Corumbá ocorrida em 13 de junho de 1867, que havia sido ocupada pelos paraguaios durante a guerra da Tríplice Aliança. (LEAL, 2006, p 28).
Rua	Araguaia	“ará-guaya, os papagaios mansos”. (SAMPAIO, 1788, p.157).	Tupi	Zootopônimo	Simple	

Rua	Paineiras, das		Português	Fitotopônimo	Simples	
Rua	João Pessoa		Português	Corotopônimo	Composto	Referência ao município do Estado da Paraíba.
Praça	Samambaias, das	Do tupi çama-mbai 'trançado de cordas', alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras, segundo Teodoro Sampaio; Nasc. registra um tupi ham a'mbae 'o que se torce em espiral', porque as folhas da planta são enroladas na ponta e se desenrolam à medida que crescem (HOUAISS, 2001).	Tupi	Fitotopônimo	Simples	
Praça	Tuias, das		Português	Fitotopônimo	Simples	Referência à planta Tuia, ou Thuya, um nome dado para alguns tipos de coníferas ("pinheiros"), em especial para o "Thuja Occidentalis" por ser uma espécie de dimensões menores, assim sendo possível de ser utilizada como pinheiro decorativo em lugares menores. ³³

³³ Fonte: <http://www.cuidar.com.br/tuia>

Fonte: Elaboração da autora.

4.3.1 Análise quantitativa dos dados do bairro São Francisco

O bairro São Francisco, antes de ser nomeado por esse hagiotopônimo, era denominado como bairro do Cascudo, nome atribuído pela seguinte causa denominativa:

Lá havia um valhacouto, onde se refugiavam velhos bandidos. O proprietário da casa improvisava as refeições, servidas a qualquer hora, aos exigentes hóspedes. Um dos pratos mais frequentes era o peixe cascudo, com farinha de mandioca, pescado no córrego Segredo nas imediações. Daí todo o local ficou com nome de peixe. (KNOB,1988, p.8),

A mudança do nome ocorreu em 12 de dezembro de 1950, quando foi fundada a Igreja São Francisco em Campo Grande:



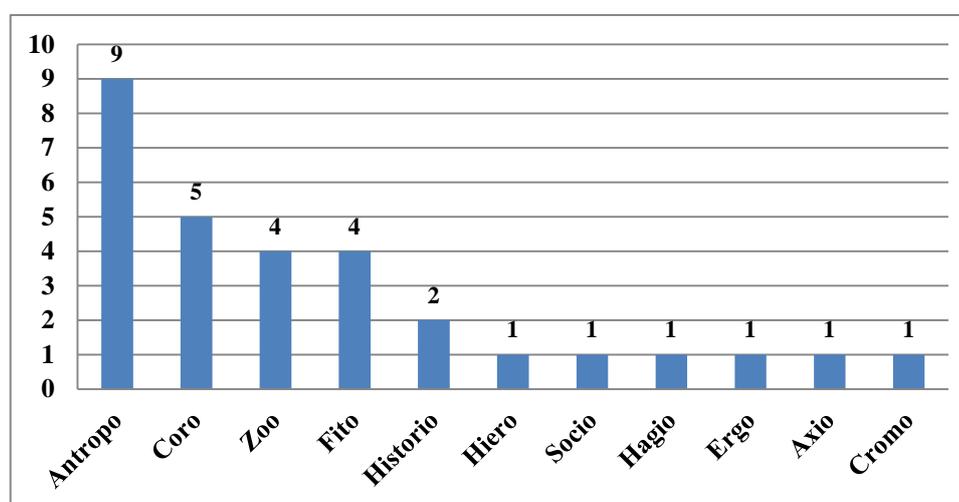
Figura 18 - Igreja São Francisco

Fonte: <http://paroquiasaofranciscodeassisg.org/a-paroquia>

No conjunto das taxes toponímicas identificadas na toponímia do bairro São Francisco, a mais relevante foi a dos antropotopônimos com oito ocorrências, assim distribuídos: um que recupera um sobrenome: rua Passos, dois deles recuperando sobrenomes: rua Lacerda; rua Passos. Os demais incorporam onomásticos completos: rua Antônio Orro, rua João Erovaldo de Campos, rua Izidoro Grinfelder, rua Abílio Barbosa de Souza, rua

Sebastião Taveira e rua Antonina de Castro Faria. Nesse bairro, os corotopônimos também se destacaram em termos de produtividade, a saber: rua Anápolis, rua Pernambuco, rua São Paulo, rua Amazonas, rua João Pessoa. Os zootopônimos (rua Araras, rua Juriti, rua Cascudo e rua Araguaia) e fitotopônimos (rua Ingá, rua das Paineiras, rua das Samambaias, rua das Tuias) aparecem em terceiro e quarto lugar em termos de ocorrências, demonstrando que no bairro São Francisco a motivação com elementos físicos começa a ganhar espaço, o que não ocorreu nos bairros anteriores, Glória e Amambaí, já analisados. Os historiotopônimos que aparecem em segundo lugar nos bairros anteriores, agora aparecem em quinto lugar no São Francisco. As demais taxionomias: hierotopônimos (rua Sacramento); sociotopônimos (rua do Seminário); hagiotopônimo (rua São Judas Tadeu); ergotopônimos (rua Caxambu); axiotopônimos (rua Doutor Euler de Azevedo) e coromotopônimos (rua Arrebol) aparecem com pouca produtividade no bairro, como demonstra o gráfico 7 abaixo:

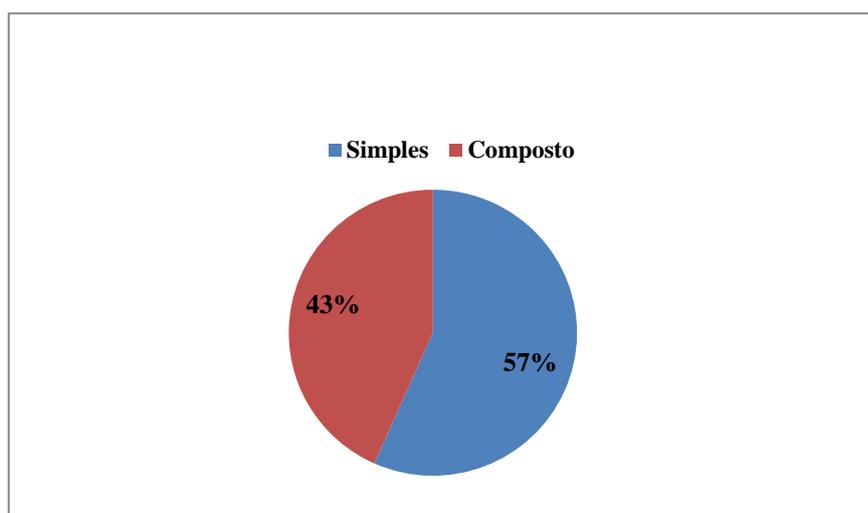
Gráfico 6 - Taxionomias dos topônimos do bairro São Francisco da cidade de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

Outro diferencial observado nesse bairro é a predominância de topônimos com a estrutura morfológica simples, ao contrário dos bairros Glória e Amambaí analisados anteriormente, já que do total de 30 topônimos, 17 são de estrutura morfológica simples e 13 de estrutura morfológica composta. O gráfico a seguir mostra a distribuição desses dados em termos percentuais:

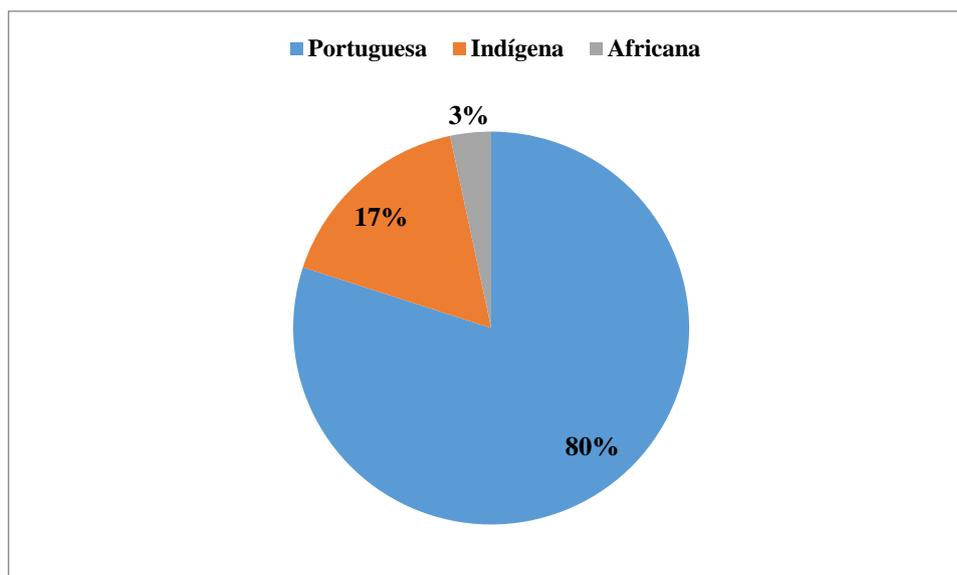
Gráfico 7 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro São Francisco da cidade de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

A língua de origem mais propagada entre os topônimos do bairro São Francisco também foi a portuguesa, a par de 6 topônimos identificados de base indígena, além de 1 topônimo de base africana. Todos os topônimos de base indígena remetem à aspectos do ambiente físico, mais especificamente plantas (*Ingá, Samambaia*) e animais (*Araras, Juriti, Araguaia*, ratificando a tendência da valorização de nomes de natureza física no bairro, fato que remete ao primeiro nome do bairro, o peixe Cascudo. O gráfico 9 a seguir traz, abaixo traz em termos percentuais, os estratos linguísticos presentes na toponímia do bairro São Francisco:

Gráfico 8 - Língua de origem dos topônimos do bairro São Francisco da cidade de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

4.4 Bairro São Bento

Ano de fundação: 1949

Classificação taxionômica: Hagiotopônimo

Quadro 8 - Topônimos do bairro São Bento da cidade de Campo Grande/MS

Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Avenida	1º de Maio		Português	Historiotopônimo	Composto	Provavelmente uma referência ao Dia Mundial do Trabalho.
Avenida	Eduardo Elias Zahran		Português/árabe	Antropotopônimo	Composto	O nome presta uma homenagem a esse pioneiro de Campo Grande, que implantou a primeira emissora de televisão do Estado, a TV Morena, em Campo Grande (AVER, 2006, p 18).
Avenida	Rodolfo José Pinho		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Ipacaráí		Guarani	Não classificada	Simples	Provavelmente uma referência ao lago Ipacaray (Paraguai), uma homenagem à população paraguaia, abundante em Campo Grande.

Rua	Luiz Dodero		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Sussesoires de Nicomedes Vieira Rezende		Português	Sociotopônimo	Composto	
Rua	Aluísio de Azevedo		Português	Antropotopônimo	Composto	A rua faz referência ao caricaturista, jornalista, romancista e diplomata brasileiro. ³⁴
Rua	Júlio Dantas		Português	Antropotopônimo	Composto	Homenagem ao escritor e político português, tornou-se uma das figuras mais proeminentes na vida cultural do seu tempo. ³⁵
Rua	Santos		Português	Antropotopônimo	Simple	
Rua	Casimiro de Abreu		Português	Antropotopônimo	Composto	A rua presta homenagem ao poeta e patrono da Cadeira n. 6 da Academia Brasileira de Letras. ³⁶
Rua	Fagundes		Português	Antropotopônimo	Composto	Homenagem ao poeta Fagundes Varela, patrono da Cadeira n. 11, por escolha do

³⁴ Fonte: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=101&sid=106>

³⁵ Fonte: <http://www.escritas.org/pt/biografia/julio-dantas>

³⁶ Fonte: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=820&sid=117>

	Varela					fundador Lúcio de Mendonça. ³⁷
Rua	José do Patrocínio		Português	Antropotopônimo	Composto	Homenagem ao jornalista, orador, poeta e romancista José do Patrocínio, fundador da Cadeira nº 21, que tem como patrono Joaquim Serra. ³⁸
Rua	São Vicente		Português	Hagiotopônimo	Composto	
Rua	Jeronyma Paes Benjamim		Português/Francês	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Gonçalves Dias		Português	Antropotopônimo	Composto	A rua presta homenagem à Gonçalves Dias, poeta, professor, crítico de história e etnólogo brasileiro. ³⁹
Rua	Leonso Barbosa Junior		Português	Antropotopônimo	Composto	Lei número 4.015, de 04 de fevereiro de 2003, altera para Leonso Barbosa Júnior a denominação da rua Nhecolândia, no bairro São Bento. ⁴⁰

³⁷ Fonte: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=854&sid=151>

³⁸ Fonte: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=742&sid=226>

³⁹ Fonte: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=866&sid=183>

⁴⁰ Fonte: http://www.sglweb.com.br/sgl005ms_consulta2/lex_6.lbsp

Rua	São Bento		Português	Hagiotopônimo	Composto	
Rua	Sebastião Lima		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	São Vicente		Português	Hagiotopônimo	Composto	
Rua	Clóvis Bevilaqua		Português/italiano	Antropotopônimo	Composto	Homenagem ao jurista, legislador, filósofo e historiador brasileiro. ⁴¹
Rua	Manoel Mariano		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Raimundo Correia		Português	Antropotopônimo	Composto	A rua presta homenagem à Raimundo Correia, magistrado, professor, diplomata e poeta, ocupa um dos mais altos postos na poesia brasileira. ⁴²
Rua	Guerra Junqueiro		Português	Antropotopônimo	Composto	Homenagem à Abílio Manuel Guerra Junqueiro, político, deputado, jornalista, escritor e poeta. Foi o poeta mais popular da sua época e o mais típico representante da chamada "Escola Nova". Poeta panfletário, a

⁴¹ Fonte: http://epoca.globo.com/edic/616/616_Clovis_Miolo_trecho.pdf

⁴² Fonte: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=253&sid=111>

						sua poesia ajudou criar o ambiente revolucionário que conduziu à implantação da República. ⁴³
Rua	Coronel Manoel Cecílio		Português	Axiotopônimo	Composto	
Travessa	São Pedro		Português	Hagiotopônimo	Composto	
Travessa	Nestor Moreira		Português	Antropotopônimo	Composto	
Travessa	Beberibe	“cor. bibi-r-y-pe, no rio do vae-e-vem. Em documento antigo, lia-se yabebir-y, significando – o rio das raias.” (SAMPAIO, 1788, p.166).	Tupi	Hidrotopônimo	Simples	

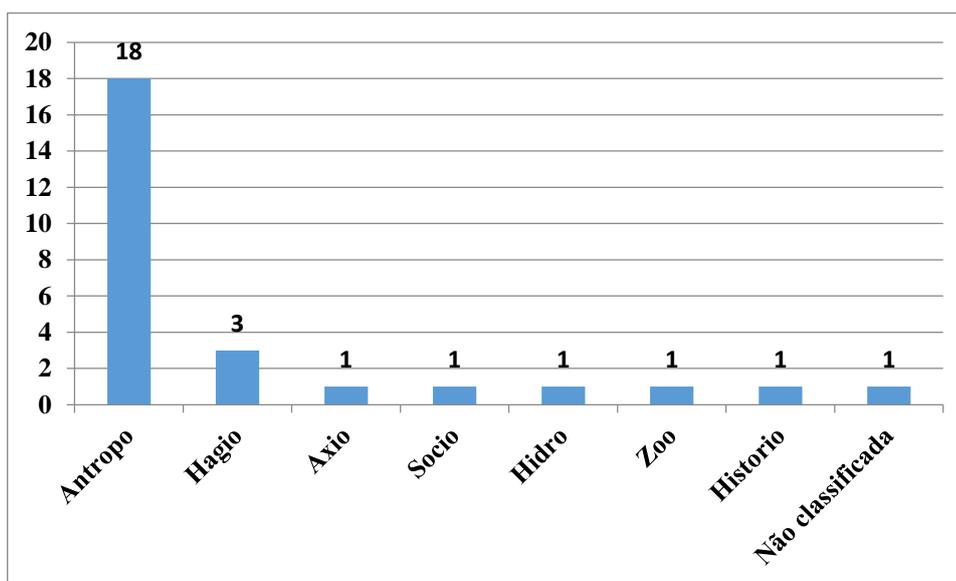
Fonte: Elaboração da autora.

⁴³ Fonte: <http://www.lusopoemas.net/modules/news03/article.php?storyid=1253>

4.4.1 Análise quantitativa dos dados do bairro São Bento

No bairro São Bento, as taxionomias de cunho antropocultural, mais uma vez, ganharam destaque. Os antropotopônimos foram os mais recorrentes, com 18 registros: avenida Eduardo Elias Zahran, rua Rodolfo José Pinho, rua Luiz Dodero, rua Santos, rua Jeronyma Paes Benjamim, rua Leonso Barbosa Junior, rua Sebastião Lima, rua Clóvis Bevilaqua, rua Manoel Mariano dentre outros. Uma peculiaridade nesse bairro é o alto índice de nomes de vulto da literatura brasileira, a maioria deles ocupando lugar destaque na Academia Brasileira de Letras, todos nomeando ruas do bairro: rua Aluísio de Azevedo, rua Casimiro de Abreu, rua Fagundes Varela, rua José do Patrocínio, rua Gonçalves Dias, rua Julio Dantas e rua Raimundo Correa. Os hagiopônimos aparecem na sequência com 3 recorrências: rua São Vicente, rua São Bento e travessa São Pedro. As demais taxionomias: axiotopônimos, sociotopônimos, hidrotopônimos, zootopônimos e historiotopônimos apareceram com 1 ocorrência cada, além de um topônimo não classificado. O gráfico 10 demonstra essas classificações em ordem de produtividade:

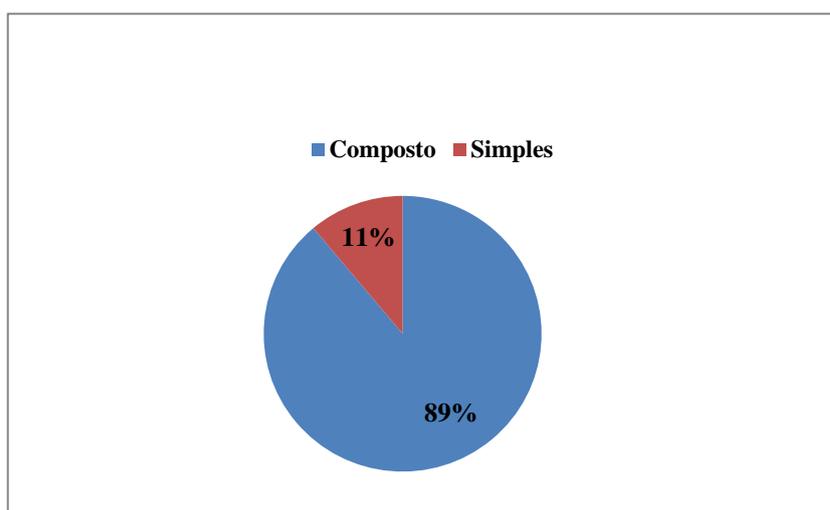
Gráfico 9 - Taxionomias dos topônimos do bairro São Bento da cidade de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

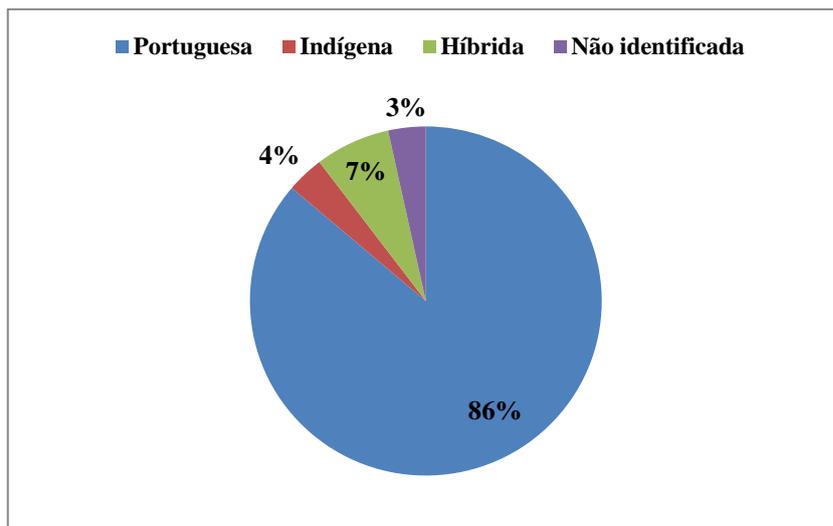
Os topônimos do bairro São Bento são em sua grande maioria de estrutura composta, já que dos 27 topônimos do bairro, 24 têm essa estrutura. Dentre as línguas de base dos topônimos, os de portuguesa sobressaíram com 24 topônimos. Os de base indígena tiveram pouca produtividade, com apenas 1 topônimo, 3 topônimos híbridos e 1 topônimo não teve a língua identificada. O topônimo de língua indígena identificados no bairro pertence à língua Tupi, Travessa *Beberibe*, “cor. bibi-r-y-pe, no rio do vae-e-vem”. Em documento antigo, lia-se yabebir-y, significando – o rio das raias.” (SAMPAIO, 1788, p.166)”. O gráfico a seguir demonstra em termos quantitativos dos topônimos urbanos do bairro São Bento, no que diz respeito à estrutura morfológica e aos estratos linguísticos.

Gráfico 10 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro São Bento da cidade de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

Gráfico 11 - Língua de origem topônimos do bairro São Bento da cidade de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

4.5 Bairro Planalto

Ano de fundação: 1958

Classificação taxionômica: Morfotopônimo

Quadro 9 - Topônimos do bairro Planalto da cidade de Campo Grande/MS

Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Avenida	Tamandaré	“tamanda-ré, depois da volta ou em seguida ao rodeio. É também o nome do Noé da lenda do delúvio entre o gentio brasileiro. Segundo Baptista Caetano, Tamandaré pode proceder de Tamoindaré – aquelle que fundou povo, isto é, o repovoador da terra” (SAMPAIO, 1788, p.313).	Tupi	Mitotopônimo	Simples	
Avenida	Noroeste		Português	Cardinotopônimo	Simples	Este topônimo presta homenagem a Estrada de

						Ferro Noroeste do Brasil.
Avenida	América		Português	Corotopônimo	Simple	
Avenida	Presidente Ernesto Geisel		Português	Axiotopônimo	Composto	
Avenida	Madrid		Português	Corotopônimo	Simple	
Avenida	Riachuelo		Português	Historiotopônimo	Simple	O nome da rua remete à famosa Batalha Naval do Riachuelo. O confronto aconteceu no Rio Paraná, o comandante da esquadra brasileira na ocasião era Francisco Manuel Barroso da Silva, sob sua liderança derrotaram a esquadra paraguaia comandada por Pedro Inácio Meza. ⁴⁴
Avenida	Julio de Castilho		Português	Antropotopônimo	Composto	A rua presta homenagem ao jornalista e político brasileiro. Foi presidente do Rio Grande do Sul por duas vezes e principal autor da Constituição Estadual de 1891. ⁴⁵
Rua	Santos Dumont		Português	Historiotopônimo	Composto	Homenagem ao pioneiro da aviação.

⁴⁴ Fonte: <http://www.historiabrasileira.com/guerra-do-paraguai/batalha-do-riachuelo/>

⁴⁵ Fonte: <http://www2.al.rs.gov.br/biblioteca/LinkClick.aspx?fileticket=7557j1JKoJU%3D&tabid=3101&language=pt-BR>

Rua	Mercúrio		Português	Astrotopônimo	Simples	
Rua	Marte		Português	Astrotopônimo	Simples	
Rua	Vênus		Português	Astrotopônimo	Simples	
Rua	Netuno		Português	Astrotopônimo	Simples	
Rua	Júpiter		Português	Astrotopônimo	Simples	
Rua	Urano		Português	Astrotopônimo	Simples	
Rua	Landri Sales		Português	Italiano	Composto	
Rua	Mariceli de Souza Barbosa		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Matão		Português	Corotopônimo	Simples	Município do Estado de São Paulo.
Rua	Jaboticabal		Português	Corotopônimo	Simples	Município do Estado de São Paulo.
Rua	Brunini		Português	Italiano	Simples	

Rua	Canavieiras		Português	Corotopônimo	Simples	Uma referência ao município do Estado da Bahia.
Rua	Porto Seguro		Português	Corotopônimo	Composto	
Rua	Belmonte		Português	Corotopônimo	Simples	Uma referência ao município do Estado da Bahia. ⁴⁶
Rua	Plutão		Português	Astrotopônimo	Simples	
Rua	Danilo Buffa		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Monte Pascoal		Português	Historiotopônimo	Composto	A rua faz referência ao Monte Pascoal, local onde as 13 caravelas portuguesas lideradas por Pedro Álvares Cabral chegaram, em 22 de abril de 1500.
Rua	Jequié		Português	Corotopônimo	Simples	Uma referência ao município do Estado da Bahia. ⁴⁷
Rua	Vicente Pinzon		Português	Italiano	Composto	
Rua	Francisco Serra		Português	Antropotopônimo	Composto	

⁴⁶ Fonte: <http://www.belmontebahia.com/localizacao>

⁴⁷ Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=291800&search=||info%EFicos:informa%E7%F5es-completas>

Rua	Suécia		Português	Corotopônimo	Simple	
Rua	Audite da Silva Pavão		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Assis Chateaubriand		Português/francês	Antropotopônimo	Composto	O nome da rua representa uma homenagem ao jornalista, empresário, político brasileiro, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, que também se dedicou outras atividades, desde a indústria farmacêutica até fazendas de gado, além de dar apoio ao Museu da Arte de São Paulo. Ocupou a cadeira 37 da Academia Brasileira de Letras. (MARTINS, 2006, p.75).
Rua	Coronel Balduino		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Doutor Ciro Bueno		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Doutor Bezerra de Menezes		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Dom Pedro II		Português	Historiotopônimo	Composto	O nome da rua presta homenagem ao segundo Imperador do Brasil, nasceu no Palácio de Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro. Durante o seu reinado, o Brasil teve uma fase de grande progresso, registrando-se importantes

						acontecimentos sociais, como a supressão do tráfico de escravos e a abolição da escravatura, foram estendidas as primeiras linhas telegráficas e construídas as primeiras ferrovias. (FERNANDES, 2006, p 33).
Rua	Feliciano Carolina		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Moreira Cabral		Português	Antropotopônimo	Composto	Homenagem ao bandeirante Pascoal Moreira Cabral Leme, natural de São Paulo do século XVIII que, na busca de índios pela região mais central da América do Sul, acabou por encontrar ouro na região onde hoje é a cidade de Cuiabá. ⁴⁸
Rua	João Azuaga		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	José Barbosa		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Saldanha da Gama		Português	Antropotopônimo	Composto	O nome da rua remete ao almirante e criador da Escola Naval Felipe Saldanha da Gama. Bacharel em Letras, representou o Brasil na exposição de Viena (1873), na de Filadélfia (1876) e na de Buenos Aires (1882). ⁴⁹

⁴⁸ Fonte: <http://www.mtseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=261&cid=626>

⁴⁹ Fonte: http://www.ururau.com.br/cidades43283_H%C3%A1-168-anos-nascia-em-Campos,-o-almirante-Luiz-Felipe-Saldanha-da-Gama

Rua	Bartolomeu de Gusmão		Português	Antropotopônimo	Composto	Homenagem ao precursor da aeronáutica. Gusmão provou a possibilidade de criar engenhos com capacidade para voar. ⁵⁰
Rua	José Bonifácio		Português	Historiotopônimo	Composto	O nome da rua presta homenagem ao naturalista, estadista e poeta brasileiro José Bonifácio. ⁵¹
Rua	Augusto Severo		Português	Antropotopônimo	Composto	Homenagem à Augusto Severo de Albuquerque Maranhão, que teve um importante papel nos primórdios da engenharia aeronáutica no Brasil. ⁵²
Rua	Dom Pedro I		Português	Historiotopônimo	Composto	A rua presta homenagem à Dom Pedro I, que foi o primeiro Imperador do Brasil e também Rei de Portugal. ⁵³
Rua	Ana América		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Andre Futado		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Clemente		Português	Antropotopônimo	Composto	

⁵⁰ Fonte: <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p2.html>

⁵¹ Fonte: <http://www.historiabrasileira.com/biografias/jose-bonifacio/>

⁵² Fonte: <http://www.clubeceu.com.br/area-tecnica/artigos-da-area-tecnica/135-augusto-severo-um-dos-pioneiros-da-aviacao-brasileira>

⁵³ Fonte: http://www.e-biografias.net/dompedro_i/

	Ferreira					
Rua	Ferrovários, dos		Português	Sociotopônimo	Simple	
Rua	Antero Paes Barros		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	General Nepomuceno Costa		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Conde de Porto Alegre		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Silveira Martins		Português	Antropotopônimo	Composto	Homenagem à Gaspar Silveira Martins. Em 1878 ele lutou pelo voto das pessoas não-católicas, visto que naquela época, só católicos podiam votar. Foi, durante o Império, Presidente da Província do Rio Grande. ⁵⁴
Rua	Duque de Caxias		Português	Historiotopônimo	Composto	O nome da rua presta homenagem ao grande militar, patrono do exército brasileiro e político. Participou da campanha da Bahia, lutando contra as tropas portuguesas que se negavam a reconhecer a independência do Brasil. Lutou contra o caudilho

⁵⁴ Fonte: <http://www.silveiramartins.net/historia.html>

						uruguaio Oribe. Com a eclosão da guerra do Paraguai, coube a Caxias um papel incomparável na vitória dos aliados (CASTILHO, 2006, p.95).
Rua	Esperança, da		Português	Animotopônimo Eufórico	Simples	
Rua	Alpucro Brasil		Português	Antropotopônimo	Simples	
Rua	Bartolomeu Dias		Português	Historiotopônimo	Composto	O nome da rua presta homenagem à Bartolomeu Dias, português de origens judaicas que conquistou o seu lugar na história de Portugal e do Mundo por ter sido o primeiro europeu a navegar para além do extremo sul do continente Europeu. ⁵⁵
Rua	Antônio Carlos Martins		Português	Antropotopônimo	Composto	Lei número 1.043, de 17 de junho de 1967, dá a denominação de rua Antônio Carlos Martins à atual rua Uruguaiana, no bairro Planalto. ⁵⁶
Rua	General Câmara		Português	Axiotopônimo	Composto	
Travessa	Eugenio		Português	Antropotopônimo	Simples	

⁵⁵ Fonte: <http://www.historiadeportugal.info/bartolomeu-dias/>

⁵⁶ Fonte: http://www.sglweb.com.br/sgl005ms_consulta2/lex_6.lbsp

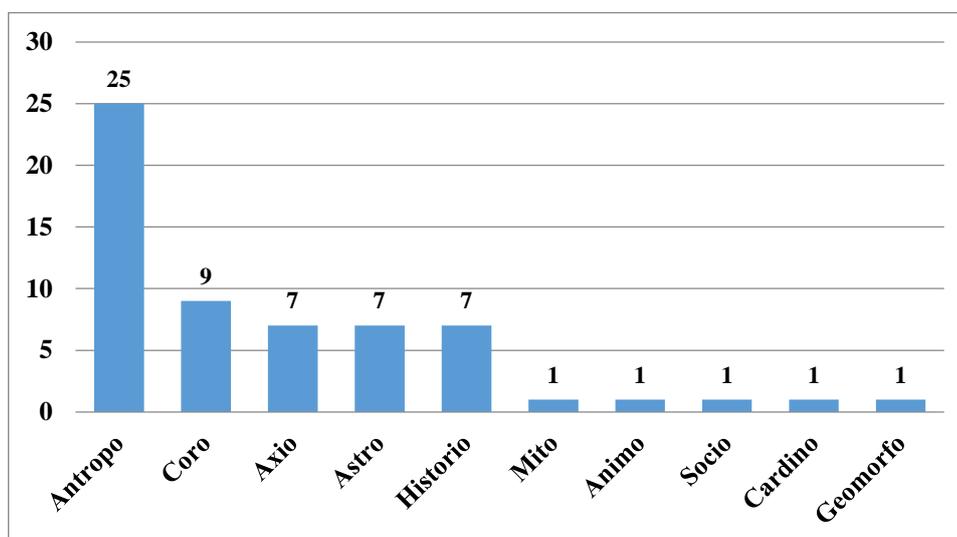
Praça	Chico Xavier		Português	Antropotopônimo	Composto	A rua presta homenagem ao médium, filantropo e um dos mais importantes divulgadores do Espiritismo no Brasil, Francisco da Silva Xavier.
-------	--------------	--	-----------	-----------------	----------	--

Fonte: Elaboração da autora.

4.5.1 Análise quantitativa dos dados do bairro Planalto

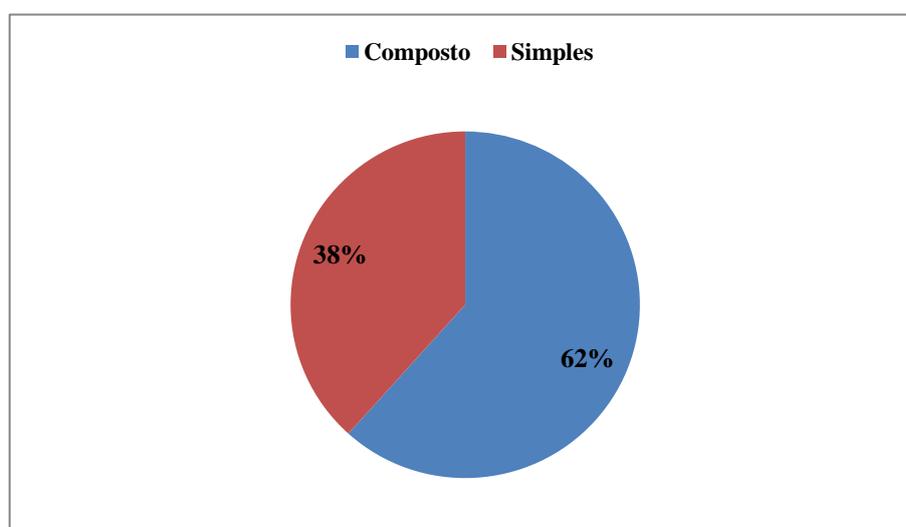
O conjunto dos topônimos do bairro Planalto foi bastante diversificado, em termos de classificação taxionômica dos topônimos, já que 10 taxionomias tiveram representatividade no conjunto de dados analisados. Do total de 60 topônimos, os antropotopônimos foram os mais relevantes com 26 ocorrências: avenida Julio de Castilho, rua Landri Sales, rua Mariceli de Souza Barbosa, rua Danilo Buffa, rua Vicente Pinzon, rua Francisco Serra, rua Audite da Silva Pavão, rua Feliciano Carolina, rua João Azuaga, rua José Barbosa, rua Ana América, rua André Futado, rua Clemente Vieira, rua Antero Paes Barros, Rua Alpucro Brasil, rua Antônio Carlos Martins e Travessa Eugenio. Os topônimos Julio de Castilho, Assis Chateaubriand, Moreira Cabral, Saldanha da Gama, Bartolomeu de Gusmão, Augusto Severo, Silveira Martins, Antônio Carlos Martins e Chico Xavier foram classificados como antropotopônimo, apesar dos homenageados terem tido influentes e tido um papel relevante na sociedade.

Os corotopônimos aparecem com 9 ocorrências, a saber: avenida América, avenida Madri, rua Canavieiras, rua Porto Seguro, rua Belmonte, rua Jequié, rua Suécia, rua Matão e rua Jaboticabal. Os axiotopônimos também com 7 ocorrências: avenida Presidente Ernesto Geisel, rua Coronel Balduino, rua Doutor Ciro Bueno, rua Doutor Bezerra de Menezes, rua Conde de Porto Alegre, rua General Nepomuceno Costa e rua General Câmara. Uma peculiaridade do bairro Planalto é a presença dos astrotopônimos na toponímia do bairro: rua Mercúrio, rua Marte, rua Vênus, rua Netuno, rua Júpiter, rua Urano e rua Plutão, com presença significativa no bairro. Com 6 ocorrências aparecem os historiotopônimos: avenida Riachuelo, rua José Bonifácio, rua Santos Dumont, rua Dom Pedro II, rua Dom Pedro I, rua Duque de Caxias, monte Pascoal e rua Bartolomeu Dias. As demais taxionomias: cardinotopônimos, mitotopônimos, animotopônimos, geomorfotopônimos e sociotopônimos tiveram baixa produtividade, como se observa no gráfico 13 da sequência:

Gráfico 12 - Taxionomias dos topônimos do bairro Planalto de Campo Grande/MS

Fonte: Elaboração da autora.

Os topônimos de estrutura morfológica composta também se sobressaíram no bairro Planalto, com 37 ocorrências, enquanto os de estrutura simples tiveram 23 registros. Todos os topônimos foram registrados como portugueses, exceto 3 híbridos e 1 que foi registrado como indígena, o topônimo avenida Tamandaré, da língua tupi. O gráfico 14 a seguir visualiza em termos percentuais a distribuição dos topônimos do bairro Planalto, em termos de estrutura morfológica.

Gráfico 13 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Planalto de Campo Grande/MS

Fonte: Elaboração da autora.

4.6 Bairro Monte Líbano

Ano de fundação: 1956

Classificação taxionômica: Morfotopônimo

Quadro 10 - Topônimos do bairro Monte Líbano da cidade de Campo Grande/MS

Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Rua	Rui Barbosa		Português	Historiotopônimo	Composto	Essa rua que denominada Rua 14 de Fevereiro, passa a se chamar Rui Barbosa em homenagem ao homem que tantos serviços prestou à nação brasileira. Com seu enorme prestígio, Rui Barbosa candidatou-se duas vezes ao cargo de Presidente da república, porém foi derrotado em ambas (LEAL, 2006, p 26).
Rua	Antônio Correa		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Otaviano de Souza		Português	Antropotopônimo	Composto	

Rua	Frei Gregório		Português	Sociotopônimo	Composto	Lei número 4.766, de 21 de outubro de 2009 , altera denominação da rua Flavio de Matos para Frei Gregório, no bairro Monte Líbano, em homenagem ao frei Francisco, pelo relevante trabalho realizado na Paróquia Nossa Senhora de Fátima. ⁵⁷
Rua	Antônio de Barros		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Georges Sleiman Abdallah		Português/árabe	Antropotopônimo	Composto	Fundados do bairro Monte Líbano.
Rua	Senador Ponce		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Matoso, do		Português	Fitotopônimo	Simples	
Rua	Sebastião Lima		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Liberdade, da		Português	Animotopônimo Eufórico	Simples	

⁵⁷ Fonte: http://www.sglweb.com.br/sgl005ms_consulta2/lex_6.lbsp

Rua	Doutor Anibal de Toledo		Português	Axiotopônimo	Simples	
Rua	Robert Spengler		Português/inglês	Antropotopônimo	Composto	

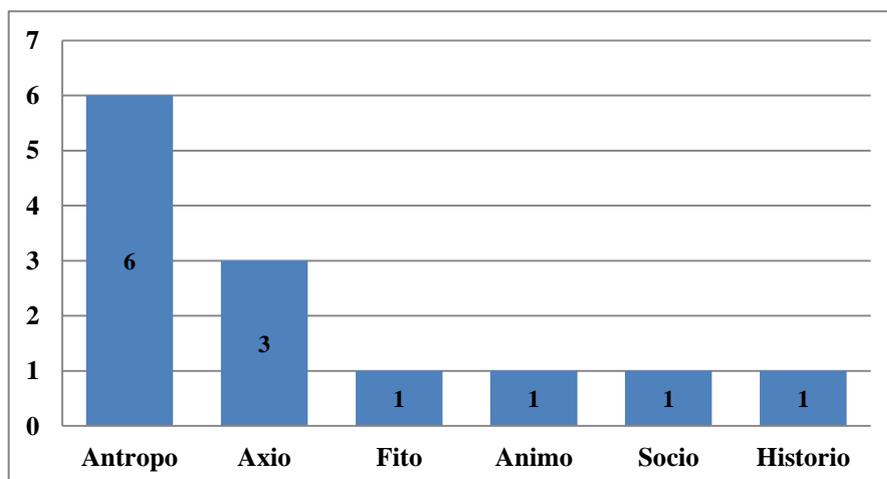
Fonte: Elaboração da autora.

4.6.1 Análise quantitativa dos dados do bairro Monte Líbano

O bairro Monte Líbano foi fundado pelo proprietário Georges Sleiman Abdallah, cujo o último sobrenome, segundo Guérios (1981, p.45) “*árabe. Abdallah: servo (abd.) de Deus (allah)*” remete à língua de origem do Líbano, país asiático. De acordo com Heitor Freire em uma entrevista para o jornal eletrônico Mídiamax⁵⁸, quando aportou em Campo Grande, com 18 anos de idade, trabalhou na casa de armarinhos de seus tios, a Loja Popular, na rua 14 de Julho. Como homem de abrangente espírito audacioso, adquiriu uma chácara nos altos da região sul da cidade, onde lançou o loteamento Jardim Monte Líbano. Foi o primeiro loteamento de Campo Grande a dispor de toda infraestrutura, com rede elétrica a mercúrio já instalada.

Os antropotônimos foram os mais recorrentes no Monte Líbano, nomeando 6 ruas, a saber: Rua Antônio Correa, Rua Otaviano de Souza, Rua Antônio de Barros, Rua Georges Sleiman Abdallah, Rua Sebastião Lima e Rua Robert Spengler. Os axiotônimos aparecem com duas ocorrências: Rua Senador Ponce e Rua Doutor Anibal de Toledo. Os animotônimos (Rua da Liberdade), fitotônimos (Rua do Matoso) e historiotônimos (Rua Rui Barbosa) aparecem com apenas uma ocorrência cada, como se observa no gráfico a seguir:

Gráfico 14 - Taxionomias dos topônimos do bairro Monte Líbano de Campo Grande/MS

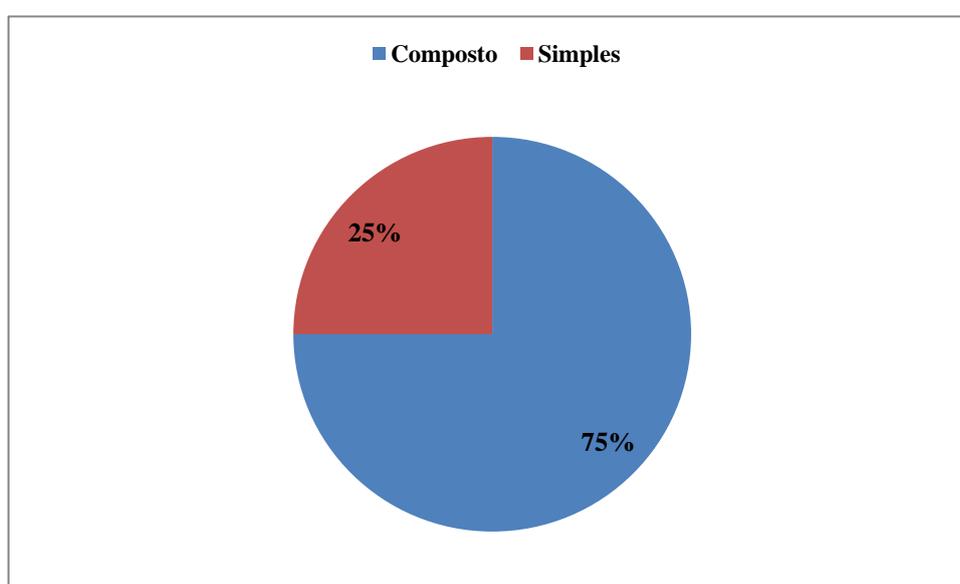


⁵⁸ Disponível em: http://www.midiamax.com.br/pontodevista/?pon_id=904

Fonte: Elaboração da autora.

Foram catalogados 12 topônimos no bairro Monte Líbano, 10 de base portuguesa e 2 híbridos. Nota-se que esse bairro devido à sua própria extensão, pois é considerado um bairro com poucos logradouros públicos. Dentre o total de topônimos, 9 são de estrutura formal composta e 3 de estrutura simples. O gráfico 16 a seguir apresenta esses dados, em termos percentuais:

Gráfico 15 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Monte Líbano de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

4.7 Bairro Jardim dos Estados

Ano de fundação: 1938

Classificação taxionômica: Morfotopônimo

Quadro 11 - Topônimos do bairro Jardim dos Estados da cidade de Campo Grande/MS

Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Avenida	Mato Grosso		Português	Corotopônimo	Composto	
Avenida	Afonso Pena		Português	Historiotopônimo	Composto	Marechal Hermes, assim se chamava a avenida central da ainda vila de Campo Grande, porém o vereador Francisco Vital propôs que ela passasse a se chamar Afonso Pena em homenagem ao presidente que havia aprovado a ferrovia Noroeste do Brasil, que trouxe grandes benefícios para Campo Grande (FERNANDES, 2006, p 34).
Avenida	Ricardo Brandão		Português	Antropotopônimo	Composto	

Avenida	Estados, dos		Português	Não classificada	Simples	
Avenida	Alvorada		Português	Astrotopônimo	Simples	Provavelmente uma referência ao Nascer do Sol.
Rua	Goiás		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	Alagoas		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	Euclides da Cunha		Português	Antropotopônimo	Composto	O nome da rua faz referência ao engenheiro, jornalista, professor, ensaísta, historiador, sociólogo e poeta brasileiro. ⁵⁹
Rua	Paz, da		Português	Animotopônimo Eufórico	Simples	
Rua	Rio Grande do Sul		Português	Corotopônimo	Composto	
Rua	Paraíba		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	Espírito Santo		Português	Corotopônimo	Composto	

⁵⁹ Fonte: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=496&sid=126>

Rua	General Odorico Quadros		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Bahia		Português	Corotopônimo	Simple	
Rua	Antonio Maria Coelho		Português	Historiotopônimo	Composto	O nome da rua presta uma homenagem ao Barão de Amambahy, considerado um militar e político brasileiro, e adquiriu grande prestígio no Império após sua destacada atuação durante a Guerra do Paraguai. ⁶⁰
Rua	Manoel Inácio de Souza		Português	Antropotopônimo	Composto	Referência ao prefeito de Campo Grande, eleito entre os anos de 1904 até 1909. ⁶¹
Rua	15 de Novembro		Português	Historiotopônimo	Composto	Essa rua foi assim nominada em homenagem a instauração da República no Brasil. Após vários acontecimentos, o império perdeu seu prestígio, e em 15 de novembro de 1889, no Rio de Janeiro, foi proclamada a República e Marechal Deodoro da Fonseca assumiu o governo provisório (FERNANDES, 2006, p 32).

⁶⁰ Fonte: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370968850_ARQUIVO_APRESENCADANTONIOMARIACOELHO_BARAODEAMAMBAHY_EMMA TOGROSSO.pdf

⁶¹ Fonte: http://www.jmesquita.brtdata.com.br/misouza/Manoel%20Ignacio%20de%20Souza_Personalidades.pdf

Rua	7 de Setembro		Português	Historiotopônimo	Composto	Uma referência à Independência do Brasil.
Rua	Alberto Neder		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Sergipe		Português	Corotopônimo	Simple	
Rua	Abrão Julio Rahe		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Eduardo Santos Pereira		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Manoel Secco Tomé		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Princesa Isabel		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Oswaldo Cruz		Português	Antropotopônimo	Composto	A rua presta homenagem ao médico, higienista e cientista brasileiro. ⁶²

⁶² Fonte: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=353&sid=112>

Rua	Couto Magalhães		Português	Antropotopônimo	Composto	A rua faz referência ao escritor e folclorista brasileiro.
Rua	25 de Dezembro		Português	Historiotopônimo	Composto	Uma provável referência à data em que se comemora o Natal.
Rua	Joaquim Tavora		Português	Antropotopônimo	Composto	A rua homenageia o militar e engenheiro civil, Joaquim Távora. Em 1922, Távora comandou o 17º Batalhão de Caçadores, sediado em Corumbá (MT), quando liderou a rebelião nesse estado. ⁶³
Rua	Própria		Português	Animotopônimo	Simples	
Rua	Brasil		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	Augusta		Português	Antropotopônimo	Simples	
Rua	Iara		Português	Antropotopônimo	Simples	
Rua	Roberto Perez Rodrigues		Português	Antropotopônimo	Composto	

⁶³ Fonte: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/joaquim_tavora

Rua	Projetada		Português	Não classificada	Simples	
Rua	Bia Taveira		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Levinda Ferreira		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Ceci		Português	Antropotopônimo	Simples	
Rua	José Dibo		Árabe	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Frederico Korindorfer		Alemão	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Paraná		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	São Jorge		Português	Hagiotopônimo	Composto	
Rua	Carlos Hugueney		Não identificada	Antropotopônimo	Composto	
Rua	José Abrão		Árabe	Antropotopônimo	Composto	

Rua	Pedro Coutinho		Português	Antropotopônimo	Composto	
Travessa	Tenente Valdevino		Português	Axiotopônimo	Composto	
Travessa	Magé		Português	Corotopônimo	Simples	Uma referência localizada na cidade pertencente à Região Metropolitana do Rio de Janeiro, que se limita ao norte com Petrópolis, ao oeste com Duque de Caxias, ao leste com o município de Guapimirim e ao sul com a Baía de Guanabara.
Travessa	Particular		Português	Não classificada	Simples	
Praça	Silva Jardim		Português	Antropotopônimo	Composto	

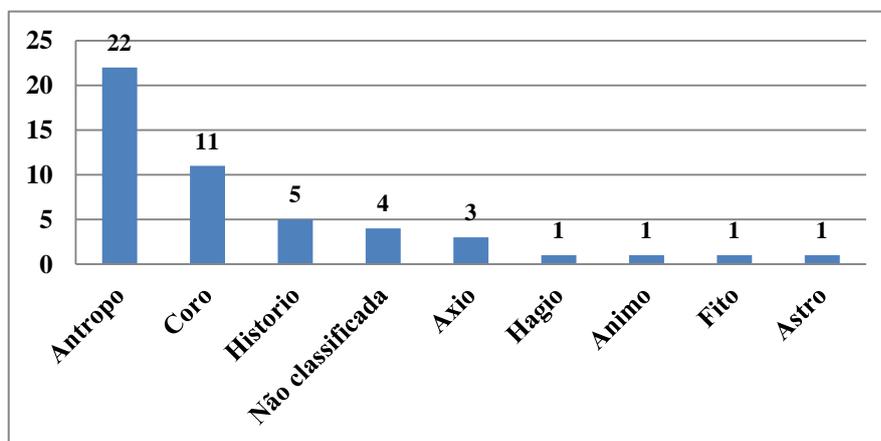
Fonte: Elaboração da autora.

7.7.1 Análise quantitativa dos dados do bairro Jardim dos Estados

Em termos taxionômicos, os dados seguem as tendências observadas nos demais bairros. Dentre o conjunto das taxionomias, os antropotopônimos mais uma vez aparecem como os mais recorrentes, com 22 ocorrências, a saber: avenida Ricardo Brandão, rua Euclides da Cunha, rua Manoel Inácio de Souza, rua Alberto Neder, rua Rua Abrão Julio Rahe, rua Eduardo Santos Pereira, rua Manoel Secco Tomé, rua Oswaldo Cruz, rua Couto Magalhães, rua Joaquim Tavora, rua Augusta, rua Iara, rua Roberto Perez Rodrigues, rua Bia Taveira, rua Levinda Ferreira, rua Ceci, rua José Dibo, rua Frederico Korindorfer, rua Oswaldo Cruz, rua Carlos Huguene, rua José Abrão, rua Pedro Coutinho e praça Silva Jardim. Vários desses antropotopônimos homenageiam pessoas que se destacaram na toponímia desse bairro, como Euclides da Cunha, Manoel Inácio de Souza, Oswaldo Cruz, Couto Magalhães e Joaquim Tavora. Quatro topônimos do bairro não foram classificados: Avenida dos Estados, Rua Projetada, Rua Própria e Travessa Particular.

Os corotopônimos também tiveram presença significativa no bairro. Como o próprio nome do bairro já esclarece, as nomeações de ruas e avenidas com nomes de estados e cidades são bastante recorrentes no Jardim dos Estados: Rua Goiás, Rua Alagoas, Rua Piratininga, Rua Rio Grande do Sul, Rua Paraíba, Rua Espírito Santo, Rua Bahia, Rua Sergipe, Rua Brasil, Rua Paraná, Avenida Mato Grosso e Travessa Magé. As demais taxionomias aparecem com poucas ocorrências, como demonstra o gráfico que segue:

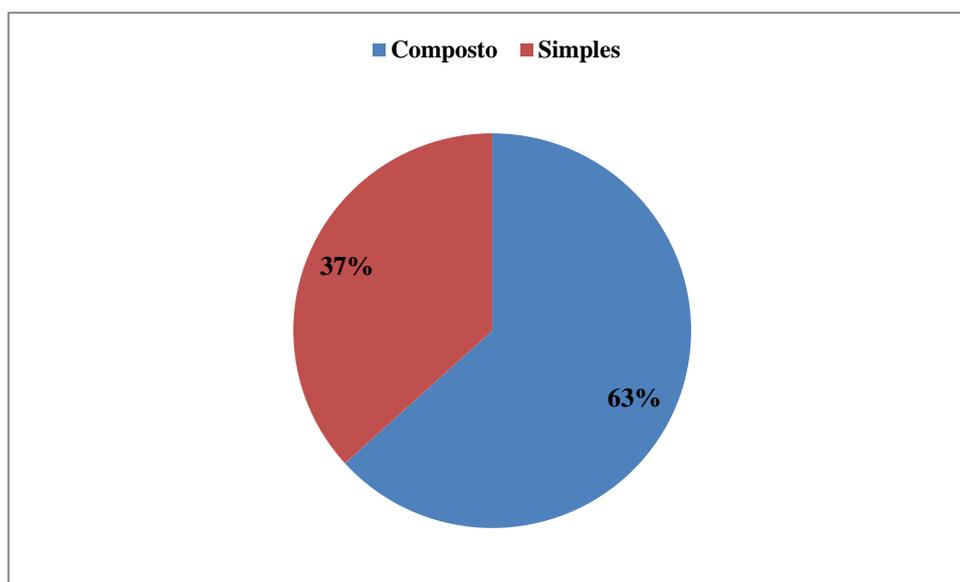
Gráfico 16 - Taxionomias dos topônimos do bairro Jardim dos Estados de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

Com relação à estrutura morfológica dos topônimos, 31 foram classificados como compostos, e 18 como simples. Dos 49 topônimos urbanos no total, 45 foram registrados com base linguística portuguesa, 3 híbridos e 1 não classificado.

Gráfico 17 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Jardim dos Estados



Fonte: Elaboração da autora.

4.8 Bairro Itanhangá

Ano de fundação: 1946

Classificação taxionômica: Não classificada

Quadro 12 - Topônimos do bairro Itanhangá da cidade de Campo Grande/MS

Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Avenida	Fernando Correa da Costa		Português	Antropotopônimo	Composto	O nome presta uma homenagem ao médico e político mato-grossense Fernando Correa da Costa, natural de Cuiabá-MT, que foi governador de Mato Grosso, senador e o primeiro prefeito eleito de Campo Grande após o período ditatorial de Getulio Vargas. Em sua gestão como prefeito, asfaltou a rua 14 de julho até a avenida Mato Grosso e diversas quadras de suas transversais. A sua administração teve grande repercussão em todo o Estado (RODRIGUES, 1980, p.164).
Rua	Santa Tereza		Português	Hagiotopônimo	Composto	

Rua	Theotonio Rosa Pires		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Sebastião Lima		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	José Antônio		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Rodolfo José Pinho		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Joaquim Murtinho		Português	Antropotopônimo	Composto	O topônimo homenageia o político brasileiro Joaquim Murtinho. Dirigiu um estabelecimento de crédito, o Banco Rio e Mato Grosso. A partir de 1890, buscou drenar boa porção dos recursos disponíveis, gerados pela inflação, em benefício de sua terra natal, Cuiabá, Mato Grosso. Proporcionou a organização da “Companhia Mate-Laranjeira” destinada a desenvolver a indústria ervateira (ervamate) no Estado. ⁶⁴
Rua	Itacuru	TACURI s.m Var.: Tacurí, tacurú. Espécie de	Tupi	Litotopônimo	Simple	

⁶⁴ Fonte: <http://guimaraesrocha.com.br/grandezas-literarias/248-joaquim-murtinho-cidadao-integral.html>

		formiga, cupinzeiro, ninho de cupim” (CUNHA, 1999, p. 273).				
Rua	Monte Belo		Português	Geomorfotopônimo	Composto	
Rua	Maria Madalena		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Piauí	“o rio dos pias” (SAMPAIO, 1788, p.288).	Tupi	Corotopônimo	Simples	
Rua	Jeronimo Paes Benjamim		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Itaru	Não identificada	Não identificada	Não classificada	Simples	
Rua	Igara	“dona d’água, superior à água; a canoa” (SAMPAIO,	Tupi	Não classificada	Simples	

		1788, p.220).				
Rua	Sofia Melke		Português/árabe	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Para Pedestre		Não identificada	Não classificada	Composto	
Rua	Chaadi Scaff		Português/árabe	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Monte Belo		Português	Geomorfotopônimo	Composto	
Rua	Utinga	“De Y-tinga, Rio branco, Rio claro” (TIBIRIÇA, 1997, p.69).	Tupi	Hidrotopônimo	Simples	
Rua	Angélica		Potuguês	Antropotopônimo	Simples	
Rua	Caetano Rosa		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	José Mariano		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	José Ferreira		Português	Antropotopônimo	Composto	

Rua	Nabuco de Araujo		Português	Antropotopônimo	Composto	O nome da rua presta homenagem ao Barão de Itapuã, magistrado e político brasileiro.
Rua	Joaquim Avelino de Rezende		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Uberlândia		Português	Corotopônimo	Simple	
Rua	Rosa Pires, dos		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Centenário		Português	Corototônimo	Simple	
Rua	José Maria		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Santa Teresa		Português	Hagiotopônimo	Composto	
Rua	Tonico Saad		Português/árabe	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Calarge		Português	Antropotopônimo	Simple	
Rua	Pedro Celestino		Português	Antropotopônimo	Composto	Desde o primeiro arruamento de Campo Grande, em 1909, a Rua Pedro Celestino recebeu esse nome em homenagem a esse vulto estadual. Pedro Celestino Correa da

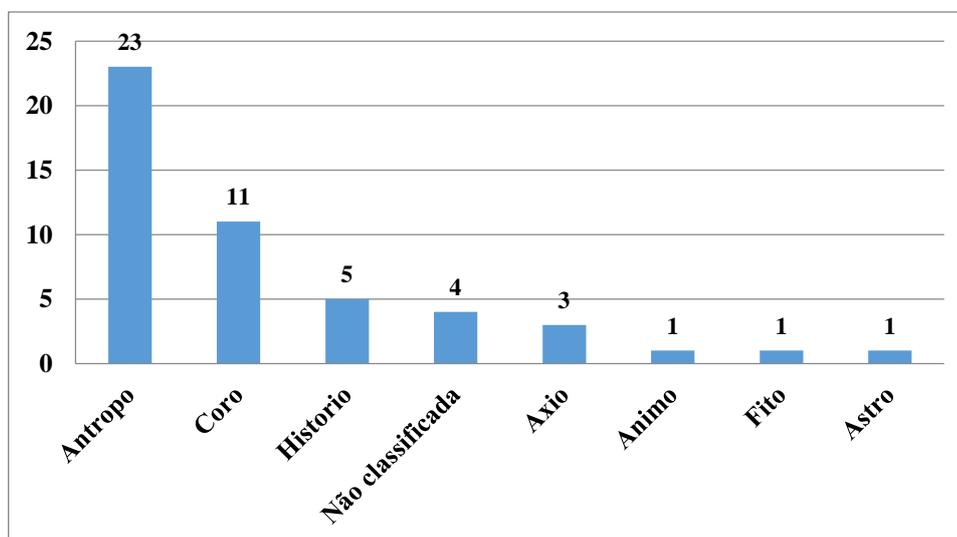
						Costa foi presidente da Província de Mato Grosso no período de 1922 e 1926. Teve a alegria de ver, no final de seu governo, a inauguração da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil iniciar a penetração em terras mato-grossenses (LEAL, 2006, p 29).
Rua	Antônio Correa		Português	Antropotopônimo	Composto	

Fonte: Elaboração da autora.

4.8.1 Análise quantitativa dos dados do bairro Itanhangá

No bairro Itanhangá, foram registrados 34 topônimos urbanos. Mais uma vez, os antropotopônimos foram a taxionomia mais recorrente, com 22 ocorrências, a saber: avenida Fernando Correa da Costa, rua Theotonio Rosa Pires, rua Maria Madalena, rua Sebastião Lima, rua José Antônio, rua Rodolfo José Pinho, rua Joaquim Murtinho, rua Jeronimo Paes Benjamim, rua Sofia Melke, rua Chaadi Scaff, rua Angélica, rua Caetano Rosa, rua José Mariano, rua José Ferreira, rua Nabuco de Araujo, rua Joaquim Avelino de Rezende, rua dos Rosa Pires, rua José Maria, rua Tônico Saad, rua Calarge, rua Pedro Celestino e rua Antônio Correa. Os corotopônimos aparecem em seguida com 3 ocorrências, além de 3 topônimos não classificados. As demais taxionomias (geomorfotopônimos, hidrotopônimos, litotopônimos e hierotopônimos) aparecem com poucas ocorrências, como observa-se no gráfico 19:

Gráfico 18 - Taxionomias dos topônimos do bairro Jardim dos Estados de Campo Grande/MS

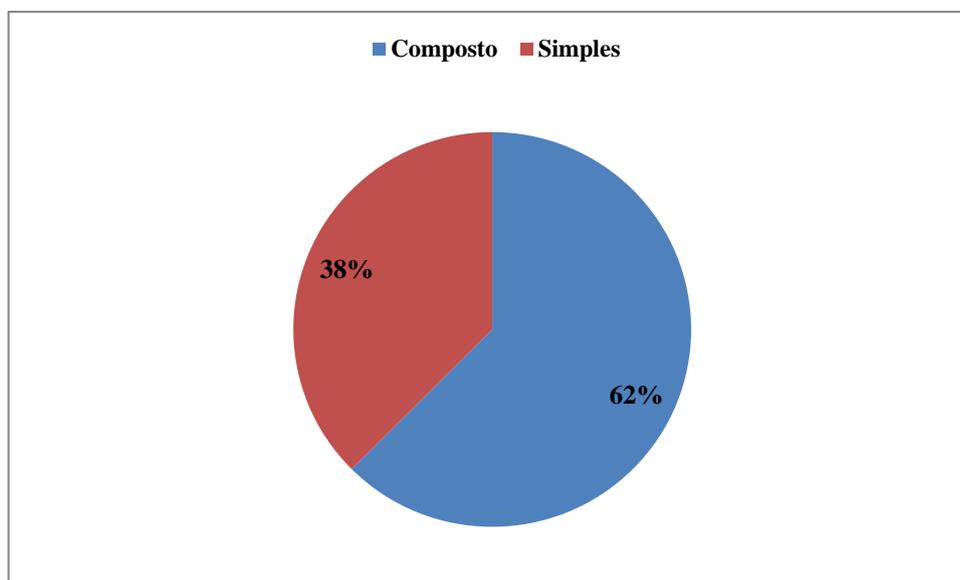


Fonte: Elaboração da autora.

Os topônimos de estrutura morfológica composta se sobressaíram com 25 ocorrências, enquanto os de estrutura simples tiveram 9 registros. Com relação às línguas de origem dos topônimos, os de base portuguesa foram os mais relevantes, com 24 ocorrências, dentre eles 3 são híbridos. Nesse bairro houve 4 topônimos de base indígena, a saber: rua Itacuru, rua Piauí, rua Igara e rua Utinga. Foram registrados 3 topônimos que, por ora, não

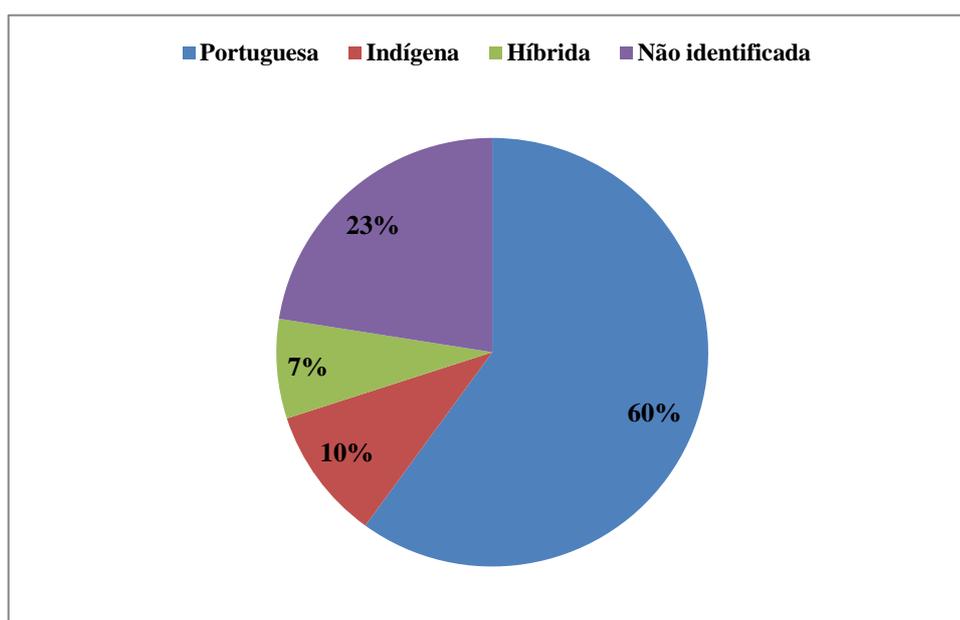
foram classificados. Os gráficos a seguir ilustram a distribuição dos dados em termos percentuais:

Gráfico 19 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Itanhangá de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

Gráfico 20 - Língua de origem dos topônimos do bairro Itanhangá de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

4.9 Bairro Cruzeiro

Ano de fundação: 1952

Classificação taxionômica: Cardinotopônimo

Quadro 13 - Topônimos do bairro Cruzeiro da cidade de Campo Grande/MS

Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Avenida	Coronel Antonino		Português	Axiotopônimo	Composto	
Avenida	Monte Castelo		Português	Geomorfotopônimo	Composto	
Avenida	Mascarenhas de Moraes		Português	Historiotopônimo	Composto	A rua presta uma homenagem à João Batista Mascarenhas de Moraes, militar brasileiro. Foi o comandante da Força Expedicionária Brasileira, na Segunda Guerra Mundial. ⁶⁵
Avenida	Rachid Neder		Português/árabe	Antropotopônimo	Composto	

⁶⁵ Fonte: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/mascarenhas_morais

Avenida	Presidente Castelo Branco		Português	Axiotopônimo	Composto	
Avenida	Mato Grosso		Português	Corotopônimo	Composto	
Rua	Antônio Mena Gonçalves		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Maranhão		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	Paineiras, das		Português	Fitotopônimo	Simples	
Rua	São Borja		Português	Corotopônimo	Composto	Uma referência ao município do Estado do Rio Grande do Sul.
Rua	Itaqui	“a pedra aguçada; a pedra de amolar” (SAMPAIO, 1788, p.231).	Tupi	Corotopônimo	Simples	Uma referência ao município do Estado do Rio Grande do Sul.
Rua	Rosário, do		Português	Corotopônimo	Simples	Uma referência ao município do Estado do Rio Grande do Sul.

Rua	Porto Alegre		Português	Corotopônimo	Composto	
Rua	Castro Faria		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Desembargador Eurindo Neves		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Doutor Eduardo Machado		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Caxias do Sul		Português	Corotopônimo	Composto	
Rua	Coronel Zozimo		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Pelotas		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	Riachão		Português	Hidrotopônimo	Simples	
Rua	Doutor Dolor Ferreira de Andrade		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Livramento, do		Português	Animotopônimo Eufórico	Simples	

Rua	Alegrete		Português	Corotopônimo	Simples	Uma referência ao município do Estado do Rio Grande do Sul.
Rua	Minas Gerais		Português	Corotopônimo	Composto	
Rua	Santo Angelo		Português	Corotopônimo	Composto	Uma referência ao município Estado do Rio Grande do Sul.
Rua	Uruguaiana		Português	Corotopônimo	Simples	Uma referência ao município do Estado do Rio Grande do Sul.
Rua	Ceará		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	Alagoas		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	Amazonas		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	São Paulo		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	Pernambuco		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	Eduardo Santos Pereira		Português	Antropotopônimo	Composto	

Rua	Garças, das		Português	Zootopônimo	Simples	
Rua	Abrão Julio Rahe		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Sergipe		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	Paraíba		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	Espírito Santo		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	Goiás		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	Maranhão		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	São Leopoldo		Português	Corotopônimo	Composto	Uma referência ao município do Estado do Rio Grande do Sul.
Rua	Antonina de Castro Faria		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Dr. Eduardo Olímpio Machado		Português	Axiotopônimo	Composto	

Rua	Gramado		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	Coronel Zózimo		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Rio Grande do Sul		Português	Corotopônimo	Composto	
Rua	Brasil		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	Bahia		Português	Corotopônimo	Simples	
Rua	Gravataí	“Rio dos gravatás” (SAMPAIO, 1788, p.205).	Tupi	Hidrotopônimo	Simples	
Rua	Zola Cícero		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Eduardo Olimpio Machado		Português	Antropotopônimo	Composto	
Travessa	Iraí	“ira’í, de ira ‘mel’ e í ‘água’ (HOUAISS,	Tupi	Hidrotopônimo	Simples	

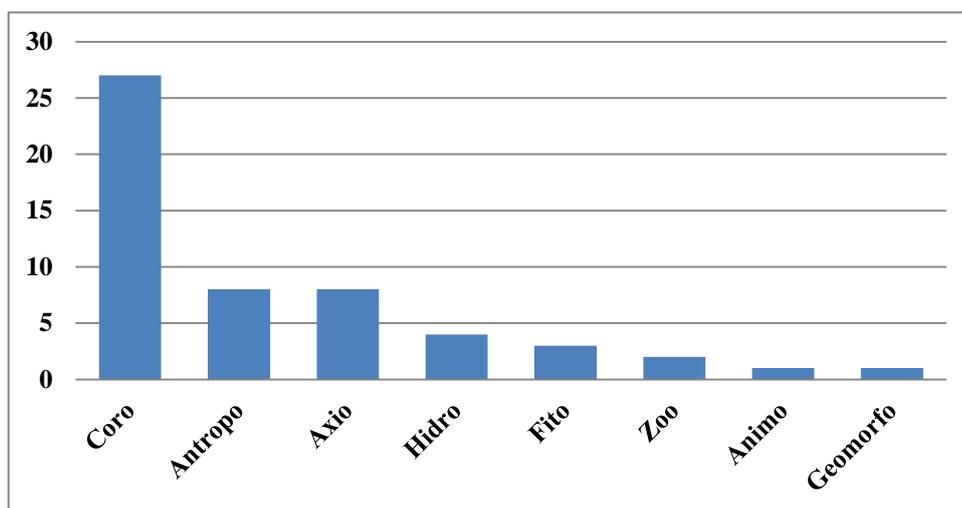
		2001).				
Travessa	Jupirá	“Redemoinh o que faz as águas de um rio” (TIBIRIÇA, 1997, p.78)	Tupi	Hidrotopônimo	Simples	
Travessa	Guará	“agwa’ra’ ave da família dos tresquiornití deos” (HOUAISS, 2001).	Tupi	Zootopônimo	Simples	
Travessa	Buriti	“árvore que emite liquido; a palmeira” (SAMPAIO, 1788, p.171).	Tupi	Fitotopônimo	Simples	
Travessa	Chuí		Português	Corotopônimo	Simples	Uma referência ao município do Estado do Rio Grande do Sul.

Fonte: Elaboração da autora.

4.9.1 Análise quantitativa do bairro Cruzeiro

No bairro Cruzeiro houve uma peculiaridade em relação ao conjunto das taxes toponímicas identificada nesse bairro. Os corotopônimos foram a taxionomia mais recorrente, com 27 ocorrências a saber: rua Maranhão, rua São Borja, rua Itaquí, rua do Rosário, rua Porto Alegre, rua Caxias do Sul, rua Pelotas, rua Alegrete, rua Minas Gerais, rua Santo Angelo, rua Uruguaiana, rua Ceará, rua Alagoas, rua Amazonas, rua São Paulo, rua Pernambuco, rua Sergipe, rua Paraíba, rua Espírito Santo, rua Goiás, rua Maranhão, rua São Leopoldo, rua Gramado, rua Rio Grande do Sul, rua Brasil rua Bahia, Avenida Mato Grosso e rua Chuí. Os antropotopônimos e axiotopônimos aparecem em seguida, com 8 ocorrências. As demais taxionomias (fitotopônimos, hidrotopônimos, zootopônimos, animotopônimos, geomorfotopônimos e historiotopônimos) aparecem com tiveram ocorrências. Vale ressaltar que, com exceção do topônimo Itaquí, que foi classificado como corotopônimo, pois é um município do Estado do Rio Grande do Sul, os demais topônimos indígenas do bairro correspondem à taxionomias de natureza física, a saber: travessa Iraí (hidrotopônimo), travessa Jupiá (hidrotopônimo), travessa Guará (zootopônimo) e travessa Buriti (fitotopônimo), ratificando a tendência de designativos indígenas relacionados a elementos de natureza serem produtivos na toponímia brasileira. O gráfico 22, a seguir, traz o conjunto taxionômico do bairro Cruzeiro e o número de suas ocorrências:

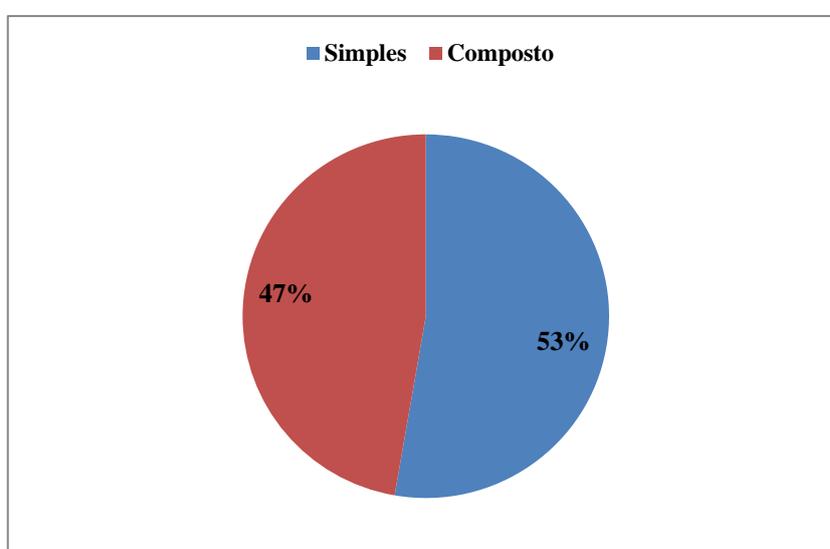
Gráfico 21 - Taxionomias dos topônimos do bairro Cruzeiro de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

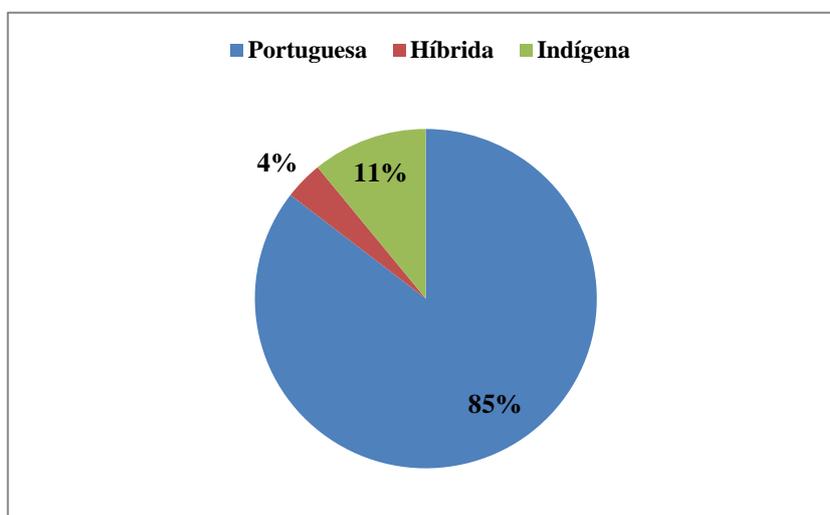
Outro diferencial foi observado no bairro Cruzeiro: a predominância de topônimos de estrutura simples, com 29 ocorrências, contra 26 de estrutura composta. Dentre o total dos 55 topônimos do bairro, 49 tiveram registro de base linguística portuguesa, dentre eles, 2 são híbridos, e 6 topônimos de base indígenas, número significativo se comparado ao conjunto dos bairros, todos de origem Tupi, a saber: rua Itaquí, travessa Iraí, travessa Jupia, travessa Guará, travessa Buriti e travessa Chuí. Os gráficos abaixo trazem em termos percentuais esses dados:

Gráfico 22 - Estrutura morfológica do bairro Cruzeiro de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

Gráfico 23 - Língua de origem dos topônimos do bairro Cruzeiro de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

4.10 Bairro Centro

Ano de fundação: 1958

Classificação taxionômica: Dimensiotopônimo

Quadro 14 - Topônimos do bairro Centro da cidade de Campo Grande/MS

Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica	Infomações enciclopédicas
Avenida	Mato Grosso		Português	Corotopônimo	Composto	
Avenida	Fernando Correa da Costa		Português	Antropotopônimo	Composto	O nome presta uma homenagem ao médico e político mato-grossense Fernando Correa da Costa, natural de Cuiabá-MT, que foi governador de Mato Grosso, senador e o primeiro prefeito eleito de Campo Grande após o período ditatorial de Getulio Vargas. Em sua gestão como prefeito, asfaltou a rua 14 de julho até a avenida Mato Grosso e diversas quadras de suas transversais. A sua administração teve grande repercussão em todo o Estado (RODRIGUES, 1980, p.164).
Rua	15 de Novembro		Português	Historiotopônimo	Composto	Essa rua foi assim nominada em homenagem a instauração da República no Brasil. Após vários acontecimentos, o império perdeu seu prestígio e, em 15 de novembro de 1889, no Rio de

						Janeiro, foi proclamada a República, tendo Marechal Deodoro da Fonseca assumindo o governo provisório (FERNANDES, 2006, p 32).
Rua	Barão do Rio Banco		Português	Historiotopônimo	Composto	No projeto de 1909, essa rua recebeu o nome em homenagem ao Barão que foi deputado por Mato Grosso, de 1869 a 1875, além de ministro da República em 1894. (Revisa ARCA, 1998, p.20).
Rua	Castro Alves		Português	Antropotopônimo	Composto	A rua presta homenagem à Castro Alves (1847-1871), renomado poeta brasileiro. O último grande poeta da terceira geração romântica no Brasil. ⁶⁶
Rua	Alberto Neder		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Bahia		Português	Corotopônimo	Simple	
Rua	Boa Vista		Português	Corotopônimo	Simple	Capital do Estado de Roraima.
Rua	Rui Barbosa		Português	Historiotopônimo	Composto	Essa rua que era denominada de rua 14 de Fevereiro, passa a se chamar Rui Barbosa em

⁶⁶ Fonte: http://www.e-biografias.net/castro_alves/

						homenagem ao homem que tantos serviços prestou à nação brasileira. Com seu enorme prestígio, Rui Barbosa candidatou-se duas vezes ao cargo de Presidente da república, porém foi derrotado em ambas as vezes (LEAL, 2006, p 26).
Rua	Eduardo Santos Pereira		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Pedro Celestino		Português	Antropotopônimo	Composto	Desde o primeiro arruamento de Campo Grande, em 1909, a Rua Pedro Celestino recebeu esse nome em homenagem a esse vulto estadual. Pedro Celestino Correa da Costa foi presidente da Província de Mato Grosso no período de 1922 e 1926. Teve a alegria de ver, no final de seu governo, a inauguração da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil iniciar a penetração em terras mato-grossenses (LEAL, 2006, p 29).
Rua	Garças, das		Português	Zootopônimo	Simples	
Rua	Padre João Crippa		Português	Axiotopônimo	Composto	É chamada inicialmente de rua 15 de Agosto, assim denominada em homenagem ao Padre salesiano João Crippa, que se dedicou à educação da juventude, tendo também trabalhado na inspetoria de Mato Grosso, dedicando-se aos índios bororo (SANTOS, 2006, p.39).

Rua	José Antônio		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Abrão Julio Rahe		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	26 de Agosto		Português	Historiotopônimo	Composto	Esa rua passou a ser chamada pela população de “Rua Velha” devido à existência e surgimento de novas ruas. Contudo, foi oficialmente denominada de avenida Afonso Pena, em 1909, em homenagem ao Presidente da república, por aprovar o novo traçado da Estrada de Ferro. Sete anos depois, foi aprovada a mudança do nome da rua Afonso Pena para rua 26 de Agosto, em homenagem à data de fundação da cidade. (CARDOZO, 2006, p.56).
Rua	13 de Maio		Português	Historiotopônimo	Composto	Uma provável referência à data em que se comemora a Abolição da Escravatura no Brasil.
Rua	Iria Loureiro Viana		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Marechal Rondon		Português	Axiotopônimo	Simple	Homenagem ao militar sertanista e engenheiro, que foi chefe do Distrito Telegráfico de Mato Grosso e dedicou grande parte de sua vida à causa indígena (VIEIRA, 2006. p.91).

Rua	Doutor Arthur Jorge		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Dom Aquino		Português	Axiotopônimo	Simple	Essa rua presta homenagem ao cuiabano que foi nomeado pelo Papa Pio X Bispo Titular e auxiliar da Arquidiocese de Cuiabá. Entre 1818-1922 foi presidente do Estado de Mato Grosso e, em 1927, entrou para a Academia Brasileira de Letras (SANTOS, 2006, p.37).
Rua	25 de Dezembro		Português	Historiotopônimo	Composto	Uma provável referência à ata em que se comemora o Natal.
Rua	Genetal Wolgrand		Português/i nglês	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Cândido Mariano		Português	Antropotopônimo	Composto	Esse designativo homenageia o Cândido Mariano, mato-grossense que prestou relevantes serviços ao Estado, principalmente na implantação das linhas telegráficas (Revisa ARCA, 1998, p.17).
Travessa	Continental		Português	Não classificada	Simple	
Travessa	Pepe Simioli		Português	Italiano	Composto	

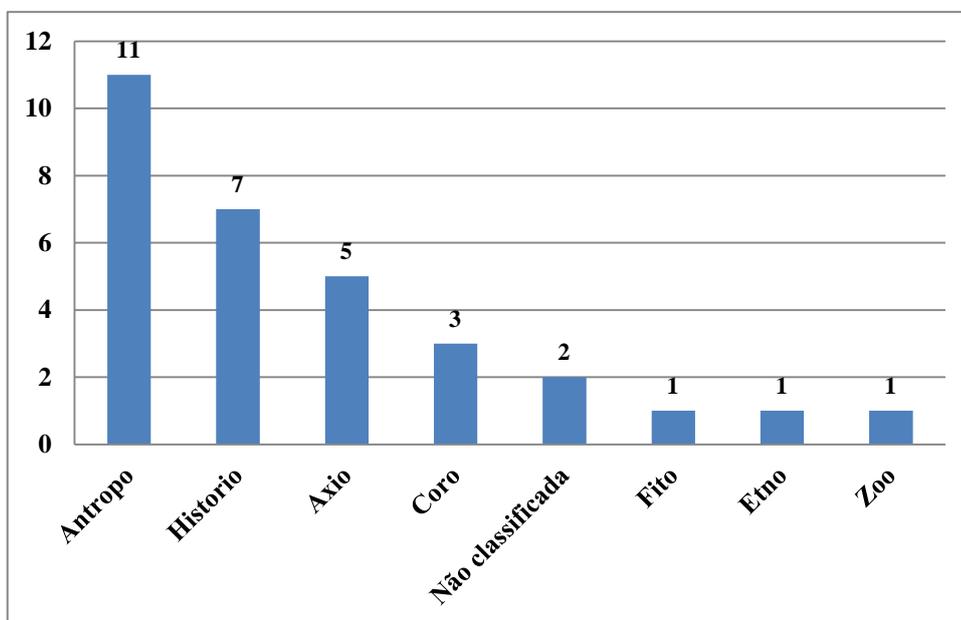
Praça	Ary Coelho		Português	Antropotopônimo	Composto	O nome presta homenagem ao ex prefeito de Campo Grande assassinado em 1952, em Cuiabá. (Revisa ARCA, 1998, p.12).
Praça	República, da		Português	Historiotopônimo	Simple	
Praça	Araras, das	Voz onomatopáica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 199).	Tupi	Zootopônimo		
Praça	Aquidauana		Não identificada	Não classificada		Uma provável referencia ao rio Aquidauana e a cidade do mesmo nome, localizada no Estado de Mato Grosso do Sul.
Praça	Cuiabá		Português	Corotopônimo	Simple	
Praça	Imigrantes, dos		Português	Etnotopônimo	Simple	

Fonte: Elaboração da autora.

4.10.1 Análise quantitativa dos topônimos do bairro Centro

No bairro Centro, repete-se tendência já observada na maioria dos bairros selecionados para esta pesquisa, ou seja, o predomínio de antropotopônimos, que apareceram com 11 ocorrências no bairro. Muitos desses topônimos já apareceram em outros bairros, e alguns concentram valor histórico: avenida Fernando Correa da Costa, rua Castro Alves, rua Alberto Neder, rua Eduardo Santos Pereira, rua Pedro Celestino, rua José Antônio, rua Abrão Julio Rahe, rua Iria Loureiro Viana, rua Cândido Mariano, rua Pepe Simioli e praça Ary Coelho. Os historiotopônimos aparecem em seguida com 7 ocorrências: rua 15 de Novembro, rua 7 de Setembro, rua 26 de Agosto, rua 13 de Maio, rua Rui Barbosa, rua 25 de Dezembro e praça da República. As demais taxes (axiotopônimos, corotopônimos, fitotopônimos, zootopônimos e etnotopônimos) revelaram poucas ocorrências. Os valores numéricos das taxes identificadas no bairro Centro podem ser visualizados no gráfico que segue:

Gráfico 24 - Taxionomias dos topônimos do bairro Centro de Campo Grande/MS

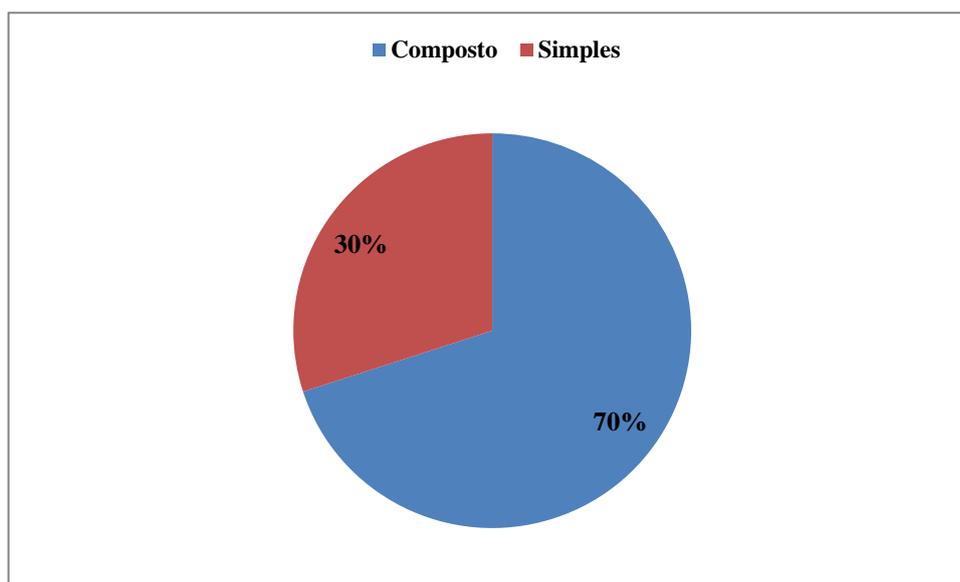


Fonte: Elaboração da autora

Todos os topônimos são de base linguística portuguesa, com exceção de 1, identificado como italiano. Do total de 32 topônimos analisados, 21 são de estrutura

morfológica composta e apenas 9 com estrutura simples. O gráfico 26 demonstra a porcentagem desse universo de topônimos do bairro Centro, no que se refere à estrutura formal:

Gráfico 25 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Centro de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

4.11 Bairro Carvalho

Ano de fundação: 1947

Classificação taxionômica: Antropotopônimo

Quadro 15 - Topônimos do bairro Carvalho da cidade de Campo Grande/MS

Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Avenida	Salgado Filho		Português	Historiotopônimo	Composto	O nome presta uma homenagem ao político brasileiro que se elegeu senador pelo Rio Grande do Sul. Nas eleições presidenciais de 1950, exerceu importante papel de ligação entre Vargas. Nesse mesmo pleito foi indicado, pelo PTB, candidato ao governo gaúcho. ⁶⁷
Avenida	Calógeras		Português	Antropotopônimo	Simple	Essa rua teve como primeira designação rua de Santo Antônio. A atual denominação presta homenagem a João Pandiá Calógeras, engenheiro que foi eleito deputado federal por várias vezes. (ALBUQUERQUE, 2006, p.83).

⁶⁷ Fonte: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/salgado_filho

Avenida	Bandeiras, das		Português	Historiotopônimo	Simples	O movimento das Bandeiras foi um movimento iniciado em meados do Séc. XVII pelos bandeirantes, desbravadores do Brasil. FONTE: http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/bandeirantes/bandeirantes-1.php
Avenida	Primaveras, das		Português	Fitotopônimo	Simples	
Avenida	Fabio Zahran		Português/árabe	Antropotopônimo	Composto	
Avenida	Paulista		Português	Etnotopônimo	Simples	
Rua	Ourinhos		Português	Corotopônimo	Simples	Município do Estado de São Paulo/Sp.
Rua	Diana		Português	Antropotopônimo	Simples	
Rua	Henrique Vasques		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Joaquim Manoel de Carvalho		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Sodré		Português	Antropotopônimo	Simples	

Rua	Bernardo Franco Baís		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Santo Antonio		Português	Hagiotopônimo	Simple	
Rua	Ouro Branco		Português	Litotopônimo	Composto	
Rua	Ouro Verde		Português	Litotopônimo	Composto	
Rua	Orquídeas, das		Português	Fitotopônimo	Simple	
Rua	Rosas, das		Português	Fitotopônimo	Simple	
Rua	Violetas, das		Português	Fitotopônimo	Simple	
Rua	Ouro Negro		Português	Litotopônimo	Simple	
Rua	Bom sucesso		Português	Animotopônimo Eufórico	Composto	
Rua	Margaridas, das		Português	Fitotopônimo	Simple	
Rua	Hortências, das		Português	Fitotopônimo	Simple	

Rua	Palmas, das		Português	Fitotopônimo	Simples	
Rua	Amapolas, das		Português	Fitotopônimo	Simples	
Rua	Ipês, dos		Português	Fitotopônimo	Simples	
Rua	Jasmins, dos		Português	Fitotopônimo	Simples	
Rua	Sol Nascente		Português	Astrotopônimo	Composto	
Rua	Miguel Couto		Português	Antropotopônimo	Composto	A rus presta uma homenagem ao médico e político brasileiro Miguel Couto.
Rua	Coronel Quito		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Doutor Correia da Costa		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Henrique Vasques		Português	Antropotopônimo	Composto	

Rua	Santa Dorotéia		Português	Hagiotopônimo	Composto	A rua remete à Santa Dorotéia, uma santa da Polônia, do século XIV. ⁶⁸
Rua	Shoei Arakaki		Japonês	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Arnaldo Serra		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	México		Português	Corotopônimo	Simple	
Rua	Redenção, da		Português	Hierotopônimo	Simple	
Rua	Santa Amélia		Português	Hagiotopônimo	Composto	
Travessa	Lima		Português	Antropotopônimo	Simple	
Travessa	Jóia		Português	Litotopônimo	Simple	

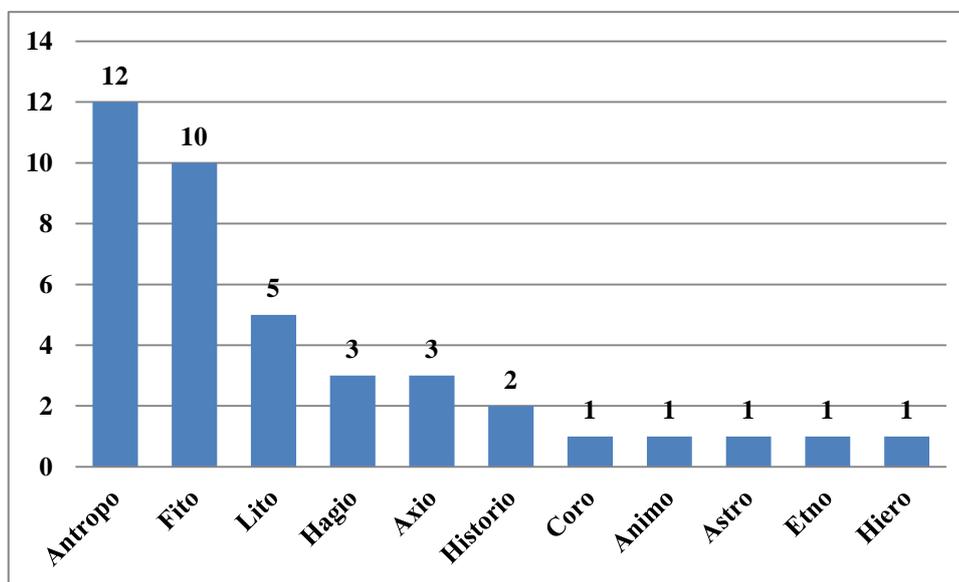
Fonte: Elaboração da autora.

⁶⁸ Fonte: http://www.asj.org.br/educacao_galeriadossantos.asp?codigo=317

4.11.1 Análise quantitativa dos topônimos do bairro Carvalho

O bairro Carvalho, conta com um total de 39 topônimos também com predomínio dos antropotopônimos, com 11 ocorrências: avenida Calógeras, avenida Fábio Zahran, rua Diana, rua Henrique Vasques, rua Joaquim Manoel de Carvalho, rua Sodré, rua Bernardo Franco Baís, rua Miguel Couto, rua Shoei Arakaki, rua Arnaldo Serra e travessa Lima. Uma tendência que singulariza esse bairro foi a presença significativa de fitotopônimos, que tiveram presença significativa nesse bairro, com 10 ocorrências: rua das Orquídeas, rua das Rosas, rua das Violetas, rua das Margaridas, rua das Hortências, rua das Palmas, rua das Amapolas, rua dos Ipês e rua dos Jasmins. As demais taxes (litotopônimos, historiotopônimos, hagiotopônimos, axiotopônimos, corotopônimos, hierotopônimos, animotopônimos, astrotopônimos, etnotopônimos e hierotopônimos) tiveram pouca produtividade, como se observa no gráfico abaixo:

Gráfico 26 - Taxionomias dos topônimos do bairro Carvalho de Campo Grande/MS

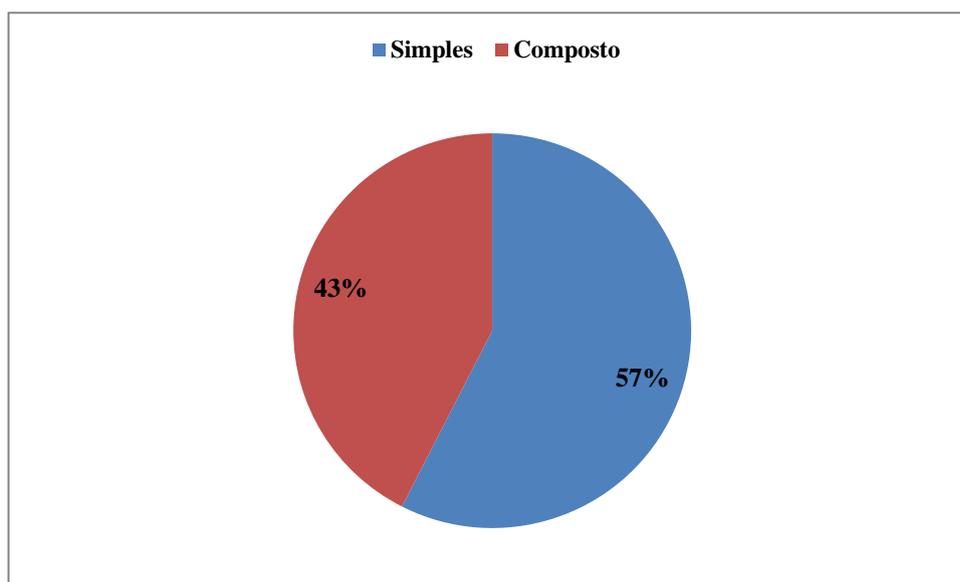


Fonte: Elaboração da autora.

Outra particularidade da toponímia do bairro Carvalho foi a predominância de formas simples nos topônimos, com 22 ocorrências, contra 17 de estrutura composta. Do

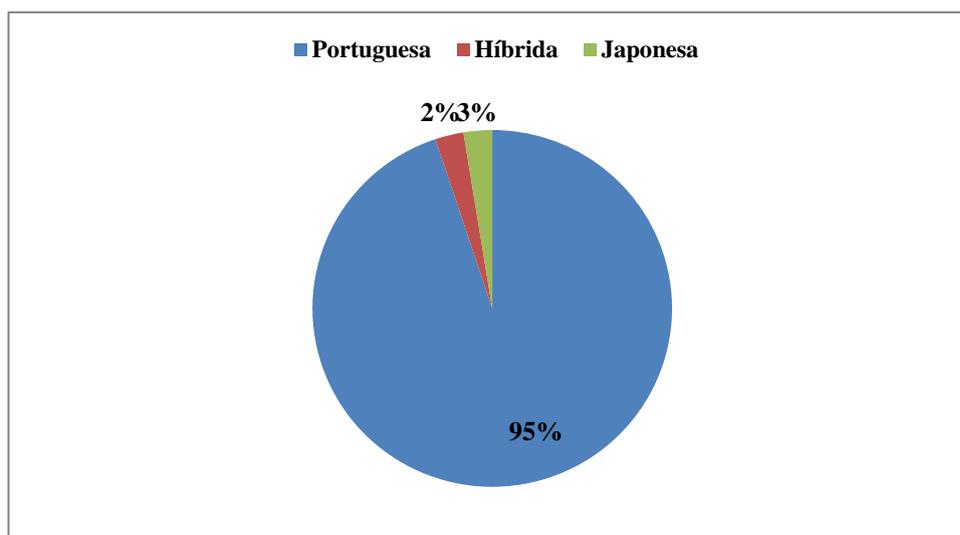
conjunto dos topônimos deste bairro, 37 topônimos são de base portuguesa, 1 híbrido e 1 japonês. A seguir, os gráficos 28 e 29 demonstram as porcentagem dos topônimos de acordo com a estrutura morfológica e os estratos linguísticos:

Gráfico 27 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Carvalho de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

Gráfico 28 - Língua de origem dos topônimos do bairro Carvalho de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

4.12 Bairro Cabreúva

Ano de fundação: 1953

Classificação taxionômica: Fitotopônimo

Quadro 16 - Topônimos do bairro Cabreúva da cidade de Campo Grande/MS

Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Avenida	Noroeste		Português	Cardinotopônimo	Simples	Este topônimo presta homenagem a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.
Avenida	Riachuelo		Português	Historiotopônimo	Simples	O nome da rua remete à famosa Batalha Naval do Riachuelo. O confronto aconteceu no Rio Paraná, o comandante da esquadra brasileira na ocasião era Francisco Manuel Barroso da Silva, sob sua liderança derrotaram a esquadra paraguaia comandada por Pedro Inácio Meza. ⁶⁹
Avenida	América		Português	Corotopônimo	Simples	

⁶⁹ Fonte: <http://www.historiabrasileira.com/guerra-do-paraguai/batalha-do-riachuelo/>

Avenida	Presidente Ernesto Geisel		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Santos Dumont		Português	Historiotopônimo	Composto	Homenagem ao pioneiro da aviação.
Rua	Faveiro		Português	Fitotopônimo	Simples	O nome da rua é motivado pela fitotoponímia, já que o nome da rua faz referência à árvore Faveiro.
Rua	Angico		Tupi	Fitotopônimo	Simples	A rua faz referência à árvore nativa de regiões tropicais americanas. No Brasil, encontra-se no Maranhão, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Tocantins, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. ⁷⁰
Rua	Jacarandá		Tupi	Fitotopônimo	Simples	
Rua	Jequitibá		Tupi	Fitotopônimo	Simples	
Rua	Caviuna		Tupi	Fitotopônimo	Simples	O nome da rua faz referência à árvore com o tronco levemente tortuoso e a casca externa. ⁷¹

⁷⁰ Fonte: <http://www.cnip.org.br/PFNMs/angico.html>

⁷¹ Fonte: <http://www.ibflorestas.org.br/lista-de-especies-nativas/374.html>

Rua	Marfim		Português	Fitotopônimo	Simples	
Rua	Aroeira		Português	Fitotopônimo	Simples	
Rua	Cedro		Português	Fitotopônimo	Simples	
Avenida	Presidente Getulio Vargas		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Doutor Euler de Azevedo		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	14 de Julho		Português	Historiotopônimo	Composto	Antes da ferrovia Noroeste do Brasil, o vereador Miguel Garcia Martins, em homenagem à queda da Bastilha na França, propôs o nome de 14 de Julho para a principal artéria da capital atual, que era chamada simplesmente de Beco, porque ali existia um trilheiro deserto, curto e sem saída. (ALBUQUERQUE, 2006, p.80).
Rua	Laguna		Espanhol	Hidrotopônimo	Simples	
Rua	Curupaiti	“Kurupa i’i variedad e de	Tupi	Fitotopônimo	Simples	

		angico', planta medicin al, cuja casca serve para o curtume ” (HOUA ISS, 2001)				
Rua	Lomas Valentina		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	General Sampaio		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Clemente Pereira		Português	Antropotopônimo	Composto	
Avenida	Presidente Ernesto Geisel		Português	Axiotopônimo	Composto	

Rua	Gonçalves Ledo		Português	Antropotopônimo	Composto	A rua presta homenagem ao político brasileiro Joaquim Gonçalves Ledo, que teve grande importância na independência do Brasil. ⁷²
Rua	Antonio Maria Coelho		Português	Historiotopônimo	Composto	Barão de Amambahy, foi um militar e político brasileiro, e adquiriu grande prestígio no Império após sua destacada atuação durante a Guerra do Paraguai. ⁷³
Rua	Vasconcelos Fernandes		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Aguinaldo Trouy		Português/francês	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Doutor Arlindo de Andrade		Português	Axiotopônimo	Composto	O nome da rua remete ao advogado pernambucano que foi o primeiro Juiz de direito da comarca e assumiu a direção da intendência a 1º de janeiro de 1921, na qual permaneceu até 31 de dezembro de 1923. (RODRIGUES, 1980, p.160).
Rua	Coronel Balduino		Português	Axiotopônimo	Composto	

⁷² Fonte: http://goncalvesl2.dominiotemporario.com/doc/biografia_gl.pdf

⁷³ Fonte: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/>

Rua	Dom Pedro I		Português	Historiotopônimo	Composto	
Rua	Doutor Bezerra de Menezes		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Moreira Cabral		Português	Antropotopônimo	Composto	Homenagem ao bandeirante Pascoal Moreira Cabral Leme, natural de São Paulo do século XVIII que, na busca de índios pela região mais central da América do Sul, acabou por encontrar ouro na região onde hoje é a cidade de Cuiabá. ⁷⁴
Rua	Ana América		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	André Futado		Português	Antropotopônimo	Composto	
Travessa	Eugenio		Português	Antropotopônimo	Simple	
Travessa	Gama		Português	Antropotopônimo	Simple	

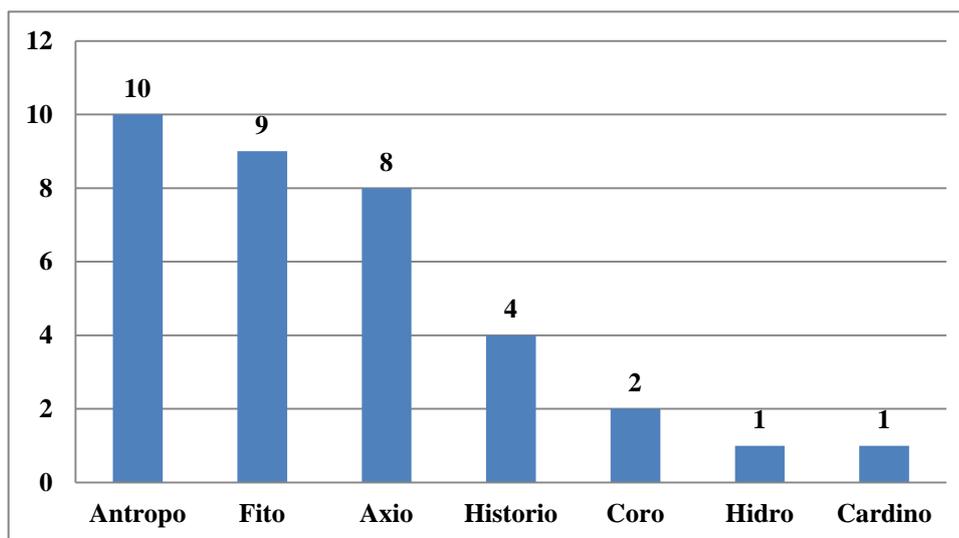
Fonte: Elaboração da autora.

⁷⁴ Fonte: <http://www.mtseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=261&cid=626>

4.12.1 Análise quantitativa dos dados do bairro Cabreúva

No bairro Cabreúva, a exemplo do bairro Carvalho, também se destacaram os fitotopônimos. Apesar dos antropotopônimos serem a taxionomia mais recorrente no bairro, com 10 topônimos. Eis os fitotopônimos documentados: rua Faveiro, rua Angico, rua Jacarandá, rua Jequitibá, rua Caviuna, rua Marfim, rua Aroeira, rua Cedro e rua Curupaiti. Os axiotopônimos aparecem na sequência com 8 ocorrências enquanto as demais taxes (historiotopônimos, corotopônimos, hidrotopônimos e cardinotopônimos) aparecem com poucos registros, como se observa no gráfico que segue:

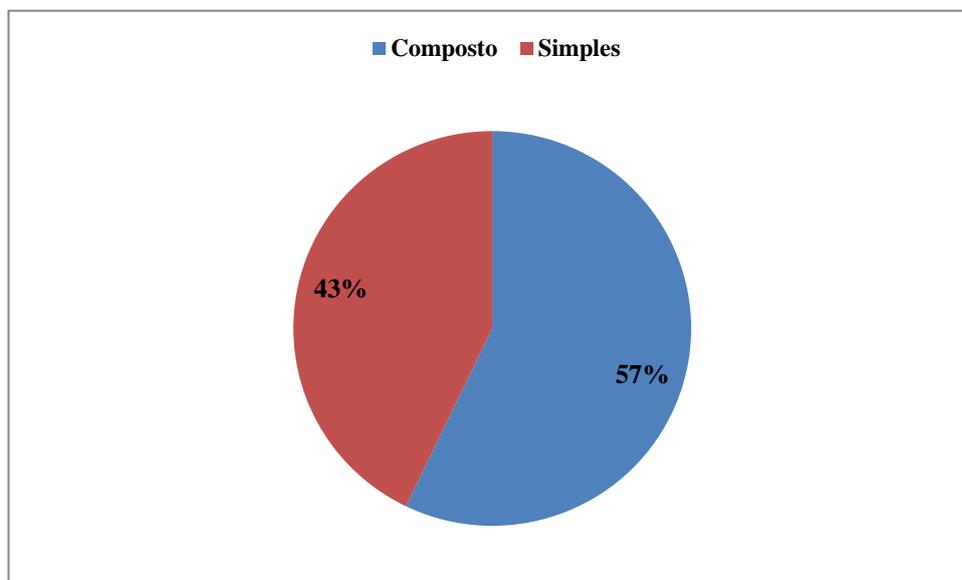
Gráfico 29 - Taxionomias dos topônimos do bairro Cabreúva de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

Dentre os estratos linguísticos dos topônimos do bairro Cabreúva, 25 são de base portuguesa, 8 indígenas e 8 híbridos. No Cabreúva, 20 topônimos são de estrutura morfológica composta e 15 de estrutura morfológica simples. O gráfico seguinte demonstra a porcentagem dos topônimos do bairro Cabreúva, segundo a estrutura formal do designativo.

Gráfico 30 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Cabreúva de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

4.13 Bairro Bela Vista

Ano de fundação: 1953

Classificação taxionômica: Animotopônimo

Quadro 17 - Topônimos do bairro bela Vista da cidade de Campo Grande/MS

Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Avenida	Ricardo Brandão		Português	Antropotopônimo	Composto	
Avenida	Rodolfo José Pinho		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Dona Joana		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Professor Xandinho		Português	Axiotopônimo	Composto	
Rua	Pacaembú	“corr. Paca-yembó, ou paca-yembú, o arroio das pacas”.	Tupi	Corotopônimo	Simple	

		(SAMPAIO,1788, p.279)				
Rua	Antonio da Silva Vendas		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Itápolis		Tupi	Corotopônimo	Simples	Referência ao município do Estado de São Paulo ⁷⁵ .
Rua	Caetano Rosa		Português	Antropotopônimo	Composto	
Avenida	Eduardo Elias Zahran		Português/árabe	Antropotopônimo	Composto	O nome presta uma homenagem a esse pioneiro de Campo Grande. Em 1947, deu maior destaque para sua carreira, junto ao comércio campo-grandense. A década de 1960 teve uma grande importância da vida de Eduardo Elias Zahran, pois implantou a primeira emissora de televisão do Estado, a TV Morena, em Campo Grande. (AVER, 2006, p 18).
Rua	José Mariano		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Jose Caetano		Português	Antropotopônimo	Composto	

⁷⁵ Fonte:: <http://www.itapolis.sp.gov.br/portal3/>

Rua	José Pereira		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Antônio Vieira		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Pau Brasil		Português	Fitotopônimo	Composto	
Rua	Domingo Marques		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Conchas		Português	Litotopônimo	Simple	
Rua	Geraldo Vasques		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Nelson Leite Figueiredo Jr		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Silvio Petengil		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Marino Verardo		Português	Antropotopônimo	Composto	
Rua	Francisco Bento		Português	Antropotopônimo	Composto	

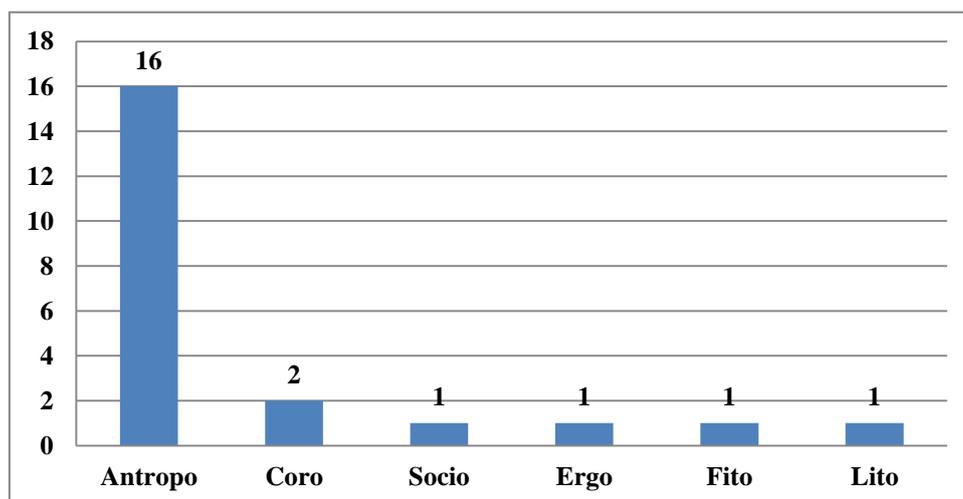
Rua	Tamarana		Português	Litotônimo	Simple	
-----	----------	--	-----------	------------	--------	--

Fonte: Elaboração da autora.

4.13.1 Análise quantitativa dos dados do bairro Bela Vista

A exemplo da maioria dos bairros selecionados por este estudo, houve o predomínio dos antropotopônimos, com 16 ocorrências, a saber: rua Dona Joana, rua Antonio da Silva Vendas, rua Caetano Rosa, rua Eduardo Elias Zahran, rua José Mariano, rua José Caetano, rua José Pereira, rua Antônio Vieira, rua Domingo Marques, rua Rodolfo José Pinho, rua Geraldo Vasques, rua Nelson Leite Figueiredo Jr, rua Silvio Petengil, rua Ricardo Brandão, rua Marino Veraldo e rua Francisco Bento. As demais taxes (corotopônimos, sociotopônimos, ergotopônimos, fitotopônimos e litotopônimos) aparecem com poucas ocorrências, como se verifica no gráfico seguinte:

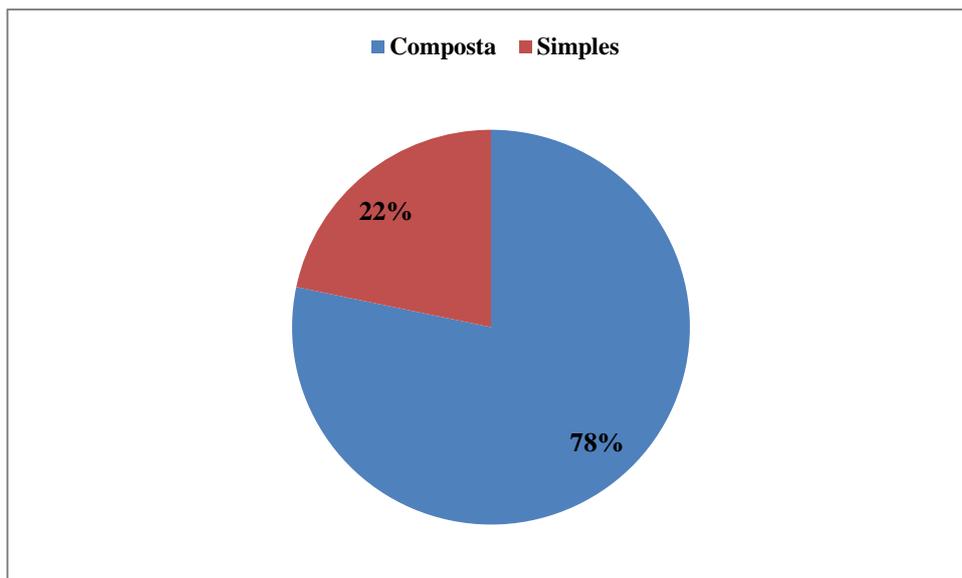
Gráfico 31 - Taxionomias dos topônimos do bairro Bela Vista de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

Do total de 22 topônimos, 18 são de estrutura morfológica composta e 4 de estrutura simples. Com relação ao estrato linguístico nesse bairro, houve 19 topônimos de origem portuguesa, sendo 1 híbrido, e 3 de base indígena. Em termos de estrutura morfológica, dentre os topônimos do Bela Vista, 18 são de estrutura morfológica composta, e 5 de estrutura simples, conforme ilustra o gráfico que segue:

Gráfico 32 - Estrutura morfológica dos topônimos do bairro Bela Vista de Campo Grande/MS



Fonte: Elaboração da autora.

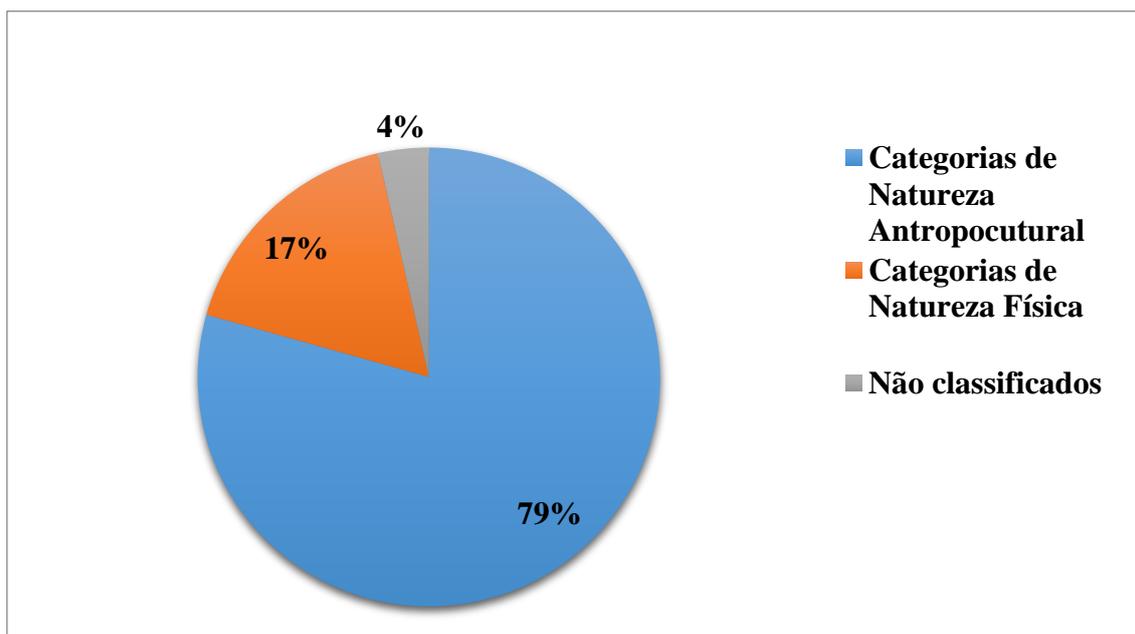
CAPÍTULO V - ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, analisam-se o conjunto dos topônimos catalogados. A análise foi organizada da seguinte forma: primeiramente analisamos os dados segundo a classificação taxionômica; posteriormente, tratamos dos dados segundo a natureza do elemento, a língua de origem e a estrutura morfológica. Por último, analisamos as taxionomias mais recorrentes neste estudo, mais especificamente os antropotopônimos, os topônimos históricos, os historiotopônimos e alguns axiotopônimos de cunho histórico.

5.1 Análise dos dados segundo a classificação taxionômica

A observação do gráfico 34 demonstra no conjunto dos dados que as taxionomias de natureza antropocultural prevaleceram sobre os de natureza física, 79% e 17%, respectivamente. Nesse contexto, sobressaíram os antropotopônimos, corotopônimos e historiotopônimos na grande maioria dos bairros estudados.

Gráfico 33 - Distribuição percentual dos topônimos por categorias taxionômicas



Fonte: Elaboração da autora.

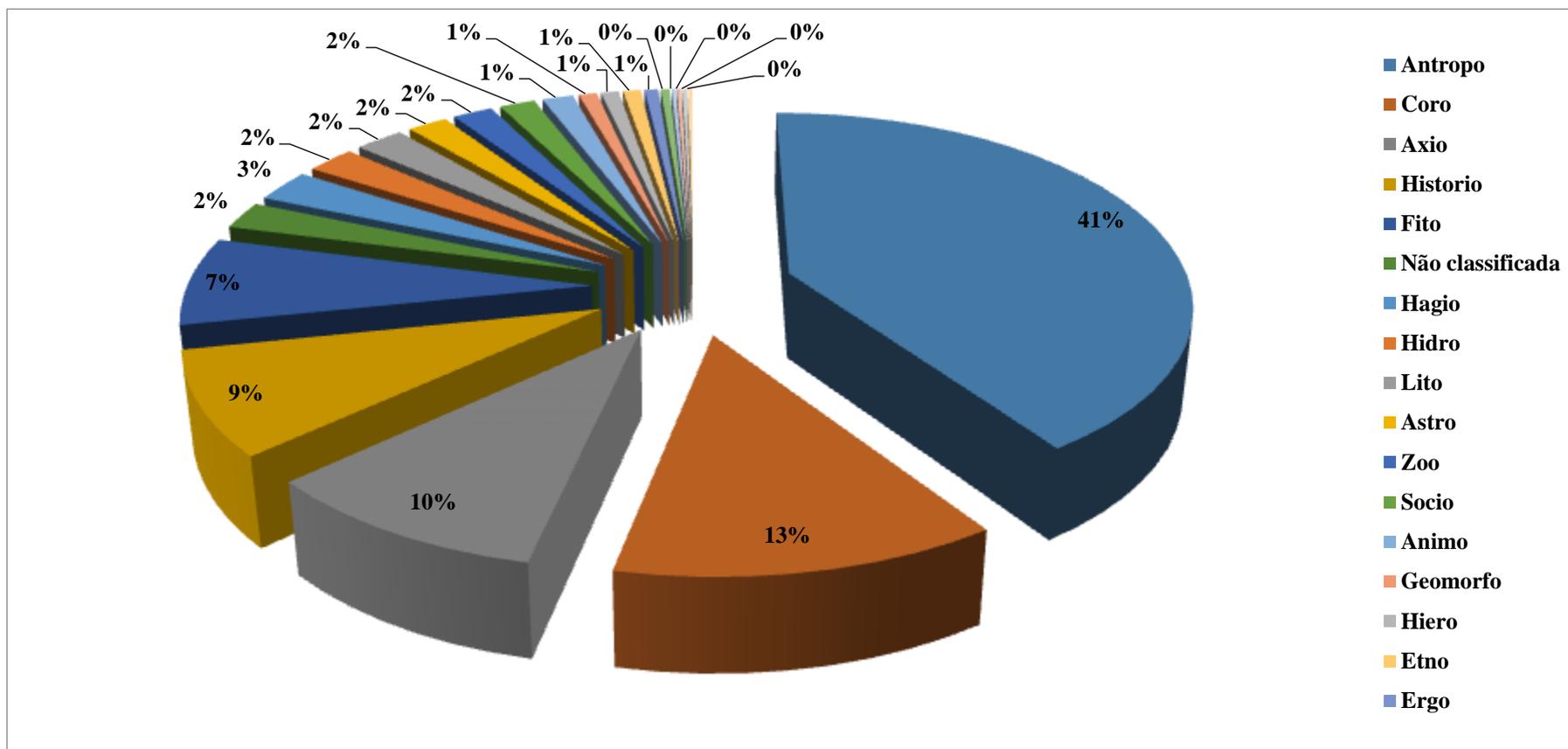
O Quadro 18, na sequência, informa o grau de incidência de cada categoria taxionômica em valores numéricos:

Quadro 18 - Distribuição geral quantitativa das taxes toponímicas

	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS OCORRIDAS NO <i>CORPUS</i>
Taxionomias de Natureza Física	
Astrotopônimo	9
Cardinotopônimo	3
Cromotopônimo	1
Dimensiotopônimo	0
Fitotopônimo	35
Geomorfotopônimo	4
Hidrotopônimo	11
Litotopônimo	11
Meteorotopônimo	1
Morfotopônimo	0
Zootopônimo	9
TOTAL	84
Taxionomias de Natureza Antropocultural	
Animotopônimo	7
Antropotopônimo	194
Axiotopônimo	50
Corotopônimo	61
Cronotopônimo	0
Ecotopônimo	0
Ergotopônimo	3
Etnotopônimo	4
Dirrematopônimo	0
Hagiotopônimo	13
Hierotopônimo	4
Historiotopônimo	41
Hodotopônimo	0
Numerotopônimo	0
Poliotopônimo	0
Sociotopônimo	8
Somatotopônimo	1
Mitotopônimo	1
Acronimotopônimo	1
Não classificada	11
TOTAL	393
TOTAL GERAL	480

Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 34 - Quantificação do total geral dos topônimos investigados



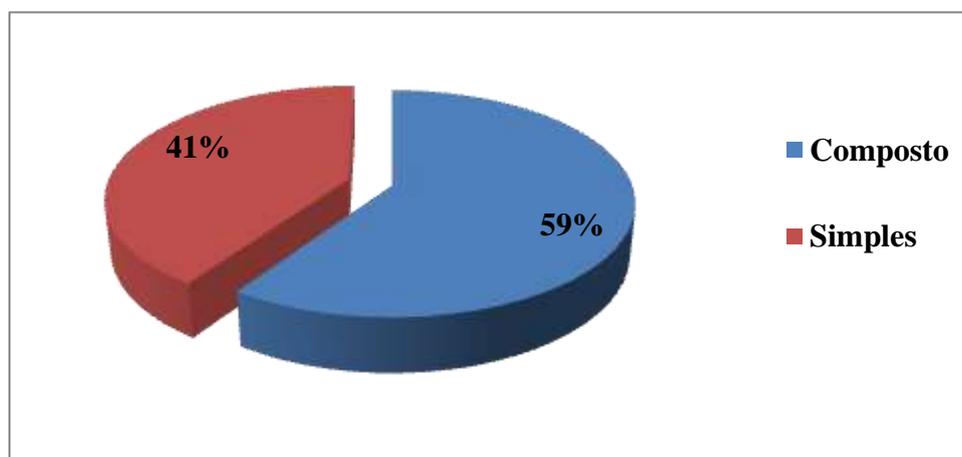
Fonte: Elaborado pela autora.

Como demonstram os resultados do Gráfico 35, em ordem decrescente de produtividade das taxes, chegamos aos seguintes valores: antropotopônimos (191 ocorrências), corotopônimos (61 ocorrências), axiotopônimos (50 ocorrências), historiotopônimos (41 ocorrências), fitotopônimos (35 ocorrências), hagiotopônimos (13 ocorrências), hidrotopônimos (11 ocorrências), litotopônimos (11 ocorrências), não classificadas (11 ocorrências), astrotopônimo (9 ocorrências), zootopônimos (9 ocorrências), sociotopônimos (8 ocorrências), geomorfotopônimos (4 ocorrências), etnotopônimos (4 ocorrências), hierotopônimos (4 ocorrências), ergotopônimos (3 ocorrências), cardinotopônimos (3 ocorrências), cromotopônimo (1 ocorrência), meteorotopônimo (1 ocorrência), somatotopônimos (1 ocorrência), acronimotopônimo (1 ocorrência) e mitotopônimo (1 ocorrência).

5.2 Análise dos dados segundo a estrutura morfológica

No que se refere à estrutura morfológica, de acordo com Dick (1990b, p.14-15), os topônimos se classificam em simples, composto ou composto híbrido. Dentre os topônimos urbanos estudados, relacionados aos 13 bairros da região urbana do centro de Campo Grande, 195 têm estrutura morfológica simples 285 composta, como se verifica no gráfico 36 a seguir:

Gráfico 35 - Quantificação percentual da estrutura morfológica do universo de topônimos estudados



Fonte: Elaborado pela autora.

Vale salientar que a predominância de topônimos de estrutura composta é peculiaridade da toponímia urbana e pode ser explicado pela grande recorrência de antropotopônimos no *corpus* analisado. Os dados apresentados evidenciam que, quando se trata da toponímia urbana, neste caso, a de Campo Grande, o denominador no ato da nomeação, tende a buscar motivações em aspectos antropoculturais, em detrimento no geral, dos aspectos físicos. Especificamente nos antropotopônimos aqui estudados predominaram nomes compostos formados pela junção de um nome e um sobrenome.

5.3 Análise dos dados segundo a língua de origem

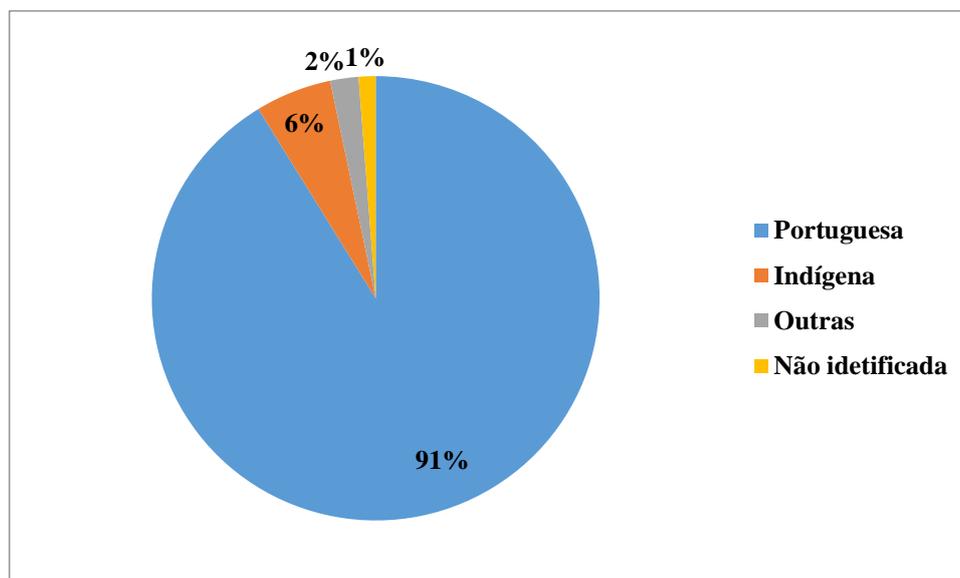
O Brasil, no início de sua povoação, era formado basicamente por três grupos étnicos: os portugueses, os indígenas e os africanos. De acordo com Dick (1992, p. 81), os povos de procedência estrangeira também marcaram presença, embora tenham chegado após a colonização brasileira. Essa miscigenação de várias etnias, no caso, a portuguesa, a indígena e a africana demonstraram a estreita relação entre língua e cultura. A língua portuguesa no Brasil recebeu influências sobretudo do português europeu, o que se refletiu na toponímia. De acordo com Dick (2001, p.83):

Nomes próprios de pessoas são obscurecidos em seu conteúdo léxico-semântico pela opacidade do próprio signo que os conforma, distanciados, na maioria das ocorrências, do foco original. Integram o inventário mais fechado da linguagem, cuja origem remonta, no Brasil, aos primeiros nomes de famílias portuguesas para aqui imigradas.

A cidade de Campo Grande segue a tendência de Mato Grosso do sul pela diversidade cultural. Como ressaltado no capítulo histórico, a cidade abriga em sua formação étnica da população resulta do contato entre muitos migrantes estrangeiros. A população abarca, além da significativa população indígena, estimada em aproximadamente 6 mil pessoas, segundo os dados do IBGE-2010. Cabral (1999, p.57) esclarece que a população indígena em Campo Grande configuram-se como grupos desaldeados, majoritariamente terena, que se dedicam “ao comércio. Inicialmente, vendiam seus produtos, trazidos das aldeias, na feira central, às quartas-feiras e aos sábados. Depois foram construindo os quiosques, defronte do mercado municipal”. Apesar dessa presença indígena em Campo Grande, a toponímia dos logradouros

públicos analisados não reflete esse traço cultural, já que foi constatada a predominância de nomes de língua portuguesa nos topônimos urbanos do centro de Campo Grande. Isso se explica pela própria natureza da toponímia urbana, que tende a valorizar elementos de ordem sociocultural em detrimento de nomes descritivos de base indígena. O gráfico 37 a seguir traz em termos percentuais a quantificação total dos estratos linguísticos observados nos bairros em estudo:

Gráfico 36 - Quantificação percentual dos estratos linguísticos dos topônimos da região central de Campo Grande



Fonte: Elaborado pela autora.

Na toponímia examinada neste trabalho, destacamos 25 topônimos de origem tupi: Rua **Iguassu**, Rua **Aporé**, Rua **Anhanduí**, Rua **Maracaju**, Rua **Camapuã**, Rua **Araras**, Rua **Juriti**, Rua **Ingá**, Rua **Araguaia**, Rua das **Samambaias**, Travessa **Beberibe**, Avenida **Tamandaré**, Rua **Itacuru**, Rua **Piauí**, Rua **Igará**, Rua **Utinga**, Rua **Itaqui**, Rua **Gravataí**, Rua **Iraí**, Rua **Jupiaí**, Rua **Guará**, Rua **Buriti**, Praça das **Araras**, Rua **Curupaiti** e Rua **Pacaembu**; um topônimo guarani: Rua **Apiá** e um topônimo terena: Rua **Terenos**.

Vale ressaltar que a característica marcante dos topônimos de origem indígena é a recuperação de nomes relacionados à flora, à fauna e à hidrografia que na toponímia, se fazem presentes nas taxes dos fitotopônimos, dos zootopônimos e dos litotopônimos. Conforme Dick (2000, p.304), “a importância do campo fitonímico para o índio, assim

como o zoonímico, é indiscutível e foi mostrada desde os tempos dos primeiros viajantes e religiosos”.

5.4 Análise dos dados segundo a natureza do elemento geográfico

Em se tratando dos acidentes geográficos, para este estudo levamos em consideração os quatro tipos de logradouros públicos que integram o corpus da pesquisa: avenidas, ruas, travessas e praças. Dick (1990a, p.10) afirma que o topônimo é formado por duas partes básicas. A primeira é denominada de termo genérico ou geográfico, que corresponde ao indicativo do elemento geográfico nomeado, e a outra parte constitui termo específico ou topônimo propriamente dito, que distingue o elemento geográfico entre seus semelhantes. Por exemplo: córrego Segredo, onde córrego é o termo genérico, e Segredo o termo específico.

De acordo com Silva (2008, p. 202), a legislação urbanística no Brasil conceitua vias urbanas, como espaço destinado à circulação de veículos ou pedestres: “são espécies de logradouros públicos e recebem denominações diversas entre nós: rua, avenida, alameda, praça, largo, travessa, beco, ladeira”. Ainda, de acordo com o mesmo autor, uma praça é conceituada como “um logradouro público constituído de área arredondada, quadrada etc. com arborização e ajardinamento central, cortada de vias e alamedas para circulação de pedestres” (SILVA, 2008, p. 203).

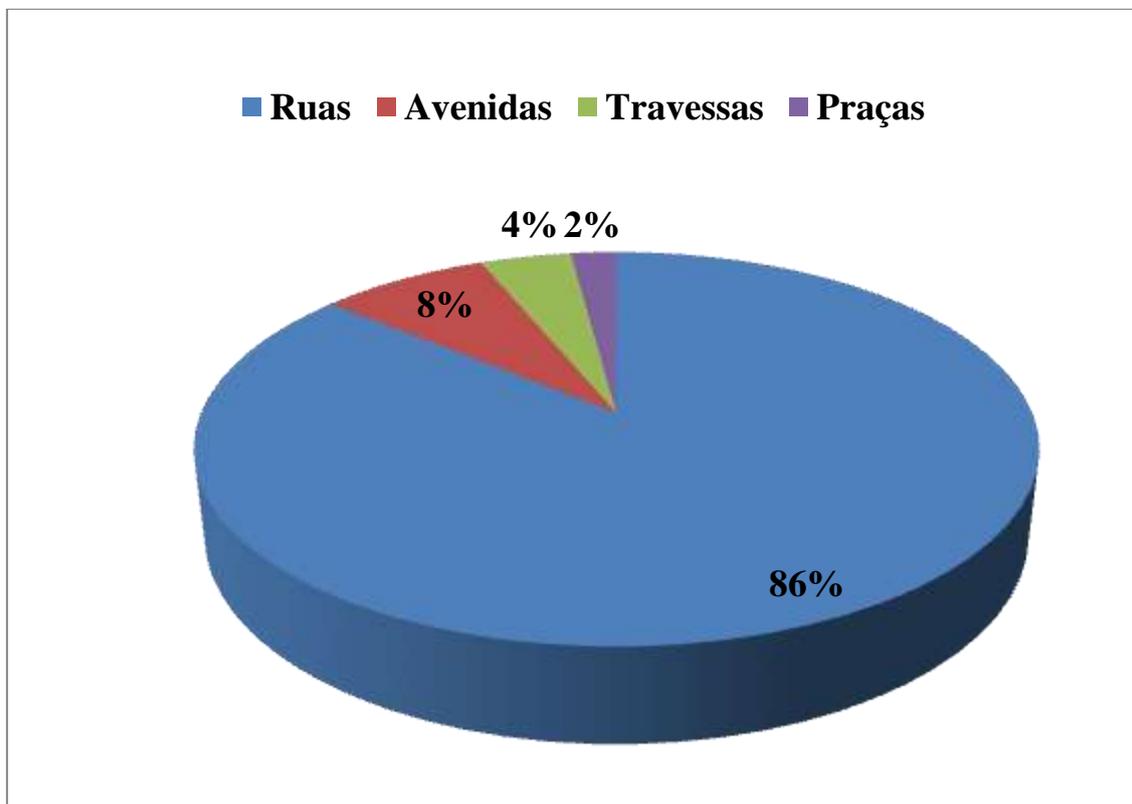
Ainda se referindo às praças, o autor esclarece que:

[...] A função da praça não é tanto a circulação, mas a permanência, o lazer e atividades cívico-religiosas. Por esta razão é que em sua área interna se admite edificação institucional, como igreja, fórum, câmaras legislativas, palácios governamentais e semelhantes. Tem a função de embelezamento da cidade, por seus aspectos ornamentais, tanto que sempre foi da tradição construir-se, nas margens das praças edifícios mais representativos. (SILVA, 2008, p. 204).

Nesta pesquisa analisamos designativos dos quatro termos genéricos identificados no *corpus*, avenidas, ruas, travessas e praças, identificados nos bairros Glória, São Francisco, Planalto, Carvalho, Amambaí, Cabreúva, Itanhangá, Bela Vista, Monte Líbano, Centro, Jardim dos Estados, Cruzeiro e São Bento.

Do total de 480 topônimos catalogados, 413 (86%) são nomes de ruas, 37 (8%) de avenidas, 20 (4%) travessas e 10 de praças (3%), o que em termos percentuais pode ser verificado no gráfico 38 a seguir:

Gráfico 37 - Acidentes geográficos urbanos dos bairros da região urbana do Centro de Campo Grande



Fonte: Elaborado pela autora.

5.5 Motivação antroponímica: os antropotopônimos dos bairros estudados

No Brasil é comum a recorrência a nomes de pessoas anônimas para designar elementos geográficos, o que pode se concretizar pelo prenome, seguido ou não de alcunha, pelo hipocorístico, ou pelo apelido de família, ou ainda pelo conjunto onomástico completo que identifica um indivíduo. Contudo, nomes geográficos com essas características não se espalham para outras localidades, pelo fato de não possuírem nem a força e nem o prestígio de nomes históricos ou de projeção nacional (DICK, 1990b, p. 295).

Vale ressaltar que primitivamente, eram atribuídos às pessoas nomes de significação conhecida, que eram escolhidos de forma consciente e motivada. Com o passar dos tempos e com as modificações sofridas pela língua, tornou-se desconhecido o sentido de muitos deles ou, como atesta Dick (1990a, p. 181), “os nomes foram se afastando do seu foco originário de irradiação, os significados foram se perdendo no decurso das épocas que deixaram de produzir no indivíduo o semanticismo ou a ideia conceitual que condicionou seu emprego, tornando, por vezes, excessivamente opaco, ou aparentemente inexplicável, o batismo ocorrido”.

Buckheuser (1952, *apud* DICK, 1990b, p. 294) propôs uma sistematização para a categoria dos antropotopônimos nas obras de Dauzat em relação às causas motivadoras da antroponímia. Segundo o autor, se por um lado os nomes geográficos de índole antroponímica “podem revelar aspectos de autolatria, imodéstia ou desejo de perpetuação dos feitos individuais”, por outro, se bem aplicados, isto é, buscando-se “um vínculo aproximado entre as circunstâncias do lugar e o denominador que lhe permitiu a designação” podem possibilitar o registro de uma parte da história regional, ou até mesmo nacional (BECKHEUSER, *apud* DICK, 1990b, p. 310).

O estudioso defende a tese de que os topônimos antroponímicos revelam, no povo que os acolhe, ou acanhado horizonte mental, ou oportunidade e autolatria, ou modéstia e espiritualidade, ou acentuada intelectualidade e sentimento cívico consoante os nomes escolhidos sejam, respectivamente, de pessoas anônimas ou de potentados, ou de santos e efemérides religiosas ou de homens ilustres nas letras, artes e ciências ou de relevo histórico.

Todavia, Dick (1990b, p. 294) evidencia que nomear um acidente geográfico com um nome de pessoa anônima é “uma técnica denominativa de pequeno horizonte”. De acordo com a toponimista, essa técnica se chama, no âmbito da Toponímia, denominação espontânea, que se distingue da técnica por imposição, que ocorre devido à ordem de uma autoridade ou de alguém que detém o poder, já que desta última, muitas vezes, resulta uma nomeação distante da realidade na qual se inseriu o nome.

Os antropotopônimos foram a categoria mais produtiva entre os 13 bairros estudados, com grande frequência nas nomeações dos acidentes físicos e humanos da região pesquisada, nomeando 194 elementos urbanos, distribuídos entre os 13 bairros da Região Urbana do Centro. Essa taxionomia é caracterizada por ser constituída por prenomes (aqueles escolhidos); por sobrenomes (apelidos de família ou patronímicos),

por um onomástico completo (prenome + sobrenome – apelido de família ou sobrenome) ou por hipocorísticos (designativo carinhoso que outros aplicariam ao indivíduo) (DICK, 1990, p. 290). No quadro que segue apresentaremos os 152⁷⁶ antropotopônimos que nomeiam diversos logradouros públicos na cidade, organizados segundo o tipo:

Quadro 19 - Antropotopônimos gerais organizados de acordo com seu tipo

PRENOMES	
ELEMENTO GEOGRÁFICO	TOPÔNIMO
Rua	Angélica
Rua	Lucélia
Rua	Augusta
Rua	Iara
Rua	Dona Joana
Rua	Ceci
Rua	Diana
Travessa	Eugenio
Travessa	Eva
SOBRENOMES	
Avenida	Calógeras
Rua	Calarge
Rua	Santiago
Rua	Barbosas, dos
Rua	Mascarenhas
Rua	Passos
Rua	Lacerda
Rua	Santos
Rua	Brunini
Rua	Alpucro Brasil
Rua	Sodré

⁷⁶ Como 42 topônimos aparecem em diferentes bairros, no quadro que segue foram desconsideradas as repetições.

Travessa	Lima
Travessa	Gama
NOMES E PRENOMES – ONOMÁSTICOS COMPLETOS	
Avenida	Fernando Correa da Costa
Avenida	Joaquim Dornelas
Avenida	João Rosa Pires
Avenida	Eduardo Elias Zahran
Avenida	Rodolfo José Pinho
Avenida	Julio de Castilho
Avenida	Ricardo Brandão
Avenida	Rachid Neder
Avenida	Fabio Zahran
Rua	José Alves Müller
Rua	João Pedro de Souza
Rua	Sebastião Lima
Rua	Luís Ceciliano Vilares
Rua	Ronaldo Monteiro
Rua	Iria Loureiro Viana
Rua	Pedro Celestino
Rua	Orpheu Baís
Rua	Edward de Oliveira
Rua	Tonico de Carvalho
Rua	André Barros
Rua	Joel Dibo
Rua	Vasconcelos Fernandes
Rua	Antônio Norberto de Almeida
Rua	Amando de Oliveira
Rua	Alexandre Farah
Rua	Nicolau Fragelli
Rua	Allan Kardec
Rua	Coriolano Ferraz Baís
Rua	Antônio Orro
Rua	João Erovaldo de Campos

Rua	Izidoro Grinfelder
Rua	Abílio Barbosa de Souza
Rua	Sebastião Taveira
Rua	Antonina de Castro Faria
Rua	Luiz Dodero
Rua	Aluísio de Azevedo
Rua	Júlio Dantas
Rua	Casimiro de Abreu
Rua	Fagundes Varela
Rua	José do Patrocínio
Rua	Jeronyma Paes Benjamim
Rua	Gonçalves Dias
Rua	Leonso Barbosa Junior
Rua	Clóvis Bevilaqua
Rua	Manoel Mariano
Rua	Raimundo Correia
Rua	Guerra Junqueiro
Rua	Santos Dumont
Rua	Landri Sales
Rua	Mariceli de Souza Barbosa
Rua	Danilo Buffa
Rua	Vicente Pinzon
Rua	Francisco Serra
Rua	Audite da Silva Pavão
Rua	Assis Chateaubriand
Rua	Feliciana Carolina
Rua	Moreira Cabral
Rua	João Azuaga
Rua	José Barbosa
Rua	Saldanha da Gama
Rua	Bartolomeu de Gusmão
Rua	José Bonifácio
Rua	Augusto Severo

Rua	Ana América
Rua	André Futado
Rua	Clemente Ferreira
Rua	Antero Paes Barros
Rua	Antônio Carlos Martins
Rua	Antônio Correa
Rua	Otaviano de Souza
Rua	Antônio de Barros
Rua	Georges Sleiman Abdallah
Rua	Robert Spengler
Rua	Manoel Inácio de Souza
Rua	Alberto Neder
Rua	Abrão Julio Rahe
Rua	Eduardo Santos Pereira
Rua	Manoel Secco Tomé
Rua	Couto Magalhães
Rua	Joaquim Tavora
Rua	Roberto Perez Rodrigues
Rua	Bia Taveira
Rua	Levinda Ferreira
Rua	José Dibo
Rua	Frederico Korindorfer
Rua	Carlos Huguency
Rua	José Abrão
Rua	Pedro Coutinho
Rua	Antônio Mena Gonçalves
Rua	Castro Faria
Rua	Zola Cícero
Rua	Eduardo Olímpio Machado
Rua	Castro Alves
Rua	Joaquim Manoel de Carvalho
Rua	Bernardo Franco Baís
Rua	Shoei Arakaki

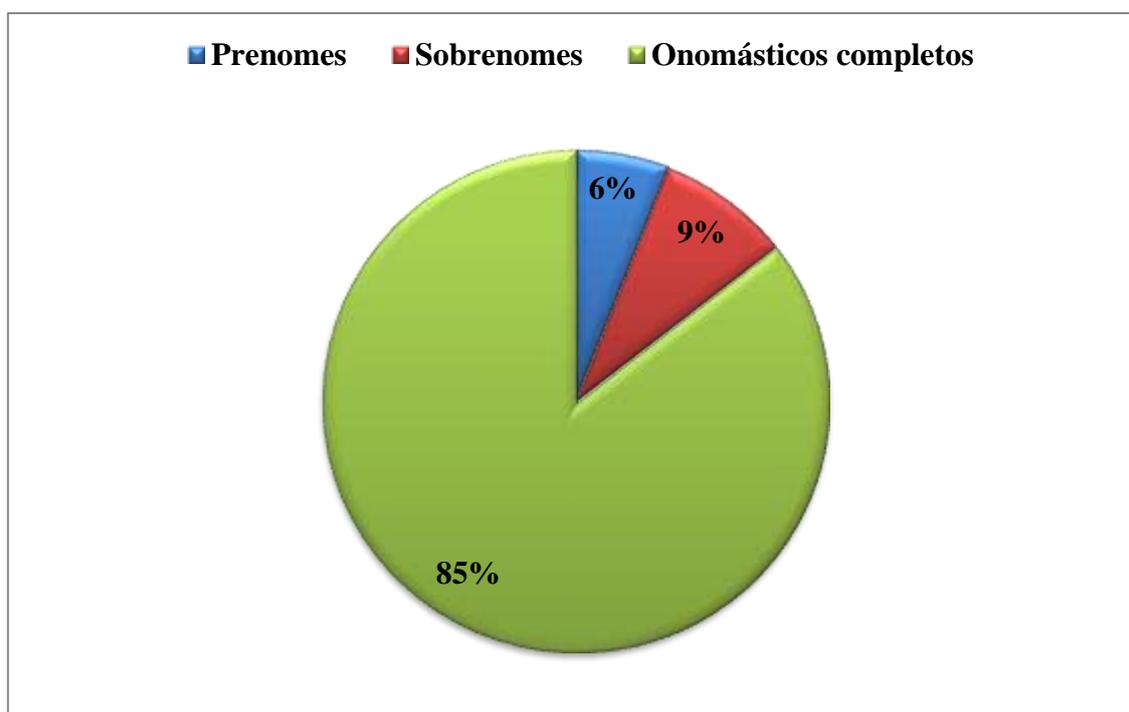
Rua	Arnaldo Serra
Rua	Lomas Valentina
Rua	Clemente Pereira
Rua	Gonçalves Ledo
Rua	Aguinaldo Trouy
Rua	Dona Joana
Rua	Antônio da Silva Vendas
Rua	Caetano Rosa
Rua	José Mariano
Rua	Jose Caetano
Rua	José Pereira
Rua	Antônio Vieira
Rua	Domingo Marques
Rua	Geraldo Vasques
Rua	Nelson Leite Figueiredo Jr
Rua	Silvio Petengil
Rua	Marino Verardo
Rua	Francisco Bento
Rua	Theotonio Rosa Pires
Rua	Jerônimo Paes Benjamim
Rua	Sofia Melke
Rua	Chaadi Scaff
Rua	Nabuco de Araujo
Rua	Joaquim Avelino de Rezende
Rua	Rosa Pires, dos
Rua	José Maria
Rua	Henrique Vasques
Rua	Cândido Mariano
Rua	Tonico Saad
Travessa	Nestor Moreira
Travessa	Pepe Simioli
Praça	Ary Coelho
Praça	Silva Jardim

Praça	Chico Xavier
-------	--------------

Fonte: Elaborado pela autora.

Entre os antropotopônimos em estudo registramos 9 designativos que resgatam *prenomes*; 13 que recuperam *sobrenomes* (apelidos de família ou patronímicos) e 130 que incorporam *onomásticos completos*. O gráfico abaixo demonstra essa porcentagem:

Gráfico 38 - Distribuição dos tipos de antropotopônimos dos bairros da região urbana do centro de Campo Grande/MS



Fonte: Elaborado pela autora.

Alguns dos antropotopônimos levantados neste estudo parecem se relacionar a pessoas que tiveram uma significativa participação na história da cidade e até mesmo do país. Tendência semelhante foi observada no estudo Dias a respeito dos nomes das ruas de Maringá (PR):

Se é comum homenagear autoridades e personalidades com passado de comando político, registre-se que existe a prática de batizar ruas com nomes de pioneiros, incluindo os que não fizeram carreira pública. Isso se verifica, dispersamente, em muitos bairros antigos, causando certo contraste com a temática principal. Há bairros novos, dos quais o Jardim São Silvestre é exemplo, em que a regra é as ruas terem os nomes dos fundadores de Maringá. O caso dos pioneiros pode ser entendido como parte da história oficial do município, que alimenta a tradição de cultuar os chamados desbravadores (DIAS, 2000, p.155).

No caso deste estudo, não foi possível recuperar a história das pessoas que foram homenageadas com a nomeação dos logradouros públicos dos 13 bairros do centro de Campo Grande, exceção feita em alguns casos. Dentre os formados por sobrenomes, há o caso de Barbosa, nome da família de longa tradição em Campo Grande, como já informado, muito influentes no desenvolvimento do Estado. Já Calógeras remete a João Pandiá Calógeras, engenheiro que foi eleito deputado federal por várias vezes. Entre os onomásticos completos, situa-se, dentre outros, o antropotopônimo Fernando Correa da Costa que foi um médico e político mato-grossense, governador de Mato Grosso, senador e o primeiro prefeito eleito de Campo Grande após o período ditatorial de Getúlio Vargas.

Em se tratando de personagens que se destacaram na história do Estado e da cidade de Campo Grande, situa-se Eduardo Elias Zahran, pioneiro de Campo Grande, que desde 1947 tem se dedicado no comércio campo-grandense, de diferentes ramos. Na década de 1960 implantou a primeira emissora de televisão do Estado, a TV Morena, em Campo Grande. Já o antropotopônimo Pedro Celestino que dá nome a uma rua da cidade foi vulto estadual, tendo sido presidente da Província de Mato Grosso, no período de 1922 e 1926. No final de seu governo, teve início a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em terras mato-grossenses (LEAL, 2006, p 29). Ary Coelho, por sua vez, foi ex- prefeito de Campo Grande assassinado em 1952, em Cuiabá.

Ainda entre as pessoas de relevância na história do Estado e para a capital, situam-se Antônio Norberto de Almeida, um farmacêutico natural de Campo Grande que foi intendente geral do município de 1º de fevereiro de 2010 a 31 de dezembro de 1911 (RODRIGUES, 1980, p.158), e Amando de Oliveira foi um paulista que chegou à vila de Campo Grande em 1899 e contribuiu para o desenvolvimento social e político da cidade. Era de sua propriedade a Fazenda Bandeira, hoje a zona Sul da cidade de Campo Grande (MARTINS, 2002, p.76).

Já Nicolau Fragelli foi político, jornalista e professor. Colaborou no Jornal “A Cidade”, de Corumbá, e dirigiu por muitos anos o Jornal “O Progressista”, de Campo Grande, do qual foi um dos fundadores. Fragelli foi um dos mais brilhantes jornalistas de Mato Grosso, pertenceu à Academia de Mato Grosso de Letras, onde ocupou a Cadeira nº 33. Moreira Cabral, por seu turno, era natural de São Paulo e integrou o movimento dos bandeirantes no século XVIII que penetrou a região central do Brasil, para aprisionar índios e localizar ouro e metais na região onde se situa é a cidade de Cuiabá.

Por fim, Joaquim Távora homenageia o militar e engenheiro civil que em 1922 comandou o 17º Batalhão de Caçadores, sediado em Corumbá (MT); Georges Sleiman Abdallah foi o fundador do bairro Monte Líbano, cuja toponímia foi estudada nesta pesquisa e Manoel Inácio de Souza, por sua vez que foi prefeito de Campo Grande, entre os anos 1904 até 1909.

Já entre os antropotopônimos que homenageiam vultos nacionais, destacamos Júlio de Castilho, um jornalista e político brasileiro, presidente do Rio Grande do Sul por duas vezes e principal autor da Constituição Estadual de 1891; Alexandre Farah, político brasileiro que iniciou sua militância democrática em 1968, em plena ditadura militar, participando ativamente do Movimento Estudantil da época. Exerceu papel importante na política no Rio de Janeiro; Clóvis Bevilacqua, jurista, legislador, filósofo e historiador brasileiro; Joaquim Gonçalves Ledo, político brasileiro que teve grande importância na independência do Brasil e Nabuco de Araújo, o Barão de Itapuã, magistrado e político brasileiro.

Ainda entre as figuras nacionais homenageadas pela toponímia de Campo Grande, situam-se: Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, jornalista, empresário, político brasileiro e incentivador de iniciativas em prol da cultura, como o Museu da Arte de São Paulo, ocupou a cadeira 37 da Academia Brasileira de Letras (MARTINS, 2006, p.75). Oswaldo Cruz, médico, higienista e cientista brasileiro; Allan Kardec, o Fundador do Espiritismo, e Já Chico Xavier, médium, filantropo e um dos mais importantes divulgadores do Espiritismo no Brasil.

Foram classificados também nessa taxionomia, topônimos formados por nomes de poetas e/ou escritores brasileiros, muitos deles também atuantes no ramo da política, a saber: Aluísio de Azevedo, Júlio Dantas, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, José do Patrocínio, Gonçalves Dias, Raimundo Correia, Guerra Junqueiro, José

Bonifácio, Couto Magalhães e Castro Alves. Dados semelhantes foram verificados em estudo sobre o nome das ruas de Maringá (PR), que identificou nomes de ruas que homenageiam, majoritariamente, expoentes da literatura nacional: Machado de Assis, Raimundo Correa, Alberto de Oliveira, Fagundes Varela (DIAS, 2000, p.111).

Há ainda antropotopônimos que se reportam a pessoas importantes para diversas áreas de conhecimento e que se destacaram por algum feito, como Saldanha da Gama, almirante e criador da Escola Naval Felipe Saldanha da Gama; Bartolomeu de Gusmão, o precursor da aeronáutica brasileira que provou a possibilidade de criar engenhos com capacidade para voar; Santos Dumont, pioneiro da aviação; Augusto Severo de Albuquerque Maranhão, que teve um importante papel nos primórdios da engenharia aeronáutica no Brasil;

Uma última observação sobre a categoria dos antropos diz respeito ao gênero dos homenageados. Dos 152 antropotopônimos estudados, 134 são nomes masculinos e 18 são nomes femininos, evidenciando a forte presença do sexo masculino na denominação dos logradouros públicos, que se justifica pelo fato de a maioria dos ocupantes de lugares de destaque na sociedade serem homens (políticos, proprietários de terras, membros importantes da Igreja, dentre outros). Esses dados podem ser comparados ao estudo de Filgueiras (2011) acerca da presença de nomes italianos na denominação de ruas de Belo Horizonte, em que dos 183 topônimos analisados, o gênero masculino predomina com 153 ocorrências, correspondendo a 84% dos dados.

Enfim, os dados revelam que a toponímia urbana de Campo Grande aponta para a tendência de nomeação de logradouros públicos com nomes de pessoas, sejam elas conhecidas e figuras importantes na sociedade, ou não. Acresce-se, ainda, que o fato de a toponímia urbana, normalmente, ser uma prática imposta, às vezes uma simples referência ao proprietário da terra (loteador), o que justifica a dificuldade de recuperar a motivação de grande parte dos antropotopônimos.

O próximo tópico focaliza os topônimos com motivação histórica, os historiotopônimos e alguns axiotopônimos documentados no *corpus* deste estudo.

5.6 Motivação histórica: os historiotopônimos e axiotopônimos

A perpetuação da história oficial pôde ser verificada na denominação das vias dos logradouros públicos dos 13 bairros da região central de Campo Grande. Observa-se que a maior parte dessas referências históricas foi incorporada aos nomes das ruas na década de 1950, quando os bairros da cidade foram fundados. Dados similares foram detectados no histórico acerca das ruas de Maringá (PR) realizado por Dias (2000), que analisou a relação entre o processo de nomeação de vias públicas e a reprodução da memória histórica da cidade. Na toponímia urbana de Maringá (PR) também é observada a forte influência de personagens e fatos históricos na nomeação de ruas, muitos deles presentes entre os historiopotônimos em Campo Grande, como a rua 15 de Novembro, que, segundo Dias (2000, p. 107), “ pode ser encontrada tanto em cidades seculares quanto naquelas de fundação recente, mas sua institucionalização como nome de via pública, em um caso, tinha de lidar com a memória viva do Império e, no outro, colocou-se como fato consumado pela história oficial”. Outros historiopotônimos aqui estudados, como Tiradentes, Dom Pedro II, Duque de Caxias, 13 de Maio, Rui Barbosa, Dom Pedro I, 15 de Novembro, 7 de Setembro, Monte Pascoal também são encontrados na toponímia de Maringá (PR).

Os 32 historiopotônimos aqui analisados homenageiam, em sua maioria, heróis de guerra e datas comemorativas. O quadro 40 traz os historiopotônimos que nomeiam logradouros públicos dos bairros pertencentes à área geográfica demarcada para este estudo:

Gráfico 39 - Historiopotônimos da região do Centro de Campo Grande/MS

ACONTECIMENTOS/FIGURAS NACIONAIS	
ACIDENTE GEOGRÁFICO	TOPÔNIMO
Avenida	Riachuelo
Avenida	Tiradentes
Avenida	Salgado Filho
Avenida	Afonso Pena
Avenida	Mascarenhas de Moraes
Avenida	Bandeiras, das
Rua	Rui Barbosa
Rua	Farroupilha

Rua	Pimenta Bueno
Rua	Visconde de Taunay
Rua	Dom Pedro II
Rua	Dom Pedro I
Rua	Duque de Caxias
Rua	Bartolomeu Dias
Rua	Antonio Maria Coelho
Rua	Monte Pascoal
Rua	Barão do Rio Branco
Praça	República, da
DATAS IMPORTANTES	
ACIDENTE GEOGRÁFICO	TOPÔNIMO
Avenida	31 de Março
Avenida	1º de Maio
Rua	24 de Outubro
Rua	13 de Maio
Rua	14 de Julho
Rua	26 de Agosto
Rua	13 de Junho
Rua	15 de Novembro
Rua	7 de Setembro
Rua	25 de Dezembro
Rua	13 de Maio

Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre os axiotopônimos, alguns também evidenciam caráter histórico. Neste estudo, foram registrados 4 axiotopônimos, a saber: rua Coronel Camisão, que homenageia o coronel brasileiro que teve participação na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), tendo liderado a Retirada da Laguna, rua Dom Aquino, que presta homenagem ao cuiabano que foi nomeado Bispo Titular e auxiliar da Arquidiocese de Cuiabá e também foi presidente do Estado de Mato Grosso, Rua Marechal Rondon, que

presta homenagem ao militar sertanista e engenheiro, que foi chefe do Distrito Telegráfico de Mato Grosso e dedicou grande parte de sua vida à causa indígena e rua Rua Doutor Arlindo de Andrade, que homenageia o advogado que foi o primeiro Juiz de Direito da comarca de Pernambuco.

Muitos dos antropotopônimos, historiotopônimos e axiotopônimos analisados nomeiam as principais artérias de Campo Grande, algumas delas destacadas no item que segue, dedicado ao resgate da história do nome do logradouro e a memória social construída em torno delas.

5.7 As ruas principais: a história refletida nas ruas de Campo Grande

Como salientado, pessoas ilustres e datas importantes motivaram o nome das principais ruas e praças de Campo Grande, e registram aspectos do desenvolvimento histórico e econômico da cidade. A vontade popular prevaleceu e importantes figuras que exerceram ações políticas e sociais, como Dom Aquino, Calógeras, Ary Coelho, Cândido Mariano, Afonso Pena, dentre outros, foram homenageados na nomeação de logradouros públicos na cidade.

Datas importantes para a cidade de Campo Grande também foram reverenciadas, caracterizando, sobretudo, o centro da cidade como um local onde se aglutinam várias vias públicas nomeadas por datas de cunho histórico: 7 de Setembro, 13 de Maio, 14 de Julho, 15 de Novembro, 26 de Agosto, dentre outras. Algumas praças, como será discutido na sequência deste trabalho, não registra nomenclatura oficial, sendo conhecida por seus pontos de referência, por exemplo, a praça da República, que é conhecida como a praça do Rádio, enquanto a “Cabeça de Boi” tem o nome oficial de Praça Cuiabá, em homenagem à capital de Mato Grosso.

Os tópicos que seguem trazem uma amostra das principais ruas, praças e avenidas de Campo Grande⁷⁷, cuja toponímia conta a história da cidade e, conseqüentemente, fixa aspectos da memória do povo campo-grandense.

⁷⁷ As informações acerca da história desses logradouros públicos foram retiradas da revista ARCA, nº 6, 1998.

5.7.1 Avenida Mato Grosso

Importante avenida de Campo Grande, recebeu esse nome em homenagem ao Estado de Campo Grande, desde seu traçado original. Com a morte do Presidente dos Estados Unidos, passou a chamar-se Avenida Presidente Kennedy, mas em 1963 retorna à denominação de Avenida Mato Grosso. Essa avenida corta Campo Grande de Leste a Oeste e passa pelos bairros Centro, Cruzeiro e Jardim dos Estados, dentre os aqui estudados.

Figura 19 - Hotel GASPAR – Avenida Mato Grosso com a Calógeras - 1954



Fonte: Revisa ARCA, 2011, p.64.

Figura 20 - Hotel GASPAR – Avenida Mato Grosso com a Calógeras - 2014



Fonte: Arquivo pessoal.

5.7.2 Avenida Afonso Pena

No projeto de 1909, essa rua recebeu o nome de Marechal Hermes. Em 1936, passou a chamar-se Avenida Afonso Pena em homenagem ao presidente que autorizou o engenheiro Emilio Schnoor a elaborar o traçado da estrada de ferro até Cuiabá. A avenida Afonso Pena, a exemplo da avenida Mato Grosso, é uma importante artéria da capital que liga os dois extremos da cidade no sentido Leste-Oeste e corta os bairros Amambaí e Jardim dos Estados deste estudo.

Figura 21 - Avenida Afonso Pena



Fonte: Disponível em www.mochileiros.com, acessado no dia 10 de junho de 2014.

5.7.3 Rua 14 de Julho

Inicialmente era conhecido como Beco, por ser apenas um trilheiro por onde as pessoas passavam. Com o traçado das ruas centrais, supostamente em alusão à data da Queda da Bastilha, na França, ficou denominada como 14 de Julho. Em 1930, passou a chamar-se Aníbal de Toledo, em homenagem ao Presidente do Estado de Mato Grosso. Depois foi renomeada por João Pessoa, em homenagem ao presidente da República, assassinado em Pernambuco. Em 1941, volta a ser denominada 14 de Julho. Na atualidade, configura-se como a principal artéria comercial da cidade e perpassa os bairros São Francisco e Cabreúva, cuja toponímia foi estudada neste trabalho.

Figura 22 - Área comercial na rua 14 de Julho, década de 1920



Fonte: Revisa ARCA, 2011, p.24.

5.7.4 Rua 26 de Agosto

Essa foi a primeira rua de Campo Grande, conhecida inicialmente por Rua Velha. Em 1909, quando foi elaborado o arruamento da cidade pelo engenheiro Nilo Javari Barém, recebe o nome de Rua Afonso Pena. Em 1916, passou a chamar-se Rua 26 de Agosto, em homenagem a elevação da vila de Campo Grande à categoria de cidade. Essa rua corta os bairros Amambaí e Centro, cuja toponímia que compõem o *corpus* desta pesquisa.

Figura 23 - Alfaiataria JB, na rua 26 de Agosto - 2014



Fonte: Arquivo pessoal.

5.7.5 Rua Cândido Mariano

Desde o traçado inicial, a rua recebeu esse nome em homenagem ao mato-grossense nascido em Mimoso, que prestou relevantes serviços ao Estado, principalmente na implantação das linhas telegráficas. Sertanista e historiador, fundou o Serviço de Proteção ao índio, atual FUNAI. Antes era conhecida como Rua Y Juca Pirama. Essa rua também situa-se no bairro Centro de Campo Grande/MS.

Figura 24 - Rua Cândido Mariano, sentido centro-bairro



Fonte: Revisa ARCA, 2011, p.83.

5.7.6 Rua Dom Aquino

No projeto de 1909, essa rua recebeu o nome de Primeiro de Março, data do término da Guerra do Paraguai. Teve o nome mudado para Dom Aquino em 1919, em homenagem ao então Presidente da Província Mato Grosso, que elevou a vila de Campo Grande à categoria de cidade. Essa rua perpassa os bairros Amambaí e Centro, localizados na região urbana estudada neste trabalho.

Figura 25 - Rua Dom Aquino - 1930



Fonte: Revisa ARCA, 2011, p.40.

5.7.7 Rua 7 de Setembro

Desde o alinhamento das ruas de Campo Grande em 1909, recebeu esse nome em homenagem à Independência do Brasil, ocorrida em 7 de setembro de 1822. Essa rua atravessa os bairros Jardim dos Estados e Centro deste estudo.

Figura 26 - 7 de Setembro - 1939



Fonte: Revisa ARCA, 2011, p.50.

5.7.8 Rua 13 de Maio

Essa rua também foi assim nomeada no arruamento feito em 1909 e representa uma homenagem como homenagem à data em que foi assinada a lei de libertação dos escravos no Brasil. A rua atravessa os bairros Glória e Centro que fazem parte do universo desta pesquisa.

Figura 27 - Rua 13 de Maio, sentido centro-bairro



Fonte: Revisa ARCA, 2011, p.73.

5.7.9 Rua Barão do Rio Branco

No projeto de 1909, a rua recebeu o nome em homenagem ao Barão do Rio Branco, que foi deputado por Mato Grosso, de 1869 a 1875, além de ter sido ministro da República em 1894. Essa rua faz parte do Bairro Centro de Campo Grande.

Figura 28 - Rua Barão do Rio Branco



Fonte: Revisa ARCA, 2011, p.73.

5.7.10 Rua Maracaju

Desde o seu traçado original, essa rua recebeu o nome da serra onde está localizada Campo Grande. Essa rua compõe o Bairro Amambaí, que faz parte do *corpus* deste estudo.

Figura 29 - Rua Maracaju - 2014



Fonte: Arquivo pessoal.

5.7.11 Rua 15 de Novembro

Essa rua mantém o mesmo nome desde o alinhamento urbano, de 1909. Recebeu essa denominação em homenagem à data da Proclamação da República. A rua 15 de Novembro configura-se como uma importante artéria da capital e atravessa os bairros Jardim dos Estados e Centro, objeto de estudo deste trabalho.

Figura 30 - Rua 15 de Novembro



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Campo_Grande_\(Mato_Grosso_do_Sul\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Campo_Grande_(Mato_Grosso_do_Sul)) ,
acessado no dia 10 de junho de 2014.

5.7.12 Rua Pedro Celestino

Desde o arruamento em 1909, essa rua é assim nomeada em homenagem ao Presidente do Estado de Mato Grosso Pedro Celestino Correia da Costa. Dentre os bairros que integram a área deste estudo, essa rua perpassa os bairros Glória, São Francisco, Itanhangá e Centro desta pesquisa.

Figura 31 - Rua Pedro Celestino



Fonte: <http://www.panoramio.com/>, acessado no dia 10 de junho de 2014.

5.7.13 Rua Padre João Crippa

Inicialmente essa rua foi denominada como Rua 15 de Agosto, depois rua da Constituição. Em 1951 recebeu o nome de Padre João Crippa em homenagem ao salesiano que se dedicou à educação da juventude. Essa rua perpassa pelos bairros Glória e Centro de Campo Grande.

Figura 32 - Sede do Rádio Clube Cidade na rua Padre João Crippa - 1943



Fonte: Revisa ARCA, 2011, p.63.

5.7.14 Praça Ary Coelho

Localizada na área central da cidade, entre a Avenida Afonso Pena e as ruas 14 de Julho, 13 de Maio e 15 de Novembro, foi o primeiro cemitério do Arraial de Santo Antônio, tornando-se praça em 1909 com o novo traçado da cidade. Em 1913 recebe o nome de Praça 2 de Novembro, passando, em 1915, à Praça Municipal. Em 1922 é construído o coreto na praça. Essa praça faz parte do bairro Centro e em 1954 recebeu o nome de Praça Ary Coelho em homenagem ao Prefeito de Campo Grande assassinado em 1952, em Cuiabá.

Figura 33 - Pérgola e coreto do Passeio Público (Atual Praça Ary Coelho)



Fonte: Revisa ARCA, 2011, p.30.

5.7.15 Praça da República

Conhecida como Praça do Rádio, devido à sua localização em frente à sede do Clube Rádio Clube, também compõe o cenário do bairro Centro em Campo Grande. Em 1977, com a divisão do Estado, o nome foi mudado para Praça Presidente Ernesto Geisel, em homenagem ao presidente que assinou a lei da criação do novo Estado. Todavia, passa a chamar-se oficialmente Praça da República, porém sendo conhecida como Praça do Rádio.

Figura 34 - Praça da República (Praça do Rádio)



Fonte: Disponível em <http://www.panoramio.com>, acessado no dia 10 de junho de 2014.

5.7.16 Praça das Araras

É conhecida como Praça da União. Foi inaugurada na mesma época que o Mercado Municipal, entre 1963 e 1964. Após o término da construção do complexo Cabeça de Boi, a praça foi totalmente remodelada em 1996, ganhando os monumentos de Araras Azuis. Fica localizada no bairro Centro de Campo Grande.

Figura 35 - Praça das Araras



Fonte: Disponível em: <http://www.panoramio.com>, acessado no dia 10 de junho de 2014.

5.7.17 Praça Aquidauana

O traçado dessa praça aparece na planta do Rossio de 1909. Recebeu os nomes de Praça da Concórdia, Praça Bernardino Silva e, por último, Praça Aquidauana em homenagem ao município do mesmo nome, localizado na microrregião de Campo Grande. Está localizada no bairro Centro de Campo Grande.

Figura 36 - Praça da Concórdia, atual Praça Aquidauana - 1966



Fonte: Revisa ARCA, 2011, p.73.

5.7.18 Praça dos Imigrantes

Localizada na confluência das ruas Rui Barbosa, Joaquim Murtinho e Barão de Melgaço, tinha como nome Praça Costa Marques, em homenagem ao Presidente da província de Mato Grosso. A praça recebeu a nova de designação de Praça dos Imigrantes em homenagem aos imigrantes fixados na região. Localiza-se no bairro Centro de Campo Grande.

Figura 37 - Praça dos Imigrantes



Fonte: http://eventosfundac.blogspot.com.br/2012_10_01_archive.html, acessado no dia 10 de junho de 2014.

5.7.19 Praça Cuiabá

Essa praça tem seu traçado topográfico construído em 1923, no início da construção dos quartéis e Vila Militar em Campo Grande. O local, na época da inauguração do Coreto, em 1925 ainda não era uma praça, mas apenas um balão na confluência das ruas Dom Aquino, Marechal Rondon, Duque de Caxias e Sargento Cecílio Yule. A praça foi construída em 1960, e passou a ser conhecida como “Cabeça de Boi”, nome dado a ela pela população, desde que um açougueiro passou a fazer propaganda de sua casa de carnes, espetando uma caveira de bovino na porta do estabelecimento. Foi também um local de grandes atividades comerciais e culturais, onde os fazendeiros se reuniam com seus rebanhos para a comercialização. A praça está localizada no bairro Centro de Campo Grande.

Figura 38 - Praça Cuiabá

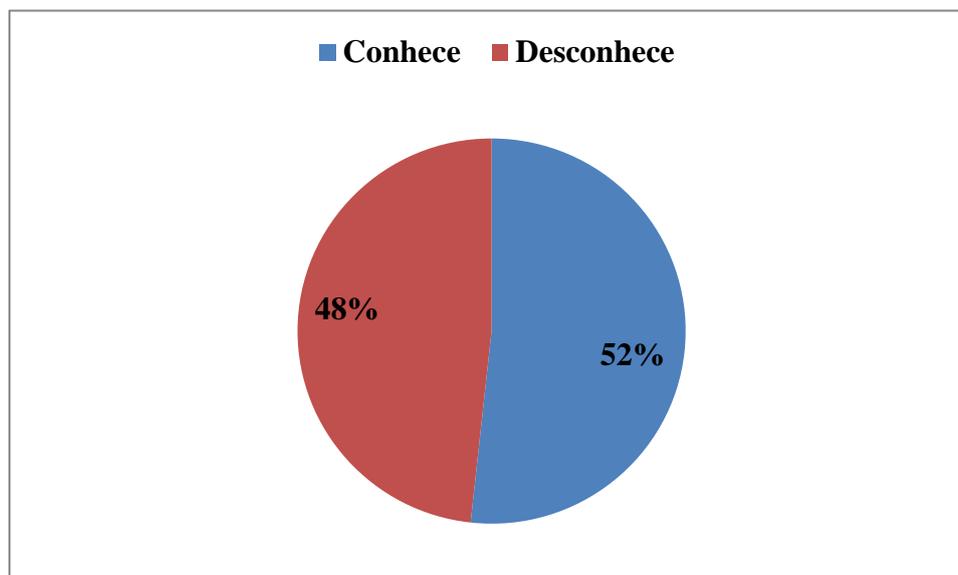


Fonte: <http://www.mochileiro.tur.br/campo-grande.htm>, acessado no dia 10 de junho de 2014.

Concluindo a análise, vale registrar que, embora não tenha sido objetivo do trabalho trabalhar com dados orais, realizamos, em parceria com a acadêmica de Letras Rosamaria dos Santos Mônico, que está trabalhando, na Iniciação Científica, com a toponímia urbana de Campo Grande a partir de entrevistas orais com antigos moradores e comerciantes que residem e trabalham na região do Rossio de Campo Grande, que abriga 15 ruas e/ou avenidas que cruzam várias áreas de cidade de Campo Grande, cuja toponímia foi objeto de estudo nesta pesquisa.

A partir das entrevistas orais, constatamos que, do total de 29 entrevistas, 53,57% (15 moradores) souberam justificar as possíveis motivações para as designações das vias públicas, dentre as quais estão figuras nacionais, políticos e militares que contribuíram para a construção da cidade de Campo Grande. Em contrapartida, o número de pessoas que não souberam a causa denominativa que inspirou os nomes das ruas, corresponde a 46,43% (14 pessoas), como demonstra o gráfico 40 a seguir:

Gráfico 40 - Grau de conhecimento de moradores da região central de Campo Grande acerca do nome da rua



Fonte: Elaboração da autora.

Os dados detalhados acerca da pesquisa de campo realizada com moradores da região central de Campo Grande podem ser visualizados no Quadro 20 a seguir:

Quadro 20 - Perfil dos informantes entrevistados e conhecimento sobre a motivação do nome da rua

Logradouro	Informante	Idade	Escolaridade	Profissão	Conhece a história do nome da rua?	Motivação
Avenida Afonso Pena	Homem	54	Analfabeto	Vendedor Ambulante	Não	
Avenida Afonso Pena	Homem	45	Primeiro grau	Comerciante	Não	
Avenida Calógeras	Homem	86	Primeiro grau	Seleiro	Sim	Militar
Avenida Calógeras	Homem	68	Ensino Superior	Topógrafo	Sim	Comerciante
Avenida Calógeras	Homem	58	Segundo grau/ técnico	Comerciante	Não	
Rua 14 de julho	Mulher	55	Ensino Superior	Costureira	Não	
Rua 14 de	Homem	71	ND ⁷⁸	Comerciante	Não	

⁷⁸ Sigla para designar “Não declarado”.

julho						
Rua 13 de Maio	Homem	51	Segundo grau completo	Comerciante (seleiro)	Sim	Abolição da escravatura
Rua 13 de Maio	Homem	73	Primeiro grau	Comerciante	Sim	Abolição da escravatura
Rua Dom Aquino	Homem	77	Segundo grau	Chaveiro	Não	
Rua Rui Barbosa	Homem	ND	ND	Comerciante	Sim	Homenagem à família Barbosa
Rua Rui Barbosa	Homem	80	Primeiro Grau	Comerciante	Sim	Criador
Rua Joaquim Murtinho	Mulher	76	ND	Costureira / aposentada	Não	
Rua Joaquim Murtinho	Mulher	62	Ensino Superior	Professora/ aposentada	Sim	Político
Rua Padre João Crippa	Mulher	89	ND	Do lar	Não	
Rua Padre João Crippa	Mulher	ND	ND	ND	Sim	Padre da Igreja do Bairro
Rua José Antônio	Mulher	55	ND	Gerente	Sim	Fundador da cidade
Rua Barão de Melgaço	Mulher	55	ND	Gerente	Não	
Rua Barão de Melgaço	Mulher	70	Ensino médio	Gerente	Não	
Rua Barão de Melgaço	Homem	65	Ensino Superior	Advogado/ aposentado	Sim	Houve nomes anteriores
Rua 26 de agosto	Homem	86	Ensino Superior	Alfaiate	Sim	Aniversário da cidade
Rua 07 de setembro	Mulher	ND	Ensino Superior	Professora	Não	
Rua 07 de setembro	Mulher	ND	Ensino Superior	Professora	Sim	Data possível de inauguração da rua
Rua 15 de novembro	Mulher	61	Segundo Grau	Comerciante	Não	
Rua 15 de novembro	Homem	55	Ensino Superior	Militar	Não	
Rua Barão do Rio Branco	Homem	61	ND	Ex- bancário/ atualmente taxista	Sim	Homenagem à figura nacional
Rua Barão do Rio Branco	Homem	54	ND	Engraxate	Sim	Homenagem à figura nacional
Rua Pedro Celestino	Mulher	31	Ensino Superior	Bacharel em Direito	Não	
Rua Pedro Celestino	Mulher	90	ND	Funcionária dos correios	Sim	Homenagem ao Pai de Fernando Correa da Costa

Fonte: Elaborado pela acadêmica e bolsista Rosamaria dos Santos Mônico.

Os dados demonstram que o número de moradores que não soube a causa denominativa dos nomes dos logradouros públicos foi significativo, o que ratifica o desconhecimento dos moradores de Campo Grande em relação à história da capital. É preciso registrar as dificuldades encontradas para localizar o informante do perfil

desejado, pois a região do Rossio atualmente é tomada por comércios, a maioria de instalação recente. Contudo, as informações obtidas foram de grande importância para o resultado final deste trabalho. Outro aspecto observado é que a maciça parte dos moradores antigos localizados e entrevistados são homens, comerciantes e chefes de família, uma amostra da sociedade campo-grandense na época da sua fundação.

Na sequência, apresentamos as considerações finais, seguidas das referências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recorte toponímico investigado nesta pesquisa abrangeu os nomes de ruas, avenidas, travessas e praças da região Central de Campo Grande que abriga 13 bairros: *Glória, São Francisco, Planalto, Carvalho, Amambaí, Cabreúva, Itanhangá, Bela Vista, Monte Líbano, Centro, Jardim dos Estados, Cruzeiro e São Bento*. Consideramos esta pesquisa como uma continuidade dos estudos já realizados sobre a toponímia do Estado de Mato Grosso do Sul, mais especificamente as relacionadas ao projeto do Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS. Como foi assinalado na Introdução deste trabalho, este estudo configurou-se como a primeira pesquisa sobre a toponímia urbana da cidade de Campo Grande, considerando também o viés histórico, e representa mais uma contribuição para os estudos toponímicos sul-mato-grossenses.

O principal objetivo da pesquisa foi o de estudar a toponímia da área selecionada sob a perspectiva linguística (língua de origem, motivação semântica, estrutura formal), respaldada pelos olhares etnolinguístico e histórico. Os dados foram classificados, fundamentalmente, segundo o modelo taxionômico proposto por Dick (1990), opção que permitiu a busca de possíveis motivações toponímicas, considerando-se a história da cidade em diferentes fases da sua urbanização.

A classificação taxionômica dos topônimos evidenciou fatores de natureza geográfica e, sobretudo, sociocultural, refletidos e preservados nos nomes dos logradouros públicos investigados, além de registrar a presença de estratos linguísticos, principalmente, de base indígena na nomenclatura geográfica de alguns nomes desses logradouros do recorte territorial estudado.

A distribuição dos dados em quadros inspirados, fundamentalmente, no modelo de ficha lexicográfico-toponímica, proposto por Dick (2004), favoreceu uma melhor visualização dos topônimos catalogados. A análise dos dados demonstrou que a toponímia urbana de Campo Grande recupera aspectos importantes relacionados à história social da cidade, uma vez que o recorte toponomástico analisado perpetua informações acerca de características de ordem física e sociocultural tanto regional quanto local, ratificando, assim, o valor do topônimo como um elemento linguístico-cultural à medida que o ato de nomeação de um lugar é influenciado por

particularidades linguísticas, sócio-histórico-culturais e geográficas da localidade que, por sua vez, são preservadas nos designativos de lugar.

Percebeu-se, nesta pesquisa, sobretudo, que elementos de ordem histórica tiveram presença significativa na nomeação dos acidentes urbanos estudados, como atesta a distribuição dos 480 topônimos investigados, segundo algumas taxas de natureza antropocultural: *antropotopônimos*: 194 ocorrências (41%); *axiotopônimos*: 47 registros (10%), *historiotopônimos*: 41 ocorrências (9%) e *corotopônimos*: 61 registros (13%). Do total dos 480 topônimos levantados no *corpus*, foram predominantes as taxionomias de natureza antropocultural, que se sobressaíram em relação às de natureza física, com, respectivamente, 79% (381 topônimos) e 17% (84 topônimos) de ocorrências⁷⁹. Essas taxas de natureza antropocultural evidenciaram a forte tendência de nomear os logradouros por meio de homenagens a pessoas que se destacaram, seja em Campo Grande e no Estado de Mato Grosso/Mato Grosso do Sul, seja no país, além de datas históricas.

Já entre os 84 topônimos de natureza física foram identificadas ocorrências de 11 taxas toponímicas, com maior recorrência dos fitotopônimos com 7,3% de ocorrências (35 registros), dado que ratifica a importância da relação entre toponímia e meio ambiente, em especial em uma cidade que nasceu e foi planejada em meio a uma vasta área verde e que hoje ainda é destaque nacional em termos de qualidade de vida, uma cidade arborizada com muitas espécies de árvores, com destaque para os ipês que dão um colorido especial às suas praças, ruas e avenidas.

Como toda pesquisa toponímica, o estudo evidenciou estratos linguísticos oriundos das línguas das diferentes etnias que estão na base da formação da população brasileira. Embora a grande maioria dos topônimos inventariados seja de base portuguesa, houve registro de topônimos de base tupi, principalmente, nos fitotopônimos e nos zootopônimos, ratificando a tendência de valorização de nomes descritivos de base indígena, ligados ao ambiente físico, na nomeação de elementos geográficos.

Já em se tratando da estrutura morfológica dos topônimos, predominaram os nomes compostos, fato explicável pela grande incidência de antropotopônimos

⁷⁹ Do total de topônimos inventariados, 17 (4%) não foram classificados em termos taxionômicos por não terem sido localizadas informações confiáveis sobre a motivação e/ou origem do designativo.

compostos de onomásticos completos, ou seja, da junção de um nome com um sobrenome.

A investigação dos dados levou-nos também a perceber que a condição de Campo Grande como uma cidade planejada reflete-se na toponímia da cidade, à medida que a denominação das vias públicas da cidade, mais especificamente dos bairros selecionados para este estudo, obedecem a um planejamento e seguem determinada temática. A análise dos dados extraídos dos mapas oficiais da cidade de Campo Grande evidenciou que a disposição dos nomes de ruas não foi acidental. Há, por exemplo, logradouros em que as ruas receberam, predominantemente: i) nomes de Estados brasileiros (rua Bahia, Rua Pernambuco, Rua Rio Grande do Sul, Rua Sergipe, Rua Bahia etc.); ii) nomes de árvores e plantas (rua das Palmeiras, Rua Begônias, Rua dos Pinheiros, Rua das Samambaias etc.); iii) nomes de rios (rua Iguassu, Rua Aporé, Rua Rio Branco etc.); iv) nomes de pedras (travessa Turmalina, Rua Brilhante, Rua Ouro Branco); v) nomes de animais (rua das Garças, Travessa Guará, Praça das Araras); vi) nomes de planetas e astros (rua Mercúrio, Rua Plutão, Rua Sol Nascente); vii) nomes de escritores brasileiros (rua Aluísio de Azevedo, Rua Júlio Dantas, Rua Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, etc.).

A análise das diferentes categorias taxionômicas confirmou, pois, o caráter motivacional do signo toponímico e evidenciou que o topônimo, além de identificar e individualizar um acidente guarda também em seu conteúdo uma significação que vai além do simples fato de nomear um acidente físico ou humano.

É importante abrir um espaço aqui para o registro das dificuldades enfrentadas durante a execução desta pesquisa. Primeiramente, a escassez de dados sobre a motivação dos nomes dos bairros de Campo Grande, nos órgãos responsáveis pelo planejamento urbano e urbanização da cidade, a PLANURB, a SEMADUR (Prefeitura) e a Câmara Municipal de Campo Grande. No Arquivo Histórico de Campo Grande, o ARCA, órgão responsável pelo acervo histórico da cidade, também não encontramos informações relevantes a esse respeito, inclusive a falta dessas informações impulsionou os pesquisadores e funcionários do Arquivo Histórico a elaborarem uma proposta para uma pesquisa histórica a longo prazo a respeito da motivação dos nomes dos bairros da cidade, proposta que ainda está sendo idealizada. A capital sul-mato-grossense é jovem em relação às demais capitais brasileiras e ainda carece muitos avanços, no que diz respeito ao registro da história e da memória da cidade. Há um grande desconhecimento

por parte da população e também dos funcionários públicos dos órgãos visitados, o que pôde ser confirmado pelos dados da pesquisa oral realizada com antigos moradores das ruas do Rossio da cidade.

Em síntese, este estudo demonstrou que, por mais que haja topônimos que se distanciem da tendência que singulariza determinado bairro, a maioria deles forma um conjunto lógico, que nos leva a crer que a denominação das ruas e de avenidas, no geral, foi planejada pelo homem e serve como forma de resgate de aspectos geográficos, culturais, históricos e ideológicos de uma dada localidade, uma vez que os nomes de lugares materializam a visão de mundo do denominador, a realidade física e cultural dos grupos humanos.

A pesquisa demonstrou, ainda, a influência da história social no léxico e a importância das pesquisas toponímicas para o registro e a classificação dos nomes dos logradouros públicos. Por fim, este trabalho forneceu dados que poderão contribuir com o projeto ATEMS, no que se refere ao estudo da toponímia urbana, disponibilizando um acervo de dados que poderá motivar novos estudos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Catarina Estela Holosbaque de. Rua 14 de Julho. In: CASTILHO, Maria Augusta de. *Identidade nominativa das ruas de Campo Grande – MS*. Campo Grande: UCDB, 2006, p.80-81.
- ALBUQUERQUE, Catarina Estela Holosbaque de. Rua 13 de maio. In: CASTILHO, Maria Augusta de. *Identidade nominativa das ruas de Campo Grande – MS*. Campo Grande: UCDB, 2006, p.80-81.
- ALBUQUERQUE, Catarina Estela Holosbaque de. Avenida Calógeras. In: CASTILHO, Maria Augusta de. *Identidade nominativa das ruas de Campo Grande – MS*. Campo Grande: UCDB, 2006, p.83-84.
- ARCA. *Campo Grande: uma cidade em busca de sua identidade*. Campo Grande, nº 8, 1998.
- ARCA. *Campo Grande – imagens da história*. Campo Grande: uma cidade em busca de sua identidade. Campo Grande, nº 15, Ed. Especial, 2011.
- ARQUIVO HISTÓRICO DE CAMPO GRANDE. Acessado em: <http://www.capital.ms.gov.br/arca/galerias>. Vários acessos.
- ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira de. Ângelo Marcos Vieira de. *Parcelamento do solo urbano em campo Grande: visão crítica e roteiro legal*. Campo Grande: FAU/UNIDERP, 1997, p.34-35.
- ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira de. *História e formação urbana do Bairro Amambaí*. Ensaios e Ciência. Volume 5, número 003. Campo Grande, 2001, p. 11-30.
- ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira de. *Campo Grande: arquitetura, urbanismo e memória*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2006, p.80-81.
- ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira de. *Raízes do planejamento urbano em Campo Grande e a criação do Planurb*. Campo Grande, MS: A. M. V. Arruda, 2012, p.97-99.
- ATLAS TOPONÍMICO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. <http://www.colegiorioclaro.com.br/renato/>. Vários acessos.
- AVER, Alessio Fernando. Avenida Eduardo Elias Zahran. In: CASTILHO, Maria Augusta de. *Identidade nominativa das ruas de Campo Grande – MS*. Campo Grande: UCDB, 2006, p.18.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Teoria lingüística: teoria lexical e teoria computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.13-14.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. A estruturação mental do léxico. In: *ESTUDOS de filologia e lingüística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz, Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Léxico: Testemunho de uma cultura. In: *Anais do XIX Congresso internacional de Linguística e Filologia Românica*. Santiago de Compostela. 4/9 de setembro de 1989. P.399.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. *Alfa*. São Paulo, v.40, 1996, p. 27-46.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Dimensões da palavra. In: *Filologia e língua portuguesa*, S.Paulo, Humanitas Publicações/FFLCH/USP, nº 2, 1998, p.105.

BARBOSA, Emílio Garcia. *Os Barbosas em Mato Grosso*. Empresa Correio do Estado Limitada, Campo Grande, MT, 1961, p.22.

BARROS, Abílio Leite de. Crônicas de uma vila centenária. In: CUNHA, Francisco (Org.). *Campo Grande: 100 anos de construção*. Campo Grande: Matriz Editora, 1999.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos Estudos Lingüísticos*. Campinas: Ponte, 1991, p.3-4.

CABRAL, Paulo Eduardo. Formação étnica e demográfica. In: CUNHA, Francisco (Org.). *Campo Grande: 100 anos de construção*. Campo Grande: Matriz Editora, 1999.

CASTIGLIONI, Ana Claudia. *Glossário de topônimos do Bolsão sul-mato-grossenses*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Centro de Ciências Sociais e Humanas – UFMS. Campo Grande, MS, 2008.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. *As Origens dos Nomes de Pessoas*. Domínios de Lingu@Gem, v. I, p. n. 1-18, 2007, p.168.

CASADO VELARDE, Manuel. *Lenguaje y cultura: la etnolingüística*. Madrid: Síntesis, 1988, 83.

CAZAROTTO, Suely. *Fitotopônimos sul-mato-grossenses: perspectivas lexicológica e lexicográfica*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Centro de Ciências Sociais e Humanas – UFMS. Campo Grande, MS, 2008.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola editorial, 2002, p.111.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE.
<http://www.camara.ms.gov.br/?secao=legislacoes>. Vários acessos.

CARDOZO, Gisele Simão. Rua 26 de Agosto. In: CASTILHO, Maria Augusta de. *Identidade nominativa das ruas de Campo Grande – MS*. Campo Grande: UCDB, 2006, p.56.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e lingüística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1979.

COSTA, Celso. Evolução urbana. In: CUNHA, Francisco (Org.). *Campo Grande: 100 anos de construção*. Campo Grande: Matriz Editora, 1999, 75.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. Brasília: Melhoramentos/UNB, 1999.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. *Entre Buritis e Veredas: o desvendar da toponímia bolsão sul-mato-grossense*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras). UFMS, Três Lagoas.

DIAS, Reginaldo Benedito. *A história além das placas: os nomes de ruas de Maringá (PR) e a memória histórica*. História & Ensino (UEL), v. 6, 2000, p. 103-120.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *O problema das taxonomias toponímicas*. São Paulo: FFLCH/USP, 1975.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação Toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*. São Paulo, SP. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 1980.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Os nomes como marcadores ideológicos. In: *Acta Semiótica et Linguística*. São Paulo: Editora Plêiade, 1998.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990a.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil: Coletânea de estudos*. 2 a ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554-1897*. São Paulo: Anablume, 1996.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Métodos e questões terminológicas na Onomástica: estudo de caso*. Investigações: Linguística e Teoria Literária, v.9, 1999.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A investigação linguística na onomástica brasileira. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Eds). *Estudos de gramática portuguesa (III)*. Frankfurt am Main: TFM. Biblioteca luso-brasileira, vol. 14, 2000, p.223-224.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, Ana M. P. P.; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Aspectos de etnolinguística: a toponímia carioca e paulistana – contrastes e confrontos. In: *REVISTA USP*, São Paulo, n. 56, dezembro/fevereiro 2002-2003, p. 180-191.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de Conhecimento e Campo Lexical: Hidrônimos e Hidrotopônimos na Onomástica Brasileira. In: Isquerdo e Krieger (org). *As ciências do léxico – vol. II*. Campo Grande: ed. UFMS, 2004, p.130.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Fundamentos teóricos da toponímia: estudo de caso: o projeto ATEMIG – Altas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Candida Trindade Costa de (org). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMS, 2006, p.95.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A terminologia nas ciências onomásticas. Estudo de caso: O projeto ATESP (Atlas toponímico do Estado de São Paulo). ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (orgs). *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Volume III. Campo Grande: Ed UFMS. São Paulo: Humanitas, 2007, p.462.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Etnia e Etnicidade: Um outro modo de nomear. Projetos ATESP/ATB. ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (orgs). *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Volume IV. Campo Grande: Ed UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, p.177.

FEDATTO, Carolina Padilha. *Um saber nas ruas: o discurso histórico sobre a cidade brasileira*. 1ª. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p.111.

FERNANDES, Elizabeth Bitencourt. Rua 15 de Novembro. In: CASTILHO, Maria Augusta de. *Identidade nominativa das ruas de Campo Grande – MS*. Campo Grande: UCDB, 2006, p.33.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Edição revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FIGUEIREDO, Thais Reis de. Rua Abrão Júlio Rahe. In: CASTILHO, Maria Augusta de. *Identidade nominativa das ruas de Campo Grande – MS*. Campo Grande: UCDB, 2006.

FILGUEIRAS, Zuleide Ferreira. *A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras – UFMG. Minas Gerais, 2011.

GUÉRIOS, Rosário Farani Mansour. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3.ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

GUIRAUD, Pierre. *A semântica*. Tradução e adaptação Maria Elisa Mascarenhas. 2.ed. SaoPaulo: DIFEL, 1975.

GONSALVES, Doraci da Luz. *Um estudo da toponímia da porção Sudoeste de Mato Grosso do Sul: acidentes físicos e humanos*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2004.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Achega para a discussão do conceito de regionalismos no Português do Brasil. In: *Alfa: Revista de Linguística / UNESP* v. 50 (2). São Paulo: UNESP, 2006, p. 9-24.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato linguístico como recorte da realidade socio-cultural*. Tese (Doutorado). Araraquara: UNESP, 1996.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A toponímia como signo de representação de uma realidade. In: *Fronteiras – Revista de História*. Campo Grande – MS: Editora UFMS, 1997, p.30.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/territorio>. Vários acessos.

KNOB, Frei Pedro. *A missão Franciscana do Mato Grosso*. Campo Grande/MS. Ed. Loyola, 1988.

LEAL, Claire Fátima Moreira. Rua Rui Barbosa. In: CASTILHO, Maria Augusta de. *Identidade nominativa das ruas de Campo Grande – MS*. Campo Grande: UCDB, 2006, p.29.

LYONS, Jonh. *Lingua(gem) e Linguística: uma introdução*. Tradução de Marilda Winkler Averbug e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MACHADO, Paulo Coelho. *A Rua Velha: Pelas Ruas de Campo Grande*. Campo Grande: Prefeitura Municipal de Campo Grande, 1990.

MACHADO, Paulo Coelho. *A Rua Principal: Pelas ruas de Campo Grande: a Grande Avenida*. Campo Grande: Prefeitura Municipal de Campo Grande, 1991.

MARTINS, Gilson Rodolfo. *Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande-MS: Editora da UFMS, 2002.

MARTINS, Gleiciene Francisca Martins. Rua Severino de Queirós. In: CASTILHO, Maria Augusta de. *Identidade nominativa das ruas de Campo Grande – MS*. Campo Grande: UCDB, 2006, p.75.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Identidade cultural e arqueologia. In: BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2002, p.188.

MORI, Olga. Aspectos teóricos relevantes de las designaciones urbanas. In: ILIESCU, Maria, SILLER-RUNGGALDIER, Heidi, DANLER, Paul. *Actes du XXV Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Innsbruck, 2007, p.316.

OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de. *Nas ruas da cidade*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1999.

OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de. *Campo Grande e a rua 14 de Julho: tempo, espaço e sociedade*. 2003. 181 páginas. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2003.

OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de. *A rua e a cidade*. Campo Grande e a 14 de Julho. Campo Grande/MS: Ed. UFMS, 2005.

ORSI, Vivian. Lexicologia: o que há por trás do Estudo das Palavras. In: GONÇALVES, Adair Vieira e GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. *Ciências da Linguagem: o fazer científico?*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012, p.164-167.

PEREIRA, Renato Rodrigues. *A Toponímia de Goiás: em busca da descrição dos nomes de lugares dos municípios do Sul Goiano*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Campo Grande: UFMS, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE.
<http://www.capital.ms.gov.br/egov/sisgran/geo/index.php?tabID=&campoID>. Vários acessos.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE.
<http://apl01.pmcg.ms.gov.br/agendaUploads/aprovacaodigital/LC74CONSOLIDADA2013.pdf>. Vários acessos.

RAVEDUTTI, Vanessa Bianca. Avenida São Bento. In: CASTILHO, Maria Augusta de. *Identidade nominativa das ruas de Campo Grande – MS*. Campo Grande: UCDB, 2006.

RAVEDUTTI, Vanessa Bianca. Rua Tiradentes. In: CASTILHO, Maria Augusta de. *Identidade nominativa das ruas de Campo Grande – MS*. Campo Grande: UCDB, 2006, p.72.

REY-DEBOVE, J. (1984). Léxico e dicionário. Trad. Cló-vis Barleta de Moraes. In: *ALFA*. V. 28 (supl). São Paulo: UNESP, pp. 45-69.

RODRIGUES, Joaquim Barbosa. *História de Campo Grande*. São Paulo: Editora Resenha Tributária, 1980.

SALGADO, Edgar Monteiro. *Mato Grosso do Sul e a Mesopotâmia do Prosa e Segredo*. Campo Grande, 2001.

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na Geographia Nacional*. Salvador: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artificies, 1928.

SANTOS, Aline Ferreira da Silva. Rua Dom Aquino. In: CASTILHO, Maria Augusta de. *Identidade nominativa das ruas de Campo Grande – MS*. Campo Grande: UCDB, 2006, p.39.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

SALAZAR-QUIJADA, Adolfo. *La toponímia en Venezuela*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, 1985.

SAPIR, Edward. *Linguística e Ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica: 1969.

SCHNEIDER, Marlene. *Um olhar sobre os caminhos do Pantanal sul-mato-grossense: a Toponímia dos acidentes físicos*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Três Lagoas: UFMS, 2002.

SAUER, Leandro; CAMPELO, Estavan, CAPPILÉ, Maria Auxiliadora Leal. *O mapeamento dos índices de inclusão e exclusão social em Campo Grande-MS: uma nova reflexão*. Campo Grande, MS: Ed. Oeste, 2012.

SILVA, José Afonso da. *Direito Urbanístico Brasileiro*. 5. ed. rev. São Paulo: Malheiros, 2008, 476 p. 203.

SOUZA, Carla Regina de. *Toponímia e entrelaçamentos históricos na rota da Retirada da Laguna*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Três Lagoas: UFMS, 2006.

TAUNAY, Alfredo d' Escagnolle. 1843-1899. *A Retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. /Alfredo d'Escagnolle Taunay, tradução e organização Sérgio Medeiros – São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1986.

TAVARES, Marilze. *Toponímia sul-mato-grossense: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Três Lagoas: UFMS, 2004.

TAVARES, Marineide Cassuci. *Estudo toponímico da região Centro-norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Três Lagoas: UFMS, 2005.

TEODORO, Valter Luiz Iost. O conceito de Bacia Hidrográfica e a importância da caracterização morfométrica para o entendimento da dinâmica ambiental local. In: *REVISTA UNIARA*, n.20, 2007.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário Guarani Português*. São Paulo: Editora Traço, 1985.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Opúsculos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

VIEIRA, Carlos Magno Naglis. Rua Marechal Rondon. In: CASTILHO, Maria Augusta de. *Identidade nominativa das ruas de Campo Grande – MS*. Campo Grande: UCDB, 2006, p.91.

VILELA, Mário. *Léxico e gramática*. Coimbra: Almedina, 1995.

WEINGARTNER, Alisoete Antônia dos Santos. *Movimento divisionista em Mato Grosso do Sul (1889-1930)*. Editora EST. Porto Alegre, 1995.

ZAMARIANO, Márcia. *Estudo toponímico no estado geográficos das mesorregiões paranaenses: metropolitana de Curitiba, Centro-oriental e Norte-pioneiro*. Tese (Doutorado em estudos da linguagem). Universidade Estadual de Londrina, 2010.

ZARDO, Edgard. *De Prosa e Segredo*. Campo Grande segue seu curso. Campo Grande: Editora SERGRAF, 1ª ed. 1999.

ZOPPI, FONTANA, Monica. É o nome que faz a fronteira. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.